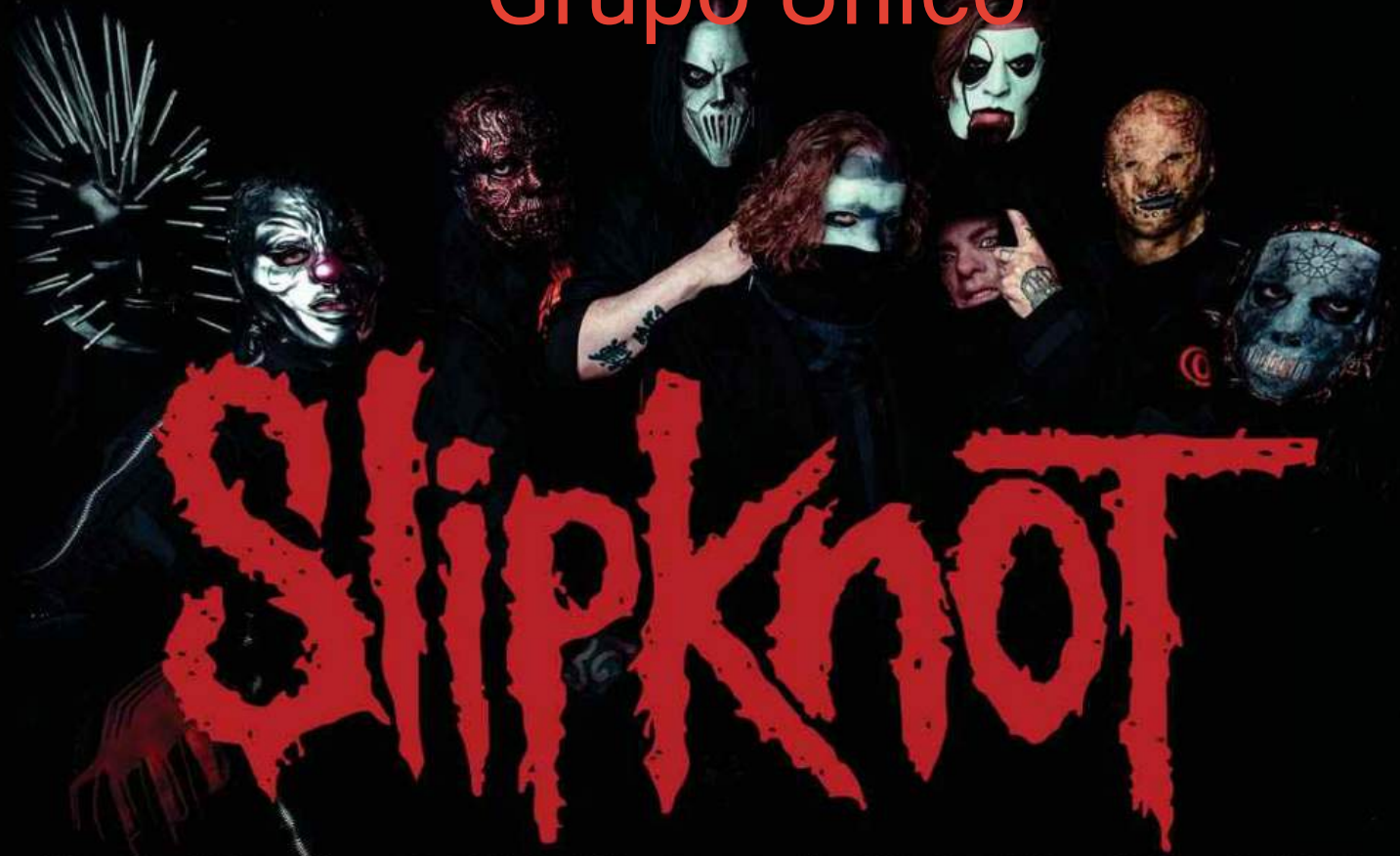
PLAYLIST JOHN CONNELLY (NUCLEAR ASSAULT) · COLLECTION QUIET RIOT

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Grupo Único



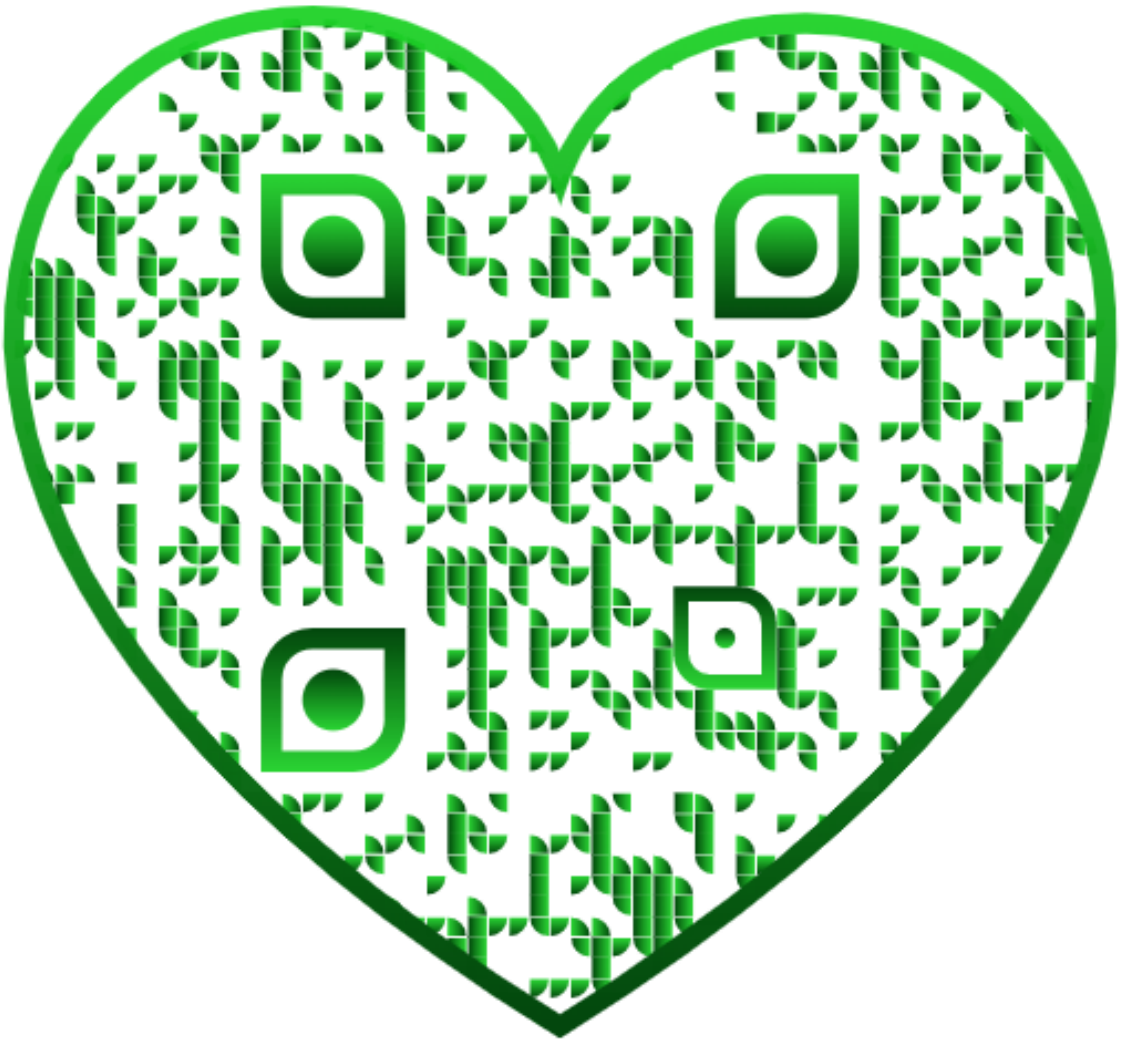
Slipknot

CADA VEZ MAIOR E NO SEU PRÓPRIO ESTILO

ENTREVISTAS

BLACKBERRY SMOKE · ELUVEITIE · EPICA · GHOST · THE CULT
HOLLYWOOD VAMPIRES (ALICE COOPER) · IN THE WOODS
NORTHTALE · ROTTING CHRIST · SANTA CRUZ · SUNROAD
TURILLI/LIONE RHAPSODY · GEOFF TATE (SWEET OBLIVION)

PÔSTERES ROB ZOMBIE & RUNNING WILD



PELA PRIMEIRA E ÚNICA VEZ NO BRASIL
EMPEROR
Grupo Único
SPECIAL GUEST
NERVO CHAOS
28
MAIO
2020
PORTÕES
19H
QUINTA-FEIRA
Local // TROPICAL BUTANTÃ
Av. Valdemar Ferreira, 93 - Butantã - São Paulo - SP
HONORSOUNDS
TicketBrasil.com.br
TOUR BY:
DYNAMO
BRAZILIE
TILL DAWN THEY COUNT
arte: www.jduartedesign.com

Tom Brasil Apresenta

@tombrasilshows
@grupotombrasil
#tombrasil

TOP LINK MUSIC

em comemoração aos seus 30 anos apresenta

CREEDENCE CLEARWATER REVISITED

IN CONCERT

FAREWELL TOUR

16 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS

artwork:www.jduartedesign.com

Banda de Abertura

25/OUT
SEXTA-FEIRA

@toplinkmusic /toplinkmusicoficial

www.toplinkmusic.com

Patrocínio: Heineken, Coca-Cola

Mídia Partner: UOL

Programa: TudoAzul

Apoio: ESTANPLAZA HOTELS, shift, CONSIGAZ

Realização: grupo Tom Brasil

Vendas: Sympla

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. **Capacidade máxima = 4.000 pessoas Alvará Prefeitura: 2019/01713-00 Val: 01/02/2020 | Alvará Corpo de Bombeiros: nº 381113 Val: 21/10/2019.** R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

ÍNDICE

6 **CENÁRIO**
16 **ROADIE MAIL**
18 **SLIPKNOT**
24 **EPICA**
28 **BLIND EAR**
WILL CALHOUN (LIVING COLOUR)
30 **SUNROAD**
32 **HEADPHONES IN FURY**
JULIO FEDERICI (AREA 55, KING OF BONES)
34 **CLASSICREW**
36 **GHOST**
38 **ETERNAL IDOLS**
RAUL SEIXAS
40 **COLLECTION**
QUIET RIOT
42 **HIDDEN TRACKS**
ARC
44 **RELEASES**
54 **PLAYLIST**
JOHN CONNELLY (NUCLEAR ASSAULT)
56 **BLACKBERRY SMOKE**
60 **NORTHTALE**
64 **ELUVEITIE**
66 **HOLLYWOOD VAMPIRES (ALICE COOPER)**
70 **SWEET OBLIVION (GEOFF TATE)**
74 **ROTTING CHRIST**
76 **IN THE WOODS**
78 **THE CULT**
82 **BACKGROUND**
RUSH (PARTE FINAL)
86 **SANTA CRUZ**
90 **TURILLI / LIONE RHAPSODY**
94 **ANDRALLS**
96 **COLUNISTAS**
IT'S ONLY ROCK'N'ROLL / BROTHERHOOD / A LOOK AT METAL / CAMPO DE BATALHA
98 **PROFILE**
FERNANDO PIU (VIRUS)

FOTO: DIVULGAÇÃO

CARTA DO EDITOR

50 ANOS DE WOODSTOCK

O **Woodstock Music and Art Fair** aconteceu em 1969, nos dias 15, 16 e 17 de agosto (estendendo-se por parte do dia 18) e, ao completar meio século de sua realização, merece ser homenageado com algum tipo de celebração pelas pessoas que tenham consciência das mudanças ocorridas no mundo em consequência da revolução cultural que se desenvolveu na década de 1960.

O festival é, sem dúvida, o mais famoso que existe, tornou-se mitológico e inspirou inúmeros outros da mesma característica, mas a motivação para materializar o projeto que se transformou no símbolo da contracultura originou-se como qualquer outro empreendimento empresarial: investimento em alguma coisa para ganhar mais dinheiro. Entretanto, a magia que se estabeleceu em torno a tudo que se refere ao festival de Woodstock já estava consolidada na forma de encarar a vida e no comportamento das pessoas que fizeram parte da geração pós II Guerra Mundial, vivendo a adolescência e a juventude entre o final da década de 1950 e nos anos 1960. A ampliação do preparo educacional para uma parcela maior da população, a preocupação em valorizar a paz entre os povos, o anseio pela liberdade de expressão, além de uma boa dose de descontração na forma de relacionamento entre as pessoas, foram ingredientes básicos que melhoraram a qualidade de vida a partir da segunda metade do século XX. E a música, especialmente o rock, foi um componente fundamental para esparramar essa nova forma de viver, sem estabelecer diferenças ou barreiras entre pessoas de faixas etárias diferentes, por exemplo. O conceito de "juventude" se modificou, deixou de ser algo definido pela quantidade de anos vividos e passou a ser algo que pode ser medido pela qualidade da atividade mental de cada ser humano.

Mas o Festival de Woodstock de 1969 é emblemático, sim, beneficiado que foi pela conjunção de fatores que levou o mundo a ver esse acontecimento como algo diferente. Será para sempre o festival dos festivais, nenhum outro será igual, nem sequer outra edição do próprio Woodstock. Como em todo evento dessa natureza ocorreram coisas incríveis, boas e ruins, mas certamente inesquecíveis: pouco tempo antes da data marcada foi necessário mudar o local inicialmente escolhido para sediar o festival, a pequena Woodstock situada no interior do estado de Nova York, mas o nome foi mantido, mesmo sendo transferido para Bethel-NY, a 90km de distância; não foi o primeiro, nem o melhor festival de todos os tempos, artistas importantes declinaram do convite para participar, mas, dos que se apresentaram, alguns fizeram shows antológicos, como Janis Joplin, Jimi Hendrix, The Who, Crosby, Stills, Nash & Young, Joe Cocker, Ten Years After. Santana; tempestades monstruosas do verão americano quase arruinaram o festival, mas a plateia, envolvida no clima de paz e amor, transformou em parque de diversão o lamaçal deixado pela chuva; até hoje ninguém sabe quantas pessoas assistiram ao festival, certamente mais de 300 mil conseguiram chegar a Bethel, porém, se todos que dizem ter ido falam a verdade a plateia passou de um milhão, mas se convencionou falar que Woodstock contou com 500 mil presentes.

AIRTON DINIZ

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 247
AGOSTO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Amler e Vinicius Neves

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

SITE: WWW.ROADIECREW.COM
FACEBOOK/TWITTER: ROADIECREWMAG

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

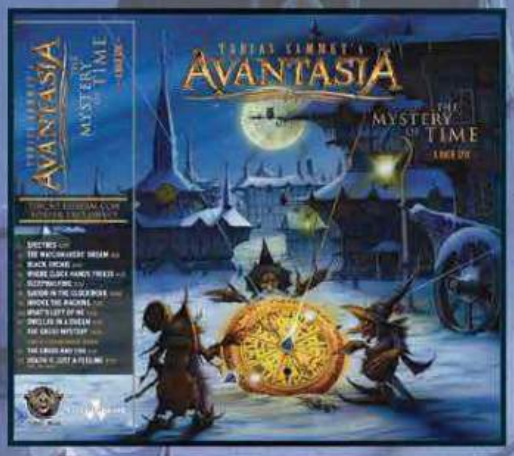
SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A N° 1 EM MÚSICA EXTREMA

Valhall Music

EDIÇÕES ESPECIAIS COM SLIPCASE E PÔSTER EXCLUSIVO!



AVANTASIA

THE MYSTERY OF TIME –A ROCK EPIC–

**A metal opera de Tobias Sammet com convidados de peso!
Biff Byford (Saxon), Michael Kiske (Helloween),
Eric Martin (Mr. Big) entre outros!
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo e
2 faixas bônus!**

EDGUY

AGE OF THE JOKER

**Um álbum marcante na carreira dos alemães!
Relançamento especial com slipcase, pôster
exclusivo e 2 faixas bônus!**

EPICA

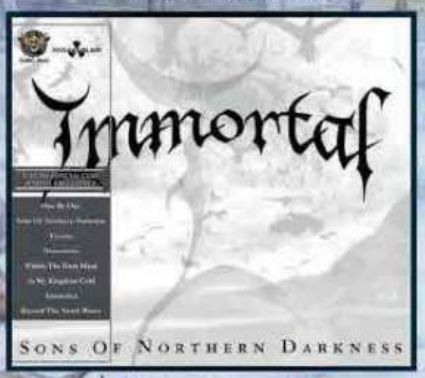
THE QUANTUM ENIGMA

**Um dos melhores trabalhos da banda que conta com
a bela voz de Simone Simons
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo
e 1 faixa bônus!**

DIMMU BORGIR

PUNKTUM EXTREME MISANTHROPIA

**Grande clássico da banda Norueguesa de Black Metal!
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo e
1 faixa bônus!**



Immortal

SONS OF NORTHERN DARKNESS

**Outro clássico do Black Metal Norueguês, disponível
novamente no Brasil!
Relançamento especial com slipcase com nova arte e
pôster exclusivo! Encarte com a arte original!**

anuncio black_heartsrec@outlook.com

Valhall Music

CONHEÇA NOSSA LOJA VIRTUAL!!

www.valhallmusic.com.br

info@valhallmusic.com.br | www.facebook.com/valhallmusic/ | (11) 2012 - 5088

FURIA INC.: UMA DÉCADA DE PESO E CONQUISTAS

Em 2009, nascia uma banda, formada por integrantes de Guarulhos e São Paulo, com gana e talento para, futuramente, alçar o status de referência no cenário do metal tupiniquim. Dito e feito! No período que compreende uma década, o Furia Inc. lançou dois ótimos discos – e mais dois EPs –, sem se prender a rótulos, dividiu o palco com Paul Di'Anno, Gojira, Tim Ripper Owens e outros nomes e, com seu mais recente álbum, *Raw*, tenta angariar novas conquistas. Conversamos com Victor Cutrale (vocais), os irmãos Gustavo (guitarra) e Neto Romão (bateria) e o "caçula" Fabio Carito (baixo, Warrel Dane, Confessori, Instincted) sobre o novo play e a trajetória da banda.

Fabio Carito, Gustavo Romão, Victor Cutrale e Neto Romão celebram dez anos de fúria com Raw

FOTO: GUILHERME FERNANDEZ

O Furia Inc. está completando uma década de vida. Quais as maiores vitórias, as quedas e os episódios de superação ao longo desses dez anos dedicados ao metal?

Gustavo Romão: Acredito que a maior vitória seja continuar tocando, dividindo palco com bandas de renome e produzindo discos e materiais de qualidade. No geral, os interesses da banda sempre se mostraram maiores a qualquer outro, mesmo após a saída de integrantes. Neto, Victor e eu sempre tivemos a intenção de continuar tocando juntos e produzir novos materiais. Isso fez crescer também a confiança e a harmonia entre nós, o que foi primordial para o lançamento de *Raw*.

A banda chamou atenção logo de cara com os EPs *Creatin a World* (2010) e *Before the World Ends* (2011), participando, inclusive, de festivais e shows ao lado de Korzus, Paul Di'Anno, Dr. Sin etc. Quais as principais recordações daquela época? Imaginavam estar no mesmo palco de tantos ícones nos primórdios do grupo?

Neto Romão: As recordações são as melhores possíveis. Muitas risadas, porres e experiências. Na época, firmamos um bom relacionamento com o Manifesto Bar e o estúdio Norcal, e o resultado disso foram aberturas de shows importantes, o que nos proporcionou a conhecer alguns dos nossos ídolos. Inclusive, o Victor foi convidado pelo Almah para cantar na música *Zombies Dictator* (do disco *Motion*, de 2011).

Dez anos depois de seu nascimento, o Furia Inc. brinda seus fãs com um trabalho que, ao meu ver, é mais diversificado e pesado que *Murder Nature* (2014). Qual o maior mérito deste segundo disco?

Neto: Podemos dizer que foi uma evolução e um amadurecimento musical. A maior dificuldade de qualquer banda é encontrar sua identidade. *Raw* é um trabalho em que nos refinamos como banda, músicos e em estilo de som. A mistura de um som mais moderno, pesado e groovado é uma característica forte neste trabalho. Muitas vezes o menos é mais, e essa receita já foi apresentada pela maior e mais pesada banda do mundo, o Pantera.

O quanto a entrada do também experiente Fabio Carito acrescentou para o resultado final de *Raw*? O que ele trouxe de diferente que pode ser ouvido neste disco em relação aos trabalhos anteriores?

Neto: Sabíamos o que procurávamos, e o Fabio, sem dúvida, foi perfeito nessa junção. Ele também é compositor, e isso ajudou bastante no resultado final. Lembrando que quem gravou o *Murder Nature* foi o Felipe Andreoli (Angra), então a responsabilidade era grande. E o Fabio se saiu super bem.

De onde veio a inspiração para a faixa *The Endless Void*, musical e liricamente falando?

Victor Cutrale: Esse som foi escrito com a intenção de ser a faixa de abertura do álbum, com um clima tenso e impactante e uma mensagem de "estamos de volta e mais pesados". A letra é sobre a atual realidade que estamos vivendo, onde a informação é o núcleo do poder. Essa letra reflete como estamos cheios de informações, opiniões e ódio e que muitas vezes não sabemos para onde direcionar. Sem falar da epidemia das fake news, que dominam as redes de comunicação. Vivemos no auge do conhecimento e temos que conviver com pessoas que acreditam que a terra é plana.

Já *Light the Fire*, a primeira a ganhar videoclipe, fala sobre questões sociais. O álbum, aliás, é recheado de reflexões. Essa é uma preocupação tão grande quanto a música para o Furia Inc.?

Victor: Conforme vamos amadurecendo, musical e intelectualmente, é importante nos esforçarmos para apresentar um trabalho inteligente para o ouvinte. O fã de heavy metal atual não é mais aquele "ogro do fundão da sala". E para o fã mais jovem, é legal ter acesso a diferentes tipos de visão. Também existe a expressão do artista. Vivemos num país em que o acesso à educação é complicado. Então, para o garoto que tem contato com outras línguas a partir das letras de suas bandas favoritas, o melhor caminho é apresentar algo bem desenvolvido e enriquecedor.

Em *The Knight and the Bishop* existe uma homenagem ao filme *O Sétimo Selo* (1957), de Ingmar Bergman. Vocês são fãs do diretor sueco ou especificamente deste filme?

Victor: De cinema de modo geral, mas com certeza o trabalho de Bergman é um dos pilares da sétima arte. As reflexões são extremamente atuais, uma vez que ninguém tem certeza sobre o pós-vida. Ou seja, será que sabemos aproveitar nosso tempo aqui? Mas, sinceramente, minha primeira conexão com o trabalho de Bergman foi através de uma sátira da personagem Morte no filme *Bill & Ted: Dois Loucos no Tempo* (1991).

Muita gente diz que o metal estaria com os dias contados, com a aposentadoria de alguns ícones, o iminente fim da carreira de outros e a morte de outros ídolos. Parece ser uma forma de tentar inferiorizar o estilo. De que maneira vocês encaram esse tipo de coisa?

Fabio Carito: Isso é mais um conceito errado, somos prova de que o metal está vivo. É triste saber que seus ídolos estão morrendo, mas também é gratificante saber que sua banda é inspiração para outras pessoas. Tudo é um ciclo, quando algo morre, outro nasce, e por aí vai. O Brasil nunca esteve tão bem representado com ótimas bandas, produções e materiais musicais de alta qualidade. Basta acreditar e cada um fazer sua parte.

O que o futuro aguarda ao Furia Inc.? *Raw* pode indicar uma direção para um terceiro trabalho? Aliás, existem planos para um álbum ao vivo?

Gustavo: Com certeza, pretendemos continuar com a banda e lançar um terceiro álbum. Planos existem, inclusive para um trabalho ao vivo, seja CD ou DVD. Mas, por enquanto, o foco é levar o *Raw* o mais longe possível.

Thiago Prata

PETTALOM: A "MALDIÇÃO" MUSICAL DE MARCOS RIVA

The Wine of the Night (2000) foi um disco de gothic metal que teve uma grande aceitação no início do novo milênio no Brasil. No entanto, o dono da obra, a banda Pettalom, se afogou em instabilidades após o lançamento. Agora, após emergir desse mar escuro, o capitão desse navio, Marcos Riva, retorna com *Sanctify My Fog* (2018) e, mais uma vez, iça velas a caminho do horizonte tentando quebrar a sua "maldição". Aqui, esse "Ahab" do gothic metal brasileiro conta uma parte de sua história e seus planos para o futuro.

Marcos Riva tenta recuperar o tempo perdido e colocar ordem na casa

FOTO: EDU LAWLESS

Em linhas gerais, *Sanctify My Fog* é um trabalho de gothic music. Porém, o início da obra soa bem "esquisita", principalmente por *Nevermore Call for this Exorcist* e *Dusk My Absinthe (Delirium Tremens)*. A proposta era justamente causar uma "estranheza"?

Marcos Riva: Sim, você acertou na mosca, no olho da tempestade! Para a criação e concepção de *Sanctify my Fog*, eu contava com poucos recursos disponíveis. Tive que me virar com músicas guardadas nos arquivos do Pettalom e de todas as outras bandas derivadas, como o Soturnia, Witchlust (fase inicial) e Pethallian. Então, para acrescentar um molho estranho, uma atmosfera realmente esquisita e intencional, tive a ideia de criar essas vinhetas tempestuosas para realmente chamar a atenção de quem as ouvisse. O álbum talvez tivesse tudo para dar errado, mas, surpreendentemente, só tenho ouvido comentários positivos. Minha ideia era preencher o buraco negro em nossa discografia, mas ele está lá no nosso Bandcamp, atraindo até novos ouvintes. Essas faixas que você citou contém, de forma subliminar, certa influência das atmosferas do black metal, que eu estava ouvindo muito no período. Esses anos todos perdidos me deixaram, de certo modo, com muita raiva! Um segredo dessas faixas: ouça-as ao contrário. Numa delas há uma citação cinematográfica de horror.

E qual é a vibe do cover e *Transylvania* do Iron Maiden? Por que gravar uma versão cantada desse clássico instrumental do heavy metal?

Marcos: Para matar Steve Harris do coração no dia em que isso chegar aos ouvidos dele! (risos). Ele provavelmente vai pensar algo tipo: 'Que banda é essa que ousou fazer isso?', ou, então, 'Caramba, por que não pensei nisso na hora que compus isso? Será que não era para ela ser instrumental?'. De qualquer forma, amo Iron Maiden, é a banda de metal número um de todos os tempos para mim. Assim, foi apenas uma louca e esquisita homenagem.

***Sanctify My Fog* acabou sendo lançando antes de *Ancient Sacraments*, que seria o segundo álbum. Por que esse disco continua sob o véu da escuridão?**

Marcos: Porque a concepção dele era faraônica. Não tínhamos estrutura na época e, então, quebramos! Corais, tenores, sopranos, influências de Therion, um monte de samplers e camadas de teclados simulando os mais diversos instrumentos... Só faltou o demônio ou um arcanjo celestial tocando trombeta ou violino no álbum! Na época, a Hellion Records quase fechou contrato conosco. Mas, antes de tudo acontecer, começaram as desavenças e os estresses profundos. A execução de algumas dessas músicas exigia muitos recursos devido à intensa massa sonora dos arranjos. Algumas, mesmo bastante incompletas, estão disponíveis para audição no nosso Bandcamp. A faixa *Ancient Sacraments* contida na demo *Requiem* é uma excelente amostra de como seria (e ainda será) todo o estilo do álbum.

É sabido que problemas de formação estão entre as principais causas de desestruturação de bandas, principalmente no underground. Essa é a "maldição" do Pettalom, já que encerraram as atividades enquanto ainda colhiam os frutos de *The Wine of the Night* e pouco antes de lançarem *Ancient Sacraments*?

Marcos: Perfeitamente. Some-se a isso grandes dificuldades financeiras, a falta de conhecimento administrativo e empresarial na época e conflitos psicológicos entre os integrantes, causados por desgaste de pontos de vista sobre como agir em palco e em estúdio. Até 2002, seguramos a onda, tocamos em eventos e festivais em Presidente Prudente (SP) e Belo Horizonte (MG), em apresentações para públicos estimados em média de 2 mil pessoas. Foram nossos anos de ouro e foi muito triste perdê-los nessa escuridão que você citou anteriormente.

Em um vídeo, de abril de 2018, você procurava por novos músicos e exigia "determinação, força de vontade e foco". Essas três características são fundamentais para integrarem o Pettalom? Podemos dizer que, hoje, faltam músicos com essa tríade de qualidades disponíveis na cena musical underground brasileira?

Marcos: Creio que seja cada vez mais difícil achar músicos dispostos a abandonar seus compromissos profissionais e suas vidas pessoais para se alistarem, de corpo e alma, numa tentativa de cruzada musical cujas chances são pequenas e incógnitas, portanto, absolutamente incertas. O vídeo não adiantou nada! A princípio, surgiram músicos apreciadores da banda com força de vontade e determinação. Porém, quando surgem os primeiros obstáculos, eles já se dispersam e se retiram. É um processo muito cansativo e, até, deprimente. Creio que 90 % da cena nacional ou mais passa por isso, ainda mais no meio dessa crise econômica e política brasileira sem fim. Estarei errado? Creio que para ser teimoso como eu sou, é preciso umas pitadas de um certo afastamento social e um pouco de loucura (risos). Com certeza, a loucura da minha teimosia está frutificando aqui nesse espaço e nessa entrevista. A batalha é salgada, mas é muito melhor que desistir de tudo e virar um nostálgico amargo.

O "retorno" do Pettalom está anunciado desde 2016, incluindo um show em março daquele ano em Piedade (SP). De lá pra cá, lançaram a demo *Gothic Alchemy - The Lost Songs* (2017) e o mais recente. O que podemos esperar agora?

Marcos: Voltamos em 2016 e quebramos de novo! Aí, para manter o nome da banda ainda vivo, lancei *Sanctify my Fog* e, com apoio do amigo internauta Lucas Dias, montamos o nosso atual Bandcamp com todos os 'cacos' da nossa história, organizados em ordem cronológica. Remontamos o nosso 'quebra-cabeça' e nossa identidade foi restaurada. Agora, podemos esperar maior visibilidade para o Pettalom. Nós somos como uma 'assombração do metal nacional'. Nosso clássico *The Wine of the Night* nunca mais foi citado, apesar da importância e repercussão que teve. Nosso Bandcamp é uma bela galeria sonora mal assombrada, onde todos podem conferir tudo o que foi dito acima. Acabamos de entrar na sua mente e você é muito bem-vindo na nossa, apreciando ou mesmo criticando. Espero, também, que a conclusão do álbum *Ancient Sacraments* dessa vez seja efetiva e que, sem puxar saco, tenhamos dez por cento da determinação, continuidade e qualidade da revista ROADIE CREW. A RC é uma das coisas que fazem parte da minha vida como metalhead, leitor e músico. Obrigado!

Ivanei Salgado

PEPE BUENO: ESTRANHO?

Pepe Bueno tornou-se conhecido e respeitado como fundador, baixista e compositor na banda Tomada. Porém, de uns anos para cá lançou-se também em carreira solo, tendo soltado os discos *Nariz de Porco Não É Tomada* (2007), *Eu, o Estranho* (2016), dois singles no ano passado e agora *Preces e Tentações*. Quem o acompanha na empreitada é a banda Os Estranhos, repleta de amigos e convidados, como Roy Carlini (Tutti Frutti e Le Royale), Xande Saraiva (Baranga), Rogério Fernandes (Carro Bomba), Marcello Schevano (Carro Bomba, Golpe de Estado e Casch) e Rodrigo Hid (Pedra e Patrulha do Espaço), entre vários outros. Com uma sonoridade totalmente calcada nos anos 60 e 70, o disco vem recebendo o devido respaldo de público e crítica, e é sobre isso e muito mais que conversamos com Pepe Bueno.

No terceiro disco solo, Pepe Bueno resgata o rock dos anos 60 e 70

FOTO: MARCELO CIRELLE

O que inspira você a compor?

Pepe Bueno: Tudo! Eu sou um cara inquieto, gosto de experimentar, de criar e a composição me dá essa liberdade. Meu trabalho é com criação, a música me dá essa possibilidade e sou eternamente grato por isso. A inspiração surge normalmente das experiências que temos e é isso que tento desenvolver. Tento ser uma pessoa o mais aberta possível para assim ter mais possibilidades na música, quero poder transitar na música pesada ou lenta, distorcida ou limpa. Mas isso são linguagens que temos, ou seja, não tem melhor ou pior e sim momentos e vivências.

Suas letras mostram você como uma espécie de cronista urbano de São Paulo. Seria isso mesmo?

Pepe: Legal essa visão. Não tinha pensado sobre isso, mas acredito que sim. Sou um cara urbano, que vivo nessa selva de pedra caótica e gosto disso, me identifico com esse caos, mesmo muitas vezes não concordando com ele. Obviamente tento muitas vezes sair da cidade para curtir e isso com certeza dá à minha música um ar caipira – entendam também como folk inglês ou rock americano sulista ou até mesmo rock rural brasileiro, que eu adoro. Essas vivências acabam refletindo nas letras, climas e melodias desse álbum.

Musicalmente, o disco se divide entre o rock dos anos 70 e o psicodelismo. Quais os nomes dessas duas escolas que mais influenciaram você?

Pepe: Eu ouço música 24 horas por dia, acabo tendo uma bagagem bastante grande por isso. O Deca (guitarrista do Baranga) me mostrou esses dias uma banda espanhola chamada Tarque e eu gostei muito, ela tem esse lance de rock direto e setentista que eu adoro, mas com uma sonoridade moderna. Isso me fascina! Gosto das clássicas psicodelias dos Mutantes e dos rocks pesados da Patrulha do Espaço. Pra finalizar, gosto de Guilherme Arantes até Korzus! (risos)

Por que o disco se chama *Preces e Tentações*?

Pepe: A ideia veio de Roy Carlini (N.R.: guitarrista e filho de Luiz Carlini). Quando estava compondo o disco, surgiu uma parceria nossa chamada *Entre Preces e Tentações*. Engraçado que ela não entrou no disco, mas vamos gravá-la, eu adoro esse som. E quando ele chegou com esse título, pensei: 'Cara, é isso! Esse é o nome.' As pessoas vivem assim, erramos e rezamos, rezamos e cometemos os mesmos erros, vivemos essa contradição diariamente. Seria muito mais prático assumirmos nossas falhas do que deixar na mão de Deus, mas...

Você produziu o disco. Muita gente diz que é melhor ter um produtor de fora da banda, até porque assim os músicos ficam preocupados apenas em tocar. O que você acha disso?

Pepe: Eu produzi o disco junto com Gabriel Martini, meu parceirão. Ele vem de dois discos bem legais com o Guilherme Arantes e deixei que botasse a sonoridade dele no disco em relação a timbres e volumes. Eu dava uns pitacos, mas deixei na mão dele. Trabalhei mais nos arranjos e dirigindo a performance da galera. É um disco com muitos convidados, o maior trabalho foi ter uma unidade sonora e acredito que tenhamos conseguido. Eu gosto de trabalhar com produtores, adoro essa visão de fora pra dentro, mas pra isso acontecer de verdade precisa ter uma parceria e uma confiança muito grandes, porque senão acaba sendo um disco produzido por alguém, mas mudado totalmente pelo artista. Daí vale a pena? Eu não acredito.

Tem muito Hammond no disco. Você é um grande fã dessa sonoridade, certo?

Pepe: Adoro! Minha primeira fala pro Hid e pro Alberto Sabella foi: 'Banhem o disco de Hammond.' Por isso tem muito Hammond no disco, Alberto colocou uns Rhodes, Melotton e Minimoog... Tem muito teclado, mesmo sendo um disco com guitarra à beça. A graça do estúdio é essa, fazer arranjos para ter espaço para momentos dos instrumentos em prol da música. Essa é a minha concepção.

A música *Respira* é praticamente uma colagem sonora. Seria o seu *Revolution 9*?

Pepe: Minha ideia foi essa, criar esse caos psicodélico pra entrar com o rock *Calma*. Comparar com os Beatles sempre é difícil... (risos) Mas entendo que seja um experimento como eles fizeram em number nine, number nine...

Qual tem sido a repercussão do disco junto a crítica e público?

Pepe: Ele acabou de sair. O pessoal tem ouvido e curtido, conseguimos colocar duas músicas na programação de uma rádio legal daqui de São Paulo, entrou em playlists importantes na Deezer e no Spotify. Sobraram quatro músicas que lançarei até o fim do ano e assim vou concluir esse trabalho superimportante para mim. E depois... Bom, depois fazer mais música e mais shows!

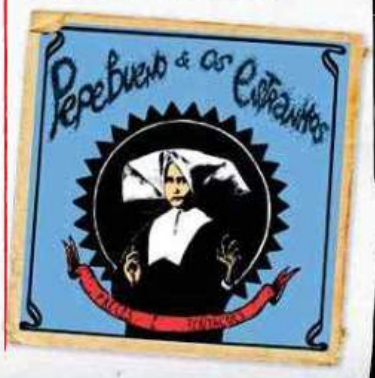
O Tomada está parado há um bom tempo. A banda acabou?

Pepe: Estamos de férias (risos). Estávamos na estrada há um bom tempo, sem parar, e isso acabou gerando um desgaste natural. Gosto muito do Ricardo Alpendre (vocalista), não teve uma grande briga, o que pode facilitar uma volta, sem sombra de dúvida. Agora estou focado no disco e no selo Curumim Records, que estou levando com meu amigo Fernando Ceah e que lançou digitalmente esse meu disco e bandas como Vento Motivo e Yoga Night Club e também os da carreira de Ciro Pessoa e bandas clássicas, como Cabine C e a de rock pesado uruguaio Acido.

Você é estranho?

Pepe: Sou, com toda a certeza e orgulho. E acredito que todos somos e está evidente, não precisamos nos esconder atrás de um corpo careta, mais legal e melhor nos assumirmos.

Antonio Carlos Monteiro



OS HERÓIS DO HEAVY METAL TRADICIONAL ESTÃO DE VOLTA!

HELLISH WAR

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
CHRIS BOLTENDAHL
(GRAVE DIGGER)
NA FAIXA "WARBRINGER"

WINE OF GODS *NOVO ÁLBUM DO HELLISH WAR*

JÁ NAS LOJAS E PLATAFORMAS DE MÚSICA!

foto HW: Suzy dos Santos arte: www.jduartedesign.com

PROJETO FINANCIADO PELO EDITAL Nº 24/2018 DO PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL (PROAC) DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.

GESTÃO CULTURAL
PROAC
SOM DO DARMA Management, Booking, Press & Promotion

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL
Anti Posers Records

REALIZAÇÃO
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

HÅRD:ON: HÁBITOS E ESTILO MANTIDOS

Amado por muitos e detestado por tantos. Esse é o hard rock, estilo que enfrentou seu auge na década de 1980 e sua queda com o grunge. Porém, há muito vem mostrando que está de pé novamente. Desde a explosão de grupos como H.E.A.T., Eclipse e Santa Cruz, a verdade é que temos no Brasil um representante de nível internacional: Hård:On, que lançou recentemente seu segundo disco, *Bad Habits Never Die*. Nesse bate papo exclusivo, os irmãos Alex e Chris Hoff nos falam deste trabalho e da paixão pelo hard.

Alex Hoff, Chris Hoff, Daniel Gohn e Ricardo Bolão: velhos hábitos não morrem facilmente

Três anos após o bem sucedido debut, vocês soltaram *Bad Habits Never Die*, que mantém a veia hard do grupo. Acreditam que o novo trabalho supera o debut em quais sentidos? A busca no processo de concepção do trabalho foi esta?

Alex Hoff: Sim, buscamos fazer um álbum melhor que o primeiro, pois, para ele, as nove músicas que compusemos foram as que entraram. Para *Bad Habits Never Die*, compusemos dezesseis e escolhemos as nove que achamos as mais fortes. Mas tivemos um fantasma que assombrou este trabalho e empacou todo o processo. Nossa ideia era lançá-lo em 2017, mas foi tanta 'zica' que dá até para escrever um livro (risos).

Chris Hoff: *Bad Habits Never Die* e *Hård:On* são álbuns que buscamos superar a qualidade de execução em cada música. Acho difícil comparar um com o outro pela diversidade, mas há alguns pontos que considero interessantes no segundo álbum: as guitarras mostraram timbres mais fortes, o baixo para frente e a pegada pesada da batera me chamaram bastante a atenção.

A primeira amostra a ser lançada foi um clipe para a faixa-título, que retrata bem a vibe do grupo, com um hard direto e sem frescuras. Além disso, por conter elementos de várias fases do hard, desde a pesadona *Dr. She*, a energética *Touchdown* e a "para-tudo" *Sunset Drive*, podemos dizer que, em sentido amplo, a banda é um tributo vivo do melhor daquela época?

Alex: Nossa ideia é, a cada disco, não só evoluir em gravação e produção, mas explorar o mundo hard'n'heavy, algo que o Queen, Kiss e o Van Halen souberam fazer bem, não se limitando a um estilo de composição. Com isso, criamos músicas diferentes umas das outras, mas sempre mantendo a vibe oitentista. Curiosamente, você citou quatro onde o embrião de cada uma foi criado por quatro integrantes diferentes.

Chris: Acho uma linha importante que mantemos, é 'fã compondo músicas para fãs do estilo'. Cada música tem uma história e, ao mesmo tempo, se encaixam bem no contexto do álbum.

A capa, feita por Marcelo Calenda, é outro belo atrativo. Inspirada em álbuns do Autograph e Aerosmith, se destaca entre o vasto acervo de material lançado hoje em dia, mas acabou sofrendo um tipo de "censura" nas plataformas de streaming. O que, de fato, aconteceu e como foi resolvido o problema?

Alex: Marcelo Calenda se inspirou exatamente nestas capas, que foram criadas pelo ilustrador Hajime Sorayama, mas ele não queria fazer uma mulher e, então, criou um robô hard rocker masculino. A capa mostra que os maus hábitos nunca morrem. Se passa num futuro distante, em um planeta destruído, e, mesmo sendo um robô, os maus hábitos não morreram. E, sim, fomos 'censurados'. O que aconteceu foi que as plataformas de streaming não permitem que você tenha uma capa de outro álbum na de um trabalho novo. E na capa que vai para o CD, e, quem sabe futuramente o vinil, tem o vinil do primeiro álbum flutuando em gravidade zero. Para os streamings tivemos que apagá-lo da arte.

Apesar de o streaming ser uma boa ferramenta de divulgação, vocês soltarão a versão física de *Bad Habits Never Die*, novamente pela Shinigami Records. Qual a importância de lançar nesse formato? Pensam em algo em vinil?

Alex: O CD é o CD, e sem ele a banda não atinge tanta gente. Apesar de ser uma mídia que, teoricamente, está fraca, ainda movimenta muito, principalmente nas vendas em shows. Quanto ao vinil, sempre fazemos a arte das capas em tamanho de vinil, e, um dia, quando tivermos verba, ou algum selo quiser bancar os vinis, as artes já estão prontas.

Analisando as letras dos dois álbuns dá para notar que gostam de exaltar o lado de vocês como fãs de rock, hard, metal, falando da vivência em festivais e de estar no pit vibrando?

Chris: *Kings of the Pit* é, de certa forma, uma continuidade da 'vibe' de festivais que buscamos traduzir em *Liv it Up (The Festival Song)*, do debut. Curtimos assistir shows e festivais na pista, entrar em rodinhas e sentir essa 'vibe'. Muitas vezes, ao iniciar a composição, busco sentir o ritmo dela imaginando como se estivesse na pista do nosso show. Neste álbum, consegui contribuir com algumas composições, como a própria *Kings of the Pit* e *Touchdown*, já pensando nelas ao vivo.

Alex, você é proprietário do Rocks Studio (SP), onde foi a gravada a parte instrumental do álbum. Como foi dividido o trabalho de vocês com o experiente produtor como José "Heavy" Luís Carrato, que gravou discos lendários, como SP Metal e trabalhou com Ratos de Porão, Platina, A Chave do Sol, Camisa de Vênus, Inocentes, entre outros?

Alex: O Zé 'Heavy' coproduziu o álbum, e ele trabalhou bastante na parte de bateria. Sugeriu várias mudanças aqui e ali, e, no final de tudo, quando foi mixar, deixou muita coisa que havia sido gravada fora. Assim como no primeiro disco, ele teve carta branca para criar os efeitos de tudo – voz e instrumentos, phasers, delays etc. Mas a maioria da produção foi do Hård:On.

Chris, por você viver na Alemanha os shows não são uma constante para o Hård:On. Este ano vocês fizeram o show de pré-lançamento no Manifesto Bar (SP), mas, com o álbum bem divulgado em todos os meios de comunicação, quais os planos em relação aos palcos?

Chris: Pretendemos trabalhar bem a comunicação deste álbum e levá-lo para novos lugares, com shows focados e alcance global em mídias digitais. Poderemos explorar parcerias com bandas para realizarmos turnês conjuntas. Precisamos trabalhar bem a demanda, para que possamos ter experiências incríveis como tivemos ao vivo com os shows em São Paulo e interior do Estado, com todos cantando nossas músicas.

A título de curiosidade, o nome da banda causou algum problema? O acento sueco no ar e os dois pontos (Hård:On) é para se afastar de restrições?

Alex: Não causou problema. Porém, os dois pontos e as tremas no começo da banda não eram muito bem entendidos pelos sistemas de busca, mas agora parece que começaram a aparecer melhor.

Chris: O acento sueco tem a ver com o país em que o Alex nasceu. Buscamos incluir esta escrita no logo. Os dois pontos são exatamente para reforçar que o hard on está ligado no nosso som. As distintas interpretações do nosso nome têm sido positivas, e, acima de tudo, rock'n'roll. Afinal, queremos fazer um som que seja... Bem, complete a frase sem pudor (risos).

João Messias Jr.

LAST CONSCIOUS: ATAQUE DEATH/THRASH PREVISTO PARA 2020

Jefferson Soares, Gustavo Timoteo, Lu Borges, Fabiano Borges e AeD Vieira levantam a bandeira death/thrash de Santa Luzia

FOTO: GLEDSON JUNIOR BARATA

Se em 2017 o Last Conscious entregou ao underground nacional um cartão de visitas brutal, sob a forma do EP *Damn Thoughts*, o ano seguinte foi marcado pelo single *Political Loathing*, uma artilharia pesada com menos de dois minutos e meio de duração, o suficiente para saciar, mesmo que momentaneamente, seu fiel público. Após esses lançamentos, é grande a expectativa em torno do primeiro full-length dos mineiros de Santa Luzia, praticantes de um death/thrash vigoroso, com letras recheadas de críticas político-sociais, filosofia e psicologia. A previsão inicial de lançamento era para 2019. No entanto, uma série de fatores – positivos, diga-se de passagem – ocasionou o adiamento do disco, cujo título está definido como *Psychological Torture*. Com novas cartas na manga, o quinteto formado por Gustavo Timoteo (vocal), Jefferson Soares e Fabiano Borges (guitarras), AeD Vieira (baixo) e Lu Borges (bateria) está em reta final de conclusão do novo trabalho, que sairá em 2020 e promete fazer mais do que um burburinho na cena.

Numa conversa anterior que tive com um dos guitarristas da banda, o Jefferson Soares, em julho do ano passado, ele me disse que a intenção do Last Conscious era lançar um disco até o início de 2019. Mas a nova previsão é para o começo de 2020, certo? Por que a decisão de adiarem em um ano?

Fabiano Borges: Sim, verdade, a previsão era essa (início de 2019). Depois, houve uma nova previsão, de lançar o disco até o segundo semestre deste ano. Mas houve algumas mudanças de planos para que pudéssemos nos organizar melhor e agregar mais algumas músicas que não entrariam no disco. O fato também de a banda ter sido agregada ao cast da MS Metal Agency (N.R.: que tem vínculo com vários artistas, entre eles, Sepultura e Edu Falaschi), mudou um pouco esse prazo, pois lançaríamos o disco de forma totalmente independente. Agora, tivemos mais abrangência ao nosso trampo.

Vocês soltaram o single *Political Loathing* em 2018, música que soa como um baita "tira-gosto". Como foi a repercussão dele? De quem é a composição?

Fabiano: Sim esse single foi bem emblemático, devido aos recentes acontecimentos políticos em nosso país, e queríamos muito fazer um som expressando nossa indignação com a podridão que circunda em torno de nós. Teve uma boa repercussão, e ainda estamos recebendo boas referências a respeito desse lançamento. A composição inicial, em termos líricos, foi escrita pelo Gustavo, nosso frontman. O restante do som foi composto por todos da banda.

Ao meu ver, essa música soa direta, simples e brutal. Podemos esperar um direcionamento assim para o primeiro full-length do Last Conscious?

Fabiano: A *Political Loathing* é um pouco diferente das outras músicas. Queríamos que ela fosse mais simples e mais direta, até mesmo pela mensagem que ela passa. No entanto, o álbum, ao meu ver, está soando mais pesado que nosso EP *Damn Thoughts* (2017).

Como vem sendo o processo de criação, composição e gravação de *Psychological Torture* até o momento?

Fabiano: Já terminamos o processo de composição e a pré-produção. Já iniciamos as gravações. Até o momento (N.R.: entrevista concedida em junho deste ano), todas baterias das músicas foram gravadas. Em breve, começaremos a gravar as cordas e as vozes.

Existe a possibilidade de soltarem mais algum single antes do lançamento oficial do disco?

Fabiano: Pensamos em lançar mais um single. Porém, não temos certeza ainda se sairá neste ano.

Como você citou, Fabiano, a banda foi agregada ao cast da MS Metal Agency Brasil. Além disso, terá seu disco lançado no Brasil pela Eternal Hatred Records, tendo garantida uma distribuição para outros países. Nos falem a respeito dessas parcerias, que, obviamente, são muito importantes para o grupo.

Fabiano: Sim, recentemente fomos agregados (a essas empresas). É uma grande honra fazer parte do cast da MS Metal Agency. Essa parceria nos dá mais abrangência em nosso trabalho e a possibilidade de fazer um lançamento nacional e internacional.

Lu Borges: Nosso som chegará a mais headbangers que ainda não nos conheciam. E isso é muito importante para nós. Vale acrescentar que a arte do nosso álbum está sendo desenvolvida pelo Aurélio Lara, da DesignIara Artwork que também é mais uma das parcerias que fechamos para esse próximo lançamento.

O que vocês diriam que possa vir a ser o diferencial neste próximo álbum para o Last Conscious. O que pode fazer o grupo se destacar na cena nacional?

Lu: O que pode ser um diferencial é que estamos aprimorando nosso som, buscando referências diferenciadas. Sempre nos preocupamos com a qualidade do nosso trabalho. Queremos sempre fazer o melhor dentro da nossa realidade.

Em termos líricos, a banda investia em críticas sociais e temas ligados à filosofia e à psicologia. Essas abordagens serão mantidas para o próximo play?

Fabiano: Sim, serão. Na verdade, esses temas estão mais evidentes e com mais presença.

O quanto a experiência na gravação do EP *Damn Thoughts* foi importante nesse processo de maturação do som da banda? Pergunto isso, inclusive, por já ter passado mais de dois anos desde seu lançamento e quatro desde o nascimento da banda.

Gustavo Timoteo: A gravação do EP *Damn Thoughts* foi o início de tudo. Na época, éramos uma banda recém-nascida, cheia de ideias, e hoje temos uma interação diferente. Como você mesmo disse, a banda atingiu uma maturidade com um som mais trabalhado. Ao mesmo tempo, há um peso maior, sem deixar as origens da banda e suas temáticas de lado.

Algo específico os influenciou recentemente para a concepção do próximo álbum?

Fabiano: Sim, tivemos muitos acontecimentos políticos e sociais catastróficos, que deram origens a algumas letras. E já tínhamos algumas coisas escritas que se encaixam com o momento que estamos vivendo atualmente.

Por fim, de que forma você apresentaria o Last Conscious para um leigo?

Fabiano: O Last Conscious é uma família headbanger (risos).

Gustavo: Tentamos passar a mensagem sobre nossa visão do mundo em relação à psique humana e com o acréscimo de críticas sociais e críticas religiosas.

Lu: Nos preocupamos com a forma que sobrevivemos em nossa existência.

Muito obrigado pela entrevista. O espaço é de vocês. Aguardamos os próximos passos da banda.

Fabiano: Cara, em nome do Last Conscious, agradeço muito a você e à ROADIE CREW pela força e pela atenção que têm dado ao nosso trabalho. Muito obrigado pela força.

Thiago Prata

SPIRITUAL HATE: BLACK METAL NA ESSÊNCIA

Doze anos de estrada e uma trajetória repleta de shows para se elevarem como um dos pilares do death/black metal. Assim se define a Spiritual Hate, banda de Diadema (SP), que conta atualmente com Magnus Hellhound (vocal e guitarra), F. Blackmortem (guitarra), M. Noktuz (baixo) e Malus (bateria), músicos que vêm trabalhando em novos materiais. A seguir, F. Blackmortem nos conta sobre isso, além de falar sobre a repercussão do álbum *Diabolical Dominium* (2017) e sobre o filme Lords of Chaos.

F. Blackmorten, Magnus Hellhound, M. Noktuz e Malus: nova formação foca em novas composições e shows.

FOTO: TIAGO OSHI

Vocês lançaram *Diabolical Dominium* em 2017. Passados dois anos, qual o feedback recebido?

F.Blackmortem: Primeiramente, obrigado pela entrevista. É um prazer enorme estar espalhando nossa mensagem por essas páginas! Realmente já se passaram dois anos e parece que foi ontem, tivemos um excelente feedback, abriu as portas para shows maiores, tocamos em outros estados. Estamos colhendo os frutos desse lançamento até os dias de hoje, com vendas de camisetas e CDs para todo território brasileiro. Fomos cotados em sites especializados como um dos melhores lançamentos do ano de 2017.

Uma das ferramentas de promoção deste trabalho foi o polêmico vídeo para *Awaiting Fucking Jesus*. Fale-nos sobre a concepção dele. Vocês chegaram a ter algum problema com a veiculação do clipe?

Blackmortem: Sim, tivemos problemas com o YouTube, que não permitiu a postagem com o título oficial da música. Tivemos que camuflar para que eles liberassem a publicação. Sobre o conceito, fizemos algo em cima da letra, onde demonstramos todo nosso ódio contra o porco bastardo. Foram mais de dez horas de gravação em um único dia, em um local abandonado desde a década de 90.

O Spiritual Hate é conhecido por fazer muitos shows. Seja no ABC, capital e interior de São Paulo, vocês estão sempre detonando nos palcos. Qual a importância de se apresentar ao vivo?

Blackmortem: Os shows são muito importantes para nós, pois é onde conseguimos passar toda nossa fúria. Mesmo com toda dificuldade do underground, fazemos um esforço absurdo para que tudo ocorra como planejamos.

Continuando a falar de shows, alguns foram com nomes emergentes e consagrados do metal, como Krisiun, Amen Corner e Axecuter. Em termos de divulgação e repercussão, em que essas apresentações ajudam na promoção da banda?

Blackmortem: Hoje temos muitos recursos na internet, como as plataformas de streaming, nas quais o pessoal pesquisa sobre bandas, músicas, vídeos e outros. Porém, o verdadeiro fã de metal vai aos shows e compra materiais. Isso é o que vem acontecendo com a banda. Vendemos muito bem nos shows para muita gente que ainda não conhece a banda ou nunca a viu ao vivo.

Vocês estão com uma nova formação, com a chegada do baixista Marcelo Noktus e o baterista Malus (ex-Justabeli e Ocultan). O que os novos soldados trarão de novo ao som do grupo?

Blackmorten: Esses caras são muito guerreiros, têm umas ideias ótimas. Malus vem compondo comigo há algum tempo e estamos bem afiados. Moramos próximos e temos uma amizade de mais de dez anos. Isso facilita muito! Nossa logística hoje está um pouco conturbada devido ao nosso vocalista estar morando fora da capital e o baixista estar a uns 70km de nós, mas isso não impede de mantermos os trabalhos alinhados.

O álbum *Diabolical Dominium* é de 2017, mas existem planos para um novo registro de estúdio?

Blackmortem: Estamos trabalhando por um tempo nesse novo material. Já temos algumas músicas pré-produzidas e estaremos gravando um single desse novo disco nos próximos meses. Nosso plano é já soltar algo novo com videoclipe.

Este ano foi lançado o filme Lords Of Chaos, que é baseado na cena black metal norueguesa das décadas de 80 e 90. O que acharam dele? É uma boa referência para aqueles que não se identificam tanto com o estilo?

Blackmortem: Esse filme gerou muita polêmica na época do seu lançamento. Eu, particularmente, gostei. É apenas um filme sobre verdades e mentiras. Não dá para levar tudo na risca que foi mostrado ali. Tem uma ótima qualidade, mas não tem como ser uma referência no black metal. Todos que conhecem a história do Mayhem e Burzum encaram tudo isso de uma forma bem diferente do que foi retratado. Nenhum filme será referência para alguém começar ouvir black metal. Isso está no sangue não é para todo mundo!

Para finalizar, como avalia a cena black metal nacional em termos estruturais e musicais?

Blackmortem: Em termos de banda o Brasil vem crescendo bastante e se profissionalizando. A cada lançamento percebemos um nível de evolução musical, produção, capas e outros. Estamos em uma era na qual o ouvinte exige muita qualidade no que é feito pelas bandas e eu, particularmente, acho muito bom. Agora em relação aos shows, na maioria, são complicados. Os produtores não investem em equipamentos decentes. Fazer metal extremo exige um nível de qualidade e, se o equipamento for ruim, é certeza que a sua apresentação será arruinada. Se a banda quiser levar seu próprio equipamento, o produtor não quer liberar mais verba para o aluguel de transporte e aí, nesse caso, terá que colocar na balança o que é melhor para a sua apresentação. Infelizmente, os produtores do underground ainda pensam pequeno.

João Messias Jr.

EV7 Live in association with APA & Siren Artist Management, presents

URIAH HEEP

8 & 9 DE NOVEMBRO - SEXTA E SÁBADO

TROPICAL BUTANTÃ - SÃO PAULO

Av. Valdemar Ferreira. 93 (á 200 metros da Estação Butantã)

APRESENTANDO OS GRANDES CLÁSSICOS DA BANDA
EM SETLISTS DIFERENTES EM CADA NOITE

Ingressos limitados na bilheteria do Tropical Butantã
ou pela internet: www.TICKETBRASIL.com.br

ad www.pluratedesign.com

MORBID PROPHECY: FILOSOFIA CONTRA A RELIGIÃO

Imagine as mensagens de filósofos ateus como Ludwig Feuerbach e Friedrich Nietzsche transportadas para a linguagem musical sob texturas de um melodic death/black metal? Agora confira o resultado no som dos belo-horizontinos do Morbid Prophecy. Fundado em 2016 e tendo lançado, dois anos depois, o primeiro EP, *Thou Shalt Die*, o grupo volta ainda mais profano, cético e refinado no EP *Philosophical Blasphemies*. Em meio a uma deliciosa blasfêmia musical, registrada por Glauber Ataide (vocal e baixo), Júlio Cezar e Sanzio Rocha (guitarras), Jusmar Galvão (teclados) e Mateus Pedroza (bateria), o disco conta com a voz angelical da cantora lírica Carla Lopes. Principal letrista, Glauber se mudou para a Alemanha, mas permanece colaborando com a banda. Conversamos com ele e a dupla de guitarristas para saber mais sobre o passado, o presente e o futuro do Morbid.

Mateus Pedroza, Júlio Cezar, Jusmar Galvão, Carla Lopes, Glauber Ataide e Sanzio Rocha registraram o segundo EP do *Morbid Prophecy*

FOTO: MATEUS ASSUNÇÃO/DIVULGAÇÃO

Qual o conceito por trás do nome da banda e do mais recente disco?

Glauber Ataide: O nome da banda foi parcialmente explicado pelo nome de nosso primeiro EP, *Thou Shalt Die* (Você Vai Morrer). A profecia mórbida é esta, de que não há nada mais certo que nossa morte, e que isso nos obriga a repensar como vivemos. Por trás da escolha do nome da banda tem toda uma questão relacionada à filosofia existencialista do Século 20. Quanto ao novo EP, o *Philosophical Blasphemies*, ele traz em suas letras uma devastadora crítica à religião, inspirada nos principais pensadores ateus dos últimos três séculos, e por isso o nome "blasfêmias filosóficas".

O nome do novo disco também parece aliar bem o que a banda representa, pois existe a questão da filosofia nas letras, assim como uma música mais "profana", digamos assim.

Glauber: Sim, aliamos neste disco duas coisas: a blasfêmia, que é um tema característico do metal extremo, e uma abordagem filosófica, que tem a ver com nossa forma de escrever as letras.

Sanzio Rocha: São músicas que existiam há um certo tempo, e ajudei a dar uma repaginada nelas. O álbum representa como as pessoas veem a religião e a aplicam hoje em dia. Tem muito da questão da hipocrisia, de frisar certos valores, mas o que acontece na prática é o inverso.

Júlio Cezar: Infelizmente, existe essa lavagem cerebral para que as pessoas comprem um 'terreno no céu'.

Sei que vocês são influenciados por pensadores como Platão e Nietzsche. Existe algo desses filósofos, e que esteja presente nas composições de vocês, que perpetua nos dias de hoje?

Glauber: Ao compor as letras buscamos falar de tudo aquilo que inquieta ou aprisiona os seres humanos. Por exemplo, a mortalidade inquieta o homem, e a religião o aprisiona. As críticas à religião que apresentamos no EP são totalmente atuais. A faixa de abertura, *Poisoner of Life*, é um soco no olho dos sacerdotes, dos 'santos parasitas', que dependem do sentimento de culpa, da fraqueza e da doença dos fiéis para que eles próprios dominem. Podemos ver isso em qualquer igreja hoje, principalmente nas periferias. A religião é o ópio do povo.

A própria banda concorda com o rótulo de melodic death/black metal? Questiono isso porque também há uma dose de doom e gothic metal. E um pouco depois da metade de *Poisoner of Life*, existe um riff que remete imediatamente a Black Sabbath.

Júlio: Acho que é um death metal melódico, com black também. Mas vamos unindo um pouco da influência de cada integrante. Quanto ao riff à la Black Sabbath, parece até proposital. Todos nós ouvimos Sabbath. E o riff dessa parte casou com a música. Não teve nenhum lance de querer copiar, apenas veio naturalmente. A gente tenta fazer o que a banda e a música pedem.

Essa musicalidade sempre foi o norte da banda ou vocês tinham outra concepção até chegarem ao resultado apresentado neste EP e no anterior, *Thou Shalt Die*?

Júlio: Quando conheci o Glauber, uns 15 anos atrás, sempre tivemos a ideia de ter um som assim, mas não conseguimos fazer isso à época. Estivemos com vários integrantes em vários projetos, de nomes diferentes. Aí cada um foi cuidar do seu caminho. Depois de um tempo, reencontrei com Glauber, e resolvemos brincar no estúdio. Só que o som ficou bem legal. O Sanzio chegou com uma proposta mais harmoniosa. Ou seja, se antes, o que tínhamos na cabeça não era traduzido para o braço da guitarra, com o Morbid Prophecy isso virou realidade.

A cantora lírica Carla Lopes participa de três das cinco faixas do novo EP. Ela seria uma espécie de sexta integrante?

Júlio: Carla é minha amiga há uns 20 anos. Quando estivemos num concurso de bandas, pedi para a organização deixá-la participar de uma música com a gente. Foi um estardalhaço, pois ninguém esperava um vocal lírico numa banda de death metal. E fez um belíssimo trabalho no EP.

Como se deu a decisão de fazer um cover para o Rotting Christ, no caso, para *Among Two Storms*?

Júlio: A gente toca umas três músicas deles, todas do *A Dead Poem* (1997), coisas que nem o Rotting Christ toca mais. Queríamos algo simples e agradável de escutar e que a galera gostasse. O Rotting Christ é um divisor de águas para a banda.

Quais os planos da banda daqui para frente?

Sanzio: Acertar a questão do vocal e começar a fazer uns shows para divulgar o EP. Estou sempre compondo e tendo ideais, e as gravo no celular e no computador. Só depois que estabilizarmos, vamos pensar em lançar um álbum.

Thiago Prata

PLAYLIST ROADIE CREW Heavy Metal & Classic Rock + DEEZER

Playlist do conteúdo da edição #247 da Revista Roadie Crew.
Ele abrange bandas entrevistadas, alguns álbuns resenhados
e seções internas com os artistas comentados.
Acesse o link: http://dzr.fm/roadiecrew247 e nos acompanhe

DYINGBREED: DEATH METAL GAÚCHO TIPO EXPORTAÇÃO

Desde 2012 destilando death metal, a banda gaúcha Dyingbreed chega ao segundo álbum com a mesma gana e determinação do debut. Leonardo Schneider (vocal), Felipe Nienow e Ariel Boesing (guitarras), Fabrício Bertolozi (baixo) e Daniel Vilanova (bateria) reúnem em *Under a Black Sun* todos os elementos que fazem um álbum de death metal se destacar. Com músicas rápidas, agressivas, técnicas e, ao mesmo tempo pesadas e com aquele diferencial que somente as bandas gaúchas têm. Dentro deste contexto, nada mais justo que chamar dois grandes amigos para participarem do registro: Lohy Fabiano (vocal, Rebaelliun) e Rafael Barros (guitarra, Burn the Mankind). Fabrício Bertolozi falou sobre essa parceria e os demais assuntos que envolvem *Under a Black Sun*.

Ariel Boesing, Fabrício Bertolozi, Leonardo Schneider, Daniel Vilanova e Felipe Nienow atualmente preparam as músicas do sucessor de Under a Black Sun (2018)

O novo álbum segue a cartilha musical iniciada com o debut, mas é nítida a evolução, com músicas mais encorpadas e trabalhadas. Como foi o processo de composição deste CD? E no que a entrada do jovem baterista Daniel Vilanova influenciou no resultado final?

Fabrício Bertolozi: As composições deste álbum seguiram um fluxo bem interessante, ao mesmo tempo em que tentamos trazer algumas influências de coisas que temos escutado mais ultimamente, além das clássicas referências do estilo, tentamos não nos limitar a permanecer nesse mesmo padrão. No final, o resultado nos agradou bastante, com músicas que tentam soar diferentes entre si, mas de alguma forma possuindo uma identidade. Quanto à entrada do Daniel, ele é um músico extremamente versátil e talentoso, com ideias de arranjos criativos e que fogem um pouco da linha tradicional do metal extremo. Os blasts, os pedais duplos estão todos lá, e com muita competência por parte dele, mas o que realmente gostamos foi essa possibilidade de incorporar alguns fills, grooves, etc, com influências diversas do estilo, o que de alguma forma foi bem desafiador.

Lohy Fabiano (vocal, Rebaelliun) e Rafael Barros (guitarra, Burn the Mankind), foram os convidados especiais desta vez. De que forma eles trabalharam com vocês em *Crawling* e *To Breathe Is Your Disease*, respectivamente?

Fabrício: O convite para ambos surgiu de forma natural, já que somos fãs dos trabalhos deles em suas bandas atuais e antigas, e toda a contribuição que trouxeram para o estilo. O Lohy foi conosco no estúdio Black Stork, onde gravamos o álbum *Under a Black Sun*, onde ele compôs junto com o Leonardo (vocal) os arranjos para a música. Quanto à outra faixa, passamos a música apenas com as bases para o Rafael, para que ele tivesse total liberdade para compor um solo no trecho que havíamos reservado. Tudo ocorreu muito bem e fluiu de uma forma muito natural, de modo que esses sons ganharam um aspecto único com a participação desses grandes nomes do metal extremo.

A capa de *Under a Black Sun*, criada por Rafael Tavares (Forkill, Torture Squad), combina perfeitamente com a temática lírica. Trata-se de um álbum temático? E dentro deste contexto, há alguma conexão com a atual situação do nosso planeta atualmente?

Fabrício: Eu havia trabalhado com o Rafael quando toquei um tempo com a Horror Chamber, pois ele fez a arte do primeiro full da banda, então eu sugeri o nome dele quando estávamos cogitando o rumo que a arte do álbum poderia tomar. Nossa ideia era sintetizar uma espécie de energia que ao mesmo tempo em que controlava quem estava sob ela, de igual forma dizimava fisicamente essas pessoas, sob uma analogia de que neste sol negro, estariam elementos que incitam o lado mais hostil do ser humano contra seu semelhante, como a religião, a política, o controle pela mídia, etc. O álbum não chega a ser conceitual entre si, mas esses temas acabam por serem abordados de uma forma ou outra nas músicas. O Rafael é um fã de games em geral, e falávamos um tempo atrás sobre um game chamado Bloodborne, que tem uma temática voltada para o gênero horror com uma roupagem da época vitoriana. Nesse assunto, acabou dele sugerir e criar uma arte com um pouco dessa temática visual do jogo, mesclando com nossas ideias iniciais. Aqui o processo também fluiu de forma muito natural, gostamos muito do resultado.

Não é novidade para ninguém que o Rio Grande do Sul é pródigo em exportar bandas de death metal. Desde a década de 1980 há grandes representantes do metal extremo, e foi na segunda metade da década que houve uma grande safra de bandas. Além do Krisiun, quais bandas você acha que foram essenciais para definir o que é o death metal gaúcho?

Fabrício: Eu concordo que o Rio Grande do Sul possui muitas bandas de qualidade dentro do death metal. É muito honroso podermos tocar ao lado dessas bandas e, de certa forma, criar o nosso legado humildemente ao lado desses monstros. Creio que quando se fala de death metal dos últimos anos, não podemos deixar de citar Exterminate, Burn the Mankind, Horror Chamber, In Torment, Postmortem... Talvez por estarmos todos na mesma estrada, acaba que influenciemos uns aos outros desde as composições e até mesmo nas experiências variadas que cada músico traz consigo ao longo desses anos, o que é muito bacana.

Foram três anos desde o lançamento do debut *Worship No One* (2015) até chegarmos a *Under a Black Sun*. O que podemos esperar para o futuro do Dyingbreed?

Fabrício: Recentemente gravamos um clipe novo para divulgar *Agent of Chaos*, e a recepção têm sido excelente! Estamos em processo de composição de novos sons, mas sem pensar em como deve ou não soar o terceiro álbum como um todo. Preferimos trabalhar desta forma, com nossas raízes sempre presentes, mas sem bitolar a criatividade. Temos ainda algumas ideias sobre algumas parcerias para que as composições possuam um nível cada vez maior, investir mais em merchandising, etc. Aos poucos vai se criando forma e iremos ver onde nosso som irá nos levar.

Maicon Leite

ESCREVA PARA O "ROADIE MAIL" - ROADIE CREW - CAIXA POSTAL 43015 - CEP: 04165-970 - SÃO PAULO/SP - E-MAIL: ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM

THRASH

Salve amigos da ROADIE CREW. Como Claudio Vicentin publicou na edição de maio, estou escrevendo para falar do fantástico ano de 1989, e mesmo os anos 80 e 90, por que não? No auge dos meus 51 anos, completados em julho, tive a grande felicidade de acompanhar o 'boom' do hard rock, heavy metal e o surgimento do thrash metal. Uau, que década maravilhosa! Tornei-me um apaixonado pelo thrash metal, estilo musical que mudou, e muito, minha forma de ouvir música. Bandas como Metallica, Exodus, Slayer, Testament, Overkill e Anthrax, apenas para citar algumas, fizeram a alegria de muitos headbangers por aqui, não é mesmo? Este ano estou indo ao cruzeiro Megacruise do Megadeth e, mesmo com o problema de saúde do nosso querido Dave Mustaine, isso não apagou o brilho do que acredito será um dos melhores festivais em alto mar já realizados, pois estarão reunidas as feras do metal da década de 80. Vicentin, meus parabéns pela sua excelente matéria e quem sabe nos vemos no Megacruise. Um grande abraço a todos. Hail ROADIE CREW!

Marcio Camargo
Londrina/PR

Oi Marcio, obrigado pelo contato. Apesar de eu ter percorrido todos os estilos do metal - e ainda faço isso -, o thrash metal também foi meu carro chefe. Existiu um momento em minha adolescência que Testament, Metallica, Overkill, Death Angel, Slayer, Anthrax, Exodus, Sepultura, MX, Taurus, Korzus, Megadeth, Destruction, Kreator, Exumer e tantas outras bandas, invadiam meu aparelho de som durante um bom período do dia. Hoje em dia, logicamente que continuo dando muita atenção ao estilo e com algumas bandas mais contemporâneas, como Municipal Waste, Lamb of God, Suicidal Angels, Angelus Apatrida, Evile, Gama Bomb, entre outras. Afinal, nada como um bom riff distorcido e palhetado. Não vou estar no Megacruise, mas vai ser ótimo. Divirta-se! (Claudio Vicentin)

ALEAH STANBRIDGE

Em um momento de muita tristeza, com a perda de nosso ídolo Andre Matos, a edição 245 nos lembrou uma cantora de voz única que nos deixou há pouco mais de três anos. Aleah Stanbridge tinha uma voz linda e suave. Não é comum em nosso meio encontrarmos um talento assim e penso o quanto faz falta ouvirmos uma cantora que simplesmente sussurrava as palavras e fazia da sua música uma poesia. Apoio total ao dia do heavy metal.

Alex Silva de Barros
Duque de Caxias/RJ

Pois é, Alex, você define bem a sensação que todos temos quando diz 'num momento de muita tristeza'. Infelizmente, grandes ídolos estão partindo, e cada vez é mais difícil preencher o vazio que esta sensação nos traz. Aleah Stanbridge era dona de um talento único, e, como fã de doom metal, acompanhei com muita atenção o surgimento do Trees Of Eternity, que considerava seriamente como o próximo grande nome do estilo. É triste constatar que a dona daquela voz que encantava e fazia a diferença partiu, e, a nós, só resta ouvir a música e lembrar seu talento. Na verdade, no momento que escrevo essas linhas, acabo de receber a notícia da morte de um velho amigo, Thomas Wouters, vocalista e guitarrista da banda de death metal holandesa Bodyfarm. Aproveito o seu e-mail para prestar uma última homenagem a este grande amigo e ótimo músico: obrigado pela sua obra e pela inspiração que sempre demonstrava. Sentiremos saudade. Obrigado por escrever. (Valtemir Amler)

ANDRE MATOS

Não tem sido fácil assimilar a perda precoce de Andre Matos. Eu cresci ouvindo Angra e Shaman. Vi muitos shows do Shaman, banda sensacional e poderosa que me trouxe muitas alegrias. E Andre Matos era muito diferenciado. Aquele músico de feeling, que traz emoção e que quando você o vê no palco já fica extasiado. Sei que não vai ser fácil, mas até pela capacidade do Hugo, Luis e Ricardo, o Shaman deveria continuar com outro vocalista, mas, logicamente, de nível similar. Melhor que Andre jamais teremos, pelo menos quando falamos em Shaman. Não li a nova edição ainda, com a super-homenagem que estão prestando ao Andre, mas agradeço vocês por isso. Espero que continuem homenageando os grandes músicos do metal. Continuem sempre com esse grande trabalho que fazem. Vocês também são referência de minha adolescência e continuam sendo minha na fase adulta.

Pedro K
Itajaí/SC

Salve, Pedro! Pode ter certeza que não foi fácil para ninguém daqui da revista a perda de Andre. Todos nós, cada um à sua maneira, fomos próximos do maestro, inclusive fora do âmbito musical – ele era amigo pessoal de vários membros na nossa equipe. Eu mesmo o conhecia há mais de trinta anos, minha primeira entrevista com Andre foi logo após o lançamento do disco de estreia do Viper, *Soldiers of Sunrise*, em 1987. Por conta disso, fizemos a edição em homenagem a ele com muito carinho e de coração apertado. Esperamos que faça justiça à sua incomparável obra. Depois que conferir, escreva dizendo o que achou. Forte abraço! (Antonio Carlos Monteiro)

AGRADECENDO

Caros amigos da ROADIE CREW, gostaria de agradecer e com a mais sincera saudação parabenizar todos vocês pela excelente revista que estão produzindo! Parabéns e obrigado por vocês, com amor e honestidade ao rock e ao metal, estarem firmes na ativa e levando a filosofia rock por todo o Brasil. Meu muito obrigado! Irmãos, venho através desse e-mail sugerir uma entrevista e matéria com Jaz Coleman e Killing Joke. Esse grande artista e essa banda têm muito a dizer sobre esse mundo caótico em que vivemos! Também gostaria de sugerir que vocês tivessem uma seção na revista que contasse a história por trás do heavy metal e seus subgêneros. Por exemplo, em uma edição vocês podiam contar a história e curiosidades do black metal; em outra, falar sobre o metal industrial e afins, e assim vai... assunto não vai faltar! Poderiam até falar de livros e filmes que tivessem a ver com o universo do rock. Queridos amigos, vou ficando por aqui e torcendo sempre por vocês! Aguardo matérias com Rammstein, Tool,

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

ENVIE O "ROADIE MAIL" (ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM) COLOCANDO SEUS DADOS (NOME COMPLETO, CIDADE/ESTADO) E O SEU TOP 3. PUBLICAREMOS ALGUNS PREFERIDOS DOS LEITORES A CADA EDIÇÃO!

CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)
Suldusk - *Lunar Falls*
Metal Allegiance - *Volume II - Power Drunk Majesty*
Alcest - *Kodama*

DANIEL DUTRA (COLABORADOR)
Death Angel - *Humanicide*
Maestrick - *Espresso Della Vita: Solare*
Affront - *World in Collapse*

PAULO FRASÃO JR. (LEITOR)
Turilli/Lione Rhapsody - *Zero Gravity*
Hellish War - *Wine of Gods*
Shaman - *Ritual*

RICARDO BATALHA (EDITOR CHEFE)
Holocaust - *Elder Gods*
Scott Stapp - *The Space Between the Shadows*
Faster Pussycat - *Front Row For The Donkey Show*

RICARDO ALEX NUNES MARTINS (LEITOR)
Behemoth - *Satanica*
New Model Army - *Between Dog and Wolf*
Nervosa - *DownFall of Mankind*

CRISTIANO ALENCAR (LEITOR)
Sabaton - *The Great War*
Possessed - *Revelations of Oblivion*
Andralls - *Bleeding for Thrash*

Alice in Chains, Triptykon, Alter Bridge, Behemoth, Korn, 3Teeth e New Model Army. Irmãos, muita paz e rock'n'roll para vocês. E contem conosco para, unidos, continuarmos a levar a bandeira do rock e do metal por todo o Brasil. Obrigado, irmãos. Abraços.

Ricardo Alex Nunes Martins
Sorocaba/SP

Salve, Ricardo! Muito obrigado mesmo pelas palavras! Saiba que esse tipo de incentivo é muito importante para quem, como nós, anda na contramão da moda e da "cultura" vigente no país. Lógico que a gente adora o que faz, lógico que o apoio dos apreciadores de boa música é incondicional, mas ainda assim não é fácil falar de rock e metal no país do "funk", do pagode e do sertanejo... Valeu mesmo! Suas sugestões estão devidamente registradas. Forte abraço, escreva sempre. (Antonio Carlos Monteiro)

ROADIE CREW

Com muita emoção li sobre a história da revista, principalmente porque comecei a curtir heavy metal em meados de 2000, logo com a chegada do último verdadeiro Rock in Rio. Comecei a procurar sobre o estilo e me deparei com a revista na banca. Foi paixão à primeira vista. Naquela época, aqui em Sorriso, no interior do estado do MT (e até hoje), era (é) impossível ter acesso de qualidade a esse conteúdo. Dali em diante, já tinha a edição do mês separada na banca à minha espera e foi através de vocês que conheci praticamente tudo que ouço hoje. Época mágica sem internet, que hoje, com tanta facilidade, acabou estragando a cena. Eu corria na raça para pedir os CDs das bandas que conhecia através dos releases da revista. Meus sinceros agradecimentos e um grande abraço a toda equipe da ROADIE CREW... Long live!

Antonio Rodrigues
Sorriso/MT

Muito legal o seu relato, Antonio! Essa magia da descoberta do heavy metal que guarda na memória vai de encontro ao que aconteceu comigo, também muito antes da internet. Foi da mesma forma: lendo e correndo atrás dos CDs/LPs das bandas que eu curtia, muitos deles descobertos através de revistas, incluindo a própria ROADIE CREW, e fanzines. Você está certo quando diz que era uma época mágica. Realmente, muita coisa mudou nesse sentido, mas é gratificante saber que você continua conosco. Siga nos escrevendo. Grande abraço. (Leandro Nogueira Coppi)

MEMÓRIA

"Alice Cooper sempre foi referência. Ele e seus shows representam a liberdade, e esta é justamente a palavra que nos resume. Fazemos o que queremos no Metal, o estilo mais forte do Rock'n'roll", Oderus Urungus (David Murray Brockie), vocalista do GWAR, em entrevista publicada na ed. # 108 (janeiro, 2008).

Slipknot

O GRITO DOS EXCLUÍDOS

O GRUPO AMERICANO CONTINUA EXPANDINDO SEUS LIMITES E CHEGA, EM SEU SEXTO DISCO, EXORCIZANDO QUEM TENTA SEPARAR A "FAMÍLIA SLIPKNOT"

POR GUILHERME SPIAZZI

O lançamento do álbum *We Are Not Your Kind*, no último dia 9 de agosto, comprova que o Slipknot não é somente um caso à parte na música pesada. Ele merece ser analisado. Mesmo depois de vinte anos da estreia, com o homônimo *Slipknot*, o nônuplo americano continua tão visceral quanto no início e segue crescendo. Basta ver a conquista de novos fãs, as extensas turnês e toda a comoção gerada sempre que um novo trabalho é anunciado. Cinco anos depois de *.5: The Gray Chapter* (2014), álbum que foi decisivo para a continuação da banda, Corey Taylor (vocal), Mick Thomson e Jim Root (guitarras), Shawn "Clown" Crahan (percussão), Craig Jones (teclados e samples), Sid Wilson (DJ), Alessandro Venturella (baixo) e Jay Weinberg (bateria) soltam o sexto disco de estúdio e mostram que são capazes de experimentar com sua música sem, no entanto, comprometer o passado. Além disso, trata-se do primeiro disco sem a participação do percussionista Chris Fehn, demitido em março deste ano e substituído pelo ainda anônimo músico, carinhosamente apelidado de "Tortilla Man". Como o universo Slipknot é vasto e o seu tempo é disputado, concentramos nos fatos que cercam o novo lançamento nessa entrevista exclusiva com #08: Corey Taylor.

O Slipknot está comemorando o lançamento do seu sexto disco de estúdio e os vinte anos da sua estreia. Como anda a empolgação?

Corey Taylor: Sem medir palavras, vou dizer que é muito foda! Essa é uma das coisas que se você me falasse, mesmo há dez anos, eu teria as minhas dúvidas (risos). É uma grande conquista. Aliás, não é apenas a conquista de estarmos fazendo isso há vinte anos, mas de estarmos maiores como nunca. Isto é insano! Estou muito orgulhoso disso, dos caras da banda, do trabalho que temos feito e do fato de a nossa missão sempre ser a mesma: fazer uma música incrível para fãs incríveis e fazer os melhores shows que podemos. Além do aniversário de vinte anos de *Slipknot*, há essa antecipação para o lançamento de nosso sexto álbum. Isso é algo que ninguém pode nos tirar.

Como fica a cabeça nessas horas, considerando a antecipação com relação à *We Are Not Your Kind* e o fato de o Slipknot continuar evoluindo em um mercado como o da música pesada?

Corey: É uma coisa muito louca. É óbvio que, quando você está fazendo um disco – pelo menos para nós é assim –, começamos pensando em fazer aquilo que queremos ouvir. Se ficarmos felizes com o material, disponibilizamos para o público. Se eles curtirem da mesma forma que nós, ótimo! Uma coisa é estar empolgado com um disco e com aquilo que você buscou fazer, a outra é ver e sentir a empolgação dos fãs. É um sentimento muito bom e acredito que é por isso que sempre tentamos ir além e fazer o melhor que podemos.

O título *We Are Not Your Kind* (N.R.: 'Nós não somos do seu tipo', em tradução livre) é uma referência a quem especificamente?

Corey: Basicamente a todos que estão sob o nosso guarda chuva. Todos que já se sentiram desrespeitados, odiados, diminuídos, acabados... Quem já sofreu bullying, que são vítimas de racismo, de ódio por conta de sua religião, de sua origem, de quem ama ou da sua sexualidade... Todos sob o sol e acreditam naquilo que acreditamos. Significa, literalmente, todos nos unindo em uma só família, olhando para o resto do mundo que quer dividir, para conquistar e dizer: 'nós não somos parte do seu tipo, somos uma família e você não irá nos separar'. Para nós, não importa de onde você vem, a quem ama ou quem é. Esta é uma forma de nos tornarmos uma família, ao invés de sermos um bando de pessoas se olhando com raiva.

Analisando mais a fundo *We Are Not Your Kind*, penso que ele traz uma sonoridade forte e tenebrosa, que parece trazer influências do início dos anos 2000, época em que a banda apresentava uma energia bastante visceral. Você concorda com esta percepção?

Corey: Concordo, sim! Este disco nos permitiu, além de compor coisas muito pesadas, expandir e explorar alguns elementos que talvez tenham aparecido no passado. Desta vez, pudemos transformá-los em música. Por exemplo, *Spiders* é uma faixa de sensação tenebrosa que traz elementos utilizados por nós no passado, mas que nunca pudemos explorá-los da maneira correta. Poder pegar algo assim e transformá-lo em uma música é algo especial. Pegue *Solway Firth*, está é uma música que, para mim, tem um peso no nível de *Iowa* (2001), mas somado a uma 'marreta de emoções'. Nós pudemos trabalhar com várias coisas diferentes e fazer um disco que é incrivelmente diversificado e, ao mesmo tempo, sonoramente palatável para aqueles que nos acompanham há vinte anos.

WE ARE NOT YOUR KIND
WARNER · NAC.

Ainda assim, não temos como negar que há uma lacuna de cinco anos separando *We Are Not Your Kind* de *.5: The Gray Chapter* (2014), um trabalho que, de certa forma, foi determinante para a continuidade do Slipknot. Passada aquela fase conturbada, como foi elaborar um álbum que é, ao mesmo tempo, diversificado e conciso?

Corey: Bem, é óbvio que *.5: The Grey Chapter* era um disco necessário, porque precisávamos ver o que podíamos fazer juntos considerando as circunstâncias da época (N.R.: Corey se refere ao falecimento do baixista Paul Grey, em 2010). Ao mesmo tempo, foi uma forma de mostrarmos o nosso amor e respeito por Grey. Uma montanha de sentimentos surgiu com a sua perda e até hoje, cinco anos depois, ainda é difícil lidar com isso. Ocupar o seu espaço era desafiador, mas precisávamos ver para onde iríamos. A diferença entre aquela circunstância e a de hoje é que foi estabelecido que podemos e queremos fazer isso. Queríamos ver o que aconteceria naturalmente, organicamente... Foi quando Root e Clown se apresentaram. Eles realmente assumiram a liderança e compuseram músicas incríveis, que foram enviadas para que eu fizesse as letras. Quando escutei aquilo, fiquei impressionado com a diversidade do som. Não havia duas músicas iguais! Isso também fez com eu que conseguisse soltar muita 'merda' que estava segurando comigo.

Falando em inspiração, parece que realmente tinha coisas dentro de você que precisavam ser expurgadas. O quanto essas experiências pessoais dos últimos anos influenciaram nas letras de *We Are Not Your Kind*?

Corey: As letras definitivamente vieram de um lugar bastante sombrio. Eu lidei com muita coisa por um bom tempo e cheguei a uma situação bastante ruim da minha vida. Parecia que eu não podia fazer nada, e seguir em frente foi muito difícil. Escrever as letras e contar a jornada que precisei encarar para, basicamente, me salvar foi muito difícil. Colocar tudo isso ali foi difícil, mas quanto mais eu fazia, mais percebia que estava fazendo algo certo. Estava fazendo algo que as pessoas precisavam ouvir. Talvez esta seja uma das razões do motivo pelo qual este disco passa essa sensação mais, digamos, 'old school'... É porque ele vem desse lugar extremamente

sombrio. Eu não segurei nada e mergulhei de cabeça com tudo da forma que não fazia há muito tempo. É por isso que a música deste disco parece tão viva.

Bem, infelizmente a produção da banda avisou que precisamos encerrar a entrevista, mas, antes de ir, deixe um recado para os fãs brasileiros.

Corey: Mal posso esperar para ver todo mundo. Estamos muito empolgados. A América do Sul sempre foi um dos nossos continentes preferidos e, obviamente, o Brasil é um dos nossos países preferidos. Obrigado a todos.

TRANSCEDENDO BARREIRAS

Hoje é fácil perceber que o Slipknot atingiu o topo, mas nem sempre foi assim... Bem, na verdade, foi! Logo após o lançamento de *Slipknot*, há exatos vinte anos, o grupo estava nos palcos de grandes festivais e, consequentemente, começou a colecionar os discos de platina, os prêmios e também a angariar fãs. Obviamente, houve crescimento de popularidade no decorrer dos álbuns lançados, mas, definitivamente, estamos falando de uma banda de som pesado que, desde o início, mostrou-se promissora. Logo, olhando em retrospecto, o fato de eles terem alcançado o mainstream na música em pouco tempo não foi por acaso.

O lançamento de *Slipknot* veio no momento certo para um mercado musical que respirava algo diferente dos dias de hoje. Logo, para entender o Slipknot, se faz necessário enxergar o que estava acontecendo na música americana da década de 1990.

O cenário antes da virada do século testemunhava a forte ascensão de grupos de metal alternativo, cujo protagonismo foi assumido pelo Korn a partir de 1994. A sonoridade destoante para os padrões do rock/metal da época tratou de impulsionar o grupo que, em 1999, já havia lançado quatro álbuns e vendido, somente nos EUA, um total de cerca de 10 milhões de cópias, de acordo com dados fornecidos pela RIAA (Recording Industry Association of America). Na mesma época, o Limp Bizkit também se posicionava no topo, vendendo 6 milhões de cópias de seus dois discos. O grande volume de vendas e exposição midiática dos grupos, juntos ao apoio de festivais como Ozzfest, tratou de pavimentar o caminho para que o 'nu metal' se fortalecesse naquele país e logo se espalhasse pelo mundo.

Prova do espantoso crescimento do estilo nos EUA foi o surgimento de muitos grupos diretamente se dedicando ao novo subgênero do metal ou, de alguma forma, sendo enquadrados nele por conta da sonoridade. Coal Chamber, Deftones, Dope, Incubus, Mushroomhead, Orgy, P.O.D, Sevendust, Snot e Static-X são exemplos de bandas que, até 1999, já haviam lançado pelo menos um álbum trazendo elementos do estilo. Até mesmo o rapper Vanilla Ice, famoso pelo hit *Ice Ice Baby* de 1990, entrou na onda com o disco *Hard to Swallow* (1998). Quem também estreou em 1998 foi o Soulfly, de Max Cavalera, com o disco homônimo, trazendo a participação de Fred Durst e DJ Lethal, ambos do Limp Bizkit, na amplamente divulgada faixa *Bleed*. Seguindo a tendência, o Machine Head soltou *The Burning Red* em 1999, comprovando que aquele era o novo sabor do momento.

O cenário, que estava aquecido, atingiria temperatura extrema em 29 de junho de 1999 com a estreia do Slipknot pela gravadora Roadrunner. Produzido por Ross Robinson (Korn, Deftones, Machine Head, Sepultura, Soulfly), o disco caiu no mercado como uma bomba. A identidade visual do grupo, somado ao assalto sonoro, logo chamaram atenção da crítica e do público, fazendo com que o álbum vendesse mais de 20 mil cópias na primeira semana, somente nos EUA. Em setembro daquele ano, o grupo conquistou o Disco de Ouro no Canadá, tornando-se a estreia mais bem sucedida na história da gravadora Roadrunner até então.

Para chegar a essa conquista foram elaboradas estratégias tanto para a para divulgação do lançamento, como para a apresentação que o Slipknot faria no festival Ozzfest de 1999, antes mesmo do lançamento oficial. A ideia envolveu a contratação da empresa de publicidade StreetWise Concepts & Culture para a distribuição de 50 mil fitas cassete contendo as faixas *Spit it Out* e *Surfacing*. Além disso, foi formado um 'street team' (N.R.: grupo de fãs que realizam missões para promover a banda em troca de recompensas) para a promoção do grupo e apoio durante os shows no festival.

O Slipknot soube capitalizar a sua imagem e popularidade, excursionando pelo mundo e tocando em grandes festivais. A grande disposição para fazer turnês seria um de seus diferenciais no decorrer dos anos.

A MÚSICA SOBRE O FUTURO

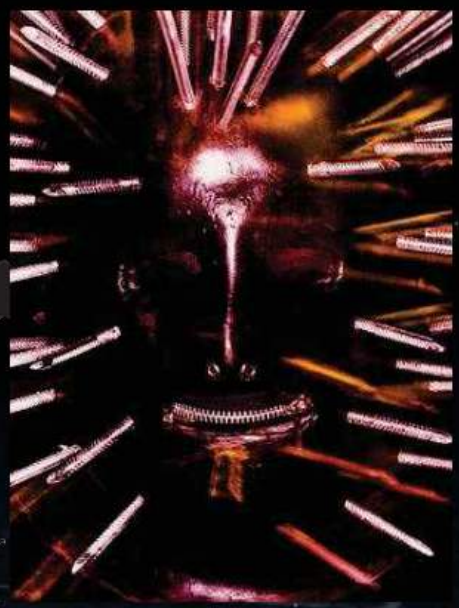
Apesar de ter sido rotulado por muito tempo como uma banda de nu metal, a verdade é que o Slipknot sempre trabalhou a sua música com muita personalidade. O posicionamento fez com que fosse capaz de criar uma identidade musical própria e assim se distanciar de rótulos. Talvez, a maior dificuldade para alguns ainda seja compreender como uma banda pode trazer tantos elementos distintos em diferentes álbuns, sem perder a sua identidade musical. Ao ouvir a sua discografia é possível encontrar o rap/hip-hop em *Spit it Out* (*Slipknot*), linhas melódicas de voz como em *Duality (Vol. 3: (The Subliminal Verses)*, passagens de guitarra e bateria que poderiam estar num disco do Morbid Angel, vide a faixa *Gematria (The Killing Name)* (*All Hope Is Gone*, 2008) ou a ótima e sombria experimentação de *Spiders* (*We Are Not Your Kind*). Isso apenas para uma breve exemplificação.

Em entrevista para o canal Aggressive Tendencies em 2016, o vocalista Corey Taylor foi certeiro ao afirmar: "Com relação a rotular o Slipknot como uma banda de nu metal, eu acho que isso aconteceu pela época em que fomos lançados e o fato de, no passado, nós usarmos elementos do hip-hop e tal. A música é sobre o futuro e não sobre o que você fez. É sobre aquilo que você fará. Para ser honesto, acho que temos o nosso próprio gênero. Há todos esses gêneros diferentes e existe o Slipknot. Quando você ouve, imediatamente percebe que se trata de nós."

Considerando a declaração de Taylor, como exatamente poderiam ser rotulados o Sepultura, Pantera, Megadeth ou Slayer, senão bandas de identidade extremamente bem definida? Claro que cada um traz mais ou menos elementos de um ou outro subgênero do metal, mas todas se distinguem entre si. Basta apertar o play. Além disso, todos os citados, exceto pelo Pantera, são exemplos de longevidade na cena metal, independentemente da vertente que esteja em alta.

Este transcender do estilo vem da capacidade do grupo de expandir os seus limites ao agregar diferentes elementos, dando maior ou menor ênfase para aquilo que melhor se encaixa na sua personalidade. Com o Slipknot não foi diferente. Conforme a banda foi maturando, o mercado também experimentou mudanças. Por volta de 2004, o nu metal, enquanto subgênero, começou a demonstrar sinais de cansaço e seguiu perdendo força e relevância comercial. Porém, na contramão do mercado, o Slipknot lançou *Vol. 3: (The Subliminal Verses)* no mesmo ano, garantindo um Disco de Ouro ao comercializar 500 mil cópias nos primeiros três meses. No ano seguinte, a banda seria agraciada com um prêmio Grammy na categoria Melhor Performance Metal pela música *Before I Forget* e seguiria crescendo.

Apesar de ter recebido apenas um Grammy, o Slipknot já foi oficialmente indicado dez vezes para a honraria ao longo da sua carreira. Ao total, a banda coleciona mais de 25 diferentes prêmios, além dos vários Discos de Ouro e Platina pelos álbuns



físicos e digitais vendidos pelo mundo. O segredo de tanto sucesso? Uma grande e fiel base de fãs, talento das composições, apresentações viscerais, publicidade de choque e apelo midiático, garantindo penetração tanto na mídia especializada, quanto chamando a atenção da grande mídia. Tudo isso complementado pela criação de uma forte identidade visual e personalidade que os tornaram únicos.

PRÉ-1999: COLOCANDO AS MÁSCARAS

Quem diria que um jogo de RPG poderia influenciar toda uma carreira? Pois é, o gosto por "Werewolf: The Apocalypse" tratou de levar a amizade dos adolescentes Shawn Crahan e Anders Colsefni, atraídos pela ideia de interpretação de papeis, para outro nível. No final de 1994, cansados de passar por formações sem ambição na cidade de Des Moines, capital do estado de Iowa, decidiram formar um novo grupo, chamando amigos da cena local.

Batizado de Meld, o grupo estreou ao vivo em 4 de dezembro de 1995, quando tocou seis sons autorais: *Slipknot*, *Tattered and Torn*, *Rights and Rage*, *Some Feel*, *Only One* e *Part of Me*. Apesar da boa impressão deixada, o guitarrista Josh Brainard pressionou para a troca de nome, já que Meld era referência a uma sequência de cartas em um jogo de baralho – seria como chamar a banda de Trinca, em português. Assim, aproveitando o show que haviam feito, optaram pela faixa de abertura para batizar a banda. Provavelmente, esta foi a primeira decisão controversa, uma vez que ela viria a ser criticada pelo nome, já que uma das referência é o nó que forma uma forca.

No início de 1996, já alinhado para lançar *Mate. Feed. Kill. Repeat.*, Crahan encontrou uma velha máscara de palhaço da sua infância e resolveu usá-la em um ensaio. Ao vesti-la, Crahan encarnou o seu personagem Clown pela primeira vez. Conta a história que ele teve uma performance muito superior, como se fosse outra pessoa tocando.

Em 4 de abril de 1996, a apresentação, ao lado do Stone Sour, marcou a primeira vez que Crahan usou uma máscara no palco e um macacão de soldador, enquanto Colsefni cantou sem camiseta e com fita elétrica enrolada pelo torso e rosto. Jordison considerou destoante ter apenas dois integrantes fantasiados, enquanto os demais usavam roupas normais em cima do palco. Assim, por decisão unânime, resolveram que todos usariam máscaras, contanto que ela correspondesse, de alguma forma, com a respectiva personalidade do músico.

Além da ideia de transmutação, a banda defendia que o seu uso no palco contribuía para que a atenção fosse dedicada à música e não aos músicos em si, uma vez que eles não buscavam pela fama individual. Porém, entendia-se o potencial do visual em cima do palco, somado a uma performance energética. Desta forma, ali começava a surgir os ícones de toda uma geração.

Mesmo tendo uma apresentação sólida, publicidade local e música tocada em rádios locais, os integrantes perceberam que era preciso outro movimento. Entenderam que, além das máscaras, era preciso combinar as roupas no palco e optaram por usar macacões. Apesar de simples, a ideia fez com que o visual passasse a imagem de um time unido e focado. Além disso, cientes de que qualquer gravadora os trataria com um produto que precisava ser vendido, eles mesmos decidiram se tornar "um produto" antes do envolvimento de qualquer gravadora.

Com as máscaras bem definidas e as roupas alinhadas, o próximo passo foi eliminar os nomes e assumir apenas números: #0 Wilson, #1 Jorison, #2 Gray, #3 Welts, #4 Brainard, #5 Jone, #6 Crahan, #7 Thompson, e #8 Taylor. Para completar a ideia de produto, um código de barras, com a numeração correspondente ao código de barras de *MFKR*, foi impresso nas roupas. Este esforço e investimento na imagem tinham como objetivo tornar o Slipknot algo homogêneo, fazendo com que a identidade de um integrante não suplantasse a de outro. Outra questão considerada foi o fato de que isso também poderia ser usado para a promoção. Assim, as máscaras e roupas viraram a sua marca registrada.

Com tudo alinhado, em meados de junho de 1998 o Slipknot finalmente recebeu uma oferta da gravadora Roadrunner e partiu para as gravações da grande estreia, com *Slipknot*, lançado há exatos vinte anos.

Craig Jones, Shawn "Clown" Crahan, Alessandro Venturella, Mick Thomson, Corey Taylor, Jim Root, Sid Wilson, Tortilla Man e Jay Weinberg: em permanente ascensão

Para nós, não importa de onde você vem, a quem ama ou quem é. Esta é uma forma de nos tornarmos uma família, ao invés de sermos um bando de pessoas se olhando com raiva.

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

HELLOWEEN
UNITED ALIVE

CD TRIPLO
DVD TRIPLO

Em 14 meses, a PUMPKINS UNITED fez 69 shows - incluindo 14 shows nos maiores festivais e como headliner – tocando para mais de um milhão de pessoas em 32 países e em três continentes. Esse tão esperado retorno recebeu calorosas recepções. Depois de shows nos EUA e shows adicionais na América Latina, a turnê terminou em dezembro de 2018 com um final altamente emocional em Hamburgo, onde tudo começou em 1984. O sonho continua com o lançamento de "United Alive" e "United Alive In Madrid" Uma experiência audiovisual de extrema qualidade!

Versão SIMPLES e DUPLA

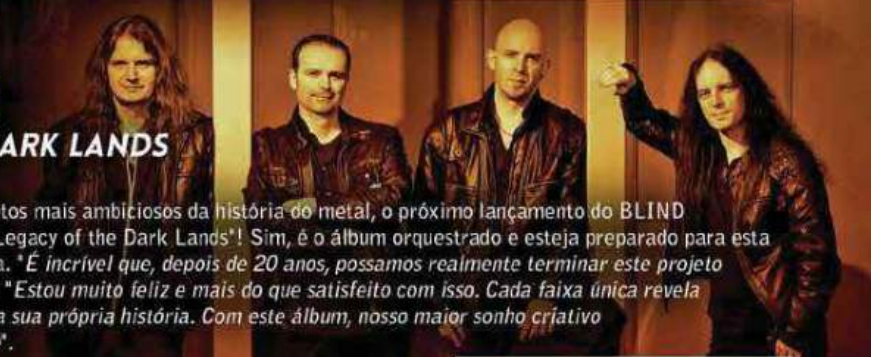
OPETH
IN CAUDA VENENUM

Poucos discos na obra dos suecos são tão envolventes, delicados, panorâmicos, intensos e musicais quanto o décimo terceiro CD do OPETH. Uma capa inteligente de Travis Smith - repleta de piadas internas e uma homenagem ao KING DIAMOND - uma produção magistral do Park Studios (The Hellacopters, Graveyard), a musicalidade de cinco estrelas, engenhoso na sua capacidade de encantar com melodias acentuadas e melancólicas. Realmente, é apenas OPETH sendo OPETH.

ALCEST
SPIRITUAL INSTINCT

Após um longo e intenso período de trabalho no Drudenhaus Studio, a ALCEST pode finalmente anunciar que terminou as gravações do seu sexto álbum de estúdio. O primeiro CD via Nuclear Blast intitulado "Spiritual Instinct". Levando a banda a paisagens sonoras mais sombrias, porém ainda sonhadoras e espiritualmente profundas. Os pioneiros do Blackgaze!

BLIND GUARDIAN
LEGACY OF THE DARK LANDS



Prometendo ser um dos projetos mais ambiciosos da história do metal, o próximo lançamento do BLIND GUARDIAN valerá a pena. "Legacy of the Dark Lands"! Sim, é o álbum orquestrado e esteja preparado para esta experiência única em sua vida. "*É incrível que, depois de 20 anos, possamos realmente terminar este projeto emocionante*", afirma Kürsch. "*Estou muito feliz e mais do que satisfeito com isso. Cada faixa única revela mundos espetaculares e conta sua própria história. Com este álbum, nosso maior sonho criativo finalmente se torna realidade*".

KADAVAR
FOR THE DEAD TRAVEL FAST

Apropriadamente intitulado "For The Dead Travel Fast", em homenagem ao poeta gótico alemão Gottfried August Bürger, o quinto disco é uma perigosa jornada para a terra dos mortos, uma incursão nos cantos mais sombrios de nossas mentes. Cuidado, este é o KADAVAR que ficou negro como breu! "*Trilhas sonoras de terror antigas e 'Drácula' de Werner Herzog tiveram um grande impacto neste álbum*", afirma o maníaco Tiger. Pense no HAWKWIND com as velhas melodias do PINK FLOYD, misteriosamente cantadas para você do tumulo pelo guitarrista / vocalista Lupus.

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

No final da primeira década deste século, o Epica era um grupo muito diferente daquele que, em 2002, ainda sob o nome Sahara Dust, tinha iniciado sua jornada. Os nossos entrevistados, a vocalista Simone Simons e o guitarrista Mark Jansen, já eram vistos como uma das duplas mais eficientes do cenário, e Jansen já deixara muito para trás a sombra do After Forever. Mais que isso, o Epica havia se tornado uma sensação mundial com o álbum anterior, *The Divine Conspiracy*, de 2007. Superar tudo isso não era tarefa fácil, mas a observação de uma ideia da física quântica forneceu o ponto de partida da nova obra: em um nível subatômico, todos nós estamos conectados. Podemos manipular a matéria com o nosso pensamento. A temática do álbum era forte, a premissa era válida, e, até por isso, *Design Your Universe* já tinha certa vantagem na corrida pelo gosto dos fãs. Porém, nada disso funcionaria sem a parte principal: a música. Com um novo time trabalhando – o baterista Ariën van Weesenbeek gravava o seu primeiro álbum com o Epica, e o guitarrista Isaac Delahaye chegaria a tempo para a turnê –, os holandeses superaram as expectativas. Assim, hoje revisitam o álbum, seja com o seu relançamento especial ou com a turnê "Design Your Universe – 10th Anniversary Tour", que passará pelo Brasil em outubro. A seguir, Simone e Mark mergulham no passado e compartilham algumas lembranças de um dos seus maiores sucessos.

O bom desempenho de *The Divine Conspiracy* e as mudanças na formação exerceram algum tipo de pressão sobre vocês no processo de composição para *Design Your Universe*?

Simone Simons: Apenas no sentido de que nós sempre queremos atingir um resultado mais alto, queremos criar algo melhor. Quando eu olho para *Design Your Universe*, penso em um dos meus álbuns favoritos, pois o considero muito melhor que *The Divine Conspiracy* (2007) ou *Consign To Oblivion* (2005). Acho melhor até do que *The Phantom Agony* (2003), pois ainda curto ouvi-lo inteiro, enquanto os demais eu gosto apenas de algumas músicas.

Mark Jansen: Não muito, por conta do nosso método de trabalho. Nós sempre começamos a trabalhar de maneira bem tranquila, apenas seguindo a onda, fazendo aquilo que parece legal de fazer. Pessoalmente, eu diria que não senti nenhuma pressão extra neste álbum em especial. Na verdade, eu apenas me senti pressionado na época do nosso primeiro álbum.

Por que, Mark?

Mark: Naquela época eu sentia que tinha que provar alguma coisa. Até diante dos meus próprios olhos, por conta de tudo que aconteceu com o After Forever, eu tinha que provar que conseguiria fazer algo por minha própria conta. Depois disso, as coisas funcionaram e nunca mais me senti pressionado na hora de compor para o Epica.

Engraçado dizer isso, pois geralmente as bandas têm todo o tempo do mundo para lançar o primeiro álbum, depois é que começa a pressão, os prazos, a expectativa dos fãs...

Mark: Sim, é verdade (risos). Mas comigo foi diferente, pois eu estava realmente irritado com o After Forever. Estava bem nervoso. É como você disse, no começo ninguém conhece a banda e espera nada dela, você pode levar a vida inteira para lançar o primeiro álbum. Mas eu não podia, pois tinha colocado como meta lançar o primeiro álbum do Epica antes do After Forever lançar o seu novo disco. Eu tinha que fazer isso, extravasar todos aqueles sentimentos negativos que eu tinha naquela época, por conta da minha saída do After Forever. No fim, acabou sendo possível usar toda aquela energia negativa para criar algo positivo e belo.

Você ainda sente algo daquela emoção quando pensa em *The Phantom Agony* (álbum de estreia do Epica, de 2003)?

Mark: Não, hoje felizmente já está tudo superado, só guardo lembranças boas do meu tempo no After Forever. Nós resolvemos todas as rusgas que havia entre nós, e, feito isso, eu coloquei para trás todas as más lembranças. O que é ótimo, pois posso curtir o nosso primeiro álbum sem ficar puto como estava na época (risos).

DESIGN YOUR UNIVERSE - GOD EDITION
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC

Fico feliz em saber disso. Voltando para o álbum aniversariante, é possível sentir que o Epica forçou um pouco os seus próprios limites naquilo que se refere ao equilíbrio entre as partes pesadas e sinfônicas da música. Em *Design Your Universe*, o Epica parece soar mais pesado do que antes.

Mark: Eu concordo. Na verdade, eu acho que quando Ariën se juntou a nós, e logo depois também Isaac, eles trouxeram certa influência extra de death metal para o Epica. É engraçado que, quando penso em Isaac, mesmo que tenha entrado na banda quando as músicas já estavam basicamente compostas, ele levou-as para outro nível com a sua forma de tocar guitarra, e aquelas músicas soavam ainda mais pesadas do que foram inicialmente planejadas.

Simone: Sim, eu também acho. Foi uma coisa muito importante naquele momento, essa mudança na formação. Na verdade, no final do ciclo de *The Divine Conspiracy* e também no início de *Design Your Universe*, nós sentimos que algo estava errado com Ad Sluijter (guitarrista), pois ele estava cada vez mais silencioso e recluso. Antes de encerrarmos o processo, ele saiu da banda, e foi então que chegou o Isaac, que tinha tocado com Ariën no God Dethroned. Essa nova química forçou um novo entrosamento da banda, um recomeço. E nós recomeçamos nossa jornada com o pé no acelerador (risos).

Simone, no início você falou que *Design Your Universe* é um dos seus álbuns favoritos do Epica. O que lhe causa essa boa sensação?

Simone: Penso que tem muito a ver com a maneira como a minha voz soa naquele álbum, pois acho que ela soa melhor do que nos três anteriores. Claro que isso muda a cada álbum, nós tentamos sempre evoluir, e sinto que realmente conseguimos uma evolução incrível em *Design Your Universe*. Lembro de me sentar no estúdio com Sascha (Paeth, produtor), Amanda (Somerville, vocais de apoio e corais) e Mark quando estávamos trabalhando na música *Unleashed*. Estávamos discutindo se devíamos manter esse nome ou usar outro, e lembro que fui bem autoritária (risos). Eu fiquei firme e decidi que seria esse o nome. Era como me sentia naquele disco, então era o nome certo (risos).

E também é o nome de uma ótima banda sueca.

Simone: É, de death metal, mais uma referência (risos). Esta conversa está ficando com a cara de você e do Mark (risos).

Mark: Ora, mas é claro (risos gerais)! 'Uh' (N.R: ele imita o urro característico de Johnny Hedlund, e o riff principal da

clássica *The Immortals*, do Unleashed).

Bem, Simone, o que você fez para alcançar aquele que foi até então o seu auge em *Design Your Universe*?

Simone: Nossa, eu não lembro direito... Mas acho que naquela época eu ainda estava tomando lições de canto. Ah, e, claro, toda a rotina de uma banda, as gravações, os ensaios, as turnês, os shows, tudo isso vai treinando você, vai lhe deixando mais firme, confiante e melhor naquilo que faz. Não creio que eu tenha feito muito além disso, foi mais como um aprimoramento natural.

Eu também me lembro de você gravando o álbum com o rosto mais vermelho do que o usual...

Simone: Ah, sacanagem (muitos risos). Eu sempre fico resfriada no inverno, e foi justamente na época do inverno que fomos gravar algumas músicas. Eu lembro bem de *Tides of Time*. Estava doente quando gravei aqueles vocais, mas você quase nem ouve isso no álbum (risos). Foi uma espécie de conquista pessoal, pois quando gravamos precisamos seguir um cronograma apertado. Não existe muito tempo para atraso e, então, ter conseguido trabalhar em um bom nível mesmo doente foi uma grande conquista.

Foi mesmo, inclusive acho que foi uma de suas melhores performances. Quer dizer, é uma música bastante emotiva, que demanda uma vibração bem específica.

Mark: Também acho que é uma das melhores performances da Simone. Na verdade, é incrível, toda vez que ela canta essa música eu ainda me emociono, como no dia que foi gravada.

Simone: Muito obrigada, que bom que sentem isso. Bem, também é uma das minhas favoritas. E vamos tocar em São Paulo, hein? (risos).

Olha só, que ótimo gancho para prosseguirmos (risos). Em outubro, o Epica traz a "Design Your Universe – 10th Anniversary Tour" para o Brasil. Pelo que ouvi, o plano é tocar o álbum na íntegra...

Simone: Bem, não acredito que tocaremos o álbum realmente inteiro nesta turnê, mas a maior parte dele. Você sabe, ele tem mais de uma hora de duração, e, se o tocarmos na íntegra, teríamos que deixar muito do nosso material de fora.

Mark: Exatamente. Nós não temos muitas músicas curtas (risos). Então, o tempo é algo que realmente precisamos levar em consideração na hora de montar o repertório para uma apresentação. Existem muitas músicas de outros álbuns que não podemos deixar de tocar, e não privaremos os nossos fãs delas, não se preocupem quanto a isso. Mas tenham certeza de que será um show focado no repertório de *Design Your Universe*. Então, estejam preparados.

O que os fãs podem esperar dessa apresentação especial?

Mark: Primeiramente, não é o tipo de situação que acontece todo dia. Na verdade, nós nunca antes fizemos uma turnê assim, essa é uma celebração especial, então tudo está sendo programado para ser especial.

Simone: Além disso, este é um dos álbuns favoritos dos fãs, e também um dos nossos favoritos. É algo realmente importante, e acho que essa conexão com os fãs evidencia ainda mais o sentimento especial que este show traz. Este foco em um álbum específico acaba tornando o show em algo mais íntimo, por assim dizer.

Sim, eu concordo. Lembro que na época do lançamento do álbum eu estava em um show na Holanda, onde tocaram este álbum na íntegra. Foi uma ótima sensação.

Mark: Nossa, e eu nem me lembrava disso, mas realmente fizemos alguns shows na Europa na época tocando o álbum... Que memória! (risos).

Imagino que desta vez o clima será ainda melhor, já que na época era um novo álbum quase desconhecido, e agora estamos falando de um clássico...

Simone: É verdade. Engraçado, mas enquanto conversamos, vou ficando ainda mais ansiosa por estes shows (risos). No fundo, é uma situação realmente especial, aquele foi um ótimo momento da nossa carreira, o álbum foi muito bem e as pessoas curtiram muito... Estes shows serão ainda melhores do que aquele que você viu, pois hoje estamos juntos há mais tempo e mais bem entrosados. E, claro, existirá a vibração dos fãs, que sempre é algo que nos encanta no Brasil.

Mark: Sim, e não pensem que são apenas palavras, o Brasil é um dos territórios mais importantes para nós. Sempre levaremos o Epica até o Brasil, podem ter certeza disso.

Bem, além dos shows, *Design Your Universe* será relançado em uma edição especial, com um disco bônus com suas canções em versões acústicas.

Simone: Sim, isso é parte da 'celebração', é algo especial que queríamos fazer para os fãs. Amamos este álbum, amamos estas músicas, então achamos que se o álbum seria relançado, ele merecia algum conteúdo extra. Esta foi uma maneira que achamos muito digna de reapresentar aos fãs estas músicas que eles já conhecem tão bem.

E quanto aos shows? Não seria interessante registrar esta turnê para um futuro DVD?

Mark: É uma ideia... Quem sabe? Confesso que gosto de pensar nisso, mas ainda é muito cedo para dizer. Ainda nem começamos. Mas o certo é que logo estaremos com vocês mais uma vez, então, espero vê-los em outubro!

QUANDO EU OLHO PARA *DESIGN YOUR UNIVERSE*, PENSO EM UM DOS MEUS ÁLBUNS FAVORITOS

SIMONE SIMONS

ROADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Atualmente um dos maiores veículos de divulgação especializada em música pesada. A Roadie Metal atua em vários campos, sendo o primeiro programa de rádio via streaming pelo Facebook e YouTube no Brasil. Atuamos também como assessoria de imprensa de várias bandas brasileiras e recentemente a empresa se transformou em um selo digital com distribuição mundial de artistas do nosso cast em todas as plataformas de Streaming do mundo.

(Velho Buffalo Ruffus – Stoner Metal – São Paulo)

Essa é uma banda que pega pesado em seus riffs e letras que, de forma crítica, expõem os problemas do cotidiano do brasileiro. O grupo possui um EP lançado e que carrega o nome de "Terror". O registro possui 05 faixas e você pode conferir em todas as plataformas digitais. Dê um busca e confira:

Velho Buffalo Reffus é formado por: Saulo Jorge – Vocal/Guitarra - Marcelo Rodriguez – Vocal/Guitarra - Rafael Tacci – Baixo

Facebook: https://www.facebook.com/Buffalo-Ruffus/

Facebook: facebook.com/thegardband/

(Corram Para as Colinas – Stoner Metal – Curitiba/PA)

Um dos power-trios mais poderosos de Curitiba. O Corram Para as Colinas é forte e intenso, em seu trabalho de estreia "Desalmado da Boquera ao Largo), os caras mostraram que vieram para ficar. Atualmente a banda está em fase final de produção de seu novo disco que será lançado muito em breve. A obra da banda pode ser facilmente encontrada em todas as plataformas de Streaming.

Formação: Gustavo Slomp – vocal, baixo - Marcio D'avila – vocal, guitarra - André Wlodarczyk – bateria

Facebook: https://www.facebook.com/corramparaascolinas/

(Necrowar – War Metal – Itaboraí/RJ)

Pesado e agressivo, o som do Necrowar é uma junção do melhor do Thrash Metal com o Death Metal, em letras que falam sobre as atrocidades que uma guerra causa sobre a sociedade. O grupo possui três EPs lançados em todas as plataformas digitais e muito em breve, estará liberando seu primeiro full para os fãs.

Formação: Emerson Santos – Vocal/Baixo - Gilliardy Souza – Guitarra/Vocal - Ewerton Silva – Guitarra - Danilo Amorin – Bateria

Facebook: https://www.facebook.com/oficialnecrowar/

(Seventh Sign From Heaven – Heavy Metal – Picos/PI)

Uma das grandes forças do Heavy Metal nordestino, apresenta a capa de seu novo álbum de estúdio. "The Woman and the Dragon" será oficialmente lançado entre os meses de setembro/outubro e, conta com a produção de "Thiago Bianchi". Esse tem tudo para ser um dos melhores álbuns do estilo lançados em 2019. Fique ligado!

Formação: Mark Neiva: Vocal/Guitarra - Álvaro Mkbrian: Guitarra - Filim Nascimento: Bateria - Zinha Soares: Baixo

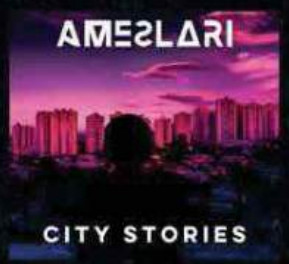
Facebook: https://www.facebook.com/seventhsignfromheave/

(TS5 – Rock and Roll – Itirapina/SP)

Rock and roll vibrante e cantado em português, a TS5 resgata toda a essência do estilo que foi dominante no Brasil entre os anos 80 e 90. O grupo do interior de São Paulo, possui dois álbuns disponibilizados em todas as plataformas digitais. Dê uma busca e confira o trabalho dessa banda, que é, uma das melhores revelações do estilo no país.

Formação:Douglas Rafael – Vocal - João Luiz de Oliveira – Guitarra - Thiago Souza – Guitarra - Thiago Melli – Baixo - Luiz Flávio Rotta – Bateria

Facebook: https://www.facebook.com/ts5rock/



(Ameslari – Rock Alternativo – Ribeirão Preto/SP)

Ameslari é um dos artistas mais talentosos que surgiu no mundo da música recentemente. Com uma obra emotiva, bem desenvolvida e de grande impacto, é uma excelente pedida para você que busca novos sons e propostas diferenciadas. Em breve novo álbum "City Stories" será oficialmente lançado em todas as plataformas digitais, porém, o primeiro EP já se encontra lá para sua audição.

Facebook: https://www.facebook.com/ameslarimusic/

(Infector Cell – Thrash Metal – Cotia/SP)

Nome forte do Thrash Metal em São Paulo, o Infector Cell, está sempre se apresentando em eventos do Undergrsound brasileiro. No decorrer dos próximos dias, o novo EP "Welcome To Brutal Reality" será oficialmente lançado em todas as plataformas digitais. Letras cantadas em português e muito peso, são as certezas de mosh e pescoços quebrados em cada apresentação desses caras.

Formação: Allan Pereira – Vocal - Fagner Oliveira – Guitarra - Giovanni Tolosa– Baixo - Fernando Santos – Bateria

Facebook: https://www.facebook.com/infector.IC

(DFront SA – Metal HC – Resende/RJ)

Essa é uma banda que não se cansa em produzir conteúdo, os caras lançaram em 2019 um EP ao vivo e, estão próximos de liberarem mais um EP intitulado de "Inflamado". Para 2020 um novo full também está na agulha. Pesados e agressivos, o som do DFront SA é uma verdadeira porrada no meio da cara. Confira todas as obras lançadas até o momento, nas principais plataformas de Streaming.

DFront SA é formado por: Silvio Guerra: Vocal - Nathan Klak: Guitarra - Magno Antônio: Bateria - Glauco Magalhães: Baixo

Facebook: https://www.facebook.com/D-FRONTSA/

(Veio Rock – Rock and Roll – Manoel Ribas/PR)

O projeto encabeçado pelo músico Vagner Luiz, vai se destacando no país por sua mescla de Rock and Roll, Blues e Country. O artista conhecido como Veio Rock, possui um EP com seus dois primeiros singles lançados em todas as plataformas de Streaming. Atualmente está sendo preparado um novo lançamento e muito em breve estará ao alcance dos fãs. Diferenciado, talentosos e técnico, Veio Rock vai balançar você!

Facebook: https://www.facebook.com/vagnerveiorock/

(Ossos Cruzados – Thrash Metal – São Paulo/SP)

Fãs de filmes de terror, monstros e livros de suspense, sua trilha sonora está garantida com o álbum "Espectrofobia" da banda Ossos Cruzados. O grupo criou um disco com temática em clássicos de Stephen King, Godzilla, Palhaços assassinos e vários outros, tudo isso com um som pesado, agressivo e calcado no mais puro Hardcore/Crossover. Confira essa obra insana em todas as plataformas de Streaming.

Formação: André Honorato – Vocal - Hebberty Taurus – Guitarra - Anderson Costa – Bateria - José Otávio – Baixo

Facebook: https://www.facebook.com/bandaossoscruzados/

Confira nossas condições e traga sua banda para a assessoria que mais cresce no país.

gleison@roadie-metal.com
@roadie_metal
facebook.com/RoadieMetal
facebook.com/roadiemetalassessoria

Site oficial
WWW.ROADIE-METAL.COM
Assessoria
WWW.ROADIE-METAL.COM/PRESS
YouTube /roadiemetal

WILL CALHOUN (LIVING COLOUR)

POR DANIEL DUTRA
FOTO FERNANDO PIRES

Bring the Noise
ANTHRAX
RETURN OF THE KILLER A'S

"É o Charlie Benante. Crescemos no Bronx, onde fizemos amigos em comum, como Marco Soccoli, Mike Monterullo, John Tempesta e Dante Renzi. O pai do Dante tinha um restaurante italiano na esquina de onde o Charlie morava, e às vezes jantávamos lá antes de ir para a garagem tocar. Lembro-me de ficar impressionando, já naquela época, com a velocidade dos pés do Charlie. Ele tem uma técnica de bumbo duplo diferente de qualquer outro baterista de metal. Isso é o Anthrax com Public Enemy, e eu adoro o Chuck D e o Flavor Flav, mas sou baterista, então tinha de falar sobre bateria e contar essa história (risos)."

Drive My Car
THE BEATLES
RUBBER SOUL

"Beatles! Isso não soa como o Ringo Starr, honestamente. Sei que Paul McCartney gravou bateria em algumas músicas da banda, em diversos discos, mas eu gosto muito do groove do instrumento em *Drive My Car*. É realmente muito bom, e esse 'drum fill' é muito famoso, tem um feeling de Motown que é bem legal. Além disso, a produção é ótima, acentuando a separação das partes da bateria, o cowbell, as vozes, a guitarra... E não estou dizendo que não é o Ringo! Não me levem a mal. Estou apenas sendo sincero porque, como baterista, tenho o sentimento de que não soa como ele. Talvez seja o Paul. Não sei."

That's the Way I Wanna Rock n Roll
AC/DC
BLOW UP YOUR VIDEO

"Rock and roll! (N.R.: Calhoun abre um sorriso e bate cabeça). Gostei muito disso aqui. É o AC/DC, certo? (R.C.: Sim). Impossível confundir, mas meu sentimento me diz que não é o Phil Rudd tocando. (R.C.: Não é ele, realmente). Está vendo? (risos) Só não estou reconhecendo quem é... (R.C.: É o Chris Slade). Sério? Uau! Assim como eu, ele também usa Sonor, mas essa bateria não está soando como Sonor (risos). Essa música é ótima, e o Chris está muito, muito bem nela. Gosto de AC/DC, da sonoridade da banda, mas preciso conhecer melhor essa fase com ele. Não acredito que estou indo bem até agora (risos)."

Ratamahatta
SEPULTURA
ROOTS

"Uau! Não sei o que é, mas adorei. O ritmo é matador. Chico Science? (R.C.: Não). Nação Zumbi? (R.C.: Também não). Então, não sei (risos). (R.C.: Sepultura, com Carlinhos Brown na percussão e dividindo os vocais com Max Cavalera). A música é sensacional! Preciso comprar esse CD. Conheço o Carlinhos e seu trabalho com o Timbalada, mas pensei que fosse um sampler no começo. A percussão só ficou mais forte quando entrou a bateria mais heavy metal. Carlinhos é um cara muito legal. Conheci sua mãe quando estive em Salvador, e ela fez ótimas comidas baianas para mim (risos). Foi uma grande experiência."

Holy Land
ANGRA
HOLY LAND

"Que melodia legal! Creio que é uma pianista e vocalista brasileira chamada Tania Maria, que virou Nova York do avesso tocando com Anthony Jackson e Steve Gadd. (R.C.: Não. É um homem cantando e tocando piano). Impressionante. Quem é? (R.C.: Andre Matos). A música é belíssima, e a voz dele, incrível. (R.C.: Infelizmente, ele faleceu no último sábado, dia 8 de junho). Sério?! (N.R.: neste momento, Vernon Reid pergunta o que houve e fica chocado ao saber que foi um ataque cardíaco aos 47 anos). Você tem de ouvir isso, Vernon. Deixe essa lista comigo, por favor. Vou pedir ao meu filho para baixar o álbum antes de eu comprar o CD."

POWERED BY audio-technica always listening.

Out on the Tiles
LED ZEPPELIN
LED ZEPPELIN III

"John Bonham! Eu adorava seu kit de bateria Ludwig. Era pequeno, mas ao mesmo tempo grande. Tom de 14 polegadas, bumbo de 26 polegadas, hi-hat de 15 polegadas... Aquela Ludwig cor meio laranja e transparente era linda! Bonham era fenomenal e mudou a maneira de tocar bateria no rock. Uma vez estive em Londres com o Living Colour, e um cara disse que costumava vê-lo tocar numa pequeno bar que era uma espelunca, então disse a ele: 'Você deveria estar se apresentando mundo afora. Saia dessa cidade para que todos possam ouvi-lo, porque você toca além da imaginação das pessoas'. Isso foi antes do Led Zeppelin."

Gimme Shelter
GRAND FUNK
SURVIVAL

"Esse é o Charlie Watts? (R.C.: Na versão original da música, sim). Ah, é uma pegadinha, mas eu achei estranho logo de cara (risos). Esse bumbo não é dele. É o Dudu Portes na bateria, então? (R.C.: Não. É o Don Brewer, com o Grand Funk). Eu não sabia que eles tinham regravado *Gimme Shelter*. (N.R.: surpreso, Vernon Reid diz: 'Nem eu! Em que álbum?'). (R.C.: *Survival*). Você também precisa ouvir isso, Vernon, porque vai gostar do trabalho de guitarra. A versão é muito boa, e você vai deixar essa lista comigo, definitivamente (risos). Preciso ouvir os discos que têm essas músicas que não conhecia."

Can You See Me
THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE
ARE YOU EXPERIENCED

"Essa bateria é clássica, cara! Mitch Mitchell no The Jimi Hendrix Experience. Ele era fantástico e fortemente influenciado por Elvin Jones, meu baterista favorito em todos os tempos. Cresci ouvindo Jimi Hendrix, então era muito legal ver que Mitch havia levado os triplets de Elvin Jones para o mundo do rock, e ele fez isso de maneira brilhante. Pude conhecê-lo quando fizemos a turnê Experience Hendrix. Perguntei se ainda tinha alguns kits, e ele disse que sempre os largava nos locais onde tocava. O que sobrou, uma Gretsch preta dos anos 60, ele deu para o Billy Cox, que o guarda até hoje em casa."

Be Aggressive
FAITH NO MORE
ANGEL DUST

"Stevie Salas? (R.C.: Não). Deixe-me ouvir um pouco mais, porque não estou reconhecendo. (N.R.: entra o refrão, com as vozes femininas à frente da canção, e Calhoun começa a rir, porque a música fala de sexo oral). Não sei o que é, realmente. (R.C.: É o Mike Bordin na bateria). Mas esse é o grupo dele? (R.C.: É o Faith No More, que começou basicamente ao mesmo tempo em que o Living Colour, mas estourou um pouco depois). É verdade, mas não conheço essa fase da banda... (N.R.: neste momento, Corey Glover e Doug Wimbish chegam ao camarim). Vamos para a última música, porque é hora do show (risos)."

Walk Run Crawl
ULTRAPHONIX
ORIGINAL HUMAN MUSIC

"Ah, esse é o Corey cantando! (R.C.: Exatamente) (N.R.: Corey ouve e pergunta o que Calhoun estava escutando). Espera um pouco, porque eu sei o que é (risos). É um disco recente que ele fez com aquele guitarrista conhecido... (R.C.: George Lynch). Isso, do Dokken. Corey mostrou algumas músicas para mim antes de elas receberem a mixagem final, então posso dizer que acertei metade aqui (risos). (R.C.: E o que achou? Olha que ele está de frente para você) (risos). As músicas que escutei já eram ótimas na versão demo, mas tenho de ouvir o álbum todo, e ele está cantando bem demais. É tudo verdade (risos)."

EAST OF STEVE MUSIC
INCRÍVEL COLEÇÃO DE PALHETAS À VENDA DE STEVE ROSEN

Eu montei um pequeno espaço chamado
THE PICKS OF ROCK AND ROLL.

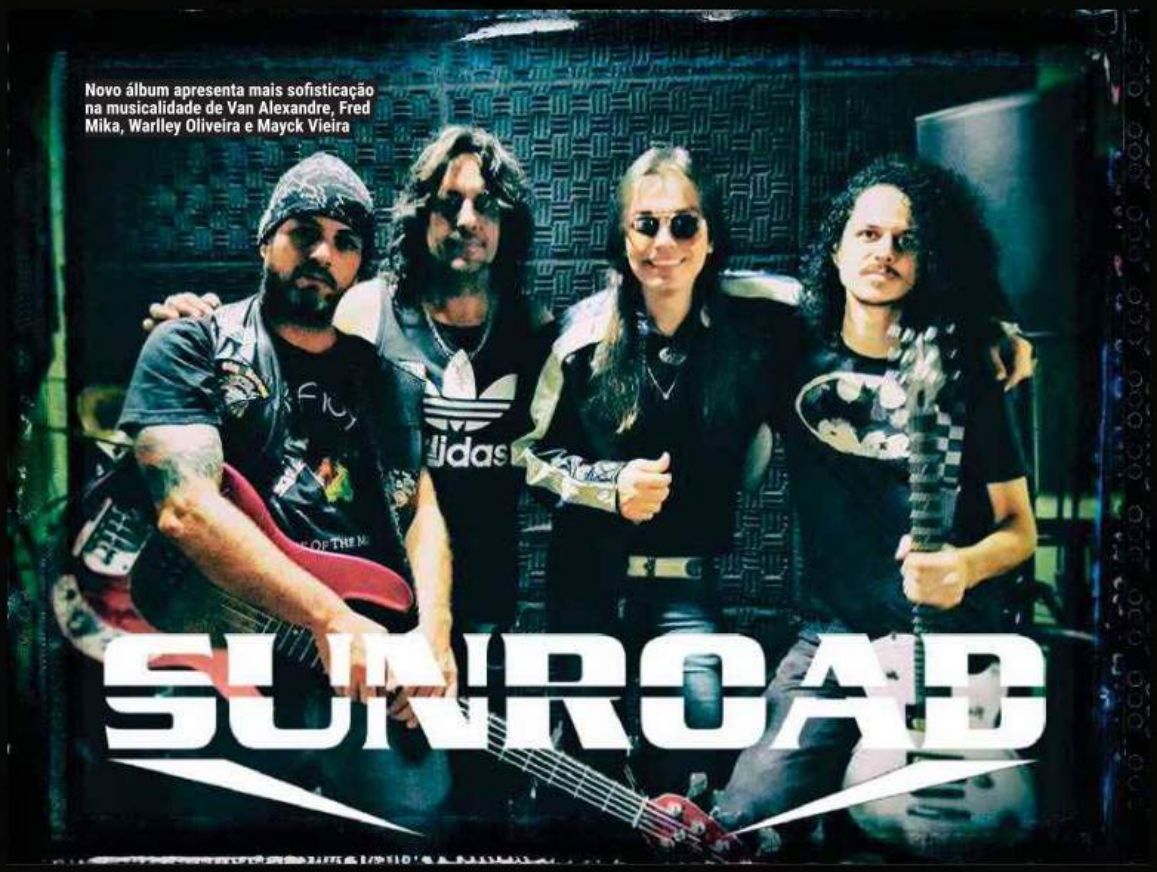
Isso inclui tesouros que eu recebi de **Billy Gibbons, Ritchie Blackmore, Frank Zappa, Rory Gallagher, Eric Clapton, Janick Gers, James Hetfield, Reb Beach**, etc.

Para adquirir acesse
www.ebay.com/usr/spiritnation

STEVE ROSEN
PICK SELLER

scrosen@sbcglobal.net 1854 Jewett Drive, West Hollywood, CA 90046

QUEM ENTRAR EM CONTATO COM STEVEN E MENCIONAR QUE VIU O ANÚNCIO NA ROADIE CREW TERÁ **FRETE GRÁTIS.**



Novo álbum apresenta mais sofisticação na musicalidade de Van Alexandre, Fred Mika, Warlley Oliveira e Mayck Vieira

TRILHANDO O PRÓPRIO CAMINHO SOB O SOL

DOIS ANOS DEPOIS DE *WING SEVEN*, GRUPO GOIANO ALCANÇA O AUGE EM *HEATSTROKES*

POR VALTEMIR AMLER

Quando uma banda está alcançando o sucesso, uma mudança nem sempre é bem-vinda. Porém, são muitos os exemplos daqueles que sabem a forma e o momento certo de mudar. O Sunroad já dispunha de ótima reputação e crescimento contínuo, mas uma necessária mudança acabou mostrando o caminho que os goianos deveriam seguir em seu novo registro, o ótimo *Heatstrokes*. Com uma pegada mais voltada para o AOR, Warlley Oliver (vocal e guitarra), Mayck Vieira (guitarra), Van Alexandre (baixo e teclado) e Fred Mika (bateria) não negligenciam as velhas características, mas evidenciam algo que sempre esteve ali. Trata-se de uma pequena, mas inteligente, mudança, que fez a diferença em um repertório diversificado e pronto para ouvidos ecléticos e exigentes. Confira mais sobre o novo álbum nas palavras de Fred Mika.

***Heatstrokes* chega apenas dois anos depois de *Wing Seven*, então, o que pode nos contar sobre o processo de gravação? O que procuram em um estúdio e qual era a meta da banda em relação a sonoridade deste novo álbum?**

Fred Mika: Para responder isso creio que devemos fazer uma análise mais panorâmica. Nosso disco de estreia, lançado em 1999, foi um álbum experimental com produção fraca. Depois, com produção melhor, nos anos 2000, diversificamos bem a sonoridade da banda: temos um EP hard 'n' heavy tradicional (*Light Up The Sky*, de 2001); um álbum hard 'n' heavy progressivo (*Arena Of Aliens*, de 2003), outro hard 'n' heavy progressivo, porém com incursões no neo-clássico (*Flying N'Floating*, de 2006) e um puramente hard rock (*Long Gone*, de 2009). Então, começamos a sintetizar quais eram nossas melhores ideias e nossos melhores caminhos a partir daí. Isso aconteceu em definitivo no *Carved in Time*, que é um hard rock já mais sofisticado e melódico, que foi ainda mais aperfeiçoado em *Wing Seven*. *Heatstrokes* é a continuação dessa evolução natural. Várias camadas de vocais, arranjos, links e solos de guitarra onde a guia principal é a melodia. Alguns fãs ainda preferem a nossa fase dos anos 2000, mais experimental e, ao mesmo tempo, mais direta, mas não a deixamos de lado. Agora apenas estamos caminhando mais em relação a uma maior sofisticação e aprimoramento melódico.

A formação que gravou o álbum não é a mesma que hoje toca sob a bandeira do Sunroad. Você poderia comentar um pouco sobre essas alterações e o que elas representam para a banda?

Fred: Mudaram o vocalista e o baixista, mas esse último, na verdade, apenas retornou à banda. E, estruturalmente, não mudou quase nada, já que o novo vocalista, Warlley Oliver, tem um

timbre vocal muito aproximado ao de Andre Adonis, o que até confunde algumas pessoas ao vivo. Warlley também tem espectro vocal muito amplo o que permite emular ao vivo com facilidade todas as músicas anteriores do Sunroad. O mais importante agora é que todos são músicos livres de impedimentos, algo que antes nos impossibilitava de fazer turnês mais longas. Todos hoje gostam da banda como uma família.

Algo que é rapidamente percebido é a riqueza das linhas de guitarra, que soam pesadas, mas predominantemente melódicas e variadas. Como consideram o equilíbrio entre melodia e peso na hora que compõem? Existe um segredo para saber até onde ir em cada quesito?

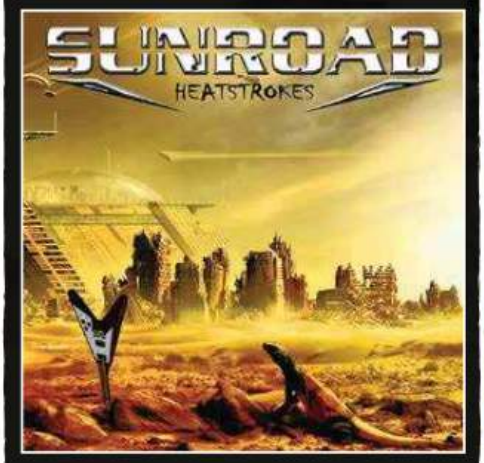
Fred: Sim! Essa é a ideia da composição intuitiva de unir os pontos, melodia e técnica, e potencializá-las ao máximo. Nas nossas composições tudo caminha junto, integrado. Pensamos nas composições já com a visão panorâmica de como a música deve ficar no final. Ou seja, o guitarrista não monta seus riffs sozinho. Ele os desenvolve e vamos montando com o vocalista e comigo, pois faço as letras, para conseguirmos o melhor resultado dessa interação, assim como a cozinha, baixo e bateria, que vêm na sequência, para desenvolvermos os melhores 'grooves' e deixar as passagens bem amarradas, coesas. Isso, no final, gera uma composição bastante agradável a qualquer fã de qualquer estilo. Não quanto ao estilo, mas quanto às ideias daqueles grandes rocks de arena tipo Styx, Queen, Van Halen que andam tão em falta hoje em dia. Mas o panorama é otimista para o futuro, vem melhorando. No Brasil há muitas bandas que vem atentas a isso tudo, a essa integração de composições, como Adellaide, Marenna e até na parte mais heavy com o Kiko Shred e Pastore.

Indo mais fundo neste sentido, qual é a importância de usar a guitarra como uma espécie de holofote para as já destacadas mudanças dinâmicas do álbum?

Fred: As guitarras fazem a liga entre as partes vocais, e também links melódicos das mesmas que trabalham em terça, em quinta, em oitavas, com os vocais principais ou com os riffs principais e até costurando o trabalho da guitarra solo. O objetivo é deixar a composição coesa, variada, rica em detalhes, enfim, sofisticada. O que não tem nada a ver com firulas desnecessárias. Assim, temos em mente uma ideia de usarmos vários recursos distribuídos no álbum, seja ele um cry-baby (vulgo wah-wah), ou talking boxes, slides, efeitos, etc, algumas vezes essas ideias vêm como elemento principal, outras vezes vem discretamente, servindo apenas como fundo, para harmonizar.

Agora, gostaria de abordar algumas das músicas deste novo trabalho. *Empty Stage*, por exemplo, é uma das que se destaca. Ela tem um início com teclados em evidência, clima de balada hard. Qual é o sentimento que gerou esta canção, que julgo a mais emotiva do álbum?

Fred: As melodias são nosso fator guia para as baladas e essa não foi diferente. Mas é fato que em *Empty Stage* fomos mais fundo. É uma balada bem arranjada, rica e, de certo modo, tem um final surpreendente. É muito emotiva,



HEATSTROKES
MUSIK / VOICE MUSIC - NAC.

com um pé no neoclássico. Várias pessoas já me disseram que ele se assemelha às baladas compostas pelo Scorpions nos anos 70. Posso também concordar com você e dizer aos ouvintes e fãs que ainda não a escutaram que essa é uma das minhas faixas preferidas desse álbum e de toda a carreira do Sunroad!

Bem, já que é uma das nossas favoritas em *Heatstrokes*, vou ser bem direto: sobre o que trata essa canção?

Fred: As baladas naturalmente tendem a serem mais emotivas, introspectivas. Essa foi trabalhada em tons menores, que dão essa atmosfera. A letra fala sobre inocentes que são mortos injustificadamente, sejam vítimas de guerra ou do descaso, sejam animais caçados, presos em armadilhas. Pessoas ou animais expostos ao sofrimento, solidão, à violência e ao descaso até a morte. É uma ideia melancólica, mas é a indignação que gerou essa letra e música. No final tem um arranjo intrigante das guitarras e teclados, melancólicas e perturbadoras ao mesmo tempo, de quebradas rítmicas, e até talk box para potencializar mais essa ideia, que traduz toda essa perturbação que acontece com os inocentes. Enfim, é uma faixa bem climática, bem arranjada que foge bastante do banal.

Talvez a minha curiosidade e preferência por esta música se dê pelo fato de ela ser a que melhor ilustra a boa mixagem do álbum, já que todo o instrumental soa claro, definido e cada instrumento é percebido na 'trama musical'. Manter essa 'clareza' foi um dos objetivos de vocês, mesmo sabendo que essa abordagem não permite falhas?

Fred: Eu acho que por ser uma balada, pela dinâmica mais suave, os instrumentos acabam 'pegando mais leve'. Essencialmente, uma balada é mais difícil de compor que as demais, pois a emoção tem que estar evidente. Isso inclui a caracterização mais profunda das camadas dos vocais. Creio que por isso tudo dá uma ideia de produção mais limpa, mas é só impressão, pois a balada deve soar bem 'climática' mesmo. Apenas aparamos mais as arestas e deixamos a coisa mais viajante e mais, digamos, 'soft'.

Quanto a *Unleash Your Heart*, ela foi planejada propositalmente para soar como um prólogo para a faixa-título? Por que escolheram trabalhar assim e não uni-las como uma única música?

Fred: É um prólogo mesmo. A letra dela é uma introdução da mensagem da faixa-título que vem a seguir. Elas são separadas também porque as estruturas são diferentes. *Unleash Your Heart* é quase uma narrativa e foi elaborada exclusivamente para abrir as portas da faixa título no álbum. Tanto que ao vivo nem a tocamos.

Quanto aos vocais, todo o álbum marca uma excelente performance, que apenas para efeito de comparação, faz lembrar de vocalistas consagrados, como Sebastian Back. Qual foi o principal desafio neste sentido, e qual é a proposta atual, já que o posto de vocalista foi um dos que sofreu alteração?

Fred: O timbre de Warlley se assemelha muito ao vocalista anterior e, como disse, Warlley tem um espectro bem amplo em sua interpretação e as músicas ficaram perfeitas ao vivo. Quanto ao novo álbum e às novas composições, devemos manter a mesma ideia que estamos desenvolvendo, mas sempre ao encontro de mais sofisticação na musicalidade do Sunroad como um todo. Nosso próximo lançamento deve aproximar-se mais ainda do melodic rock, do hard/AOR, ou do que chamavam anteriormente de 'Rock de Arena'.

POWERED BY
EDIFIER
fonesdeouvido.com.br
alta fidelidade para todos

JULIO FEDERICI

AREA 55, KING OF BONES

POR LEANDRO NOGUEIRA COPPI
FOTO ALE MORAES

TWISTED SISTER

ÁLBUM: STAY HUNGRY (1984)
MÚSICA: WE'RE NOT GONNA TAKE IT

"Twisted Sister é um marco na trajetória do rock e considero Dee Snider, além de um grande vocalista, um cara que levantou a bandeira do nosso estilo lá em cima. Tem muita atitude e devemos muito a ele! Lembro-me que meu pai tinha antena parabólica em casa, o que era muito raro naquela época, e pegávamos a MTV de São Paulo, mesmo morando em Campinas (SP). Eu e meus irmãos tínhamos fitas de videocassete para gravar os clipes sempre na sequência. Obviamente a gente gravava, sem querer, 'por cima' de filmes e documentários do meu pai. Ele, claro, ficava puto da vida... Bem, um deles era esse clipe... A gente ria demais do clipe, das cenas do pai reprimindo o filho toda vez que assistíamos. A gente achava demais tudo isso, pois éramos 'do contra' mesmo. *We're Not Gonna Take It* é clássico eterno! Tive a oportunidade de ver Dee Snider no Rock In Rio, em 2015, e ele tomou cena. Foi a melhor coisa que aconteceu naquele dia! Jamais esquecerei."

KISS

ÁLBUM: CRAZY NIGHTS (1987)
MÚSICA: I'LL FIGHT HELL TO HOLD YOU

"O refrão de *I'll Fight Hell to Hold You* tem uma melodia fantástica e começa em grande estilo, com um solo de guitarra alucinante. Escolhi esta música para representar esse disco todo que considero uma obra prima. Era a fase do Kiss sem as máscaras, mais hard que nunca! Gosto demais do Bruce Kulick que, para mim, é o melhor guitarrista que já passou pela banda. Uma fase sensacional do Paul Stanley nos vocais. Além dele, de Gene e Kulick, a banda ainda contava com o saudoso Eric Carr na bateria, uma formação sensacional. Lembro-me que nessa época começaram a transmitir alguns shows de rock em TV aberta, principalmente após a passagem do próprio Kiss em seu show histórico no Maracanã, em junho de 1983. Também somos 'filhos' dessa banda, que fez uma geração toda curtir e espalhar o rock e a criar essa nossa cultura."

SINISTRA

ÁLBUM: QUEM É VOCÊ? (SINGLE/ CLIPE, 2019)
MÚSICA: QUEM É VOCÊ?

"Assim como os pioneiros do cenário brasileiro e alguns outros grupos mais recentes como o Carro Bomba, esta é uma banda nova que apostou em um heavy metal cantado em português. E funcionou muito bem! As letras são sensacionais e transmitem mensagem, empolgam! A formação fala por si: Nando Fernandes no vocal, Edu Ardanuy na guitarra, Luis Mariutti no baixo e Rafael Rosa na bateria. Nem precisa de grandes comentários. Espero e torço muito para que tenham vida longa!"

SHINEDOWN

ÁLBUM: AMARYLLIS (2012)
MÚSICA: FOR MY SAKE

"Se pensar em coisa nova, Shinedown me vem à mente imediatamente. É certo que a banda vem desde os anos 2000 em sua luta, mas os últimos trabalhos têm me chamado a atenção pela mistura de novos elementos e o rock. Soa new metal, soa alternativo, e, ao mesmo tempo, extremamente comercial, no bom sentido da coisa. As produções são excelentes. Esta música, em específico, tem um ápice que emociona. Vem em uma crescente desde o verso até estourar em um refrão empolgante."

DIO

ÁLBUM: HOLY DIVER (1983)
MÚSICA: STRAIGHT THROUGH THE HEART

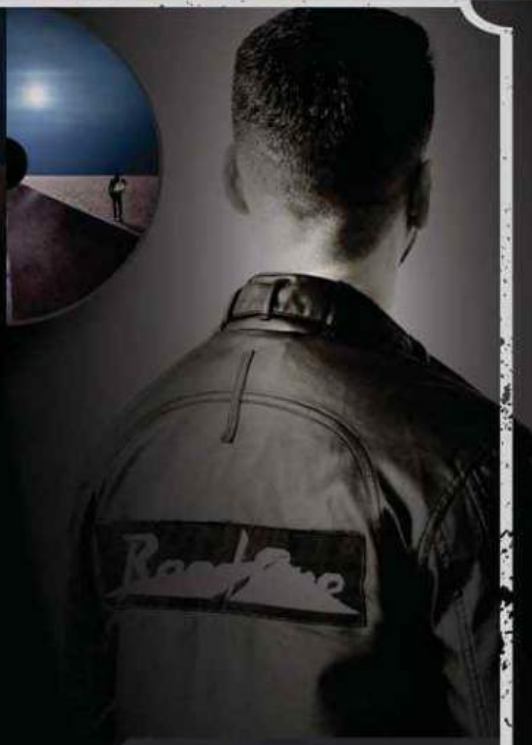
"É um dos hinos da minha vida. Tive a sorte de ter um irmão mais velho fã de metal, que acabou transmitindo todo o seu fanatismo para mim. Me lembro claramente, mesmo ainda muito novo, de carregar os discos de metal nas mãos, correndo pela casa, sem nem saber ao certo do que se tratavam. E um deles foi o *Holy Diver*! Que sorte a minha (risos). Achava sensacional a capa. Naquela época se valorizava muito a arte gráfica, até pelo tamanho do vinil. Pedia o tempo todo para meu irmão colocar o disco, no lado B, para ouvir *Straight Through the Heart* logo de cara. Que banda! O que dizer? Dio, Vivian Campbell, Jimmy Bain e Vinny Apice. O disco todo é forrado de grandes melodias do Dio e riffs do Campbell. A música transmite muita energia e marcou minha vida!"

ANIMAL DRIVE

ÁLBUM: BITE! (2018)
MÚSICA: HAD ENOUGH

"É incrível como o rock se transforma, mas as raízes ficam. Essa é uma grande banda croata, a qual tenho ouvido sem parar. O vocal de Dino Jelusic é impressionante, cheio de drive, mas muito melódico. Riffs sensacionais de guitarra. Soa moderno, mas mesclando muito com os anos 80. Acompanho a banda nas redes sociais e vejo que crescem a cada dia! Torço demais para novos talentos surgirem, pois está aí o futuro do nosso estilo."

BANDA ROAD ONE lança seu álbum de estreia com Rock and Roll 100% AUTORAL!



Paulo Bijos (guitarra e vocal) fala sobre o álbum de estreia da **Road One**, que representa uma consolidação de composições autorais que surgiram ao longo de anos. "Quando percebi que havia músicas em quantidade e qualidade suficientes para justificar um álbum, decidi então concretizar essa iniciativa. Como as músicas já existiam, a questão não era por que gravar um disco, e sim por que não gravá-lo. **Em resumo, tudo girou em torno das músicas. Elas são o grande lastro desse projeto".**

PAULO BIJOS
Formado pelo GIT/Musicians Institute, de Los Angeles, consultor legislativo e membro da Road One.

FRED BARLEY
Músico profissional, patrocinado pela Aquarian Drumheads, e baterista da banda Blues Beatles.

LUIZ MÁRCIO CANTO
É músico profissional, formado pelo GIT/Musicians Institute, de Los Angeles, e instrutor da Escola de Música Intermezzo.

Acesse as rede sociais da banda e descubra os destaques do álbum de estreia da ROAD ONE

ALBUM:
Road One
★2019★

AGOSTO
LANÇAMENTO
OFICIAL

@roadone_band

www.roadone.com.br

"Foi muita sorte minha poder reunir um time assim, de músicos que são ao mesmo tempo amigos e profissionais. Isso trouxe uma energia muito positiva e especial ao projeto". PAULO BIJOS

BEATLES
ABBEY ROAD
1969

George, Paul, Ringo e John na faixa de pedestres mais famosa do planeta

Disco que tem a capa mais icônica da história do rock, *Abbey Road* não é o penúltimo trabalho dos Beatles, como consta em sua discografia, mas o último. Explica-se: quando a banda gravou o álbum, aquele que seria o derradeiro, *Let it Be* (1970), já se encontrava praticamente pronto, restando apenas alguns detalhes para ser considerado finalizado. Tanto que *Abbey Road* foi o último a contar com os quatro juntos dentro do mesmo estúdio, apesar de ter sido lançado antes, em 1969.

A relação entre John, Paul, George e Ringo vinha se desgastando desde a gravação de *The Beatles* (o chamado "Álbum Branco", de 1968), quando, entre vários outros problemas que se acumulavam ao longo dos anos, Lennon, desobedecendo uma regra tácita da banda, começou a levar sua nova namorada, Yoko Ono, às sessões de gravação – o acordo entre os quatro dizia que esposas e namoradas ficariam de fora quando eles estivessem trabalhando. A gravação de *Get Beck* (como até então se chamava o álbum que viria a ser *Let it Be*) também foi muito tensa e ali ficou claro que o grupo acabaria – John já havia resolvido que ia cair fora. Paul, então fez uma proposta: gravar um disco como eles faziam no começo, com os quatro trabalhando juntos. O produtor George Martin concordou, desde que ele, também como faziam no começo, tivesse liberdade para decidir o que seria feito e como seria feito. Todos de acordo, lá foram para o estúdio que daria nome ao álbum. A experiência foi bem recebida por todos. George afirmou que "estávamos trabalhando como músicos novamente" e John e Paul chegaram a escrever uma música juntos, o que não acontecia há muito tempo – *The Ballad for John and Yoko*, que foi lançada como single.

Além disso, os quatro contaram com o mínimo de auxílio externo na hora de gravar – apenas o grande amigo deles Billy Preston participou com seu Hammond em duas faixas.

As sessões aconteceram em vários períodos ao longo de fevereiro e agosto de 1969. Das 17 composições, John assinou seis e Paul, oito. George contribuiu com duas que são consideradas suas mais belas músicas, *Here Comes the Sun* e *Something*. E até Ringo dessa vez escreveu a faixa que canta, *Octopus's Garden*, uma das únicas duas músicas de sua autoria no repertório do Fab Four – a outra é *Don't Pass Me By*, que está no "Álbum Branco". Marcante também é o medley com oito músicas curtas (duração total de dezesseis minutos) que fecha disco e é usado até hoje por Paul McCartney no encerramento de seus shows.

Abbey Road também recebeu uma capa que se tornou um ícone da cultura popular. Quem vai a Londres e gosta de Beatles invariavelmente vai até lá tirar uma foto na faixa em que os quatro posaram – o lugar se tornou ponto turístico. Na época, surgiram muitos rumores de que Paul McCartney havia morrido e que um sósia ocupava seu lugar. Pessoas com excesso de criatividade identificaram várias supostas "pistas" da morte dele na imagem, incluindo o fato de que Paul, que é canhoto, segurava um cigarro com a mão direita na foto – cigarro esse que tempos depois chegou a ser retirado digitalmente de sua mão em função do politicamente correto. São tantas "dicas" da morte de Paul que nem dá para elencar aqui. Mas o que dá para dizer é que o dono do Fusca branco que aparece na foto teve muita despesa depois que o disco saiu: era estacionar na rua que a placa LMW 281F era roubada por algum fã da banda...

O disco saiu no dia 26 de setembro e foi para o topo das paradas em todo o mundo. Foi certificado Disco de Diamante nos Estados Unidos e no Canadá e Disco de Platina duplo na Grã-Bretanha. A crítica também se curvou ao álbum, que recebeu nota máxima de todos os principais veículos de imprensa. Qualquer lista de Melhores Discos de Todos os Tempos também traz o nome *Abbey Road*. Um desfecho mais do que justo para uma história maravilhosa como a dos Beatles.

Antonio Carlos Monteiro

SAMMY HAGAR 1979
STREET MACHINE

The Red Rocker realizou sua primeira turnê solo como headliner em 1979

Em seu quarto disco solo de estúdio, o ex-Montrose Sammy Hagar decidiu botar a mão na massa e produzir sozinho, deixando a parceria com John Carter de lado. O saudoso produtor americano havia trabalhado com o chamado "The Red Rocker" em *Nine on a Ten Scale* (1976), *Sammy Hagar* (1977), *Musical Chairs* (1997) e no ao vivo *All Night Long* (1978). "Por anos, Carter vinha me dando essas músicas idiotas, sempre tentando fazer que eu emplacasse um hit no Top 40", esbravejou Hagar em sua autobiografia, Red: My Uncensored Life in Rock (2011).

Com o engenheiro de som Pete Henderson e ao lado de Gary Pihl (guitarra), Bill Church (baixo, Montrose, Van Morrison), Chuck Ruff (bateria, The Edgar Winter Group), além das participações de Steve Douglas (sax, The Beach Boys, Bob Dylan, Ramones) e Mark Jordan (piano), Hagar conseguiu se ver livre da pressão e acabou vendendo 350 mil cópias com *Street Machine*, que foi lançado em setembro de 1979. "Depois de anos abrindo shows para deus e o mundo, as pessoas começaram a pensar que eu poderia ser uma atração principal. Louis Messina, da Pace Concerts, me colocou ao lado de Pat Travers e do Scorpions. Nós esgotamos os ingressos em todos os lugares! Foi inacreditável. Nós estávamos fazendo shows para dez, doze mil pessoas. Foi um preço baixo e foi um pacote, mas foi a primeira vez que fiz uma turnê como headliner", recordou Hagar.

Em *Street Machine*, pela primeira vez a esposa do vocalista e guitarrista, Betsy, constou nos créditos como coautora de *Wounded in Love*. Já *Falling in Love* trouxe backing vocals gravados por Brad Delp, Barry Goudreau e Sib Hashian, do Boston.

O repertório do disco abre com o rock'n'roll *Growing Pains*, segue com a balada 'bluesy' *Child to Man*, acelera com a energética *Trans Am (Highway Wonderland)* e mantém a pegada no hard rock *Feels Like Love*. Já a emocional *Never Say Die*, com um quê de Eagles, vem com uma bela interpretação de Hagar.

No entanto, os singles escolhidos pela Capitol foram *Plain Jane*, *This Planet's on Fire (Burn in Hell)* e *Straight to the Top*. "A Capitol não fez tanto por mim. Eu tinha acabado de fazer uma turnê lotando arenas e eles não conseguiram que as vendas ultrapassassem as 350 mil cópias. Meu negócio tinha quadruplicado... Eu estava me tornando uma verdadeira estrela do rock no palco", concluiu Hagar, que faria sua despedida da Capitol com *Danger Zone* (1980).

Ricardo Batalha

GORKY PARK 1989
GORKY PARK

Yan Yanenkov, Nikolay Noskov, Alexander Lvov, Alexander Minkov e Alexey Belov fizeram sucesso com o single/clipe *Bang*

A ligação do Gorky Park, parque urbano de Moscou (RUS), com a cultura pop vai do cinema e da literatura à música – o filme "Mistério no Parque Gorki" (1983) teve roteiro baseado no livro homônimo de Martin Cruz Smith. No campo musical, o Scorpions, com a balada *Wind of Change*, de *Crazy World* (1990), citava o Parque Gorki em sua letra. Porém, foi a banda russa Gorky Park quem conseguiu uma façanha e tanto.

Criado em 1987 por Nikolay Noskov (vocal), Alexey Belov e Yan Yanenkov (guitarras), Alexander "Big Sasha" Minkov (baixo) e Alexander Lvov (bateria, ex-Aria), o grupo de hard rock/glam metal teve o vídeo do single *Bang* exibido na programação da MTV americana. Esta foi a primeira vez que uma formação russa conseguiu tal feito.

Belov, que começou na música tocando violino aos 7 anos de idade, entrou de cabeça no rock ao ouvir bandas como Led Zeppelin, Deep Purple e Queen. Sua primeira banda, Moskva, também contava com Noskov e lançou o álbum *UFO* em 1982. Ocorre que o vice-ministro da Cultura do Partido Comunista viu um show do Moskva em Sochi. "No dia seguinte, ele voltou para Moscou e fomos proibidos de tocar", disse Belov. "Eu tive que tocar em boates ilegais. Isso durou quase três anos", completou em entrevista à revista Classic Rock.

Tempos depois, na fase da Glasnost e da Perestroika, veio a possibilidade de assinar um contrato para a gravação do debut do Gorky Park, que saiu pela gravadora americana Mercury. A negociação se deu através de uma ajuda vinda de Jon Bon Jovi e Richie Sambora – através do agente Stas Namin, os russos conheceram também o saudoso Frank Zappa. Quem também se juntou ao time foi Dennis Berardi, da marca de guitarras Kramer, que passou a ser o segundo agente dos russos. Foi ele quem mostrou o som do grupo para o empresário Doc McGhee, que trabalhava com o Bon Jovi.

Quando saiu *Gorky Park*, trazendo a foice e martelo estilizados nas iniciais GP, o clipe de *Bang* já era conhecido na MTV, onde os russos apareceram no programa Headbangers Ball. Outros dois singles, *Try to Find Me* e *Peace in Our Time*, composta por Jon Bon Jovi e Sambora, foram para as rádios. O material, que ainda trouxe o cover de *My Generation* (The Who), contou com produção de Bruce Fairbairn em quatro faixas. Os "ventos de mudança" sopraram forte e o grupo atingiu seu objetivo inicial, tendo o ápice no Moscow Music Peace Festival daquele ano.

Ricardo Batalha

Tobias Forge, o frontman mascarado, também atende pelas alcunhas Papa Emeritus e Cardinal Copia

SEMPRE EM BUSCA DA VARIEDADE

SEGUNDO O VOCALISTA TOBIAS FORGE, PARTE DA MÍSTICA DA BANDA MUDOU

POR MITCH LAFON

Saudado como uma das maiores revelações do heavy/rock dos últimos tempos por uns, mas também visto como 'fake' e com certa reserva por outros, a verdade é que ninguém ficou indiferente à banda sueca Ghost. Inegável, também, é que desde a estreia, com *Opus Eponymous* (2010), passando por *Infetissuman* (2013), *Meliora* (2015), o mais recente, *Prequelle* (2018), além dos EPs *If You Have Ghost* (2013) e *Popestar* (2016), todos eles são diferentes entre si e possuem muita variedade. Para falar sobre isso, em um raro momento de folga do líder Tobias Forge, que batemos um rápido papo com o vocalista, também conhecido pela alcunha de Cardinal Copia.

Por muitos anos, vocês cultivaram a mística do Ghost sem rosto, usando máscaras, bem similar ao que fez o Kiss. Como tem sido isso para você, mudou a percepção dos fãs? Perde-se alguma coisa ao não se ter mais essa mística ou se soma uma nova camada ao todo?

Tobias Forge: Penso que as duas coisas. Obviamente, uma parte da mística mudou, eu acho. Agora seguimos regras que todas as bandas seguem. Posto isso, não acho que seja necessariamente algo ruim, é só que durante esses anos eu cultivei essa atmosfera diferente ao redor da banda e me acostumei com a ideia de não ser o foco, algo que gostava de verdade. Quando chegou o momento de mudar, não foi necessariamente porque eu queria ser reconhecido, aquilo era o que era. Durante todos os anos em que eu era um músico sem sucesso, não havia nada que quisesse mais do que ficar famoso. Depois de alguns anos em uma banda famosa, eu quis voltar a ser não-famoso. Tem suas vantagens, mas eu não quero ficar mais famoso como pessoa. Por isso, agora sempre tento melhorar nosso show. Quero dar ao público algo sobre o que conversarem com relação à arte, em vez de mim.

Falando sobre a arte, quando se olha para bandas como Kiss e Alice Cooper, elas tinham o espetáculo e as músicas. Você tinha uma identificação com essas bandas e vendia telefones celulares na Suécia, havia desistido de seu sonho e daí voltou e criou esse espetáculo. Qual

a importância disso no que faz? Ou a música sempre vem primeiro?

Forge: (pensa muito)...

Esqueça a parte da música. Qual a importância do espetáculo no que faz?

Forge: Claro que é muito importante, mas sempre ressalto o fato de que, no caso do Ghost, a música sempre vem primeiro. No início, era só um monte de músicas que, como eu sabia teria um lado visual muito forte e seria espetacular, também fiz questão de colocá-las no MySpace antes de qualquer foto. Queria poder dizer honestamente que, pelo menos no geral, qualquer um que ouviu o Ghost bem no início, escutou sem saber como era o visual. Então, tenho certeza absoluta que as primeiras milhares de pessoas que começaram a gostar do Ghost, fizeram isso sem saber como éramos. Logo, ouso dizer que a música vem, sim, em primeiro lugar! Agora, dez anos depois, posso dizer que se tivéssemos uma parte visual ótima, com bombas e fogo, mas as músicas fossem ruins, não estaríamos aqui. Para mim, essas coisas caminham lado a lado. O meu trabalho é compor músicas legais para o Ghost e, depois, as colocamos nesse grande show teatral. Não passo muito tempo analisando demais isso. É o que é, e só tento melhorar. Toda vez que componho uma música, tento compor uma melhor do que a que fiz antes. Às vezes se consegue, e em outras, não. Toda vez que começamos a montar um novo show, tento fazer algo que nunca fizemos antes e, por sorte, até agora – vamos bater na madeira – conseguimos álbuns melhores e shows maiores, e nossa trajetória tem sido levemente ascendente.

Sua trajetória é fantástica. Vocês trocaram de integrantes durante esses anos. Como estão as coisas com relação às músicas novas? Ainda é algo feito pela banda ou será apenas você compondo, sendo o diretor musical e fazendo tudo? Qual deverá ser direcionamento do próximo álbum?

Forge: Farei o próximo álbum da mesma forma que fiz todos. Isso significa que serei eu no comando. Sempre foi assim. Há várias participações nas músicas. Não é mais um segredo que sempre uso o mesmo baterista, que nunca fez parte da banda, mas toca na maior parte das músicas. Acho que isso vai continuar, porque temos uma ótima relação de trabalho e ele manda muito bem. Além de ser sempre uma reunião agradável toda vez que há uma gravação. E hoje em dia, acho isso uma coisa boa. Considerando-se a quantidade de tempo que passamos na estrada, é muito bom manter uma harmonia, poder se separar. Quando encerramos uma turnê, não nos vemos durante a gravação e essa sempre foi a questão esses anos todos. Logo, todo mundo que já tocou em várias formações da banda nunca esteve presente nas horas de folga. Alguns até foram lá, porque queriam só estar presentes, mas eu sempre fui favorável à ideia de separação, só para podermos fazer turnês na quantidade que eu queria. Isto porque, como se pode ver ao longo de toda história do rock, há várias bandas que acabam porque passaram muito tempo juntas.

Já que compõe tudo, você se vê dando um tempo no Ghost e fazendo um álbum solo? De repente, fazer algo diferente, até em outro estilo. Ou o Ghost é seu foco, única e exclusivamente, e sempre será?

PREQUELLE
UNIVERSAL MUSIC · NAC.

Forge: É difícil dizer que sempre será. No momento, não tenho a tendência profissional de fazer qualquer coisa absurdamente diferente do Ghost. A sensação é que tendo ampliado os horizontes e tendo conseguido colocar músicas que, antes de existirem eu ficava meio na defensiva... Músicas como *He Is*, por exemplo (do álbum *Meliora*), a primeira parte de *Ghuleh/Zombie Queen* (de *Infestissuman*), eu não tinha certeza que funcionariam. Porém, como deu certo, isso colaborou para muita confiança e liberdade para explorar cada vez mais fundo. Assim, deu para perceber que podia compor músicas como *Life Eternal* (*Prequelle*, 2018) e outras assim... Se posso fazer isso no Ghost, e ainda algo como *Mummy Dust* (também de *Meliora*, 2015), então não preciso de outro lugar para isso. Alguns músicos fazem isso de forma magistral. Algo completamente diferente com outra banda.

Vejo o Ghost seguindo um caminho parecido com o de artistas como Madonna, que não se repete. Vocês não são como o AC/DC, que usam os mesmos três acordes há trinta anos.

Forge: Vou concordar sem falar nada de negativo com relação ao AC/DC.

Não, também adoro AC/DC, mas são filosofias diferentes. Eles são muito bem-sucedidos no que se propõe a fazer.

Forge: Com certeza, digamos que são mais tradicionalistas. Vejo o modo que uso para me expressar mais similar ao Queen do que ao AC/DC. Eu gosto disso. Gosto da ideia de pensar em chegar aos 50, 60, ou, de repente, até 70 anos ou mais, e ter um repertório bem amplo, de várias músicas. Eu prefiro assim.

Penso que deve ser interessante para um artista não ter que tocar o mesmo tipo de música sem parar. Você mescla bem as coisas...

Forge: Acredito que, seguindo a intenção de se tornar um artista que toca em lugares cada vez maiores e com shows melhores, deve-se ter músicas variadas. Tenho certeza de que uma das razões por que o Metallica se destaca claramente de, basicamente, todas as outras bandas de seu estilo é porque compuseram músicas diferentes, e a maior parte das outras não. E isso aparece. Com uma ou outra exceção de bandas como AC/DC e... Hum, estou tentando achar outra... Acho que o Rammstein usa um pouco mais uma fórmula.

Eles dizem que isso é se manter fiel a um estilo.

Forge: Sim, mas digo isso com muito carinho, porque acho que o que fazem funciona da mesma forma que o AC/DC funciona. Isso tem a ver com ser reconhecido logo de cara. Nesse sentido funciona, mas daí você tem uma plêiade de bandas que passam a carreira inteira andando em círculos. Uma das minhas bandas prediletas de todos os tempos – portanto, isso não é dito com nenhum despeito –, é Ramones. Acho que é até uma pena a forma como nunca conseguiram captar ao vivo as variações que tinham em seus álbuns. Ao vivo era sempre aquela coisa: '1,2,3,4..' e (N.R.: imita um vocal sem falar nada). Em estúdio eles tinham músicas lindas e exuberantes, mas ao vivo escolheram tocar só o que era punk '1,2,3,4..'. Será que dá para voltar atrás e mudar algumas coisas?

***53rd and 3rd* é ótima.**

Forge: Sim, assim como *Pet Sematary* e outras que eram bem mais tristes e maiores do que várias daquelas. Acho que é esse tipo de repetição que pode fazer você virar o AC/DC, mas também pode lhe deixar empacado. Se vai tocar por uma hora e meia, precisa de músicas diferentes!

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

RAUL SEIXAS

★28/06/1945 †21/08/1989

Mesmo após trinta anos de sua morte, a verdade é que Raul Seixas ainda é para muitos o Pai do Rock Brasileiro – e com justiça.

Filho de um engenheiro e de uma dona de casa, Raul dos Santos Seixas, nasceu em Salvador no dia 28 de junho de 1945. Foi péssimo aluno: repetiu a segunda série cinco vezes. "Eu era um fracasso na escola", diria ele anos depois. "Nunca aprendi nada na escola. Minto. Aprendi a odiá-la."

Pensou em ser escritor, mas acabou ficando com a música. "Eu tinha um conjunto de rock em Salvador", disse a O Pasquim em 1973. "Era Os Panteras, todo conjunto daquela época tinha nome de bicho." E ele já promovia a miscelânea sonora que caracterizaria sua obra: "Cantava rock misturado com baião, cantava Luiz Gonzaga também, uma coisa completamente surrealista. Não tinha nada a ver. E as mães tirando as crianças de perto. Diziam que eu era esquizofrênico. Uma reação incrível!"

Em 1968, resolveu arriscar e mudou-se com os Panteras para o Rio de Janeiro. Gravou um disco que não deu em nada em voltou a Salvador. Logo foi convidado para voltar, dessa vez para trabalhar como produtor da gravadora CBS.

Em 1971 gravou uma maluquice chamada *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10* e que foi outro retumbante fracasso.

No ano seguinte chegou à final do Festival Internacional da Canção defendendo a música *Let Me Sing, Let Me Sing*, mistura de rock e baião que finalmente lhe deu projeção nacional.

Em 1973 lançou um disco com regravações de clássicos do rock chamada *Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock* e no mesmo ano conheceu Paulo Coelho. A parceria resultou em *Krig-ha, Bandolo!*, que trazia hits como *Metamorfose Ambulante*, *Ouro de Tolo* e *Mosca na Sopa*.

FOTO: JUAN LUIS GUERRA/DIVULGAÇÃO

Teve problemas com a censura quando criou a chamada Sociedade Alternativa, baseada nos preceitos de Aleister Crowley, já que os militares pensavam se tratar de um movimento subversivo. Foi exilado, mas o disco *Gita* (1974) fez tanto sucesso que acabou autorizado a voltar ao país. O álbum vendeu mais de 600 mil cópias e rendeu Disco de Ouro a Raul.

Sua produção continuaria intensa nos anos seguintes com os discos *Novo Aeon* (1975), *Há 10 Mil Anos Atrás* (1976), *Raul Rock Seixas* (1977), *O Dia em Que a Terra Parou* (1977), *Mata Virgem* (1978) e *Por Quem os Sinos Dobram* (1979), mas ao mesmo tempo começaram a surgir problemas como depressão e alcoolismo, o que resultou até em internação em clínica de reabilitação e a perda de um terço do pâncreas.

Em 1980 soltou mais um disco, *Abre-te Sésamo*, e em 1982, cada vez mais debilitado, chegou a ser ameaçado de linchamento em um show por estar em situação tão deplorável que o público pensou tratar-se de um impostor tentando se passar por ele.

Um sopro de sucesso voltou a surgir quando em 1983 foi chamado para participar do especial infantil "Plunct, Plact, Zuumm", da Rede Globo, interpretando a música *Carimbador Maluco*. O disco em que saiu a música, *Raul Seixas* (1983), deu mais um Disco de Ouro a Raul.

Em 1984 saiu *Metrô Linha 743*, mas Raul Seixas continuava sua rotina de abuso de drogas e álcool intercalado com internações. Ainda conseguiu mais um Disco de Ouro com *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (1986) e dois anos depois lançou seu último trabalho solo, *A Pedra do Gênesis*.

Nessa época, o cantor Marcelo Nova, que nunca negou o quanto foi influenciado por Raul, aproximou-se dele e levou-o para uma turnê conjunta que teve mais de cinquenta datas. Muito debilitado, Raul participava apenas de metade da apresentação. A parceria rendeu *A Panela do Diabo* (1989), que ele não chegou a ver: no dia 21 de agosto de 1989, véspera do lançamento, Raul Seixas foi encontrado morto em seu apartamento em São Paulo. Diabético, não tinha tomado sua dose de insulina e abusou do álcool, o que causou uma pancreatite fulminante e uma parada cardíaca.

A Panela do Diabo rendeu um Disco de Ouro póstumo a Raul Seixas e sua obra permanece viva até hoje. Não é por acaso que em todo show de rock sempre tem alguém pedindo: "Toca Raul!!"

RAULZITO E OS PANTERAS
RAULZITO E OS PANTERS
(1968)

RAUL SEIXAS
KRIG-HA, BANDOLO!
(1973)

RAUL SEIXAS
GITA
(1974)

RAUL SEIXAS
HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS
(1976)

RAUL SEIXAS E MARCELO NOVA
A PANELA DO DIABO
(1989)

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

Miami/Ft Lauderdale, FL – Cozumel, Mexico

January 7 – 11, 2020

Get Ready for #ROUNDX

THE WORLD'S BIGGEST THE ORIGINAL HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878

QUIET RIOT

POR DANIEL DUTRA

A banda formada por Randy Rhoads antes de o guitarrista brilhar com Ozzy Osbourne; que levou o hard rock e o heavy metal pela primeira vez ao topo da parada americana; que já foi e voltou três vezes; e que hoje, mesmo sem nenhum integrante da formação original, mantém vivo seu legado com dignidade – e no momento que você lê estas linhas, a contagem regressiva para o lançamento de um novo álbum, *Hollywood Cowboys*, já começou. O Quiet Riot é tudo isso e muito mais.

Liderado pelo baterista Frankie Banali, o grupo atualmente conta com dois velhos de guerra, o baixista Chuck Wright e o guitarrista Alex Grossi, e se acertou com James Durbin, oriundo do reality American Idol, para assumir o microfone deixado pelo insubstituível Kevin DuBrow – microfone que desde 2010 havia passado pelas mãos de Mark Huff, Keith St. John (Burning Rain), Scott Vokoun, Jizzy Pearl (Love/Hate, ex-Ratt e L.A. Guns) e Seann Nicols (ex- Adler's Appetite). A dança das cadeiras foi intensa nos 46 anos de história até agora – o Quiet Riot nasceu em 1973, uma década antes de estourar de verdade –, e parte dessa história está neste Collection, junto ao ranqueamento de uma discografia que você precisa revisitar ou conhecer.

Rudy Sarzo, Kevin DuBrow, Frankie Banali e Carlos Cavazo. Formação clássica do Quiet Riot

IMPERDÍVEIS

METAL HEALTH (1983)

No ano anterior ao lançamento de *Metal Health*, Kevin DuBrow pediu a bênção a Randy Rhoads para usar o nome do Quiet Riot, que havia parado em 1980, na banda que acabara de formar com Frankie Banali, Chuck Wright e Carlos Cavazo (guitarra). Depois da morte de Rhoads no trágico acidente ocorrido em 19 de março de 1982, Rudy Sarzo eventualmente acabou deixando a banda de Ozzy Osbourne para ficar com o lugar de Wright, completando assim a formação que, apesar de não ser a original, é a clássica e definitiva do grupo californiano: DuBrown, Cavazo, Sarzo e Banali. E quis o destino que o terceiro álbum saísse um ano depois da partida de Rhoads. *Metal Health* chegou às lojas em 11 de março e conseguiu o primeiro grande feito do rock pesado nos Estados Unidos: chegou ao número 1 do Top 200 da Billboard, desbancando *Synchronicity*, do The Police, e faturando Disco de Platina sêxtuplo graças a seis milhões de cópias vendidas. No lugar de *Every Breath You Take* e *King of Pain*, os americanos abraçaram o hino *Metal Health (Bang Your Head)*; *Cum on Feel the Noize*, cover do Slade; e *Slick Black Cadillac*, composição de DuBrow e Rhoads originalmente gravada em *Quiet Riot II* (1978). E faixas como *Breathless*, *Run for Cover*, *Let's Get Crazy* e a belíssima balada *Don't Wanna Let You Go* ajudam a ratificar o status de *Metal Health*: é um disco fabuloso.

CONDITION CRITICAL (1984)

Escolher um álbum para completar o quesito "Imperdíveis" não foi tarefa simples, e dois dos três fortes candidatos estão na página ao lado. Apesar de o Quiet Riot nunca mais ter sido tão bem-sucedido comercialmente como no álbum que marcou seu retorno à ativa, a discografia do grupo é regular, então o vencedor 'no photochart' foi aquele que chegou mais perto da fama pregressa: *Condition Critical*, o sucessor de *Metal Health*. Mas sucessor mesmo, porque ficou muito óbvio já à época que a ideia foi fazer um "Metal Health II" para continuar surfando na onda do sucesso. Preste atenção no conceito artístico da capa... Sacou? Agora, dê uma olhada na ordem das faixas. Percebeu que a segunda música é outro cover do Slade, desta vez *Mama Weer All Crazee Now*, que deu as mãos a *Cum on Feel the Noize* e também virou presença obrigatória nos shows do Quiet Riot. Além disso, dá para falar que, por um breve momento em seus segundos iniciais, *Sign of the Times* tenta seguir o mesmo caminho de *Metal Health (Bang Your Head)*. Mas se não deu tão certo – *Condition Critical* ficou no 15º lugar no ranking, parando em um milhão de álbuns vendidos –, a banda ao menos fez um trabalho que, 35 anos depois, ainda é ótimo de ouvir do início ao fim, com destaque para *Party All Night*, *Scream and Shout*, a balada *Winners Take All* e a excelente faixa-título.

EXCELENTES

QR III (1986)

A queda na popularidade fez a banda sofrer a primeira baixa na formação da volta: Sarzo saiu em 1985, ano da primeira visita a um Brasil que vivia a empolgação do Rock in Rio. Quem acompanhou DuBrow, Cavazo e Banali por aqui foi Kjell Benner, mas na hora de entrar no estúdio quem assumiu as quatro cordas foi um velho conhecido: Chuck Wright, que estava no Giuffria e já havia deixado sua marca no Quiet Riot – foi ele quem gravou o baixo em *Metal Health (Bang Your Head)* e *Don't Wanna Let You Go*. Estava tudo em casa, mas o quarteto precisou dançar literalmente conforme a música que ditava o cenário hard/heavy nos EUA. O Quiet Riot não se fez de rogado, e *QR III* acertou na mão em canções mais acessíveis e cheias de teclados. Só a trinca de abertura vale o álbum: *Main Attraction* é melodic rock de alto nível; com cara de trilha sonora dos filmes de ação de Sylvester Stallone nos anos 80, tipo "Cobra" (1986), a sensacional *The Wild and the Young* virou clássico; e a balada *Twilight Hotel* é uma das melhores do grupo. Mas o groove de *Down and Dirty* e *The Pump* e os acentos pop de *Rise or Fall*, *Slave to Love* e *Helping Hand* são irresistíveis.

QR (1988)

QR III fez o Quiet Riot despencar mais posições no ranking da Billboard, no qual ficou na 31ª posição, e a banda sofreu novas baixas. Wright pediu as contas e foi substituído por Sean McNabb, que ficou com a vaga porque Sarzo estava comprometido com o Whitesnake; mas antes disso DuBrow havia sido demitido, muito em virtude do mau comportamento que tinha a ver com o fato de o grupo não estar mais no primeiro escalão do hard/heavy americano. Para o seu lugar veio o ótimo Paul Shortino (ex-Rough Cutt), e foi sem nenhum integrante original que o Quiet Riot fez um de seus melhores trabalhos, o subestimado *QR*. Talvez o disco errado na hora errada, mas ainda assim um que ampliou os horizontes do quarteto no hard rock, com inserção de Hammond, a cargo de Jimmy Waldo (ex-Alcatrazz), em faixas como *In a Rush*, *Empty Promises* (com um quê de Deep Purple) e a excelente *Stay With Me Tonight*, o viciante primeiro e único single do álbum que parou no 119º lugar do Top 200 da Billboard. Pouco para um disco que tem baladas do calibre de *Run to You* e *Don't Wanna Be Your Fool*; e joias como *Callin' the Shots*, *I'm Fallin'*, *King of the Hill* e *Coppin' a Feel*.

GUILTY PLEASURES (2001)

O fracasso comercial de *QR* fez o Quiet Riot parar pela segunda vez, em 1989, e retornar quatro anos depois até a inevitável reunião da formação clássica. Em 1997, DuBrow, Cavazo, Sarzo e Banali resolveram as diferenças; saíram em turnê; lançaram um CD 'mezzo' inédito, 'mezzo' regravação de clássicos, *Alive and Well* (1999); e fecharam o ciclo com um dos melhores álbuns da banda. *Guilty Pleasures* mostrou um grupo soando atual sem ter se modernizado, o que se sente no arrasa-quarteirão *Street Fighter*, em *Feed the Machine* e na excelente faixa-título (com destaque para a performance precisa de Banali); e fiel às raízes sem soar datado, algo atestado nas ótimas *Feel the Pain*, *I Can't Make You Love Me*, *Blast from the Past* e *Let Me Be the One*, esta uma prova de que o Quiet Riot sempre levou jeito para criar belas baladas. Com identidade própria, *Guilty Pleasures* poderia muito bem ter sido o sucessor de *Metal Health*, e assim o quarteto não precisaria apelar para um novo cover do Slade, uma vez que a deliciosa *Rock the House* é o grande hit que o grupo não conseguiu emplacar. E olha que ainda tem a radiofônica *Shadow of Love*.

BONS

THE RANDY RHOADS YEARS (1993)

Passado. Uma vez que seus dois primeiros discos, *Quiet Riot* (1977) e *Quiet Riot II*, foram lançados apenas no Japão, DuBrow aproveitou o segundo retorno, em 1993, e lançou no mesmo ano uma coletânea para mostrar a obra criada por ele, Randy Rhoads, Kelly Garni (baixo) e Drew Forsyth (bateria) – em tempo: Sarzo aparece na capa do segundo álbum, mas não participou das gravações. *The Randy Rhoads Years* cumpre dois propósitos: faz com o que fã desavisado, que acha que o começo de tudo foi em *Metal Health*, vá conhecer o restante do material; e apresenta três faixas inéditas, *Picking Up the Pieces*, *Breaking Up Is a Heartache* e *Force of Habit*, esta a única do CD que não foi remixada e não teve os vocais regravados por DuBrow, uma vez que a fita master foi perdida. É um bom trabalho, distante do Quiet Riot que ficou conhecido por todos na década de 80, mais hard rock e menos rock'n'roll. E vale pela versão ao vivo de *Laughing Gas*, gravada em 1977 e que tem um solo de Rhoads no qual o genial guitarrista toca *Dee*, que mais tarde gravaria com Ozzy em *Blizzard of Ozz* (1980).

ROAD TO RAGE (2017)

Presente. Com a decisão de retomar as atividades, três anos depois da morte de DuBrow (em 19 de novembro de 2007), Banali chamou Wright, que, entre idas e vindas, já tem 21 anos de banda, e Alex Grossi, que participara de *Rehab* (2006) e já soma 14 anos no grupo. Uma linha instrumental que garantia o DNA do Quiet Riot, mas foi apenas com James Durbin, um dos quatro finalistas do American Idol em 2011, que a formação se estabilizou. Tanto que *Road to Rage* havia sido gravado por Seann Nicols, demitido antes mesmo do lançamento, que foi adiado para que os vocais fossem regravados. Não vamos saber o que teria acontecido se a banda tivesse continuado com ele, mas a verdade é que Durbin foi um achado: não é um clone de DuBrow, mas interpreta o material antigo com agradável semelhança. *Road to Rage* tem músicas muito legais, mas que soariam ainda melhores numa produção mais gordurosa (principalmente a guitarra). Mas é ouvir *Can't Get Enough*, *Getaway*, Still Wild e as ótimas *Freak Flag*, *Renegades* e *Knock Em Down* para entender que o legado do Quiet Riot e de DuBrow está em boas mãos.

CUIDADO

QUIET RIOT 10 (2014)

Primeira amostra da volta depois da morte de DuBrow, *Quiet Riot 10* não é um trabalho ruim, mas numa discografia regular, na qual os desvios são para cima, o 12º álbum do Quiet Riot já começa atrás por ter sido lançado apenas no formato digital. Mas também paga o preço de ficar no meio do caminho entre o presente e o passado. Banali, Wright e Grossi haviam dividido o palco com três vocalistas – Mark Huff, Scott Vokoun e Keith St. John, que, diga-se, quebrou o galho entre o primeiro e o segundo – até efetivar Jizzy Pearl, cuja voz rasgada é mais próxima da de DuBrow. Apesar da habitual competência, ele não acrescenta muita coisa em *Rock in Peace* (com Tony Franklin no baixo) e *Backside of Water* (com Sarzo), destaques entre as seis canções de estúdio. *Quiet Riot 10* é completando por quatro ao vivo com DuBrow, sem hits ou clássicos para chamar a atenção de quem pagaria por um download legal. Mas vale por *Put Up or Shut Up*, de *QR III*, e o curioso *Rock 'n' Roll Medley*, com *I Don't Need No Doctor* e *Red Light Mama, Red Hot!* (Humble Pie); *Let Me Love You* (Buddy Guy); e *Whole Lotta Love* (Led Zeppelin).

OUTROS: Em vídeo, o Quiet Riot tem quatro ótimas opções: o mais recente, *One Night in Milan* (2019), que mostra a banda atual; *Live! In the 21st Century: 20 Years of Metal Health* (2003), com a formação clássica; *'89 Live in Japan* (2004), da fase com Paul Shortino; e o documentário *Well Now You're Here, There's No Way Back* (2014). Entre os discos não citados acima e ao lado, *Down to the Bone* (1995), com Chuck Wright junto a DuBrow, Cavazo e Banali, é o primeiro a ser conferido, mas *Terrified* (1993), com o baixista Kenny Hillery, também vale a audição. Assim como o último álbum com DuBrow, *Rehab*, único CD com Neil Citron (guitarra) e Tony Franklin (baixo) na formação fixa, além da participação especial de Glenn Hughes. Coletâneas? Fique com *Live & Rare Volume 1* (2005), porque o título já diz tudo.

POR RICARDO BATALHA

ARC

ARC, nome obscuro da NWOBHM, voltou a ser comentado em 2009 pela coletânea *Raiders of the Lost Arc*

ORIGEM
INGLATERRA

ÉPOCA
ANOS 80

ESTILO
NWOBHM

FORMAÇÃO CLÁSSICA

John Whitbread (vocal)
Mike Whitbread e Phil Lynch (guitarras)
Steve Potter (baixo)
Geoff Whitbread (bateria)

DISCOGRAFIA

Tribute - To Mark Hailwood (Single, 1980), *War of the Ring* (Single, 1981) e *Raiders of the Lost Arc* (coletânea, 2019)

Surgido em Stourport-on-Severn/Worcestershire (ING), o ARC não conseguiu passar de patamar na fase da NWOBHM. Worcestershire, que tem ligação com a obra de J. R. R. Tolkien, especialmente pela inspiração para The Shire (O Condado). Trata-se da região da Terra Média presente no trabalho de ficção do britânico, que serviu de base para uma enormidade de bandas de heavy metal, como Blind Guardian, por exemplo.

Criado em 1978 pelos irmãos Whitbread – John (vocal), Mike (guitarra) e o saudoso Geoff (bateria) –, além de Dennis Paszkowec (guitarra) e Steve Slater (baixo), o grupo começou a obter destaque por suas performances ao vivo. Os shows contavam, predominantemente, com material autoral e alguns covers escolhidos para o bis, como *Born to Be Wild*, do Steppenwolf. "Meu pai tocava acordeão. Eu gostava da guitarra, John era o vocalista e Geoff curtia muito Ginger Baker e Buddy Rich. Então, não houve discussão sobre o que iríamos tocar", recordou Mike Whitbread ao blog Axe Crazy.

O nome ARC surgiu também em família. "Nossa mãe, Iris, estava viajando em um ônibus e passou por uma fábrica. Quando ela olhou para o lado, avistou um soldador trabalhando e, logo, viu um flash quando a tocha de soldagem fez um arco. E foi isso. Assim, nos tornamos o ARC", contou o guitarrista. "Meu pai era dono de uma fábrica de tapetes em Wilden, uma pequena aldeia entre Kidderminster e Stourport. Chamava-se Wilden Carpets e nós reformamos a adega para usar como sala de ensaio", completou.

Ao juntar as economias, o grupo partiu, em 1980, para a gravação de um single/promo ao lado do engenheiro de som Colin Owen. Registrado no estúdio The Old Smithy, o material, que trouxe a faixa-título *Tribute (To Mike Hailwood)* e *For My Next Kick* no lado B, foi lançado pelo selo criado pelos músicos, o Orcist.

O saudoso Mike Hailwood, que recebeu o tributo, foi um motociclista e automobilista britânico conhecido como Mike "The Bike" e que, após obter sucesso na MotoGP, ingressou na Fórmula 1. "Respeitávamos Hailwood como motociclista campeão mundial. Nós gravamos o single e fomos para a corrida TT (Tourist Trophy) da Ilha de Man para promovê-lo. Éramos interessados em motos. Conseguimos que as estações de rádio locais tocassem o single e que Hailwood assinasse alguns para nós", relembrou o guitarrista.

Após mudanças na formação, com as chegadas de Steve Potter (baixo) e Phil Lynch (guitarra), veio um segundo single, *War of the Ring*, com letra baseada na obra de Tolkien. "Geoff e John tinham interesse nas histórias de Hobbit. Em um acampamento de férias no País de Gales com amigos, decidimos compor outro single. A base para *War of the Ring* é sobre o bem contra o mal", explicou Mike.

No lado B do single estava *Ice Cream Theme*, que, ao contrário da faixa-título, mostrou o lado bem humorado do ARC. "É sobre um vendedor de sorvete que fica louco porque seu trabalho é muito chato", disse o guitarrista.

Apesar de mais consistente e pesado, na veia do Black Sabbath, o material não deu em nada e a banda encerrou as atividades tempos depois. "O ARC se separou oficialmente quando John se casou, por volta de 1985, e mudou-se para Devon, que ficava a quase 300 quilômetros de distância", contou Mike, que criou a banda Red Hunter, nome dado por causa do modelo de motocicleta Ariel Red Hunter. "Nós reformulamos o ARC em 2007 como trio – eu, Geoff e Dave. Tocamos por dois ou três anos. Hoje, ocasionalmente vejo Dennis, porque ele mora em Stourport. Phil Lynch se mudou para Los Angeles nos anos 90 e faleceu em 2005. Mantenho contato sempre com Dave, porque ele mora perto de mim. Martin Griffin reside em Worcester, mas não o vejo faz tempo", concluiu o guitarrista, que atualmente canta e toca guitarra na banda de covers Transporterss.

O recente lançamento da coletânea dupla *Raiders of the Lost Arc* pela High Roller Records, que traz músicas gravadas em ensaio em 1984, além dos singles, gravações ao vivo e material do Red Hunter, é responsável pelo resgate do ARC, um dos tantos nomes obscuros da New Wave of British Heavy Metal.

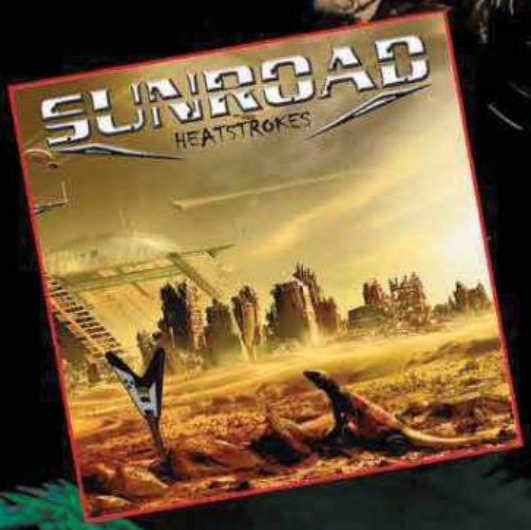
WAR OF THE RING (1981)

RAIDERS OF THE LOST ARC (2019)

MusiK Records

LICENCIAMENTOS EXCLUSIVOS PARA OS MELHORES E INÉDITOS LANÇAMENTOS
DO AOR ROCK, DO CLASSIC ROCK E DO MELODIC HARD ROCK MUNDIAL

distribuição:
VOICE MUSIC



SUNROAD – «HEATSTROKES»

O OITAVO ÁLBUM DE ESTÚDIO DA MAIOR BANDA DE HARD ROCK DO CENTRO-OESTE

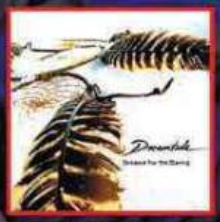
e os lançamentos:

FROM DARKNESS TO LIGHT
O MAIS RECENTE ÁLBUM DE ESTÚDIO DA EXCELENTE BANDA SUECA NARNIA

NARNIA
RELANÇAMENTO NACIONAL COM BÔNUS DO ÁLBUM DE ESTÚDIO HOMÔNIMO DE 2016

AINDA DISPONIVEIS:

DREAMTIDE
(Dream And Deliver)



DREAMTIDE
(Dreams For The Daring)

DREAMTIDE
(Here Comes The Flood)

FRED MIKA
(Withdrawal Symptoms)

KEE OF HEARTS
(Kee Of Hearts)

STEPH HONDE
(Covering The Monsters)

SUNROAD
(Wing Seven)

PRIDE OF LIONS
(Fearless)

MUSIK RECORDS
tel: +55 (62) 3278-3624
musikrecordsmk@hotmail.com
www.facebook.com/officialmusikrecords

também nas lojas:
DIE HARD
leitura
Saraiva

SLIPKNOT

WE ARE NOT YOUR KIND
WARNER · NAC.

9,0

Para começar, convido você a uma pequena digressão musical: *Surfacing* (*Slipknot*, 1999), *People = Shit* (*Iowa*, 2001), *Duality* e *Before I Forget* (*Vol. 3: The Subliminal Verses*, 2004), *Sulfur* e *Psychosocial* (*All Hope Is Gone*, 2004), *AOV* e *The Devil In I* (*.5: The Grey Chapter*, 2014). O que todas essas músicas têm em comum? Simples, todas são grandes hits! E, sim, todas elas são dotadas de linhas instrumentais simples e inspiradas, trazem um groove marcante e, ainda, linhas líricas que ganham sentido e força conforme a música caminha, até, claro, desembocar em refrãos fortes e memoráveis. Certo, ao perceber isso, nossa primeira missão, ao ouvir pela primeira vez *We Are Not Your Kind* na íntegra, é identificar onde está aquele hit inegável. Sabe, aquela música típica do Slipknot que atingirá seus fãs no estômago instantaneamente, cravando sua presença para sempre no repertório ao vivo da banda de Des Moines (EUA). E, claro, não demorou para que algumas coisas ficassem claras. Primeiro, e muito importante, este é um ótimo novo álbum do Slipknot, e, embora o grupo americano tenha passado por muitas mudanças de formação desde os primeiros dias, nada disso transparece negativamente em sua música. Em seguida, vamos ao que realmente interessa: *We Are Not Your Kind* começa com uma típica introdução sem sabor algum, *Insert Coin*. Porém, logo em seguida, temos a bem conhecida *Unsainted*, e, sim, já temos aqui o primeiro hit deste novo registro. O inteligente uso do refrão já no início da música, uma melodia que lembra os tempos da citada *Duality*, e que traz a tiracolo breves inserções de corais, e aquela tradicional levada 'mecânica' e repleta de groove que transformou o grupo em um gigante do metal.

O álbum segue em alta rotação com a industrial *Birth of the Cruel*, que revela toda a versatilidade vocal de Corey Taylor, além de mostrar ótimas levadas do baterista Jay Weinberg. Após uma breve vinheta, mais um dos futuros hits aparece: *Nero Forte*. Dona de riffs viciantes e memoráveis logo na primeira audição, ela traz um groove daqueles típicos para fazer as plateias decolarem, além de um dos melhores refrãos da carreira da banda – confesso, bastou ouvir para tirar o pó da minha velha Ibañez para repetir as linhas de guitarra!

E, sim, existe muito mais do que isso. Com linhas líricas realmente interessantes, que vão da melancolia à excitação maníaca, ritmos que variam de doses de hard rock clássico, groove e thrash metal, estamos diante de um dos melhores registros do Slipknot.

Então, é bem possível que alguém que não goste da banda venha a gostar com este novo álbum. No entanto, nenhum fã da "velha guarda" deixará a banda de lado. Eles tentaram revigorar sua velha fórmula, trazer seu velho espírito para a entidade que o grupo é hoje. E, sim, eles fizeram isso com louvor e extremo talento. Mais uma bola dentro, a despeito daqueles que novamente se manterão de ouvidos tampados.

Valtemir Amler

FIRST SIGNAL

LINE OF FIRE
FRONTIERS MUSIC · IMP.

8,0

O First Signal, que foi mais um projeto capitaneado pelo presidente da Frontiers, Serafino Perugino, apresenta o sucessor de *One Step Over the Line* (2016). Contando com o experiente vocalista Harry Hess (Harem Scarem, ex-Blind Vengeance), Michael Palace (guitarra, Palace, Find Me, Code Red), Johan Niemann (baixo, Angelica, Novak e outros) e Daniel Flores (bateria, Find Me, Palace, Angelica, Alfonzetti e outros), *Line of Fire* traz uma mescla interessante e até esperada. Temos hard rock em *Born to Be a Rebel*, *A Million Miles*, *Never Look Back* e *Falling*, pop em *Tonight We Are The Only*, melodic rock/AOR em *Walk Through The Fire*, *Line of Fire*, *Need You Now*, *Here With You* e *The End of the World*. Se é fã de Harem Scarem e ainda não conhece o First Signal, não perca!

Ricardo Batalha

DYINGBREED

UNDER A BLACK SUN
BLACK HOLE PRODUCTIONS · NAC.

8,0

Não é de hoje que o Rio Grande do Sul é pródigo em revelar grandes nomes do death metal. Com o boom do estilo na década de 1990 e o surgimento do Krisiun, aos poucos foram surgindo novas bandas, como Blessed (que viria a ser tornar o Rebaelliun), Mental Horror, Carcinosi, Malediction, Nephasth e tantas outras que produziram, e ainda produzem, material de qualidade. O Dyingbreed é da última geração do metal extremo gaúcho, mas o currículo de seus integrantes é extenso. E *Under a Black Sun* chega exatamente para coroar a excelente fase do quinteto, que ganhou gás extra após a entrada do baterista Daniel Vilanova, músico precoce e um dos grandes destaques da atualidade, vindo a estrear na banda com apenas 18 anos de idade. Junto ao baterista estão Leonardo Schneider (vocal), Felipe Nienow e Ariel Boesing (guitarras) e Fabrício Bertolozi (baixo), responsáveis por este belíssimo exemplo de como tocar death metal de forma agressiva e empolgante. Da 'intro' *Prelude to Annihilation*, composta pelo saudoso Fabiano Penna (Rebaelliun), passando por *Crawling*, que conta com a participação do vocalista Lohy Fabiano (Rebaelliun) e *To Breathe Is Your Disease*, em que Rafael Barros (Burn the Mankind) contribui com um solo de guitarra, é impossível passar incólume. São trinta e poucos minutos de pancadaria! Ponto também para a produção esmerada e a belíssima capa de Rafael Tavares.

Maicon Leite

SPREAD EAGLE

SUBWAY TO THE STARS
FRONTIERS MUSIC · IMP.

7,0

A banda americana Spread Eagle teve vida curta, mas chegou a chamar a atenção no começo da década de 90 com *Spread Eagle* (1990) e *Open to the Public* (1993). Contando com os fundadores Ray West (vocal) e Rob De Luca (baixo), além de Ziv Shalev (guitarra) e Rik De Luca (bateria), o grupo apresenta o seu terceiro álbum. O hard rock cru e mais sujo foi mantido, como se comprova logo na abertura, com *Subway to the Stars* e a pesada e variada *29th of February*. Já *Sound of Speed*, que saiu em videoclipe, vem mais acelerada, enquanto *Dead Air* mostra a cara anos 90, assim como *More Wolf Than Lamb* e *Cut Through*. Destaques ainda para as pesadas e energéticas *Grand Scam* e *Antisocial Butterfly*, e a acústica *Solitaire*. Bem-vindo de volta!

Ricardo Batalha

1914

THE BLIND LEADING THE BLIND
ARCHAIC SOUND · IMP.

9,0

Se formos analisar, a temática da guerra sempre foi importante para o heavy metal (alguém aí falou *War Pigs*?), mas ganhou uma nova força com a chegada do Bolt Thrower, com sua imagem, letras e música. Mais de uma década depois dos ingleses, os suecos do Marduk também fizeram sua parte com seu maior clássico, *Panzer Division Marduk*, e a lista de favoritos ainda inclui gente como God Dethroned, Axis Powers, Asphyx... Mais do que engrossar o caldo, o ucraniano 1914 chega para receber a Cruz de Ferro, pois o que fizeram em seu debut, *Eschatology of War* (2015), e no novo, *The Blind Leading The Blind*, é digno de condecoração. Como o nome da banda entrega, o foco principal das letras é a Primeira Guerra Mundial, e o som, é um misto de doom/death com black metal, o que garante extremismo até nas passagens mais cadenciadas da obra. Aprecie esta obra por completo, deixe-se absorver pela aura de um dos conflitos mais terríveis que o mundo já viu, e sinta na carne o terror do qual todos nós somos feitos. Este álbum merece.

Valtemir Amler

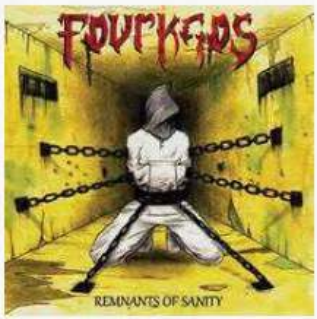
CHILDREN OF THE SÜN

FLOWERS
THE SIGN · IMP.

9,5

Se você tem o espírito de Woodstock, lendário festival de 1969 que mudou a música e a cultura, e é adepto do movimento 'flower power', que também incentivou a ideia de amor livre e paz no mundo, sem guerras, tem que conhecer o trabalho do Children of the Sün. Trata-se de um jovem octeto, sendo seis mulheres e dois homens, formado na pequena Arvika (SUE), cidade com cerca de, aproximadamente, 15 mil habitantes. Em *Flowers*, seu álbum de estreia, sucessor do homônimo EP lançado em 2018, o grupo mostra uma produção impecável e um classic rock moldado por um 'blend' retrô de blues, folk e country, com influências de Janis Joplin, Led Zeppelin e Joe Cocker, lembrando muito também o som que o Heart fazia nos anos 70. É certo que você irá se emocionar com as baladas *Emmy* e *Beyond the Sun* e com as sofisticadas *Sunchild* e *Flowers*, e que se sentirá empolgado com as eletrizantes *Her Game*, *Hard Workin Man* (a melhor) e *Like a Sound*. A seção instrumental e as linhas vocais dessa banda são brilhantes, sendo a bela e doce voz de Josefina Berglund Ekholm o principal destaque.

Leandro Nogueira Coppi



FOURKAOS

REMNANTS OF SANITY
INDEPENDENTE · NAC.

7,0

É sempre bom ouvir um álbum recém-lançado. Ainda mais quando é de banda que está na luta para abrir portas e conquistar seu espaço. É o caso de *Remnants Of Sanity*, trampo de estreia do Fourkaos, de Campina Grande (PB). Johnny Glaydson (vocal e guitarra), Matheus Henrique (baixo), Matheus Oliver (guitarra) e Rodolfo Diniz (bateria) bancaram por conta própria o álbum, que está disponível em todas as plataformas digitais. Pelas oito faixas correm bons riffs e cadência de quem aposta no encontro de groove e thrash metal. Lançado em 13 de julho de 2019, não por acaso o Dia Mundial do Rock, o material agradará fãs de Lamb Of God e Soulfly. A meta do Fourkaos é fazer o maior número possível de shows no Nordeste do país para disseminar a divulgação de sua música. Os poucos, porém bons, solos de Oliver fazem um bom contraponto às bases fortemente ritmadas. *Wreckage*, *Silence And Chaos*, *Duality Remains In My Hands* e *Insurrection* garantem aquela doce dor no pescoço do ouvinte. Com um pouco mais de estrada e uma ligeira melhora na pronúncia, o Fourkaos estará 100% pronto para alcançar as próximas metas.

Alessandro Bonassoli

ENTHRONED

COLD BLACK SUNS
SEASON OF MIST · IMP.

8,5

Como é bom quando bandas que costumamos admirar não se importam em seguir velhas fórmulas, realocar velhos clichês e continuar fazendo boa música. Cinco anos após *Sovereigns* (2014), o Enthroned convence logo de cara, com *Ophiusa*, introdução deste novo álbum. O clima denso e meticulosamente formulado para causar uma impressão fúnebre e etérea no ouvinte é cortada abruptamente pela intempestiva *Hosanna Satana* (uma música que já nos havia impressionado no show do Enthroned durante o festival Setembro Negro do ano passado), mas ganha um novo e ainda mais intenso capítulo em *Oneiros*, uma música que só poderia funcionar sob o signo do black metal. Outros destaques ficam por conta da gélida *Silent Redemption*, e as longas *Smoking Mirror* e *Son Of Man*, que alternam climas e prendem a atenção do ouvinte até o último segundo. Mas, para ter a experiência completa que o 'frio sol negro' tem a oferecer, não deixe de ouvir *Aghoria* (que mistura o que parece uma missa negra com música rápida e suja) e *Vapula Omega*. De gelar a espinha.

Valtemir Amler

ZIMERS
Rock Store
&
Instrumentos
Musicais
zimers.com.br
Caraguatatuba/SP

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

HANNO KLÄNHARDT
(MANTAR)

AC/DC - *If You Want Blood (You've got it)*
Sepultura - *Chaos A.D.*
Iron Maiden - *A Real Live One*
Darkthrone - *A Blaze in the Northern Sky*
Metallica - *Ride the Lightning*

EDU LANE
(NERVOCHAOS)

Iron Maiden - *Piece of Mind*
Judas Priest - *British Steel*
Metallica - *Kill 'Em All*
Slayer - *Hell Awaits*
Motörhead - *Ace of Spades*

MECHANIX
CDs
Compra, Venda e Troca.
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 252
CEP 01041-000 - Centro - São Paulo-SP
Tel. (011) 3223-8101
e-mail: robson.sevilha@terra.com.br
www.mechanixcds.cjb.net

SONATA ARCTICA

8,5

TALVIYÖ
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

A primeira coisa que o fã de longa data perceberá ao olhar a capa de *Talviyö* é que os finlandeses trouxeram de volta a predominância daquelas cores que caracterizam alguns dos principais álbuns da banda, além do sempre útil inverno típico do seu país natal (e também dos seus principais registros). Então, estaria o Sonata Arctica buscando um retorno para o seu passado? Em parte sim, mas não é de hoje, e somente em parte. *Whirlwind*, por exemplo, é uma ótima música, facilmente memorizada e dona de forte melodia, mas está muito mais para o que eles fizeram em *Unia* (2007) do que para o início com *Ecliptica* (1999) e *Silence* (2001). Já *Cold* me fez, sim, pensar nos momentos mais calmos de *Silence*, mas, misturado à música que marcou a carreira de bandas como Survivor e Journey. Ou seja: é metal com altas doses de hard rock, criado por uma banda adulta, que cresceu junto com seu público. Linhas inteligentes de teclado e guitarra fizeram de *Storm the Armada* uma de minhas favoritas, e, embora Tony Kakko não seja mais aquele vocalista de *Blank File*, é ótimo ouvi-lo cantando em todas as músicas. Mais que isso, o que ele fez em *Who Failed The Most*, colocaria esta faixa facilmente entre as baladas de *Silence*. Você ainda gostará de ouvir *Ismo's Got Good Reactors*, que é rápida, tem bumbos duplos, e um belo clima de 'fim de ano' – sim, ela é festiva! Não tão 'feliz', *Demon's Cage* tem ótimos teclados, bateria e vocais, mas o refrão poderia ser menos "capenga". *A Little Less Understanding* tem até um resquício de Deep Purple/Uriah Heep nos teclados. Resumindo, que tal conferir?

Valtemir Amler

BANSHEE

THE MADNESS
VISIONARY NOISE - IMP.

8,0

O veterano grupo americano Banshee, que estreou em 1986 com o EP *Cry in the Night* e soltou seu debut, *Race Against Time*, há trinta anos, está de volta com o conceitual *The Madness*, que trata sobre os vários estágios dos transtornos mentais. Apesar de contar somente com um integrante original, o guitarrista Terry Dunn, este quarto disco de estúdio é um presente para fãs de heavy metal tradicional, especialmente para quem curte Seven Witches, Halford, Pantera, Warrior, Cage e Tim "Ripper" Owens. Amplo destaque para a performance e as fortes vocalizações de George Call (vocal, Aska, Cloven Hoof, Violent Storm, ex-Omen e Emerald), o bom trabalho da seção rítmica, com Blu Davis (baixo) e Vinnie E. Parma (bateria), e os riffs cavalares de Dunn. Além do interessante cover para *Slipping Away* (Black Sabbath), não deixe de conferir as instigantes e energéticas *Metal Morphosis* e *Demons (In my Head)*, e as cadenciadas Into *The Breakdown* e *The Madness*. Até que enfim algo de metal tradicional, pesadíssimo e atual, que me agradou.

Ricardo Batalha

WAR ETERNAL

WAR ETERNAL
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Quando se trata de death metal 'old school', elementos como velocidade, perícia técnica e explosão sonora são tão importantes quanto a dinâmica e boas ideias. Qualquer um sabe quantas bandas escondem inépcia e incapacidade criativa sob o manto do 'extremismo irrestrito', certo? Ao colocar este EP de estreia do War Eternal, de Rio Claro/SP, a impressão que temos é de que eles sabem muito bem disso. Ao todo, são seis músicas, divididas em pouco mais de 25 minutos (o que é quase um 'full-length', se considerarmos os clássicos do Deicide). As ideias são sempre variadas e fortemente rítmicas: embora extremas e carregadas de peso, músicas como *Lies and Illusions* e *Deadly Sin* são completamente diferentes em essência, e seguram o ouvinte atento. Claro que alguns detalhes podem ser revistos, um pouco mais de atenção aos arranjos podem refinar certos aspectos rítmicos que soam meio toscos aqui e acolá, mas nada que esconda o que foi feito neste registro. Eles já mostraram que entendem do assunto, agora é seguir adiante.

Valtemir Amler

VADER

THY MESSENGER
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

Assim como aconteceu em 2016, quando lançou o EP *Iron Times* para anteceder a chegada do álbum *The Empire*, novamente os poloneses do Vader lançam um EP para preparar o terreno para a sua nova oferta de estúdio. E *Thy Messenger* novamente faz bonito, trazendo três furiosas novas faixas, *Grand Deceiver, Emptiness* e *Despair*, além de uma renovada versão para a clássica *Litany* e o cover para *Steeler*, do Judas Priest. A versão dos ingleses vem com a competência de sempre (o Vader nunca 'estragou' a música de ninguém, como alguns fazem), e *Litany* soa desnecessária, embora não comprometa o resultado final. Mas é quando ouvimos as novas composições que o bicho pega: *Emptiness* tem aquela vibração thrash/death que só o Vader é capaz de evocar (ah, mas como tinha gente que fazia bem isso, no passado!). *Despair* parece uma metralhadora com munição infinita, e *Grand Deceiver*, bem, ela foi justamente o carro chefe deste curto registro, deixando todos de queixo-caído. Se forem manter essa pegada, que venha o novo disco amanhã!

Valtemir Amler

MORBID PROPHECY

PHILOSOPHICAL BLASPHEMIES
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O núcleo-base da Ars Moriendi, extinta em 2010, fundou, seis anos depois, o Morbid Prophecy. E veio engajado em difundir um som calcado nas mais pútridas vertentes do metal extremo, só que de forma refinada, com direito a melodias de muito bom gosto, aliado a letras filosóficas – pensadores como Schopenhauer e Nietzsche estão entre as influências do grupo. Após a boa repercussão do debut, *Thou Shalt Die* (2018), a banda belo-horizontina lançou mais um EP, *Philosophical Blasphemies*. Ainda mais maduro, o Morbid Prophecy, nas figuras de Glauber Ataide (vocal e baixo), Julio Cezar e Sanzio Rocha (guitarras), Jusmar Galvão (teclados) e Mateus Pedroza (bateria) – além da participação da cantora lírica Carla Lopes –, soube dosar melhor os componentes de sua fórmula e adicionou quatro novos petardos a seu cancioneiro. Preste atenção na riqueza musical de *Fortuna Imperatrix Mundi* e da "arrastada" *In the Maze of the Minotaur*. Tem ainda uma versão para *Among Two Storms*, do Rotting Christ. A banda procura agora um vocal, já que Glauber está na Alemanha por tempo indeterminado.

Thiago Prata

VÍRUS HC

RESPIRANDO VINGANÇA
INDEPENDENTE · NAC.

7,0

Após cerca de dois anos longe de quaisquer atividades que envolviam a música, o grupo catarinense Vírus HC está de volta à carga, e desta vez em grande estilo, com o EP *Respirando Vinçança* como seu primeiro 'cartão de visitas'. O grande problema deste lançamento acaba sendo mesmo o fato de que são apenas quatro músicas, já que nada compromete: a gravação é boa, a mixagem não abafou nenhum instrumento, as músicas não soam desconexas e o espírito do rock'n'roll flui com solidez em 'todas' as composições. Ou seja, as coisas estão funcionando como deveriam, e a mensagem é entregue com qualidade. Musicalmente, as coisas são simples: são riffs simples que movem *Refém de Si Mesmo*, *Ideias Invisíveis*, *Vírus Indestrutível* e a faixa-título. Com uma pegada que varia do rock de boteco ao hardcore, e essa pegada é firme em 'todos' os oito minutos. Cartão de visitas atrativo, agora aguardamos para conhecer melhor o 'produto'.

Valtemir Amler

MATANZA INC.

CRÔNICAS DO POST MORTEM · GUIA PARA DEMÔNIOS & ESPÍRITOS OBSSESSORES
MONSTRO · NAC.

8,5

Para a alegria dos fãs, os remanescentes do Matanza, Marco Donida (guitarra), Maurício Nogueira (guitarra, ex-Torture Squad), Dony Escobar (baixo) e Jonas Cáffaro (bateria) partiram para uma nova extensão do grupo que os consagrou. Com o acréscimo do 'Inc.' e a inclusão do vocalista Vital Cavalcante (Jason, Poindexter), soltaram um disco que vai agradar em cheio os antigos fãs. A mescla de country, hardcore e metal agora está mais visceral, contando com um belo sincronismo de guitarras e, claro, feito pra beber e bangear. As contagiantes *Lodo no Fundo do Copo*, *Seja o que Satan Quiser* e *As Muitas Maneiras de Arruinar Sua Vida* podem ser consideradas novos clássicos, assim como *Chumbo Derretido*, com um show de guitarras. Mas o disco não se resume apenas a essas. As participações especiais de Vladimir Korg (The Mist, Chakal) em *Para o Inferno* e Rodrigo Lima (Dead Fish) em *O Elo Mais Fraco da Corrente* deram o 'up' que as músicas precisavam para se tornarem especiais. Só que a melhor do disco é *Pode Ser que Eu Me Atrase*, um rockão classe A, que conta com Marcello Schevano (Carro Bomba, Golpe de Estado) nos teclados. Um disco legal e gostoso de escutar!

João Messias Jr.

UNRULY CHILD

BIG BLUE WORLD
FRONTIERS MUSIC · IMP.

8,0

Após o ao vivo *Unhinged - Live From Milan* (2018), Marcie Free (vocal, ex-King Kobra), Bruce Gowdy (guitarra, World Trade, ex-Stone Fury), Larry Antonino (baixo), Jay Schellen (bateria) e Guy Allison (teclado) apresentam o novo de estúdio do Unruly Child, *Big Blue World*. O trabalho abre mais prog, com *Living In Someone Else's Dream*, *All Over the World* e *Dirty Little Girl*, mas ainda mantém a mesma classe no hard, AOR e melodic rock. Tudo aparado por boas melodias e as conhecidas vocalizações de Free, que brilha ainda na acústica *Breaking the Chains*. Porém, a coisa só volta a engrenar mesmo na oitava faixa, a hard *The Harder They Will Fall*, uma das melhores do repertório e que traz um solo de Allison, que, pela concepção musical adotada, também pôde brilhar mais neste álbum. Destaques ainda para *Down and Dirty* e *The Hard Way*.

Ricardo Batalha

FRONT COVER
POR MARCELO VASCO*

KISS

UNMASKED

Já falei sobre a capa do clássico *Destroyer* (1976) do Kiss na ed. #236, mas desta vez resolvi abordar um pouco sobre outra arte de capa curiosa do grupo americano. *Unmasked* (1980) é o oitavo álbum de estúdio da banda e o último, antes da reunião, a contar com a formação original, com Gene Simmons, Paul Stanley, Ace Frehley e Peter Criss – na realidade, quem registrou a bateria foi Anton Fig, que já tinha participado de *Dynasty* (1979).

A chamativa ilustração da capa foi montada em forma de história em quadrinhos, mostrando um paparazzo tentando fotografar o Kiss sem as maquiagens. Porém, quando este finalmente consegue captar o rosto real dos membros, são exatamente iguais as maquiagens. A bela arte é de autoria do artista americano Victor Stabin, pintor, autor e ilustrador eco surrealista.

Stabin é conhecido pelo seu trabalho na área da educação com o livro Daedal Doodle, que serviu como ferramenta de ensino em várias escolas e foi patrocinado pela NEA (National Endowment for the Arts), agência independente do governo federal dos Estados Unidos. Seu talento também foi usado em ilustrações de selos postais dos EUA, além de ele ter trabalhado para grandes empresas de mídia, como The New York Times, Time Magazine, Rolling Stone, entre outros.

Apesar disso, *Unmasked*, que teve como promoção os singles *Shandi*, *Talk to Me* (cantada por Ace, que também assumiu os vocais de *Torpedo Girl* e *Two Sides of the Coin*) e *Tomorrow*, e mostrou uma pegada mais pop em faixas como *What Makes the World Go 'Round* e *Easy as It Seems*, não foi um álbum que agradou muito os fãs do Kiss. Com essa baixa popularidade nos Estados Unidos, eles saíram em turnê por outros lugares do mundo, como Austrália e Europa. A tour pela Europa teve como abertura um tal de Iron Maiden – ou seja, devem ter sido shows incríveis. Afora isso, foi nessa excursão, que teve apenas um show nos EUA, o então novo baterista da banda, Eric Carr, foi apresentado no Palladium, em Nova York.

Confesso que não é meu disco favorito na discografia do Kiss, mas gosto de *Unmasked* e o tenho em vinil na minha coleção. Ainda assim, acredito que hoje os fãs e músicos/bandas como The Night Flight Orchestra e Jorn Lande, que gravou *Naked City*, o vejam de forma mais positiva.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

ALLEGAEON

APOPTOSIS
CENTURY MEDIA - IMP.

8,0

Ao chegar ao seu quinto álbum, a banda americana Allegaeon já dispõe de um numeroso séquito de fãs ao redor do mundo, que adoram aquilo que ela oferece: death metal técnico, com altas doses de melodia. Se *Apoptosis* é o quinto álbum e a fórmula está funcionando, para que mudar, não é mesmo? Sim, o Allegaeon não mudou a fórmula. Assim, ao ouvir faixas como *Interphase // Meiosis*, *The Secular Age* e *Tsunami and Submergence*, fica nítido que a fórmula ainda é funcional e está longe da estagnação. Aliás, não por poucas vezes lembrei os momentos em que me via perplexo com a música do Cynic e do Atheist no passado. Mas, as bandas citadas não cometiam um erro que, infelizmente, o Allegaeon comete: às vezes, você precisa refinar as ideias, 'peneirar' o material. Como já disse antes, não é necessário aborrecer o ouvinte até a morte para ter um 'full-length', e bastariam dez minutos a menos para este *Apoptosis* soar mais dinâmico. Ainda assim, ouça com atenção, pois existem muitas ótimas ideias aqui.

Valtemir Amler

JORDAN RUDESS

WIRED FOR MADNESS
HELLION - NAC.

9,0

Os fãs de Dream Theater mal tiveram tempo de digerir o mais novo disco da banda, *Distance Over Time*, quando receberam a notícia que o tecladista Jordan Rudess, um dos mais aclamados do mundo do heavy metal, lançou um novo álbum solo depois de quatro anos. Logo de cara, uma informação que tempera o material com nobres iguarias, aguçando, positivamente, a curiosidade geral são as participações de nomes como o baterista Marco Minnemann, os guitarristas Vinnie Moore, Guthrie Govan, Joe Bonamassa, além dos companheiros de palco John Petrucci e James LaBrie. Também cantando e tocando baixo, Rudess começa sua viagem com a gigantesca faixa-título, *Wired For Madness*, e seus quase 35 minutos: um épico com a cara de Emerson, Lake & Palmer, que narra a jornada de um homem fugindo da vida real e imerso no mundo da tecnologia. *Off The Ground* é uma balada de piano com um refrão cativante e um belo solo de guitarra de Guthrie Govan. As instrumentais *Drop Twist* e *Perpetual Shine* figuram como o ápice da técnica. A outra balada, *Just For Today*, traz incríveis linhas vocais de Ruddes. Sim, o cara também canta muito bem! Ao ouvir (várias vezes) o álbum todo, conclui-se que *Wired For Madness* não é limitado apenas aos fãs de música instrumental. Claro, a virtuose está presente, mas tudo é natural. Assim, temos uma oportunidade de abrir a mente e entender como o piano, teclado eletrônico e sintetizador são instrumentos magníficos e que podem aprimorar todos os estilos de música, especialmente o prog metal e o hard rock. Logo, tenha um contato com este portfólio de Rudess, no qual ele supre suas próprias necessidades criativas através de uma série de elementos não explorados com o Dream Theater. Sorte nossa!

Matheus Vieira

BLACKMAYNE

SPAT FROM HELL
FLICKNIFE - IMP.

5,0

Quem diria que até esta banda obscura da NWOBHM iria retomar as atividades e lançar o sucessor do debut, homônimo, de 1985. Contando com os fundadores Phil McDermott (guitarra) e Julian 'Sack' Sackett (baixo), agora acompanhados por Jay Duke (vocal), Scott Edwards (guitarra) e Mark Aldam (bateria), o grupo apresenta um som bem simples e sem muitos retoques ou cuidado na produção – é, parece demo. O vocal de Duke que, em alguns momentos, até chega a lembrar Dave Hill do Demon e em outros Blaze Bayley (ouça *Don't Envy the Dead*) não é dos mais técnicos. Caso fosse mais bem lapidado poderia ajudar – se você, por acaso, conhece a banda e lembra a atuação de Tim Cooke, vocalista do debut, vai se decepcionar, porque aqui ainda consta uma nova versão para *Hot Blooded Woman*. Individualmente, o destaque vai para o trabalho das guitarras, que traz riffs interessantes de metal tradicional. Se ficou curioso para conhecer, ouça o disco de 1985, que é muito melhor.

Ricardo Batalha

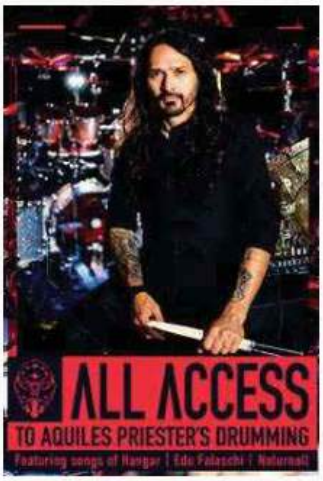
DEAD MAN WALKING

ALL MY HATE
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Já pensou o Liar Symphony fazendo thrash? Então, prepare-se para tomar um susto ao ouvir o Dead Man Walking. Afinal, são três músicos do Liar, o vocalista Nuno Monteiro, o guitarrista Pedro Esteves e o baterista Anderson Alarça, e um ex-integrante da banda, o baixista Fernando Tavares, fazendo um thrash de respeito, com direito a todo o peso e velocidade que o estilo exige. O projeto teve início em 2006 e o material acabou ficando ficou anos engavetado. E os caras deviam ser presos por manterem algo tão legal guardado por tanto tempo! Afinal, aquela elaboração cuidadosa que sempre vimos no som do Liar transparece no som do DMW, mas sem mexer na essência do thrash, o que dá uma sonoridade única às músicas. A cozinha é corretíssima e pesada, Pedro sabe muito bem como fazer a guitarra pesar e Nuno mostra que além do heavy e do hard rock, vai muito bem nos guturais – vide *Deadly Line* e *At the Edge of the Madness*, por exemplo. Fundindo o melhor de dois mundos, o Dead Man Walking deve agradar a fãs de várias vertentes do heavy. E que não tenham mais nada engavetado!

Antonio Carlos Monteiro



AQUILES PRIESTER

ALL ACCESS TO AQUILES PRIESTER'S DRUMMING (DVD)
VOICE MUSIC - NAC.

10

Aquiles Priester não discordará caso você o chame de 'workaholic' e megalomaníaco. Inquieto, sempre se desafiando na música, a nova amostra de sua extravagância talvez seja a mais ambiciosa. Em tempos em que muitos artistas têm desistido de lançar DVDs, ele extrapolou: lançou logo um triplo. E mais, *All Access to Aquiles Priester's Drumming* saiu também em Blu-Ray. A audácia do baterista é tanta, que o exibiu em um Cinemark de São Paulo. Filmado pela Foggy Films no belo estúdio da Harman Experience Center, em Los Angeles (EUA), o material, idealizado por Junior Carelli e Rudge Campos, em parceria com Adair Daufembach (gravação, mixagem e masterização), é excelente em som e imagens. São 12 câmeras que lhe possibilitarão perceber com clareza a técnica, o punch e a complexidade dos arranjos de Priester. Você se sentirá como se estivesse junto dele em seu kit, enquanto ele executa músicas que gravou com o Hangar, Noturnall e Edu Falaschi. São bacanas também para os bateristas as cenas em que Priester treina usando click em bpms variados e as que ele dá dicas de acessórios e fones in ear, afinação, timbres, montagem, microfonação, monitoração, artimanhas de regulagem, trocas de peças, limpeza e afins. Há ainda entrevistas, cenas de bastidores e muito bom humor. Nessa empreitada, Priester tende a se tornar referência para a indústria mundial de vídeos instrucionais e a ampliar os horizontes de muitos bateristas.

Leandro Nogueira Coppi

DAVID ELLEFSON

SLEEPING GIANTS
COMBAT · IMP.

7,0

Após vários projetos, David Ellefson, baixista do Megadeth, enfim, se lança em vôo solo. *Sleeping Giants* foi produzido e idealizado com o parceiro de negócios Thom Hazaert, que canta em algumas faixas. O álbum traz músicas inéditas e um "catadão" de antigas, compostas por Ellefson para projetos distintos. Emociona o reencontro entre ele e o ex-Megadeth Chris Poland em *Hammer (Comes Down)*. Outros destaques são as novas e pesadas *Vultures* e *Sleeping Giants*, a antiga *If You Were God* (com John Bush, do Armored Saint), todas as de demos do F5 (algumas remetendo ao Helmet), que Ellefson integrou quando saiu do Megadeth, e as que tem a voz de David Glen Eisley (ex-Giuffria e House of Lords), que são total hard rock. Bumblefoot (Sons of Apollo, ex-Guns N'Roses), Mark Tremonti (Alter Bridge), Dave McClain (Sacred Reich, ex-Machine Head), DMC (Run-DMC) e membros do Flotsam & Jetsam são alguns dos outros convidados. O contraste na produção, a miscelânea de gêneros, a capa pavorosa e a descartável versão remix de *Vultures* (com o ator Kristian Nairn, o Hodor de Game of Thrones), no entanto, podem desagradar os mais exigentes.

Leandro Nogueira Coppi

ROCK GODDESS

THIS TIME
HELLION · NAC.

7,5

As irmãs Jody Turner (vocal e guitarra) e Julie Turner (bateria e backing vocals), e a baixista Tracey Lamb (Girlschool) – substituída por Jany Lane (Electrics, Planet of the Capes) –, apresentam agora o primeiro full-length desde a tentativa de vingar no hard rock em *Young & Free* (1987). Porém, quem acompanha as inglesas desde *Rock Goddess* (1983) e *Hell Hath No Fury* (1984) sabe que as elas chegaram apavorando na fase da NWOBHM, rivalizando até com a Girlschool. Pode não ter rolado na época, mas elas apresentam o novo trabalho com *Are You Ready?*, que não economiza em adrenalina. Embora a produção no The Park Studios (Wembley/ING) e no SQ Studio (Londres) não seja campeã, a energia corre solta em todo o repertório, especialmente na tradicional *Two Wrongs Don't Make a Right*, na 'bluesy' *This Time* e na pesada *It's My Turn*. Interessante, ainda, a veia Lita Ford na cadenciada *Calling to Space*. No entanto, os destaques vão para a ótima interpretação de Jody em *Flying to See You* e na cadenciada e melódica *Drive Me Away*, a melhor do álbum. Tudo bem, muito tempo passou desde aquela aparição no festival inglês 'Reading' de 1982, que rendeu um contrato com a A&M Records, mas felizmente mais um (bom) nome da NWOBHM está de volta!

Ricardo Batalha

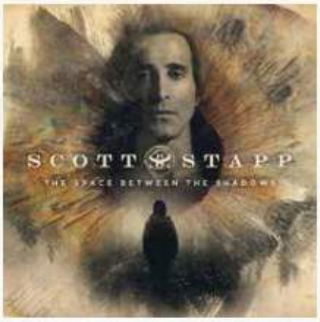
FOREVER STILL

BREATHE IN COLOURS
NUCLEAR BLAST · IMP.

8,5

Livremente inspirados em dois clássicos da ficção científica, no caso os filmes "Akira" (1998), de Katsuhiro Ôtomo, e "Blade Runner" (1982), de Ridley Scott, os dinamarqueses da Forever Still chegam ao segundo disco da carreira. Musicalmente, a banda evoluiu consideravelmente em relação ao debut, *Tied Down*, desfilando um metal "modernoso", que se comunica muitas vezes com algo de rock gótico (em afinação baixa e timbres com poucos médios), tornando-se uma ótima opção para quem gosta de Sentenced ou Lacuna Coil, por exemplo. A comparação com a banda italiana ganha um tempero especial porque a Forever Still também conta com uma bela e muito competente vocalista. Maja Shining faz um ótimo trabalho, equilibrando com maestreia as notas melódicas e gritadas. Maja, inclusive, é a responsável por todas as letras e o contexto de *Breathe in Colours*, que relata a humanidade fugindo para o ciberespaço a fim de escapar dos horrores do mundo real. "As histórias circulam não apenas sobre uma guerra, bem como as lutas de uma vida", disse Maja em recente entrevista. *Rising Over You* e seu refrão grudento é a melhor do álbum. A faixa-título e *Fight* também empolgam e as baladas *It Is Gone* e *Pieces* são outros destaques. Com contrato com a Nuclear Blast, a Forever Still segue firme seu caminho: músicos competentes, conceito e muita garra. Vai longe.

Matheus Vieira



SCOTT STAPP

THE SPACE BETWEEN THE SHADOWS
HELLION · NAC.

9,0

Da mesma forma que se apresenta emocional e melancólico, como era de se esperar, *The Space Between The Shadows*, terceiro álbum solo do vocalista Scott Stapp, é intenso e pesado. Em sentido amplo, trata-se de um trabalho autobiográfico de um artista que passou por muitos problemas pessoais e está dando a volta por cima, expondo nas letras tudo o que passou. E consegue, com êxito, soltar seus demônios e passar mensagens positivas. O melhor de tudo é que, mesmo em músicas mais densas, o seu talento, a personalidade musical e a forma de colocar as vocalizações e as melodias, não o deixarão com aquele sentimento "pra baixo". Algumas construções se assemelham ao Godsmack, mas, obviamente, Stapp tem seu próprio estilo e é conhecido pelo êxito que obteve no Creed e, mais recentemente, no Art of Anarchy. Neste trabalho, se juntou a um time vencedor que, além dos músicos Ben Flanders e Yiannis Papadopoulos (guitarras), Sammy Hudson (baixo) e Dango Empire (bateria), traz os bem sucedidos produtores e compositores Scott Stevens (The Exies), Marti Frederiksen (Outlaw Blood, Motherland, Brother Cane) e Blair Daly. Destaques imediatos para as faixas *World I Used to Know*, *Purpose for Pain*, *Face of the Sun* e *Survivor*. Além destas, *Name* traz uma letra forte e algumas linhas de voz próximas às do saudoso Chris Cornell.

Ricardo Batalha

PAD

O SOM E A CURA
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Fazer um som em português e conseguir agradar ao mesmo tempo a galera do metal e aquelas pessoas não tão exigentes é uma missão quase impossível, em que se exige não apenas tocar bem, mas pensar em todos os detalhes. Tarefa que os experientes músicos do PAD executaram com maestria em seu debut. O que temos aqui é uma música variada, com timbragem moderna e inspirações bem vindas de formações como Van Halen, Dr. Sin, Tork e Audioslave, que brinda o ouvinte com músicas poderosas e, ao mesmo tempo, grudentas, como *Um Novo Amanhã* (muitos lembrarão do Taffo); *Tanto Tempo*, com cara de hit e belas linhas de voz; e *Estranho Mundo Novo*, com um groove certeiro. As letras, positivas e motivadoras, se destacam, principalmente em *Eu Sou o Cara*, uma homenagem à Polícia Militar de São Paulo, que evidencia a preocupação com todo o pacote do sexteto. Num mundo perfeito, Fabio Noogh (vocal), Marcos Kleine (guitarra, Ultraje a Rigor, ex-Exhort), Leandro Pit (guitarra), Will Oliveira (baixo), Thiago Bissoli (bateria) e Rodrigo Simão (teclados, ex-Dr. Sin), que atualmente promovem o single *A Regra É Clara*, estariam se apresentando em grandes eventos com os maiores nomes do rock no país!

João Messias Jr.

ABBATH

OUTSTRIDER
MUTILATION · NAC.

9,0

As coisas não pareciam estar tomando o melhor dos rumos quando, no ano passado, aquele que era considerado o principal apoiador da jornada pós-Immortal do guitarrista e vocalista Abbath, o baixista King Ov Hell (ex-Gorgoroth) decidiu deixar a banda por conta de 'diferenças musicais'. A coisa ficou ainda mais estranha quando soubemos que Abbath tinha reformulado, por completo, o time que o acompanha nesta empreitada, com a efetivação do baterista finlandês Ukri Suvilehto, o guitarrista Ole André Farstad e a baixista Mia Wallace. Mas acontece que sempre sabemos o que esperar de Abbath, e este é realmente um ótimo time. Assim, as principais qualidades do autointitulado álbum de estreia, lançado em 2016, estão aqui: black metal firmado na tradição norueguesa, mesclado a elementos melódicos que acenam tanto ao velho rock'n'roll quanto a algo mais moderno e noventista, como o Immortal vinha fazendo com Abbath em seus últimos álbuns, inclusive. É isso que você ouve em *Calm In Ire (of Hurricane)*, *Harvest Pyre* e *Land of Khem*, por exemplo. Mas, o timbre do baixo está melhor encaixado, e o trabalho de guitarras, com Farstad, parece mais cuidadoso, confira o solo de *The Artifex*. Por outro lado, confesso que senti a falta do lado mais épico da música de Abbath, algo que neste álbum aparece apenas na faixa-título, outra com ótimo trabalho das guitarras. No fim, fica a impressão que temos a continuação perfeita da estreia, com um capricho extra, que garante um álbum 'menos Immortal' e 'mais Abbath' para esta banda. Nada como andar com as próprias pernas.

Valtemir Amler

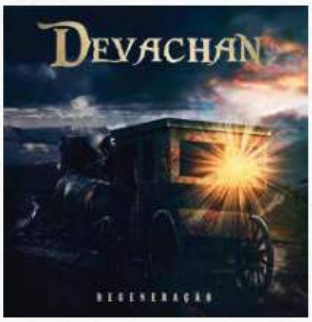
DAMN YOUR EYES

KILL THE OUTSIDE
INDEPENDENTE · IMP.

7,5

Nascido em 2015, com raízes nova-iorquinas e californianas, o Damn Your Eyes concedeu a si mesmo "passe livre" para trafegar por áreas do metal dos anos 1990. No debut, *Kill the Outside* há claras influências de Pantera, Down e Machine Head, do hardcore e do grunge (leia-se Alice in Chains) em seu debut. Porém, isto não significa necessariamente que Kenny Vincent Jr. (vocal, ex-Bonesmith), Artie Alexander (guitarra e vocal), Oddie McLaughlin (baixo, Black Water Rising) e Rick Taiano (bateria, ex-We Are the Enemy) atirem para todos os lados até acertar um alvo nas dez faixas do repertório. O Damn Your Eyes tem êxito em filtrar suas influências para criar músicas de qualidade, como a agressiva *Ascension*, que ganhou um videoclipe; a potente *Lions from Lambs* e a direta *Punk Fuck*. Por outro lado, alguns atos como *Dirty Viper* e a balada *Slower* darão aquela sensação de "já ouvi isso antes". Se lapidar melhor seu som, poderá colher bons frutos no futuro, pois capacidade é o que não falta.

Thiago Prata



DEVACHAN

REGENERAÇÃO
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Três décadas atrás, quando o metal nacional estava em alta, o baixista Daniel Dias compôs algumas letras. O material não chegou a ser gravado e só em 2010, quando os filhos dele – Gabriel (vocal) e Leandro (guitarra) – resolveram montar uma banda, a história mudou. Ainda bem, os irmãos decidiram que as composições do pai mereciam ser registradas. Melhor ainda, junto com ele. Assim, seis das várias faixas entraram no EP *Andarilho* (2013), que chamou atenção da crítica nacional. Agora, com mais experiência, o grupo paulista, que tem ainda Michael Veríssimo (teclado) e Alexandre Galvão (bateria), lança *Regeneração*. As 10 faixas do CD são uma celebração da música pesada cantada em português. É metal tradicional com elementos de prog e thrash, em arranjos de muito bom gosto. A intrincada *Olho por Olho...*, a faixa-título, *Devachan*, *Jogo da Vida* e a ótima *Um Sonho?* são algumas que mostram como o fator família e a mescla de gerações podem gerar música de alta qualidade. Tomara que mais pais e filhos sigam esse exemplo.

Alessandro Bonassoli

HARDLINE

LIFE
FRONTIERS MUSIC SRL · IMP.

9,0

Se havia uma banda que há tempos eu tinha deixado de apostar minhas fichas, certamente era o Hardline. Depois dos brilhantes dois primeiros álbuns, *Double Eclipse* (1992) e *II* (2002), seu hard rock não soou tão instigante nos sucessores *Leaving the End Open* (2009), *Danger Zone* (2012) e *Human Nature* (2016). Ainda bem que sou persistente e deixo a curiosidade falar mais alto, pois em *Life* o Hardline acertou a mão. Johnny Gioeli, único remanescente da formação original, voltou a criar linhas vocais que grudam na mente. E se nos três álbuns anteriores faltavam guitarras com a pegada dos dois primeiros, o estreante Mario Percudani (Gioeli/Castronovo) corrigiu essa questão. Ouça, por exemplo, os riffs e solos das ótimas *Take a Chance* e *Out of Time*. Outros destaques são as também 'hardonas' *Place to Call Home*, *Hold on to Right*, *Handful of Sand*, *Story of My Life* e *Chameleon*, mais *Page of Your Life*, uma das baladas mais bonitas já cantadas por Gioelli, e a versão para *Who Wants to Live Forever* (Queen). Enfim tenho meu Top 3 do Hardline!

Leandro Nogueira Coppi

TUBLUES

VINTE
INDEPENDENTE · NAC

7,5

Criar uma banda para prestar tributo ao antigo blues rock perpetrado nas décadas de 60 e 70, por lendas como Stevie Ray Vaughan, Led Zeppelin e os brasileiros Casa das Máquinas e Made in Brazil, já é algo louvável. É, mas e quando a iniciativa vai além do cover e aterrissa no território da música autoral? Bem, aí, no mínimo, você precisa estar atento. Que bom, essa é exatamente a proposta do Tublues! Para começar, *Geração Mimimi* faz um sentido terrível ao momento atual que vivemos, especialmente nas mídias sociais, a terra de ninguém onde todos são especialistas em tudo. Com aquela pegada do rock clássico, *Palavras* é outra das que chamam atenção, e crava o seu posto ao lado do blues carregado de *Ambição Ardente* e *Blues das Onze*. Em uma época em que tantas bandas estão sendo veneradas por reviver a sonoridade clássica do passado, o Brasil também vem revelando bons nomes para a lista, e nomes que trazem aquele algo bem típico do rock nacional. Se é fã dos nomes citados, ou se simplesmente curte blues, rock e boas linhas de guitarra, aqui está mais uma boa opção.

Valtemir Amler

HELIX
OLD SCHOOL
INDEPENDENTE · IMP.

7,0

Como divulgado pelo vocalista Brian Vollmer, *Old School* traz músicas compostas entre 1981 e 89, mas que permaneciam inéditas no extenso catálogo do veterano grupo canadense de hard rock Helix. Dedicado ao saudoso guitarrista Paul Hackman, falecido em 1992, o material, que traz três sobras de *Back for Another Taste* (1990), foi produzido pelo baixista Daryl Gray, mixado por Siegfried Meier e masterizado por Harry Hess (Harem Scarem). Além disso, o ex-guitarrista da banda, Brent Doerner, ficou responsável pela parte gráfica. Bem, de nada adiantaria a história e o revival se o repertório fosse inexpressivo. Por sorte, este não é o caso. Algumas, inclusive, surpreendem justamente pelo fato de terem permanecido inéditas até hoje – ouça *Whiskey Bent & Hell Bound*, *If Tears Could Talk*, *Your Turn to Cry* e *Games Mother Never Taught You*. Quarenta anos após a estreia, com *Breaking Loose*, o nome Helix permanece vivo. Uma pena que os brasileiros só lembrem-se do nome da banda por causa do hit *Rock You*.

Ricardo Batalha

HELLISH WAR
WINE OF GODS
ANTI POSERS · NAC.

9,0

Seis anos separam *Wine of Gods* do antecessor, *Keep it Hellish*. Porém, nem é novidade os longos intervalos entre os álbuns do Hellish War, pois o veterano grupo de Campinas (SP) sempre soube esperar a maturação ideal de suas músicas antes de lançar algo novo. Tal estratégia novamente resultou em um álbum acima da média e fiel à escola alemã de heavy metal tradicional. *Wine of Gods*, quarto da carreira, soa maduro e bem produzido – a mixagem e masterização foram feitas em Londres (ING), por Ricardo Picolli (Shadowside, Sunseth Midnight). Todas inéditas, algumas músicas incluem partes antigas, inclusive da época do debut, *Defender of Metal* (2001). Destaques: a imponente *Wine of Gods*, as instigantes *Falcon, Devin* e *Dawn of the Brave* (ótimas guitarras da dupla Vulcano e Daniel Job), a versátil *Paradox Empire*, *The Wanderer* (que solos!), *Warbringer*, com a participação de Chris Boltendahl (Grave Digger), e a ótima *Burning Wings*, com sua pegada hard'n'heavy. Mais adaptado, Bil Martins, que estreou no disco anterior, está cantando ainda melhor. Cá pra nós? Melhor álbum do Hellish War!

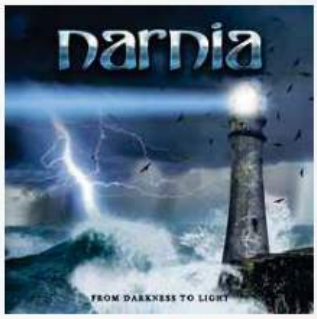
Leandro Nogueira Coppi

LAST LOVER
I'M ALIVE
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

A produção é muito boa, cada instrumento é claramente audível, os músicos indubitavelmente são capazes de tocar seus instrumentos, o vocalista dá conta do recado, as músicas têm melodias cativantes e linhas fáceis de memorizar. De uma forma bem resumida, é isso que você precisa saber se gosta de um rock voltado às arenas e esperava pelo nascimento de um novo grande nome brasileiro para o estilo. E eu ainda diria mais, pois, você sabe aquela banda fácil de curtir, que a música rola no churrasco e ninguém se incomoda, e que ao vivo bota todo mundo para dançar? Bem, ouça *Superman*, passe pela calma *How To Fly*, pare por algum tempo em *Find Out Rock And Roll*, ouça a faixa-título escondido dos seus amigos trevosos, e perceba em *Last Lover* que, sim, você pode ser fã desses caras. Afinal, eles estão fazendo aquele som que o Bon Jovi deveria estar fazendo. Não era isso que todos esperavam poder ouvir de novo?

Valtemir Amler



NARNIA
FROM DARKNESS TO LIGHT
VOICE MUSIC/MUSIK · NAC.

7,5

Podemos dizer que o Narnia hoje vive um novo ápice na carreira. Colhendo os frutos de seu álbum homônimo de 2016, que contou com shows memoráveis no Brasil, Christian Liljgren (vocal), CJ Grimmark (guitarra), Jonatan Samuelsson (baixo), Martin Härenstam (teclado) e Andreas "Habo" Johansson (bateria) prosseguem com mais um bom trabalho na carreira. *From Darkness to Light* tem tudo para angariar novos fãs, especialmente porque os músicos não se prendem aos tempos de glória e ampliaram seus horizontes musicais. As faixas *The Air that I Breathe* e MNFST mostram flertes com o classic rock e o hard. Outro momento fora da casinha fica por conta de *Sail On*, com atmosferas à la Evergrey e um refrão apoteótico. Claro, há sons na linha que consagrou a banda, como *A Crack in the Sky* e *The Armor of God*. Porém, é esta versatilidade que agradará em cheio o ouvinte, seja ele fã ou não do grupo. A nota seria maior se não fossem as duas partes da faixa que nomeia o disco. Progressivas demais, elas destoam das anteriores, mas isso não tira o mérito do disco.

João Messias Jr.

THE METAL CLUB

Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

www.themetalclub.com

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
SABATON	**TURILLI/LIONE**	**ABBATH**	**DIAMOND HEAD**	**MEMORIAM**
THE GREAT WAR	ZERO GRAVITY (REBIRTH AND EVOLUTION)	OUTSTRIDER	THE COFFIN TRAIN	REQUIEM FOR MANKIND

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

NECROWAR
VERDICT
INDEPENDENTE · NAC.

6,5

A temática da guerra é parte importante do imaginário metálico, e, em linhas gerais, quanto mais extremo o som, mais frequente o tema aparece. Do heavy historicamente fundamentado do Sabaton, passando pelo espírito da guerra do Bolt Thrower, e rumando até as guerras futuristas do Voivod, o desejo humano de obliteração é sempre uma inspiração. Formado em Itaboraí (RJ) em 2001, o Necrowar já pode ser considerado um veterano, mas que chega agora ao seu primeiro EP oficial, *Verdict*, uma pequena amostra em quatro músicas daquilo que pode nos oferecer. Com uma musicalidade fundamentada naquele 'mix' death/thrash que revelou tantos bons nomes nas décadas de 80 e 90, eles conseguem bons resultados em *Victims Of Ambition*, deixam a coisa decair um pouco em *Uncertainties*, mas retomam o bom momento e a gana com *Fruits Of Greed*, e novamente oscilam em *Verdict*. Com bons momentos e outros detalhes que precisam ser mais bem trabalhados, o grupo certamente terá muito para demonstrar em um álbum completo.
Valtemir Amler

SUNROAD
HEATSTROKES
MUSIK / VOICE MUSIC · NAC.

9,0

A boa impressão começou logo ao ouvir o riff que introduz *Mind The Gap*, faixa de abertura do novo álbum dos goianos do Sunroad. Linhas de guitarra melódicas e decentes, trabalho de bateria simples e eficiente e um vocal que traz à memória algo que ouvi há muito. Tudo isto gerou a boa impressão inicial, que sempre ajuda no resultado final. No entanto, as guitarras puxam o clima para algo mais rápido e intenso em *Given And Taken*, enquanto *Screaming Ghost* chega 'midtempo' e ameaçadora. E não acabou, já que uma típica 'power ballad' dá as caras em *Empty Stage*, que, de alguma maneira, não foi concebida na década de 1980. *Unleash Your Heat* é outra que fisga o ouvinte na primeira audição, especialmente quando entendida como a introdução da faixa-título – aí, a coisa fica perfeita. Porém, é em *Spellbound Age* que você se sente enrolado e preso, sem saída, já que a música inteira é formada por ganchos extremamente eficazes, seja a voz, seja o baixo, seja o que mais você desejar. Hard rock variado, intenso, bem feito, muito bem pensado e executado. Posso até não saber exatamente como definir a banda, mas sei que você precisa ouvi-la!
Valtemir Amler

PSYCHOTIC EYES
OLHOS VERMELHOS
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

A proposta causa certa apreensão. Afinal, já pensou em algum dia ouvir death metal acústico? Aliás, por que você faria uma coisa dessas? Bem, o Psychotic Eyes encarou a tarefa no EP *Olhos Vermelhos*, e, passado aquele impacto inicial que causa reações tipicamente histéricas e desproporcionalmente puristas, é possível compreender o tamanho da missão que eles se propuseram nessas quatro músicas. Esse é o primeiro passo para admirar o que há no registro. A mistura de linhas de violão, obviamente suaves, com vocais típicos do metal extremo funciona em *Dying Greef*, se torna realmente bela em *The Hand Of Fate*, e ganha um final digno com *Life*. Ou seja, apenas a música que dá nome ao EP sofre com a nossa reação inicial, e mesmo ela ganha um novo tom ao ouvi-la novamente. Death metal acústico não existe, já que uma coisa cancela a outra. Mas a mistura de death metal com elementos acústicos aqui é soberba. E, sério, o tom barroco em *The Hand Of Fate* é algo absolutamente incrível. Uma ideia perigosa, e muito bem executada.
Valtemir Amler

XENTRIX
BURY THE PAIN
LISTENABLE · IMP.

9,5

Não, apesar de parecer absurdamente, este não é o novo álbum do Testament, mas do injustiçado Xentrix. É isso mesmo! Vinte e três anos após *Scourge*, o veterano grupo inglês, que até hoje é mais lembrado por sua divertida versão para Ghostbusters, tema do filme Os Caça-Fantasmas, ressurge. Agora sob o comando dos originais Kristian "Stan" Havard (guitarra) e Dennis Gasser (bateria), e dos estreantes Jay Walsh (vocal e guitarra) e Chris Shires (baixo), o grupo solta o quinto, mais pesado e melhor produzido (assinatura de Andy Sneap), álbum de sua carreira. Em *Bury the Pain*, de fato, a semelhança com o Testament é assustadora. Dá-se pela dinâmica dos riffs e solos, e pelos timbres e construções vocais de Walsh, que soam idênticos aos de Chuck Billy. As estonteantes *Bury the Pain*, *There Will Be Consequences*, *Bleeding Out*, *Let the World Burn*, *The Red Mist Descends*, *World of Mouth*, *The One You Fear*, *Evil By Design*, a cadenciada *The Truth Lies Buried* e a ótima *Deathless and Divide* dão orgulho ao thrash metal. Brindemos o retorno do Xentrix!
Leandro Nogueira Coppi

SAINT VITUS
SAINT VITUS
SEASON OF MIST · IMP.

9,0

Você coloca o álbum para tocar, e o riff 'gordão' e sujo de *Remains* já causa uma ótima impressão. Sim, uma das bandas fundamentais da história do doom metal não inventou moda, e trouxe exatamente o disco que esperávamos dela. No entanto, é ao iniciar as linhas de voz que vem a melhor notícia: Scott Reagers, o vocalista que gravou os primeiros e clássicos registros do Saint Vitus, está de volta! Toda a dominância que Reagers sempre teve sobre os ouvintes é novamente comprovada no 'intermezzo' *Prelude to...* (que conta com linhas de baixo incríveis também), e que culmina na poderosa *Bloodshed*, um arregaço doom como há muito não se ouvia! *Wormhole* é outra que ganha atenção e destaque imediato, mas a longa e maldita *Last Breath* chega como um coveiro arrastando um caixão através de um cemitério enlameado ao anoitecer: não há como não atentar a cena! Com todos esses atributos, qualquer fã de doom metal pode comprar esse álbum com os olhos fechados. Ah, e quanto aos músicos, atente: é assim que o baixo deveria soar em qualquer disco.
Valtemir Amler

99 CRIMES
99 CRIMES
PERRIS · IMP.

7,0

O 99 Crimes conta com o vocalista e guitarrista Paul Lidel (Dangerous Toys, Dirty Looks e Broken Teeth) e, após estrear no ano passado com um EP, também homônimo, o trio, completado por Jeff Lynn (baixo e vocal) e Chris Jordan (bateria), apresenta o debut. O repertório traz as cinco faixas contidas no EP, além de outras seis, todas focadas no hard rock. Algumas com uma veia na escola AC/DC, Ted Nugent e Led Zeppelin. Todas as músicas têm estruturas simples, mas, embora com uma seção rítmica "retona", são bem feitas e agradarão fãs do hard anos 70 e 80. Entre os destaques estão *Nine Pound Hammer*, *Blood From A Stone*, *Crystal Ball*, *Comin' Down Like Rain*, além da suja, direta e mais sleaze *Fool*, e a pesada *Do It Over*. Já a faixa *Avenue*, com um quê de Cheap Trick e Triumph, é cantada pelo baixista Jeff Lynn. Uma pena que falte 'groove', mas passou no teste.
Ricardo Batalha

JOHN 5 AND THE CREATURES

INVASION

INDEPENDENTE - IMP.

7,0

A criatividade, o virtuosismo e os dotes como compositor levaram o guitarrista John 5 a trabalhar com nomes como Rob Zombie, Marilyn Manson, David Lee Roth, Paul Stanley, Lynyrd Skynyrd, Avril Lavigne, Ricky Martin... OK, já deu para perceber o quanto o cara é requisitado. Mas mesmo com esse currículo gordo, John 5 não abriu mão de investir em uma carreira solo, sempre contando com músicos gabaritados ao seu lado. Em *Invasion*, nona obra de estúdio – sem contar o álbum de remix *Remixploitation* (2009) – e segunda sob a alcunha John 5 and the Creatures, ele está acompanhado do baixista Ian Ross (Fiona Grey, Katy Rose) e do baterista Logan Miles Nix (Ryan McGarvey, Katy Rose). Nas dez faixas deste disco instrumental, tem de tudo: rock, pop, metal, funk, pitadas de country e algumas maluquices tiradas da cabeça do guitarrista. Apesar de temas interessantes como *Zoinks!*, cujo clipe ganhou animação do diretor Brett Boggs (de *Frozen* e *Detona Ralph*) e a participação de Nikki Sixx, o álbum é uma montanha-russa, com seus altos e baixos – tem hora que a "fritação" dá nos nervos. Estudiosos da guitarra serão os maiores apreciadores.

Thiago Prata

TREND KILL GHOSTS

KILL YOUR GHOSTS

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Odiado por uns e amado por outros, o metal melódico é um estilo que embora não desfrute do auge vivido na década de 1990, possui muitos fãs e vem tendo um revival ultimamente. E, a partir desse, é natural que surjam grupos nesse estilo. Um caso é o Trend Kill Ghosts, que não apenas entendem do riscado, como surpreende em muitos aspectos. O álbum é equilibrado, fato de Diogo Nunes (vocal), Rogério Oliveira (guitarra), Danilo Perez (baixo) e Leandro Tristani (bateria) terem uma boa rodagem. Assim, eles fugiram das armadilhas presentes no estilo. Ou seja, tanto em temas rápidos, épicos e melódicos o quarteto se sai bem. *Living a Lie*, o hit do disco; a variada *Like Animals* e a virtuosa *Fight* são belas referências do poder bélico contido neste debut. Se ainda não se convenceu, ouça *Deceivers* e *Ghost's Revolution*, esta última com a participação de Ralf Scheepers (Primal Fear, ex-Gamma Ray e Tyran' Pace). Já Raphael Dantas (SoulSpell, Ego Abscence) e Lúcia Ricardo (EvenDusk) são os convidados em *Promise*. Aos fãs do estilo e de música boa, vale a pena conhecer. Ah, e essa capa criada por Lucas Pereira, que trabalha para a Marvel HQ, é uma obra de arte!

João Messias Jr.

LONERIDER

ATTITUDE

ESCAPE MUSIC - IMP.

9,0

O Lonerider, que conta com Steve Overland (FM, Shadowman), Steve Morris (guitarra, Heartland, Shadowman, Ian Gillan), Brain J. Anthony (guitarra), Chris Childs (baixo, Shadowman, Thunder, Persian Risk, Tyketto) e Simon Kirke (bateria, Free e Bad Company), surpreende não apenas pela união de músicos de renome, mas pela elegância de *Attitude*. Há muito hard e melodic rock, mesclados com um forte tempero 'bluesy'. Felizmente, não estamos diante de um som retrô, repetitivo, travado, reto e sem alma. O repertório vai agradar fãs de FM, Deep Purple, Bad Company (mais da fase Brian Howe do que a de Paul Rodgers), Loverboy, ZZ Top, Joe Lynn Turner e Gary Moore. E não tem jeito, onde Steve Overland coloca sua voz o brilho é outro, mas aqui a coisa está em um nível absurdo – ouça *Wanted Man* e comprove. Realmente incrível!

Ricardo Batalha

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

LED ZEPPELIN

LED ZEPPELIN II

Com o sucesso de *Led Zeppelin I*, o Led Zeppelin estava obtendo sucesso também com suas seguidas turnês. Assim, o segundo álbum acabou sendo composto, em grande parte, na estrada e em quartos de hotel. No entanto, em *Led Zeppelin II*, lançado em 22 de outubro de 1969, constam clássicos como *Whole Lottta Love*, na qual o guitarrista e produtor Jimmy Page passou horas em estúdio para deixá-la como desejava. Distanciando-se um pouco de suas raízes de blues e, sem perceber, jogando a pedra fundamental na construção do hard rock e do heavy metal, o repertório ainda traz a primeira demonstração do nascimento de um dos maiores bateristas da história do rock, com a performance de John Bonham, especialmente na instrumental *Moby Dick*. Além disso, consta a emocional *Thank You*, com os teclados do baixista John Paul Jones e que traz a primeira letra inteiramente escrita pelo vocalista Robert Plant, para sua mulher, Maureen, além de *Heartbreaker*, outra com um riff que ficaria famoso. Merecem destaque *Ramble On*, o rock'n'roll com refrão pegajoso de *Living Loving Maid (She's Just a Woman)*, a poderosa *The Lemon Song*, o cover de *Bring It On Home* (Willie Dixon) e a versátil *What Is and What Should Never Be*. Influente e clássico!

Airton Diniz (editor): **9,5**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **10**
Claudio Vicentin (editor): **8,5**
Daniel Dutra (colaborador): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Fernando Pires (diretor de arte): **7,5**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **7,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
João Messias Jr. (colaborador): **8,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Sergiomar Menezes (colaborador): **8,5**
Thiago Prata (colaborador): **9,5**
Valtemir Amler (colaborador): **9,0**

MÉDIA FINAL: 8,75

JOHN CONNELLY

NOME COMPLETO: John Connelly
NASCIMENTO: 28 de julho de 1962, em Nova York (EUA)
BANDAS QUE INTEGROU: Nuclear Assault, Anthrax, C.I.A. e John Connelly Theory

POR LEANDRO NOGUEIRA COPPI

Radiation Sickness: "Foi uma música que eu e Danny (Lilker, baixo) compusemos e queríamos um thrash bem rápido. A letra é bem literal, falando sobre o que acontece se houver um conflito nuclear: todo mundo morre!"
Álbum: Game Over (1986)

Butt Fuck (You Figure It Out): "O acidente envolvendo Vince Neil (vocal, Mötley Crüe) e Razzle (bateria, Hanoi Rocks) ganhou os noticiários da época. Qualquer outra pessoa teria pegado uma pena pesada e Vince pegou apenas uma pena branda e pôde sair livremente. Foi algo do tipo: o que aconteceu com a justiça nesse país? Dá para se livrar da cadeia pagando? Como é isso? É sobre o acidente, mas também é sobre como algumas pessoas se livram de punição e outras, não. É um problema nos EUA há pelo menos 50 ou 60 anos."
Álbum: The Plague (EP, 1987)

Technology: "Simplesmente sobre como as pessoas confiam demais em aparelhos. Olhe para a rua: quantas pessoas estão olhando apenas para seus pequenos telefones? Várias vezes você tem que frear para não atropelar alguém que não está prestando atenção! E hoje está muito pior do que quando compus a música!"
Álbum: Survive (1988)

Torture Tactics: "É sobre a era do Apartheid na África do Sul, quando a polícia torturava e matava qualquer um que se rebelasse contra as políticas do governo. Foi como o 'Hitlerismo' na Alemanha. Só depois de eleito que ele começou a abusar de seu poder. Na África do Sul, eles tinham um sistema muito injusto de sociedade, forçado pelo governo em cima da sociedade. Era baseado na cor da pele. Brancos, negros e índios tinham direitos diferentes. Muitos ativistas foram mortos enquanto em custódia da polícia."
Álbum: Handle with Care (1989)

Trail of Tears: "É sobre suicídio. O problema de pessoas que cometem suicídio é que eles não vêm todos tristes e chateados, já que estão mortos. As pessoas que você deixou é que vão sofrer as consequências dessa sua ação. Há alguns que são depressivos e têm problemas mentais, logo as famílias deveriam cuidar melhor deles. Há outros que se recusam a tomar seus remédios ou simplesmente estão passando por uma situação ruim na vida. Mas há alguém como Kurt Cobain, que estava no ápice da sua carreira e nunca mais ia ter que se preocupar com dinheiro, além de ter uma filha de três anos. Por causa dessa filha, o suicídio já não deveria ser uma opção. Não posso aceitar isso."
Álbum: Handle with Care (1989)

FOTO: LEANDRO ALMEIDA

Quocustodiat: "É uma frase em Latim: 'qui custodiet ipsos custodes' que significa: 'quem vigia os guardiões?'. Mais uma vez, é sobre governos que tomam o poder para evitar o abuso do mesmo, mas eles mesmos abusam. Quando isso ocorre, sobra muito pouco da individualidade das pessoas. Elas passam a ser perseguidas por suas convicções políticas, o que é ilegal, mas o governo tornou isso algo dentro da lei. Isso é uma ditadura. Mas o que acontece hoje na Turquia e nos EUA é que a burocracia chegou a tal ponto, que os governos eleitos não dirigem mais os países e sim, os burocratas."
Álbum: Out of Order (1991)

Something Wicked: "A música é de Dave DiPietro (guitarra). Ele não é exatamente um cara do thrash metal, mas acho que fez um grande trabalho aqui. A letra é contando a história do filme, 'Something Wicked This Way Comes' (No Brasil, 'No Templo das Tentações', 1983). Dave é um guitarrista fenomenal. Até hoje encontro guitarristas que não entendem o que ele fez aqui."
Álbum: Something Wicked (1993)

Long Haired Asshole: "É baseada numa história real (risos). O monólogo da abertura é exatamente o que aconteceu. Eu e meu amigo Joe éramos cabeludos, entramos num bar e um cara olhou para nós e disse: 'Vocês são dois bundões cabeludos' ('Long Haired Assholes') e daí isso quase nos fez chegar às vias de fato. Nos divertimos muito fazendo o clipe (risos)."
Álbum: Third World Genocide (2005)

Analog Man In A Digital World: "O conceito e a música são de Danny e eu fiz a letra. Danny disse que a música era sobre eu estar tão atrás dos outros em termos de tecnologia. Meu grande avanço foi começar a usar um celular! (risos). Eu não preciso de um smartphone. Só uso o meu telefone para falar com as pessoas ou mandar mensagens de texto para meus filhos e é isso."
Álbum: Pounder (EP, 2015)

Goodbye Freedom, Hello Mom: "Eu mal me recordo dessa. Foi há muito tempo. Eu meio que me lembro da música, mas não muito sobre ela. Isso não é uma crítica ao estilo, mas eu parei de ouvir metal depois que o (álbum do Metallica) '...And Justice For All' (1988) foi lançado. Então, quando essa música saiu, estava fora do que eu ouvia. Eu não ouço essa música há quase trinta anos! Mas foi um grande álbum."
Álbum: Here Comes Trouble (1990, Scatterbrain)

The Fatal Feast: "Eu nem sei como isso aconteceu. De alguma forma, eles começaram a me mandar e-mails dizendo que queriam meu vocal. Eu ouvi o vocalista deles e perguntei por que me queriam, já que o cara (Tony Foresta) soava quase idêntico a mim. Ele poderia fazer qualquer coisa que eu fizesse. Acho que são muito bons no que fazem. Acabei de participar do álbum de uma banda brasileira chamada Machinage em que o vocalista, Fábio, é muito bom, mas me pediu para cantar uma música. Sem problemas, eu fiz."
Álbum: The Fatal Feast (Waste in Space) (2012, Municipal Waste)

anúncio: www.jduartedesign.com

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records
SOUND CITY RECORDS

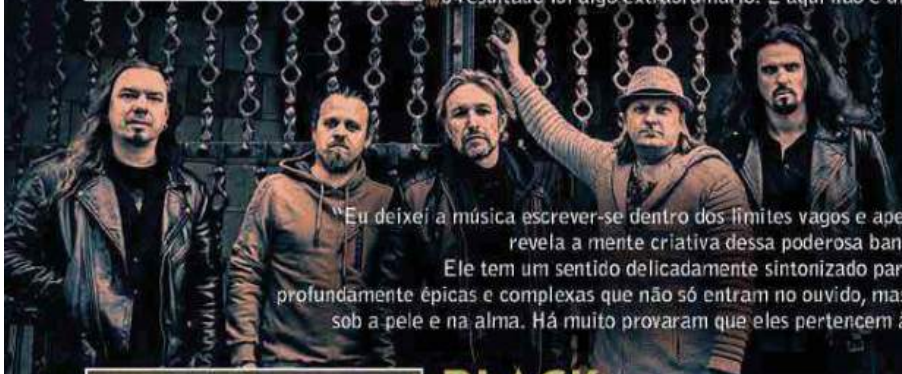
DESTRUCTION
BORN TO PERISH

DIGIPACK
com bônus limitado

A novíssima formação com Randy Black (bateria) e Damir Eskić (guitarra), juntamente com os veteranos Schmier e Mike, está aqui para lhe trazer a destruição musical. Este é um novo capítulo na longa e impressionante história da banda.

TURILLI / LIONE RHAPSODY
ZERO GRAVITY - REBIRTH AND EVOLUTION

Luca Turilli (Rhapsody) e Fabio Lione (Angra) juntos novamente. 2 dos músicos pioneiros do metal sinfônico! Sempre e onde o guitarrista, tecladista e compositor Turilli e o vocalista Lione trabalharam juntos, o resultado foi algo extraordinário. E aqui não é diferente!



SONATA ARCTICA
TALVIYÖ

"Eu deixei a música escrever-se dentro dos limites vagos e apenas aproveitar o passeio", revela a mente criativa dessa poderosa banda finlandesa, Tony Kakko. Ele tem um sentido delicadamente sintonizado para melodias incomparáveis, profundamente épicas e complexas que não só entram no ouvido, mas até mais profundamente; sob a pele e na alma. Há muito provaram que eles pertencem à elite do Melodic Metal... Um álbum espetacular!

BLACK STAR RIDERS
ANOTHER STATE OF GRACE

Os BLACK STAR RIDERS estão de volta - com um novo álbum, um novo line-up, e o vocalista Ricky Warwick chama de "uma nova energia e química". Nos sete anos desde que Warwick e o lendário guitarrista Scott Gorham reuniram os BLACK STAR RIDERS, eles fizeram três dos melhores álbuns de hard rock dos tempos modernos. Gorham descreve o novo álbum, "Another State Of Grace", como o melhor que fizemos. Há sofisticação na escrita, mas também algumas intenções cruas. É muito legal." Um álbum grandioso com uma pegada rústica. Rock de alta energia, com riffs pesados.

Versões JEWELCASE E
DIGIPACK com bônus limitado

MICHAEL SCHENKER FEST
REVELATION

Um dos guitarristas mais talentosos e influentes de todos os tempos. Seu trabalho com Scorpions, UFO e Michael Schenker Group fez dele um herói para milhões de fãs. Inspirou uma geração de músicos, incluindo Steve Harris, Kirk Hammett e Slash!

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

BLACKBERRY SMOKE

VARIAÇÕES COM PERSONALIDADE

NAVEGANDO ENTRE EXTREMOS MUSICAIS QUE SE COMPLEMENTAM, CHARLIE STARR TRAZ DETALHES DAQUILO QUE COMPÕE A IDENTIDADE E A MÚSICA DO GRUPO

POR GUILHERME SPIAZZI

Parece que saber aquilo que se quer, confiar no instinto, ter liberdade artísticas e fazer boa música são ingredientes que contribuem para a construção de uma sólida carreira musical. De acordo com o nosso entrevistado, Charlie Starr (vocal e guitarra), o Blackberry Smoke decolou quando esses elementos foram alinhados. Com quase duas décadas de experiência e seis álbum de estúdio, sendo *Find a Light* (2018) o mais recente, Starr, acompanhado de Richard Turner (baixo), Paul Jackson (guitarra), Brit Turner (bateria) e Brandon Still (teclados) poderiam ter se apoiado nos sucessos já lançados e oferecido aquilo que os fãs queriam ouvir. Porém, preferiram continuar se desafiando e o último lançamento foi mais um sucesso. Entre novidades e novas roupagens para a sua música, o grupo segue firme tocando pelo mundo o seu rock de personalidade genuinamente influenciada pela música da sua terra, o sudeste dos Estados Unidos.

São seis discos de estúdio e milhares de apresentações em quase 20 anos de estrada. O que você sente quando olha em retrospectiva?

Charlie Starr: É um pouco estranho, pois não sinto que faz tanto tempo. Às vezes, quando tento olhar de cima, parece que esses quase vinte anos passaram num piscar de olhos. É um pouco impressionan-

Richard Turner, Brit Turner, Charlie Starr, Paul Jackson e Brandon Still: vivendo o desenvolvimento de sua música

te quando olho para os discos, penso nos shows que fizemos e as pessoas com quem fizemos música. Eu nunca fiz uma lista, mas acho que seria uma boa.

Você costuma levar as experiências vividas para os discos que estão produzindo?

Charlie: Provavelmente de forma inadvertida. Não sei se penso especificamente, mas acho que tudo que você passa e vive, provavelmente, aparece na música. Os discos são uma coisa estranha porque eles são uma fotografia daquilo que você está sentido, cantando e tocando naquele momento. É por isso que é engraçado, às vezes, ouvir os discos antigos e pensar: 'Eu não cantaria dessa forma agora ou eu não tocaria aquela parte assim hoje'. Este exercício é um dever de quem toca numa banda, especialmente pela química das pessoas tocando juntas, pois ela meio que muda e se move. Acho que o Grateful Dead é um ótimo exemplo, já que se trata de, provavelmente, a banda que foi mais gravada ao vivo. Se você ouvir diferentes anos de suas performances ao vivo perceberá que, às vezes, eles são mais rápidos, mais lentos, mais funk, mais jazz, mais pesados ou mais tranquilos. É uma coisa curiosa de se colocar o microscópio. Turner e eu estávamos ouvindo uma gravação nossa de 2012 e eu pensei: 'Meu Deus estamos com pressa, para onde estamos indo?' (risos).

Sendo assim, como *Find The Light* foi elaborado?

Charlie: Foi bem similar ao processo de todos os nossos discos, uma vez que normalmente eu sou o principal compositor. Eu componho durante um ano e, quando tenho um bom número de músicas, ligo para a banda e começamos a ensaiar para que todos estejam prontos para gravar. Porém, desta vez eu não tinha composto nenhuma música e já estava chegando a hora de pensar num álbum. Nisso, um bom amigo meu, que conheço há 25 anos, Keith Nelson, ex-guitarrista e praticamente líder do Buckcherry, ligou. Naquela época ele havia acabado de sair da banda, estava vendo o que faria, e me disse: 'Já pensou em escrevermos algumas músicas juntos?'. Eu disse que deveríamos, já que somos amigos e nunca havíamos feito isso. Nós nos juntamos e fizemos seis ou sete músicas. Não estávamos compondo para um projeto, estávamos apenas fazendo música. Tiveram quatro músicas que eu imediatamente disse para Nelson que o Blackberry Smoke deveria gravar, porque pareceram certas para isso, e ele concordou. Foram *Run Away From it All*, *Best Seat in the House*, *Nobody Gives a Damn* e *Let Me Down Easy* que iniciaram o processo de composição. Então, o meu cérebro pegou e eu compus o resto do álbum.

Interessante, porque a impressão que tive ao ouvir o disco foi a de que se trata uma de álbum de extremos. Aquilo que era pesado soa ainda mais pesado e o que era calmo, está mais calmo. Você tem a mesma impressão?

Charlie: Sim, mas foi só depois de todas compostas que eu as olhei de perto. Você está certo, de um lado temos *Mother Mountain*, que é uma canção acústica, uma música bonita. Já a última faixa composta, *Flesh and Bone*, é a mais pesada. A coisa realmente vai de um lado para o outro.

Você disse que os discos são uma fotografia daquele momento específico. Tocar novas e antigas músicas ao vivo pode ser uma boa oportunidade para verificar o quanto a banda mudou?

Charlie: Exato, este é um exemplo perfeito. Para mim, isso é muito interessante e faz o poço do qual tiramos cada disco ir ficando mais profundo. Isso faz com que o repertório seja mais interessante de ser elaborado. O que será substituído por novas músicas? Nos EUA nós temos fãs que nos seguem de show em show, o que é incrível. Nós agitamos cada noite para que eles ouçam uma variedade (de músicas).

Isso também serve de experiência para o seu desenvolvimento enquanto compositor e artista?

Charlie: Com certeza. Você não pode determinar o tipo de música que irá compor. No entanto, há momentos em que literalmente dirá que quer uma mais rápida ou perceberá que já não compõe uma música lenta há tempo. Às vezes, isso vem à mente, seja bom ou não, não sei (risos).

Acredito que, no final das contas, isso ajuda ao permitir que você adicione

um tempero na sua música. Tanto é que cada disco do Blackberry Smoke traz algo diferente, concorda?

Charlie: Agradeço. Desde o início nós somos interessados nessa ideia de que os nossos discos devem ser cheio de variedade. Isso vem de bandas que amamos, como Led Zeppelin, Rolling Stones, Beatles, Aerosmith e Lynyrd Skynyrd... Eles tinham muita variedade, mesmo considerando que a sua digital estava ali.

Você gosta de experimentar quando está compondo novas músicas ou está em estúdio?

Charlie: Com certeza! A cada disco nós experimentamos um pouco mais com diferentes sonoridades. Lembro-me de quando estávamos fazendo *Like an Arrow* (2016), durante a gravação de *Believe You Me*, que é uma música bastante funk, alguém perguntou se conseguiríamos no safar fazendo aquilo. Eu pensei: 'Por que não conseguiríamos?'. Uma coisa que apreciamos na banda é a liberdade que temos. Não temos que responder a uma gravadora, a um gênero ou a qualquer grande sucesso que, talvez, tente ditar para onde devemos ir. Temos tido a sorte de ter pessoas que estão juntos nessa jornada. Lembro-me que esta música estreou na revista Guitar World antes do lançamento do álbum e vi algumas postagens onde um fã dizia: 'Que diabos é isso? Soa como Stevie Wonder'. Para mim aquilo soou como um elogio. Muito obrigado!

Como já faz cerca de um ano que *Find a Light* foi lançado, você deve ter uma boa ideia da reação dos fãs. Como a avalia?

Charlie: Até o momento tem sido positiva. Estou muito satisfeito com a aceitação e a reação de nossos fãs. Esta foi, provavelmente, a melhor recepção desde *The Whippoorwill* (2012), álbum que parece ser a referência utilizada para mensuração de todos os nossos discos.

De fato, *The Whippoorwill* parece ter estabelecido um padrão para o Blackberry Smoke. Acredita que foi ele quem deu o empurrão que a banda precisava para ser conhecida?

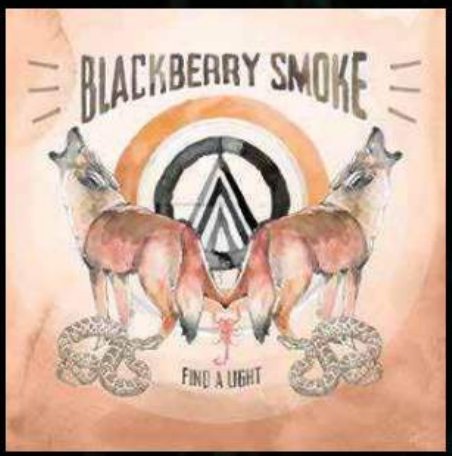
Charlie: Acho que sim, mas lhe digo que tenho muito orgulho deste álbum e sempre terei. Uma das razões para me deixar mais orgulhoso é que este foi o primeiro que basicamente produzimos com alguns amigos, uma vez que antes havíamos feito dois discos com dois produtores diferentes. Para ser honesto, foi o primeiro em que sabíamos exatamente o que queríamos fazer. Tenho orgulho de ele ser o mais popular, porque isso meio que faz você saber... Antes de *The Whippoorwill* eu devo ter feito algumas coisas que foram contra um palpite, contra o meu instinto. Neste álbum, um punhado de músicas que pessoas no passado disseram que não deveríamos

UMA COISA QUE APRECIAMOS NA BANDA É A LIBERDADE QUE TEMOS. NÃO TEMOS QUE RESPONDER A UMA GRAVADORA, A UM GÊNERO OU A QUALQUER GRANDE SUCESSO QUE, TALVEZ, TENTE DITAR PARA ONDE DEVEMOS IR.

fazê-las porque não eram boas o suficiente foram incluídas e adivinhe... Elas são as favoritas de todos! Eu olho para isso como uma espécie de vingança. Eu estava certo e eles errados. Eu sabia, no meu coração, que era certo e a indústria estava errada.

Vamos colocar a coisa da seguinte maneira: acredito que ninguém conheça melhor a sua música que você mesmo.

Charlie: Sim. Estávamos negociando com algumas gravadoras diferentes entre *Little Piece of Dixie* (2009) e *The Whippoorwill*. Eu acho que algumas situações os levaram a pensar que poderiam ganhar um grande sucesso no mainstream, mas o empecilho, a lombada era o fato de que não queríamos sacrificar nenhuma liberdade artística. Nós decidimos tentar promover o disco nas rádios e nos colocar no mainstream da música. Não funcionou. No final disso, me lembro de termos uma reunião e eu disse: 'Quem liga se temos música na rádio? Não vamos gravar coisas que não queremos gravar ou músicas compostas por outras pessoas para alcançar isso. Não vale a pena, pois no final das contas tudo o que você tem é a sua integridade'. Enfim, as coisas começaram a funcionar quando decidimos fazer a nossa música.



FIND A LIGHT
LEGGED RECORDS · IMP

Em outubro de 2018 vocês lançaram o EP *The Southern Ground Sessions*. Como surgiu este trabalho e como foi a experiência de gravar versões acústicas de algumas músicas?

Charlie: Foi um feliz acidente. Fomos para o Southern Ground Studios, em Nashville (EUA), para fazer um vídeo promocional para *Find a Light*. Lá nós literalmente sentamos em círculo como se estivemos tocando em nossa sala de estar, e convidamos alguns amigos para uma jam. Acabamos tocando cerca de sete músicas. Elas soaram tão bem que percebemos que poderia ter gente que ia querer aquilo. Não apenas o vídeo, mas o áudio. Por isso, decidimos lançar como um acompanhamento para *Find a Light*. Isso nos inspirou a fazer uma turnê acústica pelos EUA, que foi um sucesso esmagador. É neste momento que você descobre quem realmente quer ouvir, pois tem muita gente que vai ao show para festejar. Desta vez as pessoas foram ótimas, elas realmente respeitaram a música. Nós, provavelmente, faremos isso novamente.

O Blackberry Smoke foi fundado no estado da Geórgia, ao norte temos a cidade de Nashville, expoente do country; ao sul está Jacksonville, terra de grandes nomes do southern rock e a oeste, o estado do Alabama, terra onde você nasceu e é referência no blues. Em sua opinião, o ambiente influencia na sua música?

Charlie: Com certeza, sim, no meu caso. Venho de uma família que canta gospel e bluegrass. Cresci rodeado de gente que amava o blues, indo a lojas de discos que vendiam apenas R&B e blues. Numa dessas lojas havia umas guitarras à venda, que eu queria tocar, e eles sempre me deixavam quando eu era criança. Os caras estavam sempre tocando blues na loja e eu ficava fascinado. Eles me ensinaram Muddy Waters, Lightnin' Hopkins, Son House... Nem todo mundo teve essa oportunidade e eu tive a sorte de ter bons professores.

Os fãs do Blackberry Smoke ficaram empolgados com a sua vinda ao Brasil. Como você se sente sendo querido por gente de tão longe?

Charlie: É incrível e quase impossível de explicar a sensação. Fizemos um show em Anaheim (EUA) ano passado, e lá eu conheci dois brasileiros. A empolgação deles era tão contagiante que me fez querer pegar um avião naquele instante e ir para o Brasil. Nada pode fazer você se sentir melhor do que isso!

um tempero na sua música. Tanto é que cada disco do Blackberry Smoke traz algo diferente, concorda?

Charlie: Agradeço. Desde o início nós somos interessados nessa ideia de que os nossos discos devem ser cheio de variedade. Isso vem de bandas que amamos, como Led Zeppelin, Rolling Stones, Beatles, Aerosmith e Lynyrd Skynyrd... Eles tinham muita variedade, mesmo considerando que a sua digital estava ali.

Você gosta de experimentar quando está compondo novas músicas ou está em estúdio?

Charlie: Com certeza! A cada disco nós experimentamos um pouco mais com diferentes sonoridades. Lembro-me de quando estávamos fazendo *Like an Arrow* (2016), durante a gravação de *Believe You Me*, que é uma música bastante funk, alguém perguntou se conseguiríamos no safar fazendo aquilo. Eu pensei: 'Por que não conseguiríamos?'. Uma coisa que apreciamos na banda é a liberdade que temos. Não temos que responder a uma gravadora, a um gênero ou a qualquer grande sucesso que, talvez, tente ditar para onde devemos ir. Temos tido a sorte de ter pessoas que estão juntos nessa jornada. Lembro-me que esta música estreou na revista Guitar World antes do lançamento do álbum e vi algumas postagens onde um fã dizia: 'Que diabos é isso? Soa como Stevie Wonder'. Para mim aquilo soou como um elogio. Muito obrigado!

Como já faz cerca de um ano que *Find a Light* foi lançado, você deve ter uma boa ideia da reação dos fãs. Como a avalia?

Charlie: Até o momento tem sido positiva. Estou muito satisfeito com a aceitação e a reação de nossos fãs. Esta foi, provavelmente, a melhor recepção desde *The Whippoorwill* (2012), álbum que parece ser a referência utilizada para mensuração de todos os nossos discos.

De fato, *The Whippoorwill* parece ter estabelecido um padrão para o Blackberry Smoke. Acredita que foi ele quem deu o empurrão que a banda precisava para ser conhecida?

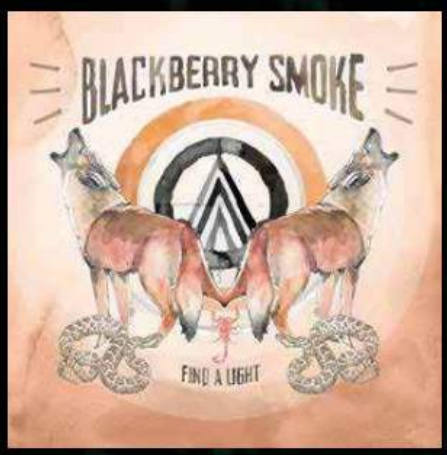
Charlie: Acho que sim, mas lhe digo que tenho muito orgulho deste álbum e sempre terei. Uma das razões para me deixar mais orgulhoso é que este foi o primeiro que basicamente produzimos com alguns amigos, uma vez que antes havíamos feito dois discos com dois produtores diferentes. Para ser honesto, foi o primeiro em que sabíamos exatamente o que queríamos fazer. Tenho orgulho de ele ser o mais popular, porque isso meio que faz você saber... Antes de *The Whippoorwill* eu devo ter feito algumas coisas que foram contra um palpite, contra o meu instinto. Neste álbum, um punhado de músicas que pessoas no passado disseram que não deveríamos

> UMA COISA QUE APRECIAMOS NA BANDA É A LIBERDADE QUE TEMOS. NÃO TEMOS QUE RESPONDER A UMA GRAVADORA, A UM GÊNERO OU A QUALQUER GRANDE SUCESSO QUE, TALVEZ, TENTE DITAR PARA ONDE DEVEMOS IR.

fazê-las porque não eram boas o suficiente foram incluídas e adivinhe... Elas são as favoritas de todos! Eu olho para isso como uma espécie de vingança. Eu estava certo e eles errados. Eu sabia, no meu coração, que era certo e a indústria estava errada.

Vamos colocar a coisa da seguinte maneira: acredito que ninguém conheça melhor a sua música que você mesmo.

Charlie: Sim. Estávamos negociando com algumas gravadoras diferentes entre *Little Piece of Dixie* (2009) e *The Whippoorwill*. Eu acho que algumas situações os levaram a pensar que poderiam ganhar um grande sucesso no mainstream, mas o empecilho, a lombada era o fato de que não queríamos sacrificar nenhuma liberdade artística. Nós decidimos tentar promover o disco nas rádios e nos colocar no mainstream da música. Não funcionou. No final disso, me lembro de termos uma reunião e eu disse: 'Quem liga se temos música na rádio? Não vamos gravar coisas que não queremos gravar ou músicas compostas por outras pessoas para alcançar isso. Não vale a pena, pois no final das contas tudo o que você tem é a sua integridade'. Enfim, as coisas começaram a funcionar quando decidimos fazer a nossa música.



FIND A LIGHT
LEGGED RECORDS · IMP

Em outubro de 2018 vocês lançaram o EP *The Southern Ground Sessions*. Como surgiu este trabalho e como foi a experiência de gravar versões acústicas de algumas músicas?

Charlie: Foi um feliz acidente. Fomos para o Southern Ground Studios, em Nashville (EUA), para fazer um vídeo promocional para *Find a Light*. Lá nós literalmente sentamos em círculo como se estivemos tocando em nossa sala de estar, e convidamos alguns amigos para uma jam. Acabamos tocando cerca de sete músicas. Elas soaram tão bem que percebemos que poderia ter gente que ia querer aquilo. Não apenas o vídeo, mas o áudio. Por isso, decidimos lançar como um acompanhamento para *Find a Light*. Isso nos inspirou a fazer uma turnê acústica pelos EUA, que foi um sucesso esmagador. É neste momento que você descobre quem realmente quer ouvir, pois tem muita gente que vai ao show para festejar. Desta vez as pessoas foram ótimas, elas realmente respeitaram a música. Nós, provavelmente, faremos isso novamente.

O Blackberry Smoke foi fundado no estado da Geórgia, ao norte temos a cidade de Nashville, expoente do country; ao sul está Jacksonville, terra de grandes nomes do southern rock e a oeste, o estado do Alabama, terra onde você nasceu e é referência no blues. Em sua opinião, o ambiente influencia na sua música?

Charlie: Com certeza, sim, no meu caso. Venho de uma família que canta gospel e bluegrass. Cresci rodeado de gente que amava o blues, indo a lojas de discos que vendiam apenas R&B e blues. Numa dessas lojas havia umas guitarras à venda, que eu queria tocar, e eles sempre me deixavam quando eu era criança. Os caras estavam sempre tocando blues na loja e eu ficava fascinado. Eles me ensinaram Muddy Waters, Lightnin' Hopkins, Son House... Nem todo mundo teve essa oportunidade e eu tive a sorte de ter bons professores.

Os fãs do Blackberry Smoke ficaram empolgados com a sua vinda ao Brasil. Como você se sente sendo querido por gente de tão longe?

Charlie: É incrível e quase impossível de explicar a sensação. Fizemos um show em Anaheim (EUA) ano passado, e lá eu conheci dois brasileiros. A empolgação deles era tão contagiante que me fez querer pegar um avião naquele instante e ir para o Brasil. Nada pode fazer você se sentir melhor do que isso!

Resenhando
O RESENHANDO ESTÁ NO YOUTUBE!
Apresentação de DANIEL DUTRA, colaborador da ROADIE CREW
Do hard e classic rock ao heavy metal e suas vertentes, a música com informação, opinião e entretenimento!
bit.ly/resenhandorock
/resenhandorock
/resenhandorock
/resenhandorock
APOIO:
ROADIE CREW
METAL NA LATA
ASE MUSIC
HEADBANGER HEAVIEST HEAVY METAL STORE
CD'S - DVD'S - ACESSÓRIOS
HEADBANGER
rua
AGÊNCIA CRIATIVA

JDUARTE®
DESIGN
Serviços de design e web design para bandas, músicos e empresas em geral.
Criação de sites responsivos
Lojas virtuais
Cartazes/Flyers/Banners
Layout de redes sociais
Capas de CD/DVD + Encarte
Anúncios
Logos
e muito mais...
Confira portfólio completo em:
www.jduartedesign.com

RICARDO PARRONCHI
LIGHT, SHADOWS AND SOUL
Novo álbum "Light, Shadows and Soul" disponível em CD físico e em todas as plataformas digitais!
Spotify
music
DEEZER
Google Play
@ricardoparonchi
@ricardoparonchimusic
OEBUICAOTA RECORDS

NORTHTALE

MOLDANDO A PRÓPRIA REALIDADE

IMPULSIONADOS PELO DESEJO DE DAR UM NOVO RUMO PARA SUAS CARREIRAS, BILL HUDSON E CHRISTIAN ERIKSSON FALAM SOBRE A ESTREIA DA NOVA BANDA

POR GUILHERME SPIAZZI

A mágica está em claramente enxergar aquilo que é profundamente almejado, levantar-se e começar a moldar a sua realidade. O lançamento de *Welcome to Paradise* marca a estreia do NorthTale, grupo capitaneado por Bill Hudson (guitarra, Trans-Siberian Orchestra, I Am Morbid, Doro, ex-Circle II Circle e outros), Christian Eriksson (vocal, ex-Twilight Force), Patrick Johansson (bateria, ex-Yngwie Malmsteen), Mikael Planefeldt (baixo) e Jimmy Pitts (teclado), e comprova a sentença introdutória desta matéria. O álbum representa a conquista de um objetivo que surgiu a partir do desejo de fazer um som que, fidedignamente, representasse Hudson, Eriksson e seus companheiros. A personalidade musical, moldada a partir do melhor que o metal melódico já proporcionou, deixa claro o caminho musical que o grupo pretende seguir, mas não os limita apenas a isso. Para saber mais sobre a nova empreitada, acompanhe a entrevista com Hudson e Eriksson a seguir.

Como exatamente se deu a formação do NorthTale?

Bill Hudson: Já fazia algum tempo

Jimmy Pitts, Mikael Planefeldt, Christian Eriksson, Patrick Johansson e Bill Hudson: a nova onda do metal melódico

que eu queria começar a minha banda, mas ficava postergando por causa de vocalistas. Eu pensava: 'Como encontrarei um cara para cantar esse tipo de música?'. Era preciso encontrar alguém que gostasse disso e que fosse bom o suficiente para o trabalho. Eu achava que isso nunca aconteceria até que conheci Eriksson. Também teve o fato dele trazer Johansson. Nós três, de maneira independente, falávamos sobre ter uma banda, mas não íamos para lugar algum. Num determinado momento, percebemos que estávamos insatisfeitos com o que estava acontecendo em nossas vidas e decidimos nos juntar para fazermos a banda acontecer. Acho que foi basicamente nós três, em posições insatisfatória em nossas carreiras, querendo estar em outro lugar.

Christian Eriksson: Eu estava de saco cheio de tudo na época em que sai do Twilight Force (N.R.: em 2017). Queria largar a música. Foram as ligações telefônicas de Hudson e Johansson que mudaram tudo. Ambos não estavam conversando entre si, mas me ligaram num intervalo de duas semanas falando basicamente a mesma coisa: 'Quando você estiver pronto, vamos fazer isso'. Eu toquei o foda-se e disse que não queria mais fazer música (risos). Depois, pensei um pouco e me toquei que se tratava de Hudson e Johansson, dois super instrumentistas que queriam formar uma banda comigo. Pensei e cheguei à conclusão de que, talvez, devesse tentar pela última vez. Era a chance de tentar fazer algo que me desse bastante orgulho.

Se, por um lado, você encarnava o personagem Chrileon no Twilight Force, no NorthTale a sua verdadeira identidade é assumida. Christian, agora você sente mais liberdade para colocar a sua personalidade na música?

Christian: Sim, com certeza. Todas as músicas que temos trazem referências pessoais. Sinto que se há um disco ou banda que eu realmente posso dizer que me representa, é o NorthTale. Como você disse, eu era um personagem, um fantoche (risos). Tentei não ser, mas era assim e tipo, se os caras querem fazer assim, tudo bem, eu os respeito. Mas eu quero fazer algo com significado para mim.

Bill, depois do Cellador você basicamente trabalhou como músico contratado de várias bandas, projetos e artistas e isso parecia estar funcionando muito bem para a sua carreira. Por que se incomodar com uma banda justamente agora?

Bill: Essa é uma pergunta incrível. Assim como Eriksson mencionou, ele vestia uma fantasia e eu, mesmo nunca precisando me fantasiar, fazia a mesma coisa. O meu grande amigo Ralph Santolla (N.R.: falecido em 2018) um dia me disse: 'É legal que você esteja fazendo tudo isso, mas hoje você é o guitarrista de covers mais bem pago do mundo'. Eu logo entendi que aquilo era verdade. Na época, eu estava tocando covers do Accept e do Morbid Angel. Quando fui a atração principal no Wacken (Open Air), toquei covers do Savatage e da Trans-Siberian Orchestra. Isso começou a me incomodar. Tendo nascido no Brasil, eu admirava essas bandas como todo mundo admira, e queria estar junto daqueles artistas, queria ser o Bill Hudson, o cara que toca com o Savatage ou a Doro. Para mim, era importante estar no mesmo nível de todo mundo. Mas aí percebi que isso é horrível durante 23 horas do dia. Só é legal quando você está no palco ou dando autógrafos. Outra coisa que aconteceu, que talvez seja a mais importante, é que me tornei o cara que ninguém se importa na banda. Nenhuma ideia minha era considerada, entende? Eu nunca fiz nada meu, eu estava sempre ajudando alguém a alcançar o seu sonho. No I am Morbid eu toco covers do Morbid Angel, mas eu amo tocar na banda. Todos são amigos próximos e meio que ela se parece a minha banda, mesmo considerando o fato de eu não ter composto as músicas. Porém, é uma banda onde ninguém gosta de ouvir as músicas que eu gosto... Eu queria ter algo para expressasse aquilo que quero ouvir. *Welcome to Paradise* é um disco que eu compraria para ouvir. Eu já fiz de tudo, já rodei o mundo, saí em várias revistas, toda essa gente tem amizade comigo, mas ninguém conhe-

cia a porra do meu som. Aqui está a minha oportunidade. Eu figuro em doze discos, mas quando alguém pergunta se eu tenho um disco meu, não sei o que responder, pois nada representa quem eu sou. Um disco do Circle II Circle tem a música do Zak Stevens comigo fazendo solos... O Westfield Massacre era eu, porém, era eu contratado para compor pensando na voz de Tommy Vext. Não sou eu compondo a música que amo. Eu não compus nada em *Welcome to Paradise* pensando na voz de Eriksson, compus aquilo que eu quis e a voz dele fez a banda soar como soa. Isso faz muita diferença para mim.

Qual foi a sua reação quando escutou as ideias musicais de Bill pela primeira vez, Christian?

Christian: Nós compusemos o disco juntos. Começamos a trocar ideias e eu, imediatamente, percebi que tínhamos uma química, mesmo considerando que estávamos compondo um disco à distância. Quando eu enviava uma ideia, Hudson me retornava exatamente o material que eu queria e vice-versa. Foi incrível. É muito legal ter essa química com alguém que está do outro lado do mundo.

Bill: Realmente, esse tipo de química não é algo fácil de encontrar. Não é sempre que você encontrará isso em alguém que more na rua de baixo.

***Welcome to Paradise* definitivamente traz uma boa mistura de influências do metal melódico. Vocês diriam que o álbum representa bem a personalidade musical da banda?**

Christian: Acho que se mantermos a ideia de fazermos a música que amamos, você ouvirá o NorthTale, mas entenderá que a banda não soa apenas de uma maneira. A banda pode soar da forma que quisermos. Estamos focados em nos divertir e escrever boa música.

Bill: Se você for colocar as nossas músicas num espectro musical, excluindo as baladas, é claro, do lado mais leve você tem *Everyone is a Star* e no outro extremo tem *Bringing Down the Mountain*. Essas duas músicas, por mais diferentes que sejam, representam quem somos harmonicamente e melodicamente. Avançando enquanto compositor, quero pegar esses elementos e misturá-los com outras coisas e o resultado representará ainda mais quem somos. Porém, isso não é uma coisa que eu farei de propósito ou sob pressão. Eu acho que a identidade vem naturalmente. Eu sinto que muitas das minhas bandas preferidas deram a sua interpretação para uma música que já existia. É difícil apontar um elemento que realmente diferencie um Stratovarius de um Helloween da década de 1980. Eles pegaram a sonoridade do *Keeper of the Seven Keys* e trouxeram do seu jeito para os anos 1990. É mais ou menos isso o que estamos fazendo. É o som que gostamos tocado do nosso jeito.

Outro aspecto da personalidade do NorthTale é encontrado nas letras, que, de forma geral, parecem bastante positivas...

Bill: Como não há um conceito definido, eu diria que a coisa apenas aconteceu. Eu escrevi duas letras: *If Angels are Real*, que é um tributo ao meu amigo Adam Sagan (N.R.: falecido em 2016), e *Shape Your Reality*, que direciona a maioria das outras letras. Esta última trata de algo que eu acredito, é a ideia de que está tudo na sua mente e de que você pode vencer e superar qualquer coisa. Alguns chamam isso de lei da atração, o Universo... Chame do que quiser. Enfim, a maioria das letras tem ligação pessoal com Eriksson. A minha favorita é *Bring Down the Mountain*, letra envolvendo um acontecimento na vida de Eriksson, mas que pode ser algo que acontece na vida de todo mundo. Às vezes, você tem um problema, alguma coisas com a qual não quer lidar, mas precisa superar.

Christian: Pois é, trato de vários temas. Por exemplo, *Welcome to Paradise* é basicamente sobre a minha visão com relação à religião e o que as pessoas podem fazer usando ela para controlar os outros. Eu cresci no que chamo de culto e lutei para me livrar disso até que consegui aos 16 anos. *Time to Rise* é sobre o bullying que sofri quando era criança.

Bill: Deixe-me interromper aqui. Na letra de *Time to Rise* tem uma parte que diz: 'Never doubt who you are, don't let it get to your heart'. Essa foi a experiência dele, mas eu também sofri bullying. Uma das principais razões para eu amar o tipo de música que tocamos vem da época em que eu ia para casa depois da escola e escutava Helloween, Gamma Ray e Stratovarius para esquecer daquilo. Eu dizia: 'Um dia eu terei uma banda que soará como essas e nenhum desses filhos da puta terão importância alguma'. É isso que está acontecendo agora. Nunca duvide de quem você é. Mesmo naquela época em que eu sofria bullying daquelas pessoas, eu nunca duvidei que isso que estou vivendo aconteceria. É a uma letra de Eriksson baseado em sua experiência, mas ela vale para todo mundo. No final das contas, está tudo na sua mente.

Christian: Acho que é importante que o ouvinte dê a sua interpretação. Se você conseguir pegar uma música que soa pessoal, que fale com o seu coração, esse é o meu objetivo.

O NorthTale estreará oficialmente em agosto, no festival sueco Sabaton Open Air, e depois partirá para o Japão, onde tocará no festival Evoken. Quais são as suas expectativas com relação aos shows?

Bill: Considero estes dois mercados muito importantes. Os suecos realmente acolhem os seus conterrâneos. Como temos três suecos na banda, acho que não poderia ter um lugar melhor para estrear do que na casa deles. Além disso, este festival significa muito para mim porque foi nele a minha primeira apresentação na Suécia (Circle II Circle, em 2012). Quanto ao Japão, pelo menos três de nós já tocaram no país e espero que os nossos fãs ainda estejam por lá.

Christian: Em primeiro lugar, trata-se da minha cidade natal (Falun) e isso intimida um pouco. Além disso, faz vinte anos que Johansson não toca lá e sei que muitos amigos, família e fãs irão ao show. Temos dito por aí que somos a banda mais legal do mundo... Bom, agora é a nossa hora de provar isso. Será como um teste de fogo, pois não é como ir tocar num bar, onde você pode errar. A coisa é de verdade. Quanto ao Japão, será muito legal ver qual será a reação dos fãs por lá, pois Johansson esteve recentemente no país com outra banda e, segundo ele, já havia muitos comentários a respeito do NorthTale. Acho que há muita expectativa pela gente. Agora temos que ir e dar o nosso melhor!

Quem sabe também veremos o NorthTale num futuro próximo. Enquanto isso, deixem um recado para os nossos leitores.

Bill: Espero que a galera do Brasil curta o NorthTale. *Welcome to Paradise* tem as influências que todos nós crescemos ouvido. Valeu Guilherme Spiazzi, Ricardo Batalha e Claudio Vicentin, um grande abraço para vocês!

WELCOME TO PARADISE
NUCLEAR BLAST · IMP

IGNITED
EM BREVE DISCO DE ESTREIA
www.ignitedmetal.com
@ignited_official
/ignitedofficialband
foto @caweberes
arte www.jduartedesign.com

ELUVEITIE

Sombrio, grandioso e... renascido!

APÓS AS POLÊMICAS EM SUA ÚLTIMA VISITA AO BRASIL, SUÍÇOS REVOCAM SEUS MELHORES DIAS, RETOMAM O PESO E SURPREENDEM COM *ATEGNATOS*

POR VALTEMIR AMLER

Alain Ackermann, Kay Brem, Chrigel Glanzmann, Nicole Ansperger, Fabienne Erni, Michalina Malisz, Matteo Sisti, Rafael Salzmann e Jonas Wolf: o impressionante time envolvido na concepção de *Ategnatos*

Ategnatos... A palavra escolhida como título do novo álbum destes suíços é o gaulês para 'renascer', algo que vem bem a calhar no atual momento da banda. Herdeiro tanto da tradição dos bardos da Europa Central, quanto do tradicionalíssimo metal extremo suíço, o Eluveitie tomou o mundo de assalto em 2008 com o lançamento de seu segundo álbum, *Slania*, que se tornou um clássico do estilo. Sempre liderada pela figura forte do vocalista Chrigel Glanzmann, a banda seguiu forte e foi evoluindo ao longo dos anos, até que, em 2016, três importantes membros abandonaram o barco, quando Ivo Henzi (guitarra), Merlin Sutter (bateria) e Anna Murphy (vocal) saíram para formar o Cellar Darling. Assim, Chrigel precisou reformular o time para seguir adiante. E ele fez isso com louvor, conseguindo manter o status de um dos melhores nomes da cena suíça. Porém, justo no Brasil, e bem no momento que *Ategnatos* estava pronto para ser lançado, veio um novo baque: com o cancelamento de parte da turnê após o show em São Paulo (SP), o Eluveitie precisou enfrentar a ira de parte dos seus fãs, e nem a apresentação especial no Rio de Janeiro (RJ) acalmou os ânimos de alguns. Chrigel entende os motivos disso e, na entrevista a seguir, fala sobre o momento atual e deixa uma mensagem aos fãs brasileiros.

Em primeiro lugar, qual é o seu sentimento sobre a mais recente passagem do Eluveitie pelo Brasil?

Chrigel Glanzmann: Olha, eu não vou mentir, ficou uma sensação muito estranha. Foi muito triste, e, na verdade, muito ruim para muitas pessoas, fãs que economizaram dinheiro para assistir a um de nossos shows, gente que, por exemplo, viajou por horas até Belo Horizonte para nos ver e nada... O que acontece é que trabalhamos com agências diferentes desta vez, para esta turnê. E a coisa começou a dar errado desde o começo. Uma vez que a turnê estava agendada, nosso agente entrava em contato para combinar detalhes técnicos das apresentações, e não obtinha respostas... Na parte financeira, acho que uns três dias antes do show em São Paulo, nosso agente entrou em contato dizendo que ainda não havia entrado nenhum pagamento, e que não deveríamos fazer nenhum show. O que as

pessoas precisam entender é que mesmo que exista um contrato assinado, isto não ajuda muito. Não é como se você pudesse processar alguém. Se você está falando de milhares de dólares, vá adiante, mas não são esses os valores para uma banda como nós. Então, a única maneira que temos para pressionar o agente local para pagar o nosso dinheiro é dizer: 'ou recebemos ou não faremos o show'. É o que todas as bandas fazem, pois é o único instrumento que temos para receber. Bom, um dia antes do show em São Paulo, recebemos parte do combinado, ficamos muito felizes e cruzamos os dedos, torcendo pelo melhor. Fizemos o show em São Paulo, e, depois... Bem, as coisas não melhoraram. Lamentamos muito o que aconteceu, pedimos desculpas aos fãs, mas não existia outra forma de ação naquele momento. Mas nós estaremos aí de volta em breve, e certamente todos terão a chance de nos ver.

Bem, vamos falar de música. Dois anos atrás, o Eluveitie lançou *Evocation II - Pantheon*, a segunda parte de um trabalho focado na música folk. Além da parte óbvia, existe alguma diferença entre ele e os outros álbuns?

Chrigel: Acho que a diferença fica realmente mais naquilo que se refere à musicalidade de cada álbum. Claro que nós buscamos uma abordagem um tanto diferente nos dois *Evocation*, já que eles têm essa predominância da música folk pura, com letras em gaulês, etc.

Mas, na hora de compor, também é necessária uma atitude diferente?

Chrigel: Não, não muito. Quer dizer, claro que é diferente escrever os arranjos para um instrumento acústico em vez de o riff pesado de uma guitarra, mas, na hora que estou compondo, é como se isso fosse apenas um detalhe. A forma da minha abordagem na hora de compor é muito mais emocional, é mais sobre expressar uma emoção específica e criar um ambiente em que esta emoção faça sentido. Então, é por isso que digo que não faz muita diferença. Quando estou procurando expressar o que sinto, não faz muita diferença se componho para uma guitarra ou para um violão.

Faz sentido. Inclusive, lembro que *Evocation II – Pantheon* foi lançado em agosto de 2017, e, logo depois, em outubro, vocês lançaram o single *Rebirth*, que veio repleto de elementos da música extrema.

Chrigel: Exato! A ideia por traz disso é que já fazia muito tempo que não lançávamos uma música realmente pesada. Bem, quando começamos o ciclo de *Evocation*, já tínhamos em mente que seria um trabalho dividido em dois álbuns. Isso foi em 2009. Enquanto estávamos trabalhando em *Origins* (2014), durante o processo de gravação, decidimos que o próximo álbum finalmente seria a segunda parte de *Evocation*. E foi isso que fizemos. Então, o que acontece é que ficamos muito tempo sem lançar algo que fosse realmente metal, embora estivéssemos compondo, em paralelo, músicas com estas características. Então, por um lado, foi algo que fizemos por nós mesmos, pela nossa gana de lançar metal novamente. Por outro lado, era algo para os fãs. 'Vamos lá, sei que estão sentindo falta de algumas guitarras pesadas, então, curtam essa música enquanto terminamos de preparar *Ategnatos*'. Funcionou como uma prévia, ou algo do tipo.

ATEGNATOS
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

Existia mais alguma música de *Ategnatos* pronta naquele momento?

Chrigel: Não, *Rebirth* era a única. Eu ainda estava trabalhando para desenvolver o conceito do que seria o álbum, a ideia ainda estava florescendo, e as músicas ainda precisavam ganhar forma. Digamos que eu ainda estava montando os diagramas das novas músicas.

O fato é que *Rebirth* realmente serviu como uma prévia de *Ategnatos*, já que esse novo álbum retornou ao som mais primitivo e pesado do Eluveitie.

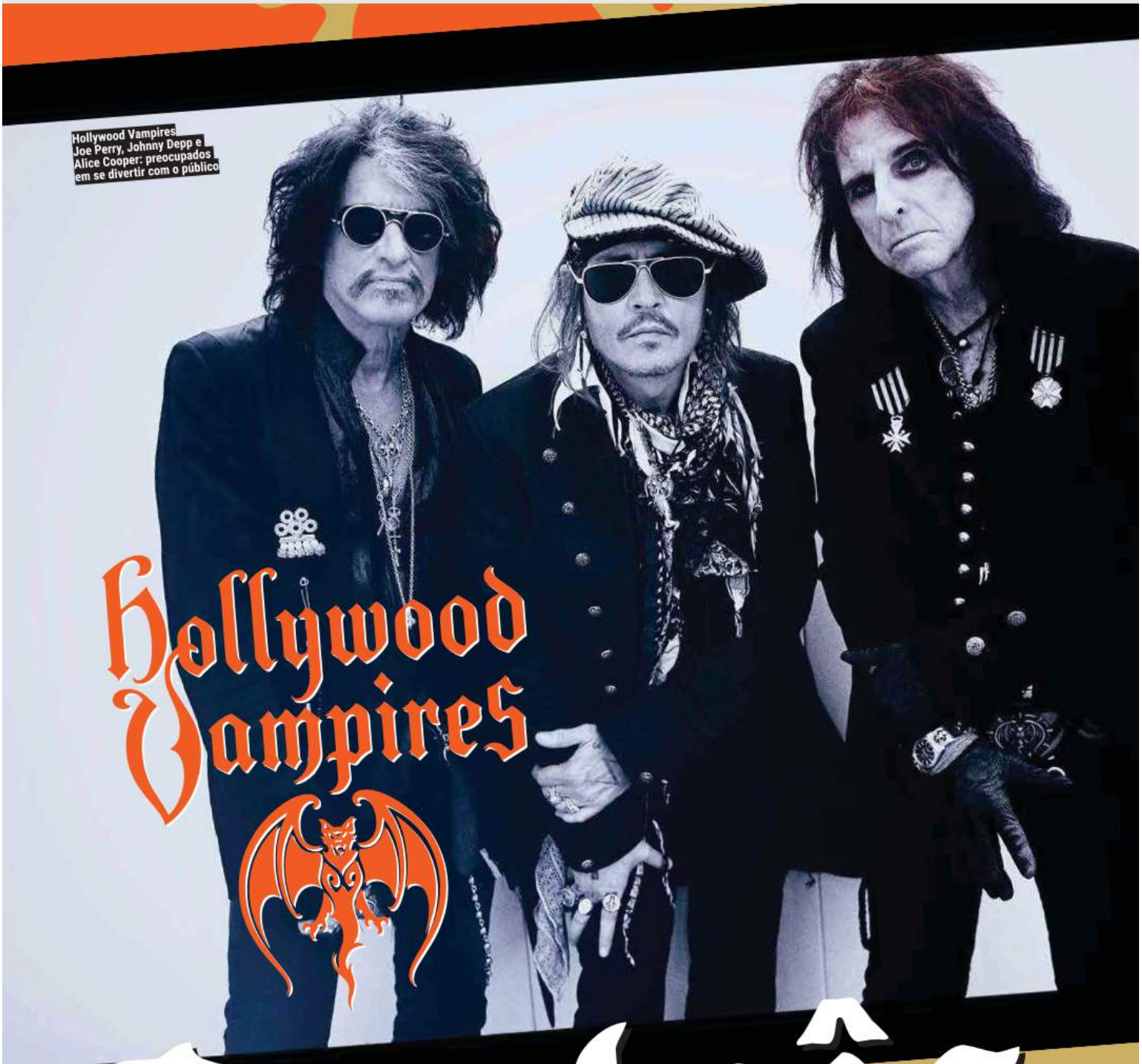
Chrigel: Sim, e é engraçado que não foi necessário forçar nada, as coisas simplesmente caminharam para este lado mais extremo e pesado. Quer dizer, no fim das contas, nós somos uma banda de metal extremo, temos essa inclinação para o lado do death metal, e, como disse, estávamos com saudade de fazer algo assim. Não foi preciso que nos concentrássemos numa fórmula específica, as ideias simplesmente foram fluindo, e a maior parte do trabalho foi em adequar a música com o conceito. Bem, antes de qualquer coisa, esta talvez seja a parte mais importante da música para o Eluveitie, aquela em que mais prestamos atenção. Não adianta a música ser bela e super bem arranjada, ou extrema e feroz e não dizer absolutamente nada. É por isso que sempre temos um tema que assume o foco das composições em nossos álbuns, e ele servirá tanto para levantar um questionamento ou transportar uma mensagem quanto para guiar os caminhos da nossa música. As coisas precisam se encaixar e fazer sentido juntas.

Qual seria o foco lírico em *Ategnatos*?

Chrigel: Eu não quero revelar demais para que as pessoas possam mergulhar por si mesmas na ideia aqui contida, mas digamos que todo o conceito gira em torno da palavra que nomeia o disco: renascer. Existe um arquétipo muito antigo que diz que depois de uma grande tristeza é que vem a felicidade. Você precisa primeiro sofrer para depois se alegrar, renascer. Basicamente, o ser humano não mudou muito ao longo dos milênios, então as chaves para a vida também não mudaram. De maneira geral, tudo gira em torno de arquétipos, alegorias, parábolas da mitologia celta, mas sob um ponto de vista atual, dos nossos dias. Não é um álbum sobre reencarnação ou algo assim, é mais sobre as transformações que passamos durante a vida. Sabe, quando você passa por algo muito extremo, que parece que em parte morreu por dentro? Você precisa reunir forças e voltar. É sombrio, mas pode haver alguma luz. É um conceito amplo, que varia entre momentos realmente obscuros e sombrios, melancólicos e outros mais alegres e lúcidos, claros... É um desafio criar essa música, executá-la e concebê-la, e é neste sentido que falo que o maior trabalho é encaixar a música e a letra. Se o tema é sombrio, a música não pode soar feliz sem botar tudo a perder.

Muitas bandas usam a música extrema como uma forma de expressar sentimentos como a raiva. Pelo que você diz, no seu caso não é assim tão simples.

Chrigel: Não mesmo! Essa nunca foi a chave para mim. Eu basicamente cresci ouvindo bandas de death metal, nos anos 90, e não era raiva, ódio ou qualquer sentimento negativo que aquelas músicas me traziam. Muito pelo contrário. Não eram expressões de algo negativo, mas de algo intenso. Intensidade não precisa ser negativa. Ainda é assim que sinto, então é neste sentido que uso o metal extremo para expressar a ideia de intensidade. E este álbum é muito intenso, muito emocional. É, sem dúvida, a coisa mais pessoal que escrevi, e realmente espero que as pessoas possam curtir o conceito aqui apresentado.



Hollywood Vampires. Joe Perry, Johnny Depp e Alice Cooper: preocupados em se divertir com o público

Hollywood Vampires

Os três alfas

ALICE COOPER COMEMORA O ENCONTRO DA IDENTIDADE SONORA DO GRUPO E COMPARTILHA SUAS IMPRESSÕES ACERCA DO NOVO DISCO, *RISE*

POR GUILHERME SPIAZZI

Nomes como os de Alice Cooper e Joe Perry falam por si. A amizade entre os músicos soma décadas e, por pouco, no início da década de 1980, quando Perry estava afastado do Aerosmith, os dois não firmaram uma parceria musical. Pouco mais de trinta anos depois, a união foi finalmente concretizada no projeto Hollywood Vampires, que também inclui o hollywoodiano Johnny Depp. Estranho? Talvez. Porém, é bom lembrar que o ator tem envolvimento na música profissional desde pelo menos 1994, com participações em discos como do Oasis (*Be Here Now*, 1997), entre outras posteriormente. Da união surgiu *Hollywood Vampires* (2015), trabalho recheado de covers de clássicos do rock e temperado com quatro sons autorais. Com *Rise*, o segundo disco, a história é outra, marcando a transição de projeto para banda, conforme nos conta Copper a seguir.

***Rise* é um trabalho composto majoritariamente de músicas autorais inéditas. Quais são as suas impressões com relação ao material?**

Alice Cooper: Acho que o mais empolgante sobre este álbum é que quando começamos a compô-lo eu estava com medo de que ele soasse como o Alice Cooper ou como Aerosmith. Porém, no fim, ele não soa como nenhuma das bandas e o Hollywood Vampires tem a sua própria personalidade. Eu tentei deixar rolar, tirei a minha digital dela. Ao invés de dizer que faria isso ou aquilo, eu decidi não fazer nada além de cantar e talvez mudar uma letra ou uma linha melódica aqui ou ali. Estou muito feliz pelo fato de a banda ter a sua própria personalidade. Eu escuto o material e penso: 'Isso não soa como ninguém, exceto pelo Hollywood Vampires'. É realmente difícil criar uma sonoridade que seja única.

Mas para chegar a este resultado como foi o processo? Alguém assumiu a liderança?

Alice: O estranho é que esta banda tem três machos alfa. Depp tem a sua história, Perry é a música no Aerosmith e eu cuido do Alice Cooper... Enfim, em cinco anos, eu acredito que nós nunca tivemos uma discussão ou uma briga sobre nada. Todo mundo ouve e coopera. Se Perry tem uma ideia, eu digo para tentarmos. Se funcionar, nós utilizamos. Se não funcionar, a gente se olha e tenta outra coisa. Ninguém tem o lance do ego, é uma cooperação entre três caras. Nós nos respeitamos tanto que não discutimos.

O fato de Perry, Depp e você já terem alcançado grande sucesso em suas respectivas carreiras permite que possam se soltar e se divertir mais no Hollywood Vampires?

Alice: Acho que isso é o que se extrai da banda. É isso que os shows e o álbum congregam. A situação no palco é muito divertida. As pessoas dizem que parecemos estarmos nos divertindo, tanto que depois dos shows elas dizem que não esperavam por aquilo, esperavam algo diferente. Eu me divirto muito. Queremos que o público esteja envolvido. Isso é algo que importa a todos nós. Somos uma banda de hard rock e acho que há várias bandas que se levam muito a sério. Nós vamos para o palco e tocamos com intensidade, senão com mais intensidade que todos que estão aí. E o público percebe que estamos nos divertindo. Nós não temos vergonha de sermos engraçados na frente um do outro. Algumas pessoas querem que Cooper seja o vilão o tempo todo, que Perry seja o guitarrista mau, que Depp seja o ator misterioso... Mas quando nos juntamos, apenas nos divertimos com a música. Acho que o público se identifica com isso. Também acredito que haja bastante humor no disco. Músicas como *We Gotta Rise*, *Welcome to Bushwackers*... Também há muita sátira nas letras.

Definitivamente tem, tanto é que a faixa *We Gotta Rise* é a minha preferida do álbum. Você conseguiria elencar as suas favoritas?

Alice: As músicas que fazemos ao vivo: *I Want My Now*, *The Boogieman Surprise*, *Who's Laughing Now*, *Git From Round Me*... Aí eu escuto *Mr. Spider*, essa música é interessante. Eu ainda preciso escolher as minhas preferidas. Acho que *We Gotta Rise* é uma daquelas que são tipo hinos. Todas as pessoas do mundo precisam se erguer contra as mentiras. Parece que todos os países podem afirmar que alguém está mentindo para nós (risos). Nós temos que nos erguer contra essas mentiras e nos mantermos fortes. O lado engraçado é que quando você está ouvindo isso, você ri porque há letras muito engraçadas.

Em maio deste ano o Hollywood Vampires fez uma mini-turnê de sete shows pelos EUA. Como foi esse retorno ao palco antes mesmo do lançamento de *Rise*?

Alice: Os shows foram muito bons. Ao final da turnê do ano passado, quando fizemos cerca de 28 shows na Europa, percebi que o Hollywood Vampires não se resumia há um punhado de caras que se juntavam para tocar. Tínhamos nos tornado uma banda, um som. Leva tempo para que isso aconteça. Assim que voltamos para a sala de ensaio aquilo se manteve. Tocávamos como uma banda, ao invés de apenas alguns caras fazendo um som para se divertir. Eu sabia aquilo

que Depp, Perry, Glen (Sobel, bateria) e Chris (Wyse, baixo) tocariam. Tanto é que eu disse para eles: 'Nos tornamos uma banda e não um punhado de músicos. Nós nos tornamos uma banda com assinatura própria, de som próprio'. Os sete shows que fizemos representaram isso. Eu fiquei orgulhoso de cada um deles. As pessoas nos disseram que estávamos muito melhores do que na turnê anterior.

De projeto visando honrar amigos falecidos do rock para uma banda com repertório próprio. A realidade superou as expectativas?

Alice: Eu fiquei muito surpreso... Quando montamos isso, eu achei que tocaríamos em bares ou em algumas cidades de vez em quando. Algo muito casual. Eu não esperava que o nosso segundo show fosse acontecer no festival Rock in Rio (N.R.: ocorrido em 2015). Eram duzentas mil pessoas... Para mim, tocar para cem ou cem mil pessoas é o mesmo show, eu trato da mesma forma, assim como Perry, Sobel e todos no grupo, exceto por Depp. Para ele foi uma novidade encarar tanta gente. Mas ele deu conta. Quando compusemos aquelas três músicas para o primeiro disco – *Raise the Dead*, *My Dead Drunk Friends* e *As Bad as I Am* –, percebi que elas tinham uma personalidade própria e achei aquilo interessante. Então, quando começamos a compor *Rise*, as ideias se tornaram músicas do Hollywood Vampires. Elas não eram composições de Perry ou minhas, mas uma combinação. Aí você coloca um curinga como Depp e transforma isso em algo muito legal.

Falando em Depp e os demais músicos que o acompanham...

Alice: Estou muito confortável com esses músicos! Quando Depp se juntou a nós, eu sabia o quão bom na guitarra ele era, mas acho que as pessoas não tinham ideia disso. Eles acharam que ele era um ator querendo ser um guitarrista de rock, quando, na verdade, é um guitarrista de rock que se tornou ator. Depp já tocava muito antes de encenar. Então, subir num palco com uma Les Paul e soar como um guitarrista não era novidade para Depp, pois ele já era isso.

Eu não pretendia entrar nessa seara, mas, de fato, a participação de Depp foi tópico de algumas discussões. Afinal, ele parecia estar iniciando uma carreira musical ao lado de nomes consagrados como vocês. Convenhamos, quantas pessoas têm essa oportunidade?

Alice: Verdade! Ele me disse que aquilo era a realização de um sonho. Ele disse: 'Esses são os caras que eu ouvia quando tinha a minha pequena banda no Kentucky e, de repente, estou tocando com eles. Na minha visão, eu não estou no mesmo nível, os caras somam cem anos de palco e são lendários'. Então, eu disse para Depp: 'Johnny, quando você pisa no palco, você é o guitarrista e não importa se eu venho fazendo isso há 50 anos e você há dois. Se você pode tocar guitarra, você é igual a todos'. Se eu estivesse fazendo um filme... Eu já encenei, mas jamais conseguiria competir com Depp por um papel num filme porque é isso que ele faz, ele é um grande ator. Tentar competir com ele seria bobo. O lance é que Depp é melhor tocando guitarra do que eu atuando. Enfim, ele se encaixa perfeitamente e, é claro, as garotam o amam. Quando subimos no palco todas elas estão olhando para Depp e não para nós (risos).

Qual faixa você indicaria como introdução para quem ainda não é familiarizado com a música do Hollywood Vampires?

Alice: Eu acho que a música que conta a melhor história é *My Dead Drunk Friends*, porque ela fala sobre ir ao Rainbow Bar and Grill (N.R.: famoso ponto de encontro de músicos e artistas em Los Angeles), onde os vampiros originais – John Lennon, Harry Nilsson, Keith Moon, Marc Bolan, Bernie Taupin, Micky Dolenz e Alice Cooper – se encontravam. Esses eram os caras que estavam lá bebendo todas as noites. Foi assim que tudo começou, com a gente fazendo um tributo a esses caras. Taupin, Dolenz e eu somos os únicos que sobraram... Eu meio que não queria que a voz de Jim Morrison desaparecesse, então quando decidimos fazer o cover de *Five to One* / *Break On Through* (*To the Other Side*) do The Doors, conversamos com Robby Krieger, o guitarrista original da banda. Cara, ele foi matador no estúdio! Krieger tocou exatamente do jeito que o The Doors faria. Quando Paul McCartney veio... Lennon era um dos vampiros... Independentemente dos problemas que havia entre os dois, eles eram melhores amigos.

RISE
EARMUSIC / SHINIGAMI · NAC.

Acho que quando McCartney veio cantar no primeiro disco foi para honrar Lennon. Penso que ninguém quer que a música daquela época desapareça.

Falando em convidados, *Rise* traz as participações de Jeff Beck e John Waters (diretor de filme, roteirista, autor, ator), ambos na faixa *Welcome to Bushwackers*. Parece que tem uma história interessante por traz das participações. Conte-nos o que houve.

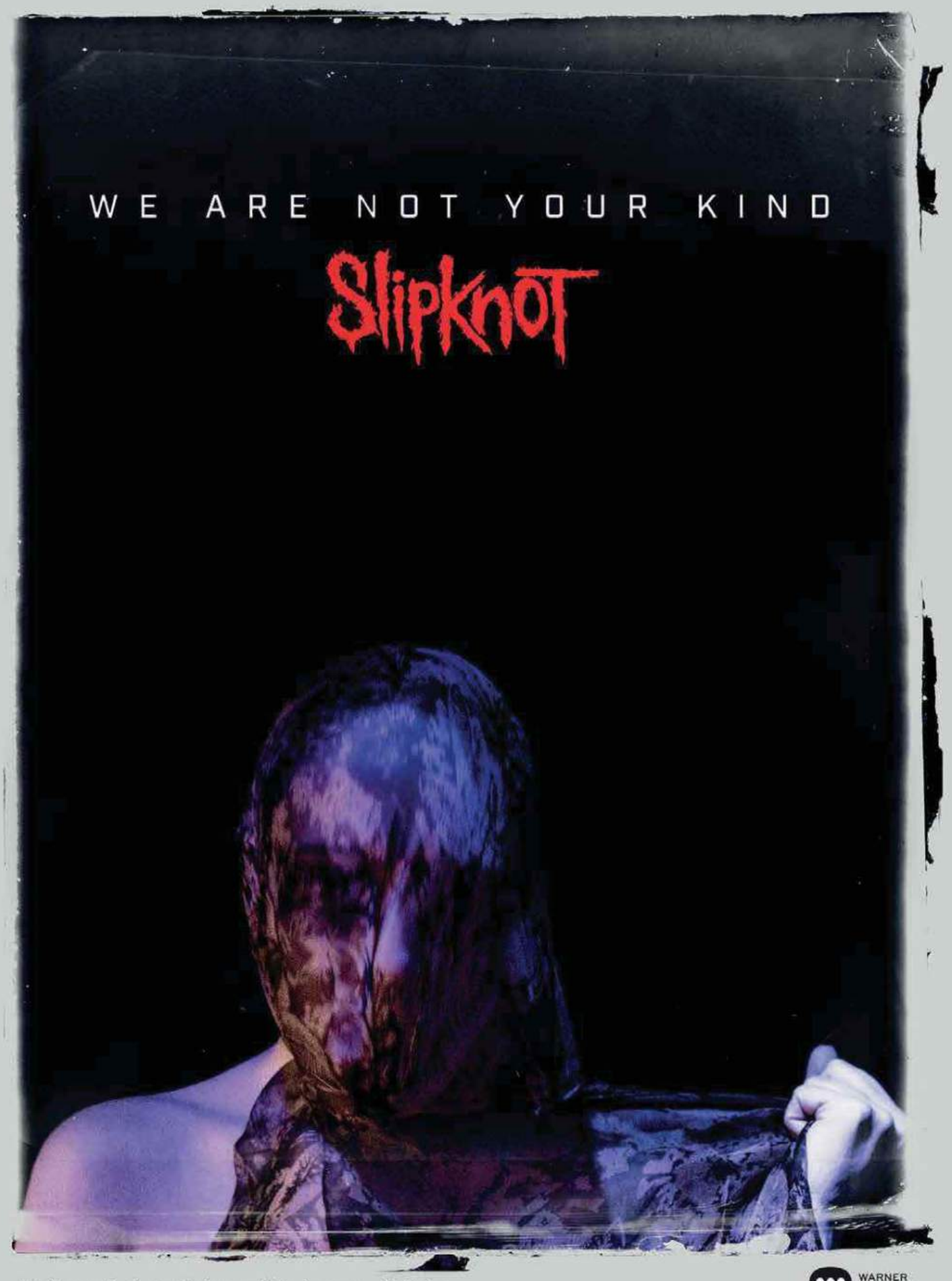
Alice: (risos) Depp estava me contando sobre quando ele esteve no Alabama e, na ocasião, foi a um bar com Waters. Em primeiro lugar, isso por si só já é assunto de uma conversa. Como é que você se junta a Waters num bar no Alabama? Os dois se destacam, eles não pertencem àquele ambiente (risos). Depp disse que a primeira coisa que eles ouviram ao entrar foi: 'Welcome to Bushwackers, it's automatic weapons night' (Bem-vindos ao Bushwackers, é noite de armas automáticas). (risos) Eu achei isso muito engraçado. Nós ligamos para Waters e perguntamos se ele gravaria isso. Waters replicou: 'É o seguinte, eu faço parte de uma organização chamada Gays Against Guns'. E disse que falaria: 'Welcome to Bushwackers, it's gays against guns night' (Bem-vindos ao Bushwackers, é noite de gays contra armas). Eu achei que aquilo era ainda mais engraçado, e assim fizemos. Já Beck é nosso amigo há uns trinta anos, desde os tempos de Yardbirds. Todos na banda o consideram o maior guitarrista de todos os tempos. Beck dizer que tocaria na nossa música foi como realizar um tópico de uma lista de desejos. Eu nunca achei que estaria num disco com ele. É uma grande honra estar num álbum com Beck, assim como McCartney. Ficamos como crianças quando se trata de pessoas como eles, porque nós os consideramos nossos heróis.

O quão difícil é manter vocês na mesma página e, a partir disso, agendar os compromissos da banda?

Alice: Esta realmente é a parte mais difícil. Neste ano estamos preparando uma nova turnê, um novo show. Tudo que temos que fazer agora, pensando no início do ano que vem, é separar de quatro a seis semanas para que o Hollywood Vampires possa se juntar para shows na Europa, Austrália ou América do Sul.

Infelizmente o nosso tempo se esgotou, obrigado pela entrevista e esperamos ver vocês novamente no Brasil.

Alice: Eu amaria levar o Hollywood Vampires para o Brasil. Sei que estivemos aí uma vez, mas eu adoraria fazer uma turnê completa no seu país. Pode ser que isso esteja sendo trabalhado e talvez vocês nos vejam no próximo ano.


WE ARE NOT YOUR KIND
Slipknot
Já disponível nas lojas e plataformas digitais
WARNER MUSIC BRAZIL

FEITO SOB MEDIDA

GEOFF TATE FALA DA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO QUE O REAPROXIMOU DOS FÃS DE SUA EX-BANDA, QUEENSRŸCHE, ASSUNTO MAIS QUE PRESENTE NO BATE-PAPO

POR DANIEL DUTRA

Se havia algo que Geoff Tate ainda não havia conseguido fazer desde a sua polêmica separação do Queensrÿche, esse algo era um disco para reconquistar alguns pontos perdidos com os fãs das antigas. Havia, porque a parceria com Simone Mularoni, guitarrista do DGM, resultou em *Sweet Oblivion feat. Geoff Tate*, um álbum que não emula o som de sua ex-banda, felizmente, mas que faz o vocalista deixar, enfim e novamente, a sua estampa num prog metal de alto nível – Mularoni gravou também o baixo, e Emanuele Casali (teclados) e Paolo Caridi (bateria) completam a formação. E na entrevista para saber mais do projeto, Tate obviamente falou do Queensrÿche, dando a sua opinião sobre o atual status do grupo e uma forte informação sobre a situação de Scott Rockenfield.

Podemos começar falando sobre como o Sweet Oblivion tomou forma...

Geoff Tate: Esse é um projeto diferente de tudo que eu já havia feito antes. Um representante da Frontiers, minha gravadora na Itália, me colocou em contato com o Simone Mularoni porque achava que nós dois poderíamos criar algo interessante. Nunca se sabe o que pode acontecer, mas fomos apresentados um ao outro e começamos a trocar ideias até o momento em que fizemos um álbum. O mais interessante, ao menos na minha perspectiva, foi que compusemos e gravamos tudo no mundo virtual da internet, porque nunca estivemos juntos num mesmo lugar e num mesmo momento, nunca conversamos pessoalmente ou mesmo nos conhecemos fisicamente. Toda a comunicação foi feita por mensagens de texto ou e-mails, o que foi muito diferente para mim. No entanto, eu realmente gostei de trabalhar assim. Foi verdadeiramente prazeroso.

Você acabou de responder a minha próxima pergunta, ou seja, se o disco foi feito trocando arquivos.

Geoff: Sim, e fiz boa parte do meu trabalho enquanto estava em turnê, compondo no backstage, no camarim, no ônibus de turnê e até em quartos de hotel. Foi muito legal, honestamente, e diferente porque assim é possível se concentrar apenas na música, sem as conversas extracurriculares que acontecem quando se está num estúdio com outra pessoa. Como isso não aconteceu, achei bem agradável.

Mas você já conhecia o Simone de nome ou mesmo o DGM?

Geoff: Honestamente, eu nunca havia ouvido falar nele, assim como nunca tinha escutado a música de sua banda antes desse projeto.

O Sweet Oblivion é um projeto, mas vocês conversaram sobre a possibilidade de levar o disco para os palcos?

Geoff: É uma possibilidade, definitivamente, mas seria algo mais para o futuro, porque tenho shows solo agendados até o fim de 2020 e compromissos com o Tobi, também (N.R.: Tate refere-se a Tobias Sammet, pois tem feito parte do Avantasia). Além disso, há vários outros projetos diferentes nos quais já vinha trabalhando, e o Sweet Oblivion foi uma surpresa. Uma ótima surpresa, aliás, porque eu não esperava uma resposta tão positiva, sinceramente. As pessoas realmente parecem ter gostado do disco.

Talvez porque, como diz o 'press release', o propósito do Sweet Oblivion era recriar o estilo dos álbuns que você lançou com o Queensrÿche nos anos 80. Você acredita que o objetivo foi alcançado?

Geoff: Não faço a menor ideia! (risos) Eu nem mesmo sei quem escreveu isso (mais risos), mas me parece coisa de gravadora para vender o disco para um determinado grupo de pessoas. Vou ser bem honesto com você: inicialmente, o que me motivou a entrar no projeto foi saber que o Simone é fã da minha música, e ele mostrou algumas ideias que, de fato, eram bem reminiscentes do antigo Queensrÿche. Esse foi o denominador comum para que trabalhássemos juntos, ou seja, que me apresentasse ideias de canções que eu já havia composto anteriormente.

Uma vez que você não leu o 'press release', ele diz que Sweet Oblivion marca um bem-vindo retorno ao estilo que o fez famoso com seu ex-companheiros de Queensrÿche. Isso não seria desmerecer o que foi feito na trilogia com o Operation: Mindcrime?

Geoff: Acredito que sim, e a sua colocação faz sentido, uma vez que nunca foi minha intenção retornar a coisa alguma (risos).

SWEET OBLIVION FEAT. GEOFF TATE
HELLION · NAC.

Eu queria chegar a esse ponto, porque muito se falou de uma ojeriza sua ao heavy metal depois da separação do Queensrÿche. Mas até chegar ao Sweet Oblivion, independentemente da recepção do público, você lançou cinco discos entre o hard rock, o metal e até o progressivo (N.R.: o solo *Kings & Thieves*, em 2012; *Frequency Unknown*, com a sua versão do Queensrÿche em 2013; e os três álbuns do Operation: Mindcrime: *The Key*, *Resurrection* e *The New Reality*, em 2015, 2016 e 2017, respectivamente), além das participações no Avantasia. Como você explicaria isso?

Geoff: Eu não consigo entender de onde as pessoas tiraram isso tanto quanto não consigo entender como podem achar que a Terra é plana (gargalhadas). Acredito que isso tem muito a ver com a definição das pessoas para o que é o heavy metal, mas é um estilo que sempre esteve no meu coração. Gravei muitos discos considerados heavy metal, mas devo confessar que sempre fico surpreso quando lanço um álbum e ele aparece no iTunes associado a algum gênero musical, porque eu nunca sei que gênero será esse. Não sou eu quem preenche essa informação, então alguém faz isso, mas quem é o responsável por colocar esses rótulos? (risos) Gostaria de conhecer as pessoas que definem o tipo de música que você está ouvindo, porque, honestamente, rotular é um processo estúpido. Isso é pensado pelas pessoas que estão vendendo um produto, porque é preciso que esse produto tenha apelo junto a um determinado mercado, mas eu sempre achei isso banal e desagradável. Eu não quero vender a minha música dessa maneira, mas outras pessoas querem, e isso se chama marketing, algo ao qual pessoas pouco inteligentes se agarram facilmente. É uma vergonha que não sejam capazes de pensar por elas mesmas, e deveriam fazer isso em vez de acreditar tão rapidamente num comercial. Mas isso faz parte da natureza humana, porque existe a necessidade de fazer parte de um clube, de um grupo, e não sei se isso acontece por falta de confiança ou de habilidade ou, por causa da maneira como veem o mundo, porque não se sentem confortáveis sozinhas, então precisam de alguém que diga como elas devem pensar. E isso acontece bastante.

Já que falamos do Avantasia, Tobias Sammet foi só elogios a seu respeito quando o entrevistei há poucos meses. E como tem sido a experiência para você?

Geoff: Simplesmente maravilhosa. Trabalhei com ele pela primeira vez no álbum anterior, *Ghostlights* (2016), no qual gravei a faixa *Seduction of Decay*, e gostei muito da experiência que tive com Tobi e também com Sascha (Paeth). O que fizemos em *Moonglow* (2019) foi como uma extensão, porque continuamos o que já havíamos começado. A qualidade das composições é

incrível, e são pessoas apaixonadas e que sabem se expressar muito bem no estúdio. Trabalhar com músicos que têm essa conexão é muito útil, porque a troca de ideias flui naturalmente. Os dois são muito seguros a respeito do que gostam, do que não gostam e do que querem, e é um prazer fazer parte de algo com pessoas assim. Eu só tenho ótimas coisas a falar de toda a organização, afinal, estar com eles em turnê nos últimos meses foi fantástico. Foram tantos shows maravilhosos, estando junto a outros sete vocalistas que são incríveis num projeto cuja mentalidade é de união, com um grande sistema de apoio e muita positividade. O Avantasia é um ambiente de trabalho maravilhoso.

Você falou do ambiente do Avantasia, mas não foi a primeira vez que você trabalhou num projeto grandioso. Teve o Hear n' Aid em 1986, com a canção *Stars*, que fortaleceu o relacionamento com Ronnie James Dio...

Geoff: Ronnie foi muito importante para o sucesso do Queensrÿche nos primeiros anos da banda. Foi ele quem nos levou para a nossa primeira turnê europeia, e rodar a Europa com o Dio nos deu grande exposição, especialmente porque foi em 1984, quando lançamos o primeiro álbum (N.R.: *The Warning*). E aquela turnê foi maravilhosa. Tivemos todo apoio dele e de sua banda, e Ronnie foi um mentor e conselheiro, nos dizendo o que fazer ou não fazer no mundo dos negócios na música. Dois anos depois, ele me convidou para fazer parte do Hear n' Aid, que foi uma maravilhosa experiência de vida, e ao longo da história pudemos excursionar com ele mais algumas vezes. Foi um privilégio termos sido chamados para abrir alguns shows de sua última turnê com o Heaven & Hell, assim como foi tê-lo numa das canções do *Operation: Mindcrime II* (2006), num dueto em que a sua performance foi magnífica (N.R.: em *The Chase*). Pessoalmente, senti-me honrado com o convite para cantar no funeral, em Los Angeles, num dia muito emocional (N.R.: 30 de maio de 2010, no The Hall of Liberty, em Forest Lawn Hollywood Hills). Ronnie era um grande amigo e uma inspiração. Não somente para mim, mas para milhões de pessoas.

Você disse mais cedo que tem uma agenda cheia até o fim do ano, e isso inclui a turnê de comemoração dos 30 anos do *Empire* (1990). Eu me pergunto se não há algo especial sendo planejado, como chamar o Scott Rockenfield para a banda...

Geoff: (rindo bastante) Até seria uma boa ideia, mas... Honestamente, não acho que o Scott consiga mais tocar bateria.

Como assim?

Geoff: Bem, você pode perguntar por aí, mas acho que ele está em algum tipo de clínica, digamos assim.

Sério? Apesar de eu ter escutado algumas histórias a respeito de sua saída, isso é surpreendente.

Geoff: Olha, creio que a situação dele no Queensrÿche é mais complicada do que se fala. Scott é um baterista extraordinário, mas parece que isso nunca foi o suficiente, e ele está passando por um momento bem difícil. Sinceramente, só espero que fique bem, porque é lamentável a maneira como a banda está se desmantelando. Sobraram apenas o guitarrista e o baixista (N.R.: refere-se a Michael Wilton e Eddie Jackson), e eles continuam envolvidos com ações judiciais e... Meu Deus, é uma enorme bagunça. O Queensrÿche era uma organização maravilhosa, respeitada mundo afora, então é trágico o que esses caras fizeram, porque pegaram a banda e a quebraram. É horrível, mas eu não quero ficar olhando para trás. São águas passadas, e estou muito feliz com a minha situação particular.

Você sabe que essas informações vão desanimar de vez aqueles que ainda sonham com uma volta da formação original, não?

Geoff: E isso poderia ter acontecido não faz muito tempo, na verdade... Mas quer saber? Toda banda carrega uma data de validade, e acredito que o Queensrÿche teve uma maravilhosa carreira de 30 anos, com discos fabulosos e tantas músicas únicas e criativas. Tocamos em todos os cantos do mundo, para milhões de pessoas, e tivemos nossa chance. Poucas bandas duram tanto quanto nós duramos, e sinto-me realizado por termos chegado tão longe quando as chances estavam todas contra nós. Éramos um grupo de pessoas bem diferentes, então sempre imaginei que faríamos uns dois ou três álbuns, mas foram 12. *Operation: Mindcrime* (1988) é considerado um dos maiores discos conceituais da história; *Empire* teve um sucesso comercial monumental, com *Silent Lucidity* deixando uma marca no mundo do rock; e *American Soldier* (2009) tornou-se uma obra querida por veteranos e soldados que serviram aos Estados Unidos. Eu já perdi a conta de quantas cartas eu recebo de militares dizendo que levam este álbum quando saem em missão, e isso é algo que me deixa muito orgulhoso. É um marco na minha vida. Eu prefiro ver o copo meio cheio e afastar toda a negatividade que veio com aquela separação, porque realizamos algumas coisas muito grandes e das quais sou bem orgulhoso.

Shinigami 死神 Records

A REAL EXPERIÊNCIA NO METAL

SPV
SOUND CITY RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

Versões
JEWELCASE DUPLO e DIGIPACK

AXEL RUDI PELL

XXX Anniversary Live
Axel Rudi Pell comemora seu 30° aniversário como artista solo!

The Ballads V | *Game of Sins* | *Black Moon Pyramid* | *Knights Call*

JOHN DIVA
MAMA SAID ROCK IS DEAD

O hair metal dos anos 80 está de volta!
Herdeiros legitimos do Van Halen, Aerosmith, Bon Jovi ou Mötley Crüe.

Versões
JEWELCASE
e DIGIPACK

THE RODS
BROTHERHOOD OF METAL

A marca clássica de metal e hard rock com fortes influências dos anos 70.

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

OS CAMINHOS DO HEREGE

Em uma nova obra sombria e repleta de elementos atmosféricos, a lenda grega do metal extremo reafirma suas crenças

POR VALTEMIR AMLER

Nascido como uma das primeiras expressões do metal extremo grego, o Rotting Christ, que sempre teve à frente os irmãos Sakis (vocal, guitarra, teclados) e Themis Tolis (bateria), foi aos poucos firmando seu nome no cenário extremo mundial. Porém, nunca deixou de moldar a sua música em algo mais denso e ameaçador. Se no início lançou clássicos fortemente vinculados àquilo que havia de mais extremo na música, o passar dos anos trouxe a vontade de experimentar com novos elementos, mesclar com bases fortemente atmosféricas e progressivas. Assim, a sua música se tornou cada vez mais abrangente e universal. Hoje, mais de trinta anos depois do início da jornada em Atenas, é uma realidade em todo o mundo. Conversamos com Sakis Tolis, que nos contou os sentidos e o caminho do 13º álbum, o ótimo e desafiador *The Heretics*.

Há quantos anos perceberam que vocês são os hereges?

Sakis Tolis: Há muitos anos, eu diria que há mais de trinta. Todo o caminho que percorremos, toda esta cena musical em que estamos inseridos desde os primeiros dias, todas as ideias que temos, o nosso próprio modo de vida... Tudo o que fazemos está sempre tão na contramão e, então, eu diria que o nosso modo de vida é, em essência, herético. Há muito tempo percebemos que somos esse tipo de pessoas: escolhemos um jeito diferente de viver, não seguimos o fluxo e não nos identificamos com a maioria das pessoas. Então é isso, nós somos os hereges.

Esse é um conceito que você aplica apenas ao seu círculo de convívio mais próximo, ou ele é expandido a algo maior?

Sakis: É algo maior, muito mais abrangente do que apenas o Rotting Christ. Eu acredito que todos aqueles que têm algum tipo de envolvimento com o black metal, ou com a música extrema em geral, merecem ser reconhecidos como 'hereges' em certo sentido do termo. Tudo o que fazemos é tão contra as regras, às vezes é contra as convenções sociais, contra a ética do conformismo... É como quando você lê escritos antigos e vê como os hereges eram tratados pela igreja e a sociedade em geral. Eles eram tratados como marginais simplesmente porque escolheram viver de uma forma diferente, e isso é o que acontece conosco hoje. As fogueiras hoje são outras, mas elas não deixaram de existir.

E qual é a importância de ser herético no mundo de hoje?

Sakis: É importante que exista a diferença. O mundo não pode ser todo igual, com todos seguindo os mesmos preceitos e as mesmas crenças. Sem diferença não existe conflito de ideias, e sem isso não existe evolução. O que diferencia o herege em uma sociedade puramente conservadora é o fato de que ele pode falar algo novo. Nós podemos forçar uma evolução, que ao contrário não existiria. Ora, se a humanidade não evoluísse, ela certamente já teria sido destruída, pois tudo no universo tem um ciclo. A ciência precisa que alguém conteste a tradição para evoluir. E, bem, como aqueles cientistas que contestaram as tradições e mudaram o mundo foram chamados na época?

Sim, eles eram os hereges. A intenção de vocês era levantar essa discussão quando intitularam o novo álbum de *The Heretics*?

Sakis: Sim, esse é meio que o espírito do Rotting Christ. Nós queremos provocar as pessoas, queremos aborrecê-las, deixá-las loucas de raiva, pois esse é o dever de uma banda como a nossa. Algumas pessoas se ofendem com o que fazemos, mas adivinhe, a nossa banda se chama Rotting Christ, então... (risos). Mas veja como fazemos as coisas. Não dizemos um monte de baboseira vazia, como 'eu odeio você porque é cristão',

Themis Tolis, Sakis Tolis, Kostas Heliotis e Giannis Kalamatas reafirmam a força e o poderio do tradicional metal extremo grego

'morra com sua crença'... Não, essa nunca foi a nossa abordagem, pois nós levantamos algumas dúvidas, levamos a coisa para outro patamar. Essa é a nossa maneira de expor a nossa música e a nossa mensagem. As pessoas precisam discutir sobre quem são e foram os hereges, pois muitos deles são mártires hoje. O que mudou? O que ainda poderá mudar? Perguntas como essas precisam de respostas.

Mas elas jamais viriam sem antes alcançarmos a liberdade de expressão, certo?

Sakis: Exatamente, e é por isso que, às vezes, algumas bandas têm que cruzar certos limites, para forçar uma situação e ver o quanto realmente somos livres para falar, expor o que somos e o que pensamos. É preciso testar a liberdade que dizem que temos, não se acovardar ou acomodar. Uma banda como Rotting Christ seria impossível em um cenário de repressão e censura.

Falando em censura e liberdade de expressão, o que aconteceu com vocês ano passado na Geórgia?

Sakis: Bom, foi algo que culminou lá... Não acontece apenas na Geórgia, existem vários territórios no mundo onde somos considerados muito 'ofensivos'. Nosso nome é muito ofensivo e, então, é até comum enfrentarmos certos problemas. Porém, na Geórgia, a coisa realmente foi mais séria, pois fugiu completamente da tentativa de intimidação com perguntas. Bem, nós chegamos ao país e, no aeroporto, eu e meu irmão fomos detidos após a verificação dos nossos passaportes. Eles tomaram nossos passaportes e nossos telefones celulares, nos colocaram numa cela e pronto. Nenhuma explicação sobre isso nos foi dada. Apenas eu e meu irmão fomos detidos e, então, os outros integrantes da banda começaram a agir e houve bastante barulho lá por conta disso. Não houve julgamento, não ouve explicação, não houve pedido de desculpas... Apenas quando sentiram que teriam problemas com a opinião pública internacional eles nos soltaram. Caso contrário, talvez ainda estivéssemos presos lá sem saber a razão, e sem ninguém saber de nós. É incrível pensar que coisas assim ainda podem acontecer hoje em dia. Quer dizer, estamos falando de 2018, não da Idade Média... Parece que o mundo está andando para trás. É pior do que quando começamos o Rotting Christ, pois não tínhamos tantos problemas naquela época. O que está acontecendo atualmente? Como as pessoas estão deixando isso acontecer?

É verdade. Há dois anos aconteceu algo semelhante com as bandas brasileiras Krisiun e Nervochaos, em Bangladesh...

Sakis: É verdade, agora me lembro da história. É isso que estava dizendo, eu não entendo o motivo, mas as pessoas estão com todo esse medo de novo, estão tentando mergulhar de volta na Idade Média. Eu não consigo entender. Mas, da nossa parte, vamos seguir provocando e expondo isso. Nosso lema desde o início é 'non serviam'. E pode apostar, jamais seremos servos de ninguém, jamais baixaremos a cabeça. Estamos na linha de frente, e o que houve não nos assustou, estamos prontos para seguir adiante nessa batalha.

E o quanto deste espírito de luta transparece em *The Heretics*?

Sakis: Muito, embora o incidente na Geórgia não tenha sido o principal catalisador das nossas ideias. Musicalmente, a ideia é sempre progredir, nunca se permitir estagnar. Sabe, eu não poderia dizer que aquela experiência ruim do ano passado foi a minha fonte de inspiração, até porque já vivi situações parecidas na vida. Então, de uma forma geral, este álbum é inspirado por situações da minha vida, coisas que vivi. Quando vou começar a compor, eu sempre me preparo, pois sei que será um processo difícil. Eu quero conseguir o meu melhor, e não é por estar trinta anos nesta jornada que as coisas ficaram mais fáceis. Talvez seja justamente o contrário. O fato é que eu gosto de estar preparado, então eu descanso, aproveito o meu tempo, leio muitos livros... Faço tudo isso como uma espécie de busca por um 'tempo livre' na minha mente, um espaço em que possa simplesmente viajar em meio às minhas ideias. Eu tenho um quarto onde costumo me isolar. Eu fico lá pelo tempo que precisar, pensando, refletindo... Se eu achar que tenho ideias suficientes e que mereçam ser compartilhadas com outras pessoas, aí eu penso em criar um novo álbum. Eu não quero ser criticado por ser uma dessas bandas que lançam discos só para cumprir um contrato. Eu só lanço um álbum se sentir que ele é necessário.

Com esse tipo de planejamento, como alguém como Jens Bogren, que cuidou da mixagem em *The Heretics*, ajuda no processo?

Sakis: Ele potencializa tudo aquilo que pensamos, ajuda a elevar a coisa para outro nível. Para nós sempre foi assim, nós nunca quisemos alguém de fora para escrever as nossas músicas, mas sempre gostamos de ter a pessoa certa para lançar um novo olhar e elevar o significado das nossas ideias.

Imagino que esse não seja um trabalho fácil em um disco como esse. Embora soe coeso, *The Heretics* é cheio de ideias diferentes, o que parece trazer uma alma diferente para cada canção.

Sakis: Sim, eu concordo com isso. Era exatamente o que eu queria e, felizmente, temos bons ouvintes, que ficam atentos à nossa música. É realmente difícil compor um álbum com tantos elementos, com músicas rápidas e outras bem lentas, com diferentes vibrações e emoções. Mas esse é o nosso caminho. Queremos ser desafiadores. Música pesada nunca deveria ser algo confortável.

THE HERETICS
HEAVY METAL ROCK · NAC.

Bernt Sørensen, James Fogarty, Kåre André Sletteberg e o baterista fundador, Anders Kobro, formam a atual encarnação de uma das bandas mais inventivas da Noruega

In The Woods...
A ÚLTIMA LUZ DO DIA

APÓS RETOMAR AS ATIVIDADES, NORUEGUESES REENCONTRAM A VIBRAÇÃO DOS PRIMEIROS DIAS EM SEU SEGUNDO ÁLBUM

POR VALTEMIR AMLER

Surgido no auge da efervescente cena black metal norueguesa, o In The Woods sempre seguiu um caminho diferente e análogo aos seus pares mais famosos. Longe das páginas policiais e com pouco ou nenhum interesse em se manter fiel aos moldes mais primitivos do black metal, o grupo construiu uma discografia marcante, baseada em uma sonoridade única e impossível de rotular. De volta à ativa após a interrupção na carreira no ano 2000, eles lançaram o progressivo *Pure* em 2016, e agora despontam com um *Cease The Day*, um álbum que traz muitas referências ao seu passado, mas ainda inventivo e sem amarras. Afinal, mesmo orgulhosos e saudosos do último crepúsculo, uma nova alvorada sempre traz algo novo a ser explorado.

Depois de mais de uma década de silêncio, In The Woods voltou aos holofotes em 2016. Como foi o processo para o álbum *Pure* acontecer?

Anders Kobro: Eu estava em contato com James (Fogarty, "Mr. Fog") fazia tempo, e ele havia expressado que o In The Woods deveria retornar, pois talvez pudesse ajudar de alguma forma. Anders, os gêmeos Botteri (Christopher e Christian, baixista e guitarrista, respectivamente) e Jan K (Jan Kenneth Transeth, vocalista original da banda, presente até o ano 2000) participaram do funeral do guitarrista Oddvar (membro original da banda, também presente até 2000) em 2014, após sua morte prematura. Pensei em reformar In The Woods, e os gêmeos Botteri estavam interessados, mas Jan K não estava. Anders e os gêmeos Botteri começaram a escrever os fundamentos do álbum, e, então, James foi convidado para adicionar os teclados e vocais às bases das músicas. Ele também adicionou guitarras depois que mostrou algumas ideias para o resto da banda, quando todos se encontraram na Noruega.

O In The Woods tem um catálogo longo e respeitado de música que remonta a 1995. No entanto, a recepção que o álbum anterior, *Pure*, recebeu foi extremamente positiva. Olhando de fora, ele iniciou um momento divisor de águas para a banda, mas isso, de alguma forma, alterou a abordagem?

Anders: Não. O In The Woods sempre abordou os álbuns da mesma maneira: sem ideias preconcebidas e seguindo nossa ne-

cessidade básica de criatividade. Seja qual for o resultado, é sempre diferente, conforme as mudanças de determinada época e as alterações dos integrantes da banda. James trouxe alguns novos elementos, o que nos deu uma capacidade maior, mas que se aproximava de nossas raízes.

Qual é o significado e a inspiração por trás da escolha do título do mais recente álbum, *Cease The Day* (2018), e que conotações ele evoca?

Anders: O título veio de James, e é a tradução em inglês da frase em latim 'Carpe Diem', que é 'Aproveite o dia'. Como nossa música é mais melancólica, ele mudou o significado, mas reteve o som da frase. *Cease the Day* é o fim de um dia e o início da noite, mas deve ser seguido por um novo dia e um potencial ilimitado.

Musicalmente, o In The Woods é famoso por sua abordagem única de black metal mergulhado em prog rock. Você acha que o termo 'black metal avant-garde' é uma boa maneira de descrever sua música, ou acredita que "esconde" a diversidade musical que você sempre oferece em seus álbuns?

Anders: Black metal definitivamente não é uma descrição adequada ou precisa para o In The Woods. Em primeiro lugar, o conteúdo lírico nunca foi de black metal, assim como a imagem. Os rótulos geralmente são criados para facilitar a referência, mas também podem ser extremamente limitantes. Provavelmente, é melhor pensar no In The Woods, pelo menos nos dois novos álbuns, como uma mistura de space rock dos anos 70 combinado com o metal extremo.

Concordo, até porque, desde o primeiro álbum, o In The Woods provou ser algo mais complexo do que apenas uma banda de black metal com uma grande variedade de influências musicais e elementos. O quanto o black metal ainda é uma maneira válida de expressar sua arte e seus sentimentos?

Anders: Não é mais. Eu e James obviamente temos ligações com o black metal, e o novo integrante, Bernt (Sørensen, guitarrista), passou a maior parte dos últimos 25 anos trabalhando com brutal death metal, mas o In The Woods tem um espectro muito mais amplo de influências. Imagine, se fôssemos DJs em uma festa, em um momento você pode estar ouvindo Bathory e depois Hawkwind, provavelmente seguido por Iron Maiden, Massive Attack, Carcass, Pink Floyd, Portishead, Darkthrone, Alice in Chains, Metallica, Boards of Canada... E se for como nós, você mergulharia mais a fundo em tudo isso.

Como foram as sessões de composição e a criação de *Cease The Day*?

Anders: James e Bernt criaram todos os riffs de forma independente e depois os trocaram por e-mail. Uma vez que um

CEASE THE DAY
MISANTHROPIC · NAC.

álbum inteiro de material foi montado, eles se reuniram na cidade natal de James e juntaram as demos do álbum. Apesar da distância física, a composição fluiu bem e as coisas ficaram coesas de forma rápida.

***Cease The Day* abre com *Empty Streets*, que ilustra as letras envolventes e variadas do álbum. Você pode nos dar uma ideia da história por trás dela?**

Anders: James escreveu a letra para ela inspirado nas muitas noites de sexta-feira, quando estava à espera de um ônibus distante se aproximar da parada deserta onde estava para levá-lo para casa. Muitos sentimentos melancólicos, ansiedades, estados mentais depressivos e esperanças para o futuro estão contidos nela.

Interessante. No entanto, essa música não é a única a fornecer uma letra instigante e incomum (pelo menos para o metal). *Transcending Yesterdays* e *Still Yearning* mostram a diversidade de tópicos abordados em *Cease the Day*. Qual é a história por trás dessas letras?

Anders: *Transcending Yesterdays* foi a música que James e eu gravamos ao vivo em uma sala de ensaio antes de Bernt se juntar à banda (na verdade, no mesmo dia!). A letra foi escrita depois, e fala sobre o relacionamento amor/ódio presente nos shows ao vivo. É por isso que o elemento 'plateia' foi adicionado. Nós tentamos regravar depois, mas não conseguimos capturar a atmosfera 'viva' da demo, e, então, acabamos usando-a. *Still Yearning* é uma referência deliberada à primeira música do nosso álbum de estreia, *Yearning the Seeds of a New Dimension*. Ela segue liricamente a partir daí. Com isso, os fãs podem notar que o álbum *Cease the Day* tem um link direto com os primeiros dias da banda, e menos com o segundo e terceiro álbuns (*Omnio*, de 1997; e *Strange in Stereo*, de 1999).

Também estou intrigado com a inspiração por trás da terceira música do álbum, *Respect My Solitude*, que tem uma abordagem diferente, liricamente e musicalmente. De onde veio a inspiração?

Anders: Fazer shows e passar muito tempo juntos pode criar frustração. Ao passo que nos divertimos muito tocando ao vivo, isso também pode ficar um pouco claustrofóbico, e você começa a se sentir aprisionado por não estar no controle da sua rotina. Além disso, todos os dias você deve dar 100% na frente de centenas de estranhos. É também sobre os mesmos problemas da vida cotidiana: querer ficar em paz. É um anseio por um espaço de liberdade e solidão.

***Cloud Seeder* se tornou minha canção favorita, e eu realmente posso imaginar por quê. Quer dizer, há todos os elementos que amamos nesta banda: guitarras pesadas misturadas com linhas de teclado suaves, vocais bem explorados, refrão memorável, tudo misturado com música pesada. Quão difícil é manter o equilíbrio perfeito entre elementos tão diferentes?**

Anders: Foi simplesmente assim que ela aconteceu! Existem elementos de tudo o que pessoalmente gostamos, e, por isso, é a encarnação musical perfeita do In The Woods. Estamos felizes que as pessoas gostaram!

Inteligentemente, este álbum consegue mostrar as raízes da banda e a abordagem que, por muito tempo, alimentou esse estilo de música, ao mesmo tempo em que adiciona um novo aspecto do In The Woods.

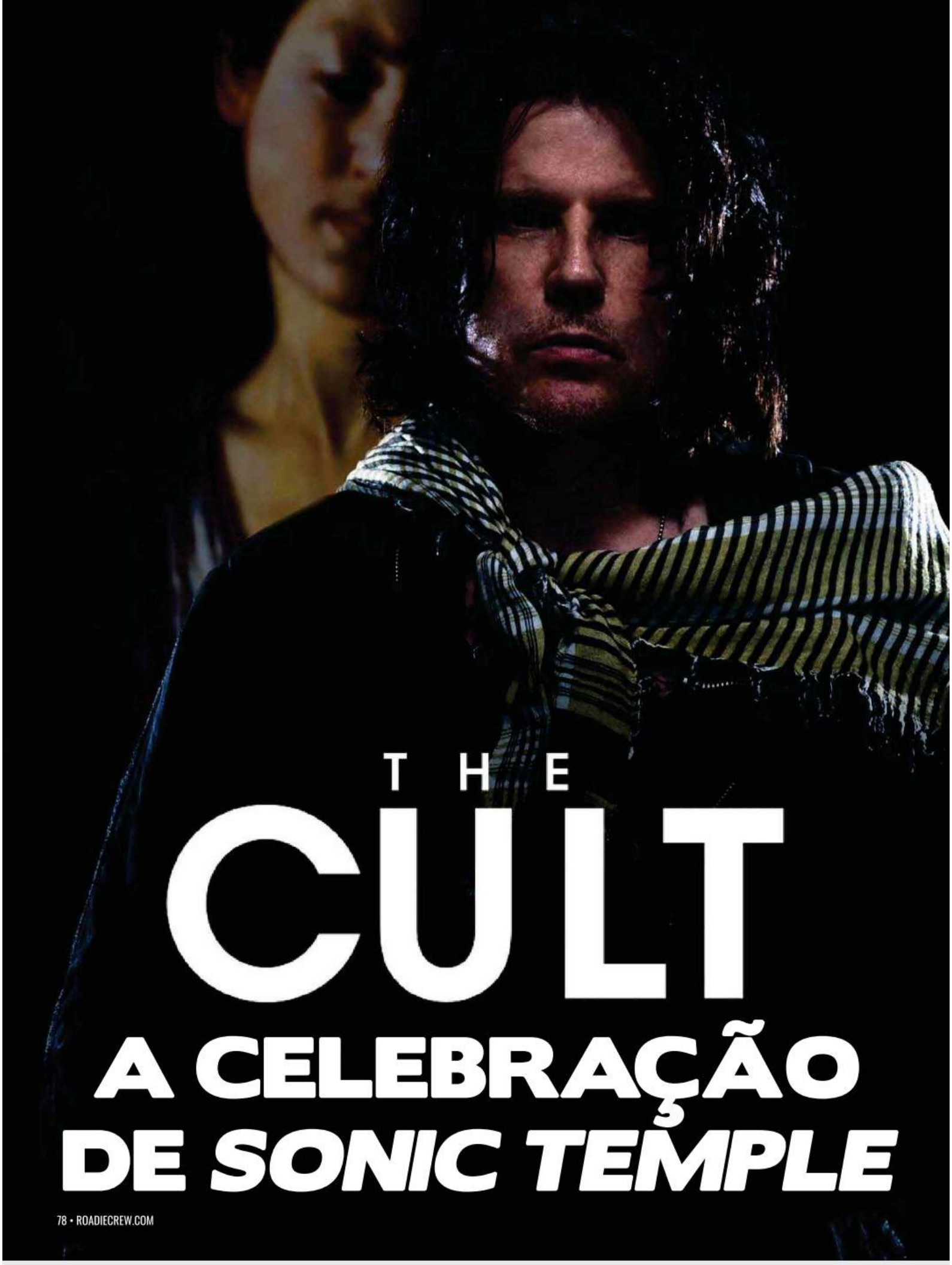
Anders: James e eu discutimos as ideias gerais do novo material, e ambos concordamos que deveria haver uma conexão mais forte com as raízes do metal extremo, que haviam sido evitadas desde o álbum de estreia. Por um longo tempo, o ITW tentou escapar das origens, mas agora nós as adotamos.

Por que vocês escolheram terminar *Cease the Day* com as mesmas linhas líricas que abre o álbum?

Anders: Na verdade foi o inverso. Nós escolhemos usar as primeiras linhas do final do álbum para a introdução. E foi uma decisão de última hora. A ideia é semelhante à usada pelo Iron Maiden no álbum *Seventh Son of a Seventh Son*, ou pelo Pink Floyd no álbum *Animals*. Acho que isso pode ser entendido como capa e contracapa para uma antologia de contos.

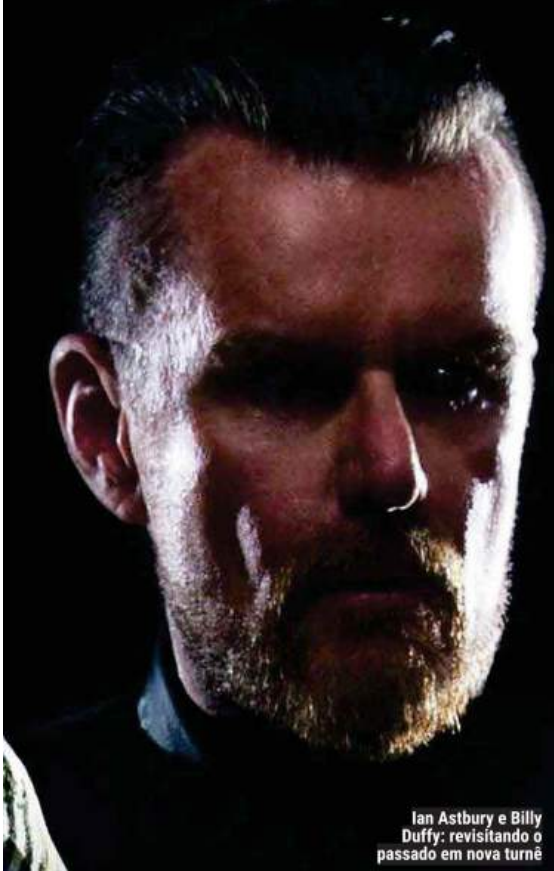
Com *Cease The Day* lançado, e com material do In The Woods sendo lançado no Brasil, será que finalmente está chegando o momento de ver a banda por aqui?

Anders: Quão legal seria tocar no Brasil? Claro, nós adoraríamos! Muito obrigado aos que apoiam a ITW, ficamos muito gratos.



THE CULT

A CELEBRAÇÃO DE *SONIC TEMPLE*



Ian Astbury e Billy Duffy: revisitando o passado em nova turnê

Trinta anos depois, banda inglesa revisita nos palcos um de seus maiores clássicos

POR MITCH LAFON

The Cult, um dos ícones dos anos 1980, sempre foi uma banda muito difícil de ser rotulada. Com elementos de pós-punk, gothic, hard rock, heavy metal e punk rock, os ingleses criaram uma sonoridade única e estouraram com a sequência *Love* (1985), *Electric* (1987) e *Sonic Temple* (1989). Aproveitando o trigésimo aniversário deste último, batemos um papo com o guitarrista Billy Duffy, que falou sobre a gravação, a edição comemorativa de 30 anos, a turnê original e a nova, entre outros assuntos.

A edição comemorativa de 30 anos de *Sonic Temple* pela Beggar's Banquet Records foi ao mercado em agosto. O que há de especial nela?

Billy Duffy: São vários formatos diferentes. É bem abrangente, com tudo o que temos. Há algumas demos que Ian (Astbury, vocal) não quis usar porque estavam abaixo em termos de qualidade, mas, na maior parte, é quase tudo o que temos. Há um show que fizemos em Wembley, que é bem típico daquela turnê, e foi gravado pela BBC. Não é o show inteiro, mas tem o que eles transmitiram para a Inglaterra em 1989. Acho que foi uma hora de transmissão. É mesmo abrangente, uma seleção bem completa de tudo que você queira ouvir. Fizemos muitas demos para *Sonic Temple*. O produtor, Bob Rock, foi muito detalhista e disposto a fazer demos antes que entrássemos no estúdio. Logo, há algumas bem desenvolvidas e outras mais esquisitas, nas quais dá para perceber que estamos apenas fazendo jams. É mesmo para os fãs. Não estamos tentando reinventar a roda, é um lançamento impulsionado pelo desejo deles. Por sorte, ainda temos um bom relacionamento com a Beggar's Banquet e eles apresentarão o pacote mais legal possível.

Vamos falar sobre *Sonic Temple* e a gravação no Little Mountain Sound Studio, em Vancouver (CAN), ao lado de Bob Rock. Nesse álbum, o baterista foi Mickey Curry.

Duffy: Nossa, faz um tempo que não o vejo. Ele é uma figura. Mas é bem interessante que você o mencione, já que ele foi meio que essencial. Bob foi muito insistente porque as demos que fizemos tinham vários bateristas. Naquele momento, a banda não tinha um baterista fixo. Matt Sorum só se juntou a nós para a turnê. Logo, estávamos nessa situação estranha e Bob insistia que Mickey, com seu background de R&B e Hall & Oates, tinha mais suingue e se encaixaria no The Cult. Bob o conhecia muito bem, porque havia tocado com Bryan Adams. Foi por isso que ele foi chamado e foi ótimo, pois tem mesmo muita qualidade, como em *Fire Woman*, pelo modo como ele consegue conduzir a música. Há muitas coisas por trás de Mickey Curry para ele ter esse tipo de habilidade. Acho que chamá-lo de 'swing drummer' é a melhor forma de descrevê-lo. Ele não é apenas agressivo.

Não, e também tocou com Alice Cooper. Mas eu ia mesmo perguntar sobre os três bateristas. Eric Singer, que depois foi para o Kiss e Chris Taylor. Como foi isso? De certa forma, vocês acabaram com três demos diferentes. Por que não escolher um baterista?

Duffy: Foi Bob quem tomou essa decisão. No fim das contas, o produtor tinha a palavra final. Ele achou que, embora Eric fosse um grande baterista, ele não se encaixava com o que nós estávamos tentando fazer naquele álbum em particular. Aliás, Eric faz aniversário exatamente no mesmo dia que eu e temos exatamente a mesma idade. Mas, enfim, Eric acabou se dando bem depois, porque fez parte do Badlands e é o baterista do Kiss há anos. Esse é um ótimo trabalho! O quão legal é isso? Estar no Kiss!

Na edição de aniversário de 30 anos, constam algumas dessas versões com bateristas diferentes?

Duffy: Sim, elas estão lá!

Como foi trabalhar com Bob Rock? Ele fazia parte da banda The Payolas. Não quero dizer que era um produtor pop, mas sabia como deixar o som cristalino. O The Cult precisava soar mais cristalino e grandioso para a rádio e a MTV ou ele simplesmente era um bom produtor e por isso decidiram recrutá-lo?

Duffy: Ambos. É uma história bem interessante. Eu o conheci em Vancouver, durante a turnê de *Electric*, por causa de um cara chamado Laird Doyle, que era o técnico de guitarra dele. De alguma forma, nos tornamos amigos de bebida e bares de strip. Eu não sei como tudo aconteceu, só lembro que estávamos juntos sempre. Um dia ele disse que o patrão dele queria me conhecer, porque amava música inglesa, era um anglófilo. Disse que a banda dele ia tocar naquela noite. Se chamava Rock and Hyde e era basicamente o que havia restado do Payolas. Era uma noite de folga para o The Cult e eu nunca havia ouvido falar de nenhuma das duas bandas ou de Bob Rock. Mas gostava de Laird e decidi conferir. Acabei fazendo uma jam com eles, usando uma roupa ridícula, algo em que deve se por a culpa no álcool, mas fiquei muito amigo de Bob. Nos demos bem logo de cara. E foi isso, nunca mais nos falamos. Depois, ouvi o álbum de uma banda chamada Kingdom Come. Na época, o contexto era que todos estavam buscando aquela sonoridade do Led Zeppelin, com peso. Os

últimos efeitos do punk estavam terminando e as pessoas voltavam ao rock de verdade. Minha opinião era de que, apesar de não ser muito fã do óbvio plágio que era o Kingdom Come, eu gostei da sonoridade e consegui enxergar além dos meus preconceitos com relação a isso. Ouvi o que Bob havia feito e acredito que foi uma de suas primeiras produções. Aí procurei seus outros trabalhos como engenheiro de som ao lado de Bruce Fairbairn. Não sabia nada da história dele. Payolas era uma banda que ninguém conhecia fora do Canadá, até onde eu sabia. E foi isso, nós meio que arriscamos. Me lembro de conversar com Ian e dizer que havia conhecido esse cara que sentia que seria bom. Bob me disse que era fã do Cult e achava o álbum *Love* (1985) fantástico e também gostava muito de *Electric* (1987), mas que, entre os dois, nós havíamos deixado algo para trás. Queria pegar alguns elementos de *Love* e de *Electric* e fazer o maior dos álbuns do The Cult. Esse foi o manifesto dele e era isso que queria alcançar. Nos demos muito bem já que ele era canadense, mas havia vivido em Londres quando jovem nos anos 70. Por isso, apesar de ter sido criado com as rádios FM americanas e canadenses, ele entende as obscuridades e as nuances do rock inglês dos anos 70. E isso ajuda muito para referência quando se está compondo. Foi uma boa aposta e ele conseguiu uma boa carreira desde então, não é?

Sim, ele conseguiu. Qual a diferença de Bob Rock para o que Rick Rubin (produtor de *Electric*) fez?

Duffy: São simplesmente caras bem diferentes que conseguem fazer o que é preciso fazer. Nós fomos uma das primeiras, se não, a primeira que Rick, com muita ajuda de George Drakoulias (produtor, The Black Crowes, Tom Petty), que deve ser mencionado, produziu. Eles eram um combo, porque ambos trabalhavam na American Recordings, e Rick era o sócio majoritário, mas um novato na área porque havia trabalhado na Def Jam com toda aquela cena de Nova York de metal e rap, de bandas como Beastie Boys. Rick sempre amou rock mais antigo, mas nunca fingiu ser um cara musical. Ele sabe o que é bom e sabe do que gosta. Acredita muito naquilo que eu vejo como os pilares do rock: o início de carreira de bandas como AC/DC, Aerosmith e Led Zeppelin. Esses são os pilares do rock moderno. Se não gosta disso, não se dará bem com Rick. Uma vez que estabelecemos que eu e Ian gostávamos dessas bandas... A diferença que deve ser ressaltada é que com Rick você tem que ter suas músicas muito mais prontas. Não sei se as pessoas entendem, mas muitas vezes as bandas entram em estúdio sem a música totalmente acertada. Têm uma ideia muito clara, mas precisam de um produtor para ajudar acertar todos os pontos. Normalmente são bandas que passaram

SONIC TEMPLE 30
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI - NAC.

muito tempo na estrada, por terem lançado um álbum muito bem sucedido, e não tiveram tempo de compor o álbum seguinte. Às vezes, precisa-se de um produtor para ver onde você está indo e o ajudar a chegar lá. Rick é um cara que quer ouvir tudo o que você tem, para ele ver o que acha bom. Então, se o conteúdo não estiver lá, ele não vai sentar com você e o ajudar a criar tal conteúdo. Essa é a maior diferença entre os dois. Ambos tiveram um sucesso incrível, tive o privilégio de trabalhar com ambos e considero os dois amigos. Não tenho nada a não ser boas coisas a dizer sobre eles. Nós trocamos um pelo outro depois porque trabalhamos com Rick em uma música para um filme chamado 'Cool World' (no Brasil, 'Mundo Proibido') e fizemos um single chamado *The Witch*, com bateria eletrônica, porque era só eu e Ian, não tínhamos baixista e baterista na época. Funcionou muito bem e, daí em diante, fomos tentar fazer outro álbum com Rick, mas não tínhamos material. Não sabíamos para onde ir. Foi na época do álbum autointitulado (*The Cult*, 1994) e, como o grunge havia estourado, estávamos tentando redefinir o que o The Cult seria. Naquele ponto, Rick não tinha como nos ajudar. Tínhamos uma música boa, o que não é um álbum. Aí, Bob entrou em cena e gravamos o álbum no Little Mountain Sound, assim como *Sonic Temple*. Foi aquela época de transição, em que o rock dos anos 80 havia definitivamente acabado e Seattle assumiu. Essa é uma boa ilustração do que passamos com esses dois caras. Bob pode lhe ajudar, talvez por ser ele mesmo um guitarrista e compositor, e Rick não é músico. No *Electric* ele dizia para tocarmos o acorde inglês que o AC/DC usa (risos), porque não tem o vocabulário. Mas isso não o diminui de forma nenhuma, pois ele sabia o que tinha que fazer. Às vezes é até melhor, porque ele não atrapalha, só sabe o que quer. Continuamos em ótimos termos com os dois é só que o jeito como as coisas evoluíram, eu e Ian usamos mais Bob.

O último álbum da banda é *Hidden City* (2016). Como estamos em relação às músicas novas? Sei que Ian tem dado entrevistas e dito que o Cult não é uma banda de viver apenas de seu legado. Então, qual é a atual situação em relação a isso?

Duffy: Essa é uma boa pergunta. Parece que demora muito mais do que demorava. Com certeza temos planos para isso, mas não estamos com pressa. *Hidden City* foi tão bem que não quero apressar para lançar algo só por lançar. É sempre uma questão de qualidade e não quantidade. Não acho que os fãs vão simplesmente sumir agora que esperaram tanto tempo. Fizemos um álbum muito bom e agora podemos colher os frutos dele. É o que estou fazendo. E também quero aproveitar o fato de estarmos tocando as músicas do *Sonic Temple* o que, para mim, é o paraíso, já que sou um cara dos anos 70 e poder tocar o que foi o meu álbum dos anos 70... Sem preocupações se é legal, se é punk, se não é punk, como lançou aquilo, não pode lançar isso. Tudo isso foi pela janela. E *Hidden City* foi bem similar. Para mim foi uma tentativa de canalizar todos os álbuns dos anos 70 que me fizeram quem sou, mas sem perder aquela atitude punk que está no DNA. Assim como está no DNA do Guns N'Roses e de Billy Idol. Eu vi muitas bandas de punk e passei por essa experiência. Para o bem ou para o mal, ajudou na minha formação e agora aceito isso.

Você mencionou o Guns N'Roses. A banda abriu para vocês em 1987...

Duffy: Verdade, mas, para ser honesto, eles abriram para muita gente depois disso. Nós apenas fomos a primeira banda a convidá-los para uma turnê de verdade.

Sim, chegaram a abrir para o Iron Maiden...

Duffy: Mais tarde. Nós fomos os primeiros a tirá-los de Los Angeles para uma turnê nacional e pelo Canadá.

Como foi isso? Dava para ver neles e na performance que não eram apenas mais uma banda de abertura e..

Duffy: Sim! Simplesmente autenticidade. Eles eram de verdade. Viviam como tocavam, não eram falsos. Não havia pose. Lembro-me de uma conversa engraçada que presenciei em Denver (EUA). Era nessa mesma turnê e Ian estava conversando com Axl e disse: 'Vocês vão vender muito mais discos que a gente!' E Axl riu, não levou a sério. Na época, havíamos ganhado Disco de Ouro com *Electric* e eles haviam vendido um sexto dessa quantidade naquele momento. Foi a previsão de Ian do que ia acontecer...

Chegou a haver interação entre as bandas ou foi apenas essa conversa?

Duffy: Não, não, muito pelo contrário.

Ian Astbury, Billy Duffy e o ex-baixista Jamie Stewart na época do lançamento de *Sonic Temple* (1989)

Ficamos amigos rápido, estávamos toda hora nos ônibus de um e de outro. Às vezes isso acontece e as bandas ficam entrelaçadas. Há turnês em que as bandas não se dão bem. Não de uma forma negativa, mas não há uma ligação de verdade. Você faz seu show e eles fazem o deles. Não há tensão, mas, com o Guns, continuamos amigos até hoje.

Quero voltar à atual turnê de trinta anos de *Sonic Temple*. Está marcada para terminar no dia 13 de setembro. Foram realmente apenas essas datas ou planejam ir até o ano que vem ou pelo menos até novembro e o Natal?

Duffy: Olha, nesse novo mundo, turnês em 2019 são diferentes até do que em 2016. É tudo muito rápido e dinâmico e tenho certeza que todos sabem muito bem por que. Ainda há apenas sete dias na semana e milhares de banda se formam para competirem pelo mesmo oxigênio. Mas é ainda um fim de semana, e as pessoas trabalham de segunda a sexta. Para nós, esperamos que haja demanda. De verdade, não acho que o The Cult jamais vai ser uma banda de turnê de 11 meses novamente, passando por cidades pequenas. Esses dias se foram. Nos anos 80 havia outras fontes de renda que mantinham sua banda funcionando. Olhava-se para turnês como uma outra forma de ganhar dinheiro. Hoje em dia, não. O dinheiro não está por aí. Então, tem que ser bem direto. Vá para a estrada, ganhe dinheiro e venda algumas camisetas. É o mundo em que vivemos agora. Continuamos a trabalhar, estamos nos divertindo e gostando muito de fazer isso. Há muita coisa na internet sobre o setlist, mas temos uma limitação física para a quantidade de tempo que conseguimos tocar. Só Bruce Springsteen consegue tocar por três horas e ele, provavelmente, viaja de avião particular e fica em hotéis de luxo entre os shows. A realidade da vida nas trincheiras de um músico profissional... Tocamos 90 minutos e 85 são músicas hard/heavy. Não ficamos sentados dedilhando violões. E isso cobra um preço. Não tenho mais vinte anos. Temos que levar tudo isso em consideração. Mas queremos levar a turnê para mais lugares. As músicas que tocamos, além das de *Sonic Temple*, são as que achamos que se encaixam no clima do momento. Talvez elas não se encaixassem em nenhuma das turnês que fizemos nos últimos dez anos, mas, para agora tentamos contextualizar a noite para os fãs. Não ligo muito para esse negócio de uma música de cada álbum que já gravamos. O mais importante é como o show flui e se nós, como banda, gostamos e sentimos. Se isso acontece conosco, daí o público vai responder. É assim que pensamos.

E como é para você tocar um álbum inteiro?

Duffy: Eu adoro, porque permite que eu entre em uma modalidade só, como guitarrista. Nossa carreira agora engloba mais de 30 anos e muito da nossa música mais nova foi composta e gravada de forma bem contemporânea. Loops de bateria, pro-tools, todo tipo de coisa. Há uma diferença entre fazer discos e compor e gravar. São duas modalidades diferentes. O meu ponto de vista pessoal é que é fantástico para mim, como guitarrista, ficar só em um modo. Não preciso ficar pulando entre décadas, feelings e produtores. Então, para mim, é o mais divertido de tudo. Eu sofro indo de era para era no palco, uma música depois de outra, porque elas não são todas iguais. Há dez, quinze anos de diferença e, às vezes, mais tempo. Acontece de ser três ou trinta. Isso me cansa mais, se eu quiser entrar mesmo no espírito e honrar as músicas. Se eu quisesse ser preguiçoso, só tocaria uma guitarra, jamais usaria uma Gretsch, porque é mais difícil de tocar. Não faria as coisas que faço para tentar dar ao público a melhor experiência que eles possam ter.

Há duas faixas do álbum que não estão no repertório: *Wake Up Time For Freedom* e *Soldier Blue*. Isso é uma condenação dessas músicas ou elas simplesmente não se encaixam no clima do show?

Duffy: Sim, elas simplesmente não se encaixam. Nós as mostramos para os outros três caras da banda, que não estavam lá quando foram gravadas, e perguntamos o que achavam se não tocássemos essas. Os três concordaram que não se encaixariam. Menos é mais, e acho que, nesse caso específico, elas não somariam nada à experiência ao vivo. Se você é daqueles caras que gosta de ter tudo, um colecionador, aí provavelmente você não vai gostar disso e não vai conseguir dormir porque vai achar esquisito. Mas, para nós, não há preocupação. Jamais tocamos essas duas músicas ao vivo. Acho que há uma razão para isso.

Vocês deveriam estender a turnê para que mais fãs possam ver esse show!

Duffy: Sim, com certeza. Não temos a intenção de diminuir o ritmo. Na minha resposta à sua pergunta anterior, o que quis dizer é que somos mais criteriosos. Estamos olhando os países e continentes para onde podemos continuar a fazer esse show. Não há data de encerramento. Só haverá quando as pessoas decidirem que não querem mais assistir.

RUSH

PARTE FINAL

Alex Lifeson, Geddy Lee e Neil Peart seguros e firmes na vanguarda musical até o fim da carreira

O EFÊMERO E O ETERNO

A passagem pelo teste mais difícil, a consagração mundial e o fim de uma das bandas mais importantes da história do rock

POR VALTEMIR AMLER

O Rush tinha reassumido o controle de seu potencial com *Test For Echo*, criado um álbum verdadeiramente forte e variado, e todos sentiam como se aquele fosse um dos melhores momentos da carreira da banda. Musicalmente e pessoalmente, era assim que Geddy Lee, Neil Peart e Alex Lifeson se sentiam. Porém, ninguém poderia imaginar que, pouco depois, o futuro do trio estaria equilibrado sobre uma linha tênue, abalado por uma tragédia sem precedentes que atingiria o cérebro criativo da banda, o baterista Neil Peart. Em agosto de 1997, aos 19 anos, Selena Taylor, a única filha do baterista morreu em um trágico acidente de carro. A tristeza ainda se tornaria maior menos de um ano depois, quando a inconsolável esposa de Neil, Jackie sucumbiu ao câncer.

O mundo estava totalmente fora dos eixos, e dali eles não poderiam continuar. "Nos perguntamos se gravaríamos um novo disco, se um dia trabalharíamos de novo. Quando tudo isso aconteceu, a banda era a última coisa em que pensamos. Quer dizer, não parecia certo sequer pensar nisso. Música se trata de celebração, e não havia nada a celebrar naquele momento", declarou o guitarrista Alex Lifeson.

Indubitavelmente, não havia como eles, três pessoas tão intimamente ligadas, que cresceram juntas como músicos e como homens, ver a situação que um deles atravessava e não se sentir também tocado pela dor profunda que ele sentia. O Rush, naquele momento, era uma sombra efêmera, uma luz de brilho intenso que se apagava em meio ao luto, e que ninguém sabia se voltaria a brilhar. Talvez nunca voltasse.

O 'ELEFANTE BRANCO' E UMA PEQUENA VITÓRIA

"Eu não acho que a intenção fosse fazer uma longa pausa após *Test For Echo*. Nos divertimos fazendo-o, foi um álbum prazeroso de fazer, com ótima vibração no estúdio. E fazer a 'An Evening With Rush' foi algo incrível para nós. Ela nos deu a chance de tocar músicas como *2112* na íntegra. A turnê foi muito, muito bem. Nós estávamos saudáveis durante todo o processo, e seguimos bem até o fim", contou Lifeson. "Acho que realmente tínhamos decidido ter apenas uma pequena pausa e voltar para fazer o próximo álbum. Ninguém imaginava que aquilo que aconteceu pudesse acontecer", completou.

Embora fosse fácil admitir que aquele não era o momento certo para pressionar a banda, todos os fãs, a gravadora, e eles mesmos sentiam a necessidade de novas músicas do Rush, pois todos entendiam que o fim não poderia ser esse. Isso apenas eternizaria a dor.

Enquanto as feridas cicatrizavam, a banda precisava seguir em frente, mas aquele não era o momento de pegar os instrumentos e compor novas canções. A ideia veio fácil, ao observar algo que o próprio Lifeson comentou. Antes da tragédia, o Rush tinha mergulhado na intensa e proveitosa turnê 'An Evening With Rush', um evento longo, no qual o trio mergulhou profundamente no seu catálogo e tocou algumas de suas músicas mais longas na íntegra, como os fãs sempre sonharam em ver. Naquele momento, estava decidido que o próximo passo seria um disco ao vivo, que manteria a banda viva enquanto seus integrantes se recuperavam do acontecido.

Vapor Trails marcou o retorno de Peart, Lee e Lifeson ao estúdio após seis anos

Após anos de luta, Neil Peart estava de volta ao seu auge, evidenciando sua jornada de cura no livro Ghost Rider e na música homônima

Nascia ali o então mais completo álbum ao vivo do Rush: *Different Stages: Live*.

Embora o apelido nunca tenha emplacado, a alcunha de "elefante branco", como parte da imprensa internacional tentou impingir, até fazia sentido. Com sua arte predominantemente clara, e o impressionante pacote em CD triplo, somando mais de três horas de duração, o novo ao vivo dos canadenses era um deleite musical para os novos e antigos fãs. Enquanto um disco captura a performance do trio no Hammersmith Odeon durante a turnê de *A Farewell to Kings*, os outros dois mesclam partes das turnês de *Counterparts* e *Test for Echo*, incluindo a integra da clássica *2112*, algo que, por si, já valia a aquisição do pacote. "Nós mudamos um pouco a ênfase e o timbre da canção, para conseguir um som mais pesado", contou Geddy Lee sobre a versão que aparece no disco, "Além disso, é uma reinterpretação precisa dela, vinte e dois anos depois. Eu fiquei realmente feliz com a forma como ela ficou. Foi mais divertido do que eu tinha pensado que seria."

Outro que se mostrou feliz e satisfeito com a abordagem fidedigna da banda ao seu material original foi o baterista Neil Peart. E ele tinha um bom motivo: "Os arranjos foram tão cuidadosamente escritos que nós ficamos felizes em tentar reproduzir aquilo ao vivo, sabe?".

Mas ainda havia um longo caminho a ser trilhado até o Rush decidir voltar ao estúdio. Enquanto Lifeson trabalhava em material para a televisão, Geddy se dedicava a composição de seu álbum solo *My Favourite Headache*. Por sua vez, Neil ia aos poucos curando suas feridas e registrando suas experiências naquilo que se tornaria o livro Ghost Rider. Todos estavam como que reaprendendo a caminhar, e quando o trio finalmente se reencontrou para retomar o caminho, aquelas lições seriam muito valiosas. "É importante deixar claro no início", explicou Lifeson ao biografo Martin Popoff. "Nós só tomamos de quatro a seis meses para fazer um álbum, seis sendo realmente o limite máximo. Usar catorze meses para fazer um álbum é um tempo longo, muito longo. Mas Geddy, depois de trabalhar um ano em seu álbum solo, acreditava que não deveríamos ter uma data limite. Ele disse que, em *Vapor Trails*, nós deveríamos fazer a mesma coisa, não nos preocuparmos com prazos e tomar o tempo que fosse necessário para trabalhar dessa maneira", acrescentou.

Na verdade, todos sabiam que naquele momento uma atitude como essa era necessária. Tratava-se do álbum que definiria se haveria um Rush dali em diante ou se tudo estava definitivamente encerrado. "Havia toda uma mentalidade diferente nesse projeto do que em *Test for Echo*", explicou Alex. "Nós vínhamos de um período muito escuro nos últimos cinco anos. Nós tomamos decisões sobre a produção muito cedo. Nós decidimos que nós mesmos produziríamos o álbum, tanto quanto conseguíssemos", completou o guitarrista.

Todo esse trabalho resultou em um disco musicalmente grande, extremamente trabalhado em seus arranjos. Tanto Geddy quando Neil afirmaram que várias músicas e letras foram reescritas após estarem prontas, em busca de um resultado mais satisfatório. Se *Vapor Trails* não marcou grandes clássicos na memória dos fãs, foi fundamental para sanar as feridas e manter a banda funcionando. Uma das provas disso é a canção fortemente pessoal *Ghost Rider*, que carrega o mesmo título do livro lançado por Peart, lançado em junho de 2002, e publicado no Brasil com o título A Estrada da Cura. Com um álbum seguro, o Rush estava de volta. E a caminho do Brasil.

POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS

Perdoem-me a apropriação de um dos versos da imortal obra de Camões, mas os fãs brasileiros mereciam esse 'redescobrimento' que aconteceria apenas em novembro de 2002, quando a banda já ultrapassara os trinta anos de existência e beirava as bodas de pérola do seu disco de estreia. Era óbvio que essa primeira vinda do Rush para o Brasil precisaria ser registrada para a eternidade, o que se confirmou com o lançamento do pacote *Rush In Rio*, mais um CD triplo (e DVD duplo) para a conta dos canadenses.

Sobre a demora em tocar no Brasil, Geddy explicou que a banda já havia sido convidada antes, citando especificamente o Rock In Rio. No entanto, Lee contou que era impossível para a banda, já que as datas sempre coincidiam com o período em que eles estavam em estúdio. Mas, especificamente naquele ano, as negociações não tinham cessado, a argumentação tinha ganhado tons cada vez mais convincentes, até que não havia mais como negar. Com todas as garantias fornecidas pela organização, o Rush finalmente viria ao Brasil, e o saldo é extremamente positivo, seja para a banda, para os fãs que presenciaram a passagem da banda por aqui, ou até mesmo para aqueles que apenas ouvem o CD ou assistem ao DVD.

Em uma extensa entrevista para a ROADIE CREW, Lifeson recordou: "Primeiramente, devo ressaltar que nós não fazíamos a menor ideia de que tínhamos tantos fãs no Brasil. Logo que chegamos aí, ficamos absolutamente surpresos. Nosso entusiasmo aumentou significativamente quando iniciamos efetivamente a turnê, subindo aos palcos e nos apresentando para os brasileiros. As plateias foram incríveis."

A empolgação do guitarrista não é outra quando ele fala sobre o DVD e o CD *Rush In Rio*: "Eu acho que tanto o DVD quanto o CD mudaram a nossa história porque transformaram completamente a maneira como os fãs percebem o Rush e como nós percebemos os fãs",

disse, revelando, logo em seguida, que tudo mudara para a banda desde então. "Quando estamos no palco, observamos que os públicos não repetem somente o que eu, Geddy e Neil fazemos. Eles procuram imitar os cantos sacramentados pelos brasileiros."

De fato, o Rush ainda teria mais alguns DVDs e CDs ao vivo para serem lançados nos anos seguintes. Mas nada que desafiasse a hegemonia de *Rush In Rio*.

Após o marcante *Rush In Rio*, Neil Peart, Alex Lifeson e Geddy Lee marcaram suas três décadas de experiência com *Snakes & Arrows*

SNAKES + ARROWS

Antes de partir para o próximo álbum de estúdio, o Rush ainda lançou dois registros interessantes, especialmente para os fãs que gostam de manter suas coleções completas. Primeiro veio o EP de covers *Feedback*, no qual o trio dá a sua interpretação para canções de alguns de seus principais influenciadores, como Cream, The Yardbirds e The Who. O outro foi o vídeo *R30: 30th Anniversary World Tour*, que, como o nome indica, celebra os trinta anos da banda. No entanto, em 2007 eles apareceriam com o novo álbum, *Snakes & Arrows*. Com seu nome revigorado entre uma nova geração de fãs, o décimo-oitavo álbum completo de estúdio do Rush fez bonito, chegando na primeira posição do Top Rock Albums e terceiro no Top 200 da Billboard.

A atitude da banda estava renovada em seu novo álbum, e a gravação de *Feedback* tinha boa parte de responsabilidade nisso. Voltar a ouvir e tocar músicas de suas antigas bandas favoritas, com uma atitude musical mais básica e direta foi fundamental para que eles mergulhassem ainda mais no básico, criando um álbum onde novamente as guitarras de Lifeson ganham brilho.

Ele mesmo revela que todo o processo foi bastante proveitoso: "Provavelmente foi a gravação mais prazerosa da qual já participei. Eu mal podia esperar para acordar e ir trabalhar. Minha vontade era de tocar o tempo todo e gravar logo o que criei sozinho e o material que escrevemos juntos", contou o guitarrista à ROADIE CREW.

Alex atribuiu boa parte desse bom resultado, e do brilho das guitarras no álbum, à ideia de começarem as composições no violão. "Várias possibilidades surgiram com isso. Acredito que, em decorrência desse método de compor, encontramos combinações excelentes de partes acústicas e elétricas. O violão proporciona uma experiência de audição e execução mais orgânica ao ouvinte e aos músicos, seja em razão de seu som ou dos ritmos que conseguimos desenvolver a partir dele."

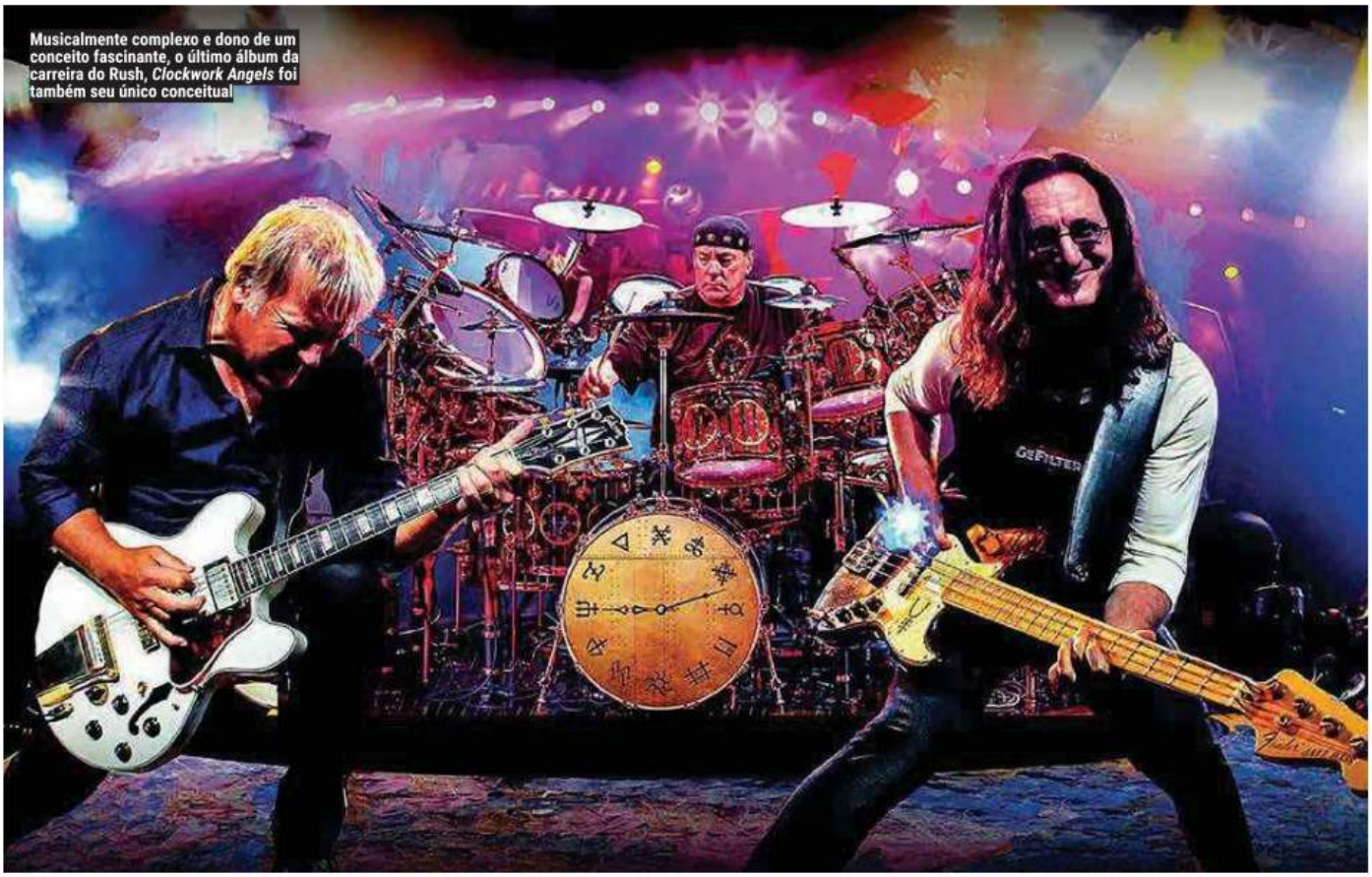
Dentre os destaques do álbum, o single *The Larger Bowl* alcançou a posição 16 no Mediabase, e *Far Cry* chegou ao posto 22 na Billboard Mainstream Rock. "Ela parece conquistar tanto os fãs adultos quanto as crianças e adolescentes. Toda vez que a tocamos, olho para o público e vejo garotos de dez, onze, quinze anos vibrando demais ao ouvi-la ao vivo, e cantando a letra palavra por palavra. Há outras canções de *Snakes & Arrows* que fazem sucesso nos shows, no entanto, *Far Cry* é o grande destaque", apontou Lifeson.

NO FIM, O FIM

Após encerrar o ciclo de turnês de *Snakes & Arrows*, o trio fez uma pausa de um ano e meio para descansar, mantendo os fãs aquecidos com o lançamento do ao vivo *Snakes & Arrows Live* e a coletânea *Working Men*. Logo depois, a banda se reuniu para decidir o que fariam em seguida, uma nova e extensa turnê, ou um novo álbum de estúdio. Neil Peart definiu bem: "loucos que somos, fizemos as duas coisas". Mas primeiro eles começaram a trabalhar no material que viria a integrar *Clockwork Angels*, o último álbum de estúdio do Rush.

Como era costumeiro, o trabalho foi inicialmente dividido entre as partes. Enquanto Geddy Lee e Alex Lifeson se preocupavam com o aspecto musical da obra, Neil Peart se preocupou com o aspecto lírico, que, desta vez, seria realmente um álbum conceitual, o primeiro em que a temática estaria conectada em todas as canções do disco. Com aura steampunk, e baseando-se em um conceito distópico, Peart criou um conceito lírico complexo, que flutua entre influências obtidas de suas muitas leituras, mas que nunca se fixa em um único ponto e nem sobrecarrega o álbum. Mesmo conceitual, não existe nenhum desconforto em ouvir uma música separadamente da obra, pois para cada música Peart desenvolveu seu capítulo próprio. Para tornar a 'viagem' do ouvinte em algo ainda mais abrangente, a atmosfera de cada música é representada por um símbolo, presente na capa. E, como se isso ainda não bastasse, o conceito seria ampliado em um livro, Clockwork Angels: The Novel (Clockwork Angels: Os Anjos do Tempo, no Brasil), escrito em parceria com o amigo e escritor de ficção científica Kevin J. Anderson, que entre outros trabalhos, escreveu romances para Arquivo X, Star Wars e StarCraft.

Se a parte conceitual já forçava a atenção, a parte musical não ficava para trás. Em meio ao seu processo criativo, o Rush envolveu o trabalho de uma orquestra de cordas, regida por David Campbell, que tem trabalhos marcantes ao lado Kiss, Paul McCartney e The



Musicalmente complexo e dono de um conceito fascinante, o último álbum da carreira do Rush, *Clockwork Angels* foi também seu único conceitual

Rolling Stones. Alex comentou para a ROADIE CREW: "Esse trabalho que desenvolvemos foi algo diferente e especial para nós. Adoramos os resultados, e trabalhar com David Campbell foi muito interessante. Além daquilo que se ouve no disco, David preparou coisas especiais para a nossa turnê. Estamos levando uma pequena orquestra de cordas para a estrada conosco. Ela nos apoiará nas músicas de *Clockwork Angels* e provavelmente adicionará elementos a composições mais antigas."

O fato é que, seja pelos arranjos intrincados para a orquestra de cordas, seja pela elaborada história que conecta as canções em torno de um conceito alquímico, seja pelos solos em *The Garden* e *Clockwork Angels* (que Lifeson destacou entre seus prediletos de todos tempos), os fraseados de guitarra inteligentes em *Caravan* e *Carnies* ou a viciante linha de contrabaixo em *Seven Cities of Gold*, *Clockwork Angels* se mostrou um disco digno para encerrar a discografia de uma das mais importantes bandas de rock de todos os tempos. Afinal, como tudo que eles sempre fizeram, este é um disco corajoso, ousado, inventivo e altamente musical, algo que eles e seus fãs aprenderam a esperar de sua música. Embora o topo das paradas tenha sido alcançado apenas no Canadian Albums Chart, a segunda posição na Billboard 200 foi um feito maravilhoso para uma banda clássica de rock progressivo em 2012. De fato, um belíssimo feito.

Em 2015, Lifeson concedeu uma entrevista onde afirmava que a turnê R40 seria a última que a banda faria em larga escala. Tratava-se de uma limitação causada, principalmente, pelos problemas que tinha com a artrite psoriática, assim como de Neil Peart, que sofre de tendinite. Em dezembro do mesmo ano, Peart afirmou que estava se aposentando. Embora a banda tenha sido rápida em afirmar que a frase do baterista tinha sido explorada fora do contexto, não demorou muito até que Lifeson declarasse ao The Globe And Mail que "não temos mais planos de fazer turnês ou gravar. Estamos basicamente parados. Depois de 41 anos, sentimos que foi o suficiente."

VAPOR TRAILS (2002)

RUSH IN RIO (2003)

Finalmente, em outubro de 2018 a Rolling Stone publicaria uma entrevista, na qual Lee sacramentava o fim: "Eu diria que não há chance de ver o Rush em turnê novamente com Alex, Geddy e Neil."

Enquanto o gigante do prog repousa seu sono merecido, Geddy vem se mantendo ocupado, divulgando seu livro Geddy Lee's Big Beautiful Book Of Bass. Em entrevista ao site Tennessean, ele recordou os dias ao lado de seus amigos, deixando claro que seguir em frente não significa deixar o passado de lado: "Esses caras foram meus amigos por mais de 40 anos, e fazer música com seus amigos é uma benção de um tipo diferente. É uma coisa maravilhosa. Eu sinto falta disso."

De fato, foi uma benção, e milhões de fãs ao redor do mundo só fazem concordar. E hoje agradecemos ao fato de lá atrás, há cerca de vinte anos, eles terem decidido não encerrar a banda em seu momento mais difícil. Agradecemos pelo exemplo e pela volta por cima. Heróis deveriam sempre ter a chance de se despedir de cabeça erguida.

SANTA CRUZ

CATARSE SONORA

ARCHIE CRUZ FALA DA NOVA FASE DA BANDA, INCLUINDO AS MUDANÇAS MUSICAIS E DE PESSOAL, E SOLTA O VERBO SEM CERIMÔNIA EM ASSUNTOS DOS MAIS DIVERSOS

POR DANIEL DUTRA

Pav Cruz, Ero Cruz, Archie Cruz e Toxy Cruz: a versão 2.0 do Santa Cruz

Uma das bandas mais legais do novo cenário hard rock, o Santa Cruz viveu momentos conturbados em 2018, quando Joonas "Johnny Cruz" Parkkonen (guitarra), Mitja "Middy Cruz" Toivonen (baixo) e Tapani "Taz Cruz" Fagerström (bateria) abandonaram Arttu "Archie Cruz" Kuosmanen (vocal e guitarra) no meio do caminho, literalmente. Mas não foi o fim do grupo finlandês, que retorna com um novo álbum, *Katharsis*, e novos integrantes – o guitarrista Pavel "Pav Cruz" Popov, o baixista Eemi "Ero Cruz" Lamberg - bass e o baterista Tuomas "Toxy Cruz" Lehtonen – ao lado de Archie, com quem batemos um divertido papo. Divertido e honesto, porque a sinceridade nas palavras do bem-humorado líder do Santa Cruz é daquelas de incomodar. Confira os melhores momentos.

Como esta é a primeira entrevista completa para a ROADIE CREW, preciso perguntar algumas coisas sobre a implosão da banda em 2018. O que realmente aconteceu?

Archie Cruz: A verdade é que as diferenças já estavam acontecendo há bastante tempo, e durante todo o período eu tentei consertar o problema, mas nada que eu fazia parecia funcionar. Foi assim até que, como você disse, a banda implodiu no meio da turnê. Não há muito mais o que dizer a não ser que éramos quatro caras que não se davam bem musicalmente e... Bem, não nos dávamos bem em absolutamente nada. Era questão de tempo para que aquilo acontecesse, realmente.

Ainda assim, a sua declaração oficial foi uma surpresa. "Eles me chutaram para fora do ônibus, no meio da rua, como se eu fosse um pária", você escreveu.

Archie: (rindo) E aconteceu exatamente assim. Foi uma situação bem ruim.

E o que passou pela sua cabeça depois disso? Chegou a pensar em acabar com tudo e começar do zero com uma nova banda?

Archie: Sim, isso passou pela minha cabeça. Na verdade, pensei nisso antes mesmo de acontecer o racha, tanto que disse aos caras, quando estávamos em turnê pela Europa, que eu estava desistindo daquilo tudo e que começaria um novo grupo. No entanto, como eles decidiram fazer aquilo, pensei: 'Que se fodam! Vou continuar com o Santa Cruz para deixá-los com inveja' (gargalhadas). E é curioso pensar que se eles não tivessem me expulsado do ônibus e me largado sem nada no meio da rua, eu provavelmente teria seguido em frente com uma nova banda. A atitude deles foi o que me motivou a ligar o foda-se e manter o Santa Cruz na ativa.

Então, acredito que a letra do novo single, *Changing of Seasons*, é uma metáfora, certo?

Archie: É mais do que isso: é uma mensagem direta para eles, mesmo (risos).

Bom, é bem possível que eles tenham recebido essa mensagem, mas você acredita que já estejam com inveja?

Archie: (rindo bastante) Eu tenho certeza de que estão, até porque o Santa Cruz abriu recentemente shows do Bon Jovi e do Whitesnake. Eu consegui reconstruir a banda, e eles sabem muito bem a posição em que estou hoje. Sim, eu apostaria que estão todos invejados.

Essa é uma curiosidade minha. Os problemas com o Santa Cruz no ano passado foram a razão para você sair da The Local Band (N.R.: supergrupo finlandês que conta com Alexi Laiho, do Children of Bodom; Olli Herman, do Reckless Love; e Jussi 69, The 69 Eyes)?

Archie: Na verdade, eu não saí da banda. Eu fui expulso (risos). Acho que eu estava agindo de maneira bem arrogante ou algo parecido, então eles viraram disseram: 'Porra, cara! Precisamos de alguém menos arrogante'. Não sei dizer ao certo se foi por isso, mas acredito que sim (risos).

Baseado nisso e na recente turbulência no Santa Cruz, eu tenho de perguntar se você é um pessoa difícil de conviver e trabalhar, porque as pessoas podem ter essa ideia...

Archie: Eu? Não, não! E se existem pessoas que pensam isso, que se fodam! Certamente elas nunca me conheceram pessoalmente. Bom, sei que algumas realmente acreditam nisso, mas é pelo que ouvem falar, porque tenho certeza de que qualquer um que já trabalhou comigo não vai dizer que sou difícil de lidar. Isso é algo que acontece com o Sebastian Bach, por exemplo, porque as pessoas amam odiá-lo, então falam merdas a respeito dele. Mas elas não sabem de absolutamente nada. Honestamente, isso é uma tremenda besteira. Eu sou um cara legal, pode acreditar.

NÃO ESTOU INTERESSADO EM AGRADAR A FÃS DE SLEAZE QUE AINDA ACHAM QUE O DANGER DANGER É A BANDA MAIS LEGAL DE TODOS OS TEMPOS

Vamos voltar a falar de música. A respeito do som que você quer para o Santa Cruz, *Changing of Seasons* representa o novo álbum?

Archie: Não mesmo. É a única canção que soa daquela maneira, e o álbum terá um horizonte bem amplo, incluindo solos de guitarra (risos). Apesar de o Pav não ter participado das gravações...

Então, as guitarras foram todas gravadas por você?

Archie: Sim, gravei tudo sozinho. Aliás, quando digo tudo é porque gravei absolutamente tudo! Guitarras, baixo e bateria, e fiz dessa maneira porque neste momento eu queria que fosse assim. Lenny Kravitz, por exemplo, grava todos os instrumentos em seus discos. Richie Kotzen, um dos meus guitarristas favoritos, também faz isso há anos, então pensei que agora seria a minha chance de seguir esse caminho. Depois que os caras saíram e eu decidi continuar com a banda, pensei: 'Foda-se! Eu posso fazer tudo sozinho!', e isso foi a minha maneira de mostrar o dedo do meio para eles (risos). Mas acredito que Pav estará no próximo álbum do Santa Cruz.

De volta à nova sonoridade, a mudança de direção musical não é uma novidade para a banda. *Santa Cruz* (2015) já havia rompido com *Screaming for Adrenaline* (2013), pois foi para um caminho mais pesado e moderno que o Santa Cruz seguiu em *Bad Blood Rising* (2017), mesmo com mais parcimônia. *Changing of Seasons*, no entanto, é uma ruptura bem mais radical, então imagine só o que os fãs pensaram...

Archie: Achei que era preciso chocar as pessoas fazendo algo realmente diferente. Não queria soar como o antigo Santa Cruz, então peguei uma direção completamente contrária e esperava que a reação dos fãs fosse de susto. Foi exatamente o que aconteceu, então fiquei satisfeito, porque foi o melhor que pude fazer em tão pouco tempo para mostrar que a banda está viva. Sinceramente, eu não poderia ter ficado mais feliz por ter conseguido exatamente o que queria. Pode não ter agradado a todo mundo, mas eu gostei.

Mas você esperava que houvesse comentários tão negativos quanto os que estão no 'lyric video' publicado no YouTube?

Archie: Eu sempre espero por coisas negativas a respeito do Santa Cruz, porque as pessoas simplesmente adoram me odiar (risos). Às vezes sinto que sou o novo Fred Durst (N.R.: vocalista do Limp Bizkit) (gargalhadas), então não há nenhuma novidade nisso. Com o tempo, aprendi a respeitar e a

curtir cada vez mais, porque gosto quando as pessoas me odeiam. É assim que eu sou. Podem falar mal, porque eu adoro (risos).

Então, que tal esse comentário de um fã, talvez ex-fã: 'Eu comecei a ouvir o Santa Cruz porque não gosto de músicas como essa'.

Archie: (rindo muito) Azar o seu, 'motherfucker'! (gargalhadas) Esse cara faz parte de uma minoria, e nós estamos interessados nos fãs que continuam ao nosso lado, e eles são a maioria. Honestamente, não estou interessado em agradar a fãs de sleaze que ainda acham que o Danger Danger é a banda mais legal de todos os tempos. Não dou a mínima para isso. Quero fazer do Santa Cruz a maior banda de rock do planeta, e isso não vai acontecer se ficarmos à margem do mercado. É preciso fazer grandes mudanças, e *Changing of Seasons* é a maior mudança que fizemos até hoje.

Mudanças de sonoridade e de integrantes sempre trazem reações interessantes dos fãs, e uma delas é que a banda deve mudar de nome. No entanto, quem tem o direito de dizer ao artista o que fazer?

Archie: Ninguém! Isso é burrice. Quando Stevie Nicks entrou no Fleetwood Mac (N.R.: em 1975), os fãs ficaram putos porque o grupo mudou quase toda a formação, mas acontece que acabou se tornando realmente grande. A verdade e que as pessoas falam sem saber o que está acontecendo, então dão opiniões como se estivessem peidando, especialmente na internet (risos). Você acha que uma banda tem que mudar de nome porque sobrou um ou sobraram dois integrantes originais? Isso é uma loucura! Não pode! Cale a boca e vá para casa, porque ninguém dá a mínima para o que você acha. Ninguém tem o direito de dizer a um artista o que fazer com a sua obra ou com a sua banda.

Gosto é subjetivo: não gostou, não escute, porque tem quem goste. Mas vejo que você já está acostumado com a reação passional dos fãs, afinal, muitos deles viraram as costas quando *Santa Cruz* foi lançado.

Archie: Sim, e sempre foi assim com qualquer um! Você se lembra de quando o Metallica lançou o 'Black Album' (N.R.: o multiplatinado *Metallica*, de 1991)? Várias pessoas viraram as costas para a banda, houve quem quebrasse os discos antigos, mas aí os caras se tornaram maiores do que nunca. Quando a mudança é brusca, é natural que os fãs fiquem putos, mas também que a recompensa venha depois. É assim que funciona, então tudo bem. Da mesma maneira que uma cobra troca de pele, de alguma forma as bandas precisam eventualmente mudar.

Guardadas as devidas proporções do exemplo do Metallica, eu sempre achei que o Santa Cruz tem tudo para estourar nos Estados Unidos, um mercado cada vez mais difícil. O caminho estava sendo traçado, mas aí houve a separação...

Archie: Cara, eu também tinha a expectativa de que isso pudesse acontecer com *Bad Blood Rising*, mas quer saber? Acredito que vamos chegar lá com o novo álbum ou, no mais tardar, com o próximo, porque *Katharsis* pode abrir as portas para que o quinto disco seja o 'Black Album' do Santa Cruz. Isso não significa que seremos gigantes como o Metallica, claro, porque as perspectivas são diferentes. Mas temos potencial, agora renovado, para fazer bonito nos Estados Unidos.

Agora que você reconstruiu a banda, uns shows bem legais entraram na agenda. Você mencionou as turnês com Whitesnake e Bon Jovi, mas tem o Steel Panther e o festival com o Guns N'Roses, que é bem especial para você...

Archie: Cara, isso vai fazer os ex-integrantes da banda chorarem na cama até dormir (risos). Eles tiveram a chance, mas a desperdiçaram, então o que me deixa mais feliz do que nunca é dar a Pav, Ero e Toxy o ingresso de ouro para o paraíso. Eles merecem, e eu só lamento porque não vamos tocar no mesmo dia do Guns N'Roses, pois estamos na primeira noite, com o Slipknot, mas vou tentar esticar para vê-los de perto (N.R.: no Louder Than Life, de 27 a 29 de setembro, em Louisville, no estado do Kentucky). De qualquer maneira, será maravilhoso para nós, porque se trata de um dos maiores festivais de música nos Estados Unidos.

Para terminar, quando se fala de hard rock hoje em dia, é impossível não citar bandas europeias como algumas das mais relevantes do estilo, especialmente porque há uma geração mais nova de ótimos nomes. O que você tem a dizer sobre isso?

Archie: O mais interessante é que não existe uma cena de hard rock, realmente. O metalcore, por exemplo, é muito mais forte. Ou é esse som mais pesado ou o de grupos como The 1975, que tem uma veia mais pop, porque o hard rock é mais restrito a clubes pequenos, onde as bandas tocam para pessoas mais velhas (risos). Acredite, é um estilo até irrelevante por aqui, onde o rock pesado continua dominado por nomes como Whitesnake e Judas Priest, que continuam mandando muito bem. Para mim, considerando também a atitude que vem do hard rock, as bandas mais novas que merecem destaque são o The Struts, do Reino Unido, e o Greta Van Fleet, dos Estados Unidos. O Hardcore Superstar, da Suécia, também é ótimo, mas não é um nome tão grande quanto aqueles dois.

Curioso você ter citado o Greta Van Fleet, porque os garotos se enquadraram no ame ou odeie por causa da forte semelhança com o Led Zeppelin. Mas eles tocaram para cinco mil pessoas no Rio de Janeiro, público maior do que o de muita banda veterana.

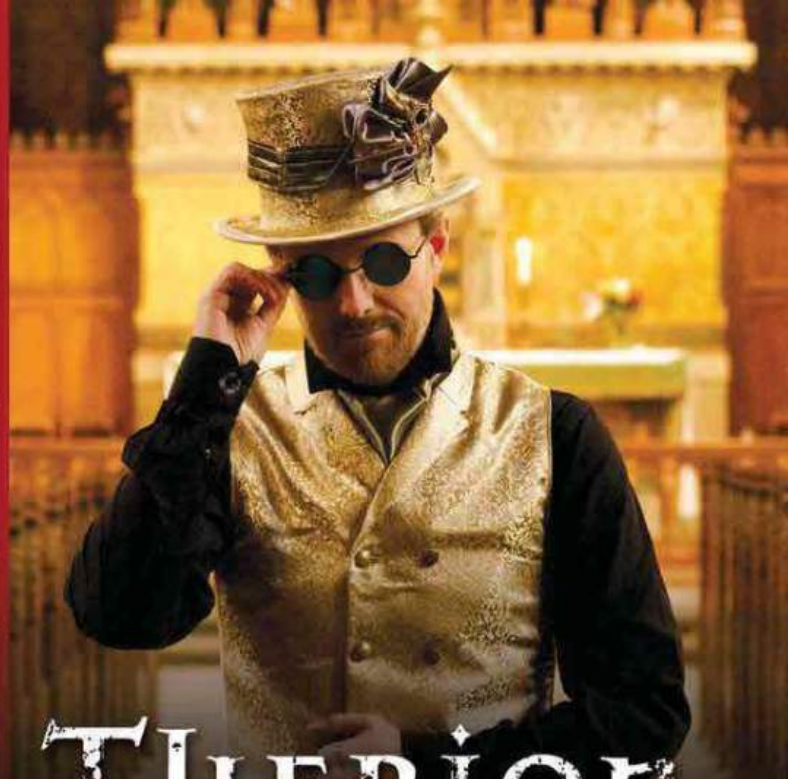
Archie: É disso que estou falando! Eles são uma banda grande, e é isso que os torna relevantes. É onde eu quero estar, porque eu quero que o Santa Cruz seja grande.

DEATHSTARS

SHOW: 18/10 | 20h

RETORNO TRIUNFAL EM SOLO BRASILEIRO APÓS 10 ANOS!

19/10: PAINEL ESPECIAL COM A BANDA
18 e 19/10: SESSÕES DE AUTÓGRAFOS NO ESTANDE DA NUCLEAR BLAST



THERION

SHOW: 20/10 | 20h

SET LIST ESPECIAL DE "THELI" + CLÁSSICOS DA BANDA

19/10: PAINEL ESPECIAL COM A BANDA
19 e 20/10: SESSÕES DE AUTÓGRAFOS NO ESTANDE DA NUCLEAR BLAST

HORROR EXPO 19
SÃO PAULO 18 a 20/10

FEIRA INTERNACIONAL DO GÊNERO HORROR PARA CINEMA, TV, LITERATURA, GAMES, MÚSICA E CULTURA POP

EXPO CENTER NORTE - SÃO PAULO/SP

MAIS ATRAÇÕES CONFIRMADAS:

DEREK RIGGS
Artista
IRON MAIDEN

NAOMI GROSSMAN
Atriz
AMERICAN HORROR STORY

MICK GARRIS
Cineasta
AMAZING STORIES

E MAIS:

GRANDES MARCAS EXPOSITORAS • LANÇAMENTOS • PAINÉIS • DEBATES • WORKSHOPS
EXPERIÊNCIAS GRATUITAS PARA O VISITANTE (CASTELO DOS HORRORES, HOSPITAL ABANDONADO, TREM FANTASMA VR E OUTROS) • CONCURSO DE COSPLAYS

GARANTA JÁ O SEU INGRESSO EM HORROREXPO.COM.BR

Organização: VP Group
Patrocínio: Prevent Senior
Transportadora Oficial: LATAM Airlines
Mídia Oficial: Rockarama
Apoio: Nuclear Blast

RENASCIMENTO E EVOLUÇÃO

AO INCORPORAR NOVOS ELEMENTOS SONOROS E LÍRICOS A DUPLA ITALIANA SE DISTANCIA DO SEU PASSADO E SE LANÇA NUMA JORNADA NÃO MENOS ÉPICA

POR GUILHERME SPIAZZI

Por que não continuar um trabalho que está agradando a todos os envolvidos e tendo uma ótima repercussão? Foi isso que Luca Turilli (guitarra) e Fabio Lione (vocal, Angra) se perguntaram ao final da bem sucedida "The 20th Anniversary Farewell Tour". O que era para ser uma turnê de despedida se tornou a faísca que incendiou a dupla e os fãs, levando-os a honrar uma química que já mostrava ser explosiva desde *Legendary Tales* (Rhapsody, 1997), formando o Turilli/Lione Rhapsody. Ao lado de Dominique Leurquin (guitarra), Patrice Guers (baixo) e Alex Holzwarth (bateria), todos ex-integrantes do Rhapsody of Fire, o grupo segue, mas, desta vez, com uma música cuja temática está há anos luz de distância daquilo que faziam na antiga banda. Conversamos com Lione sobre a razão de existir do grupo e o que ele traz de diferente em *Zero Gravity (Rebirth and Evolution)*, o audacioso álbum que abre um novo capítulo na "franquia" Rhapsody.

Há mesmo um sentimento de renascimento e evolução, tal como sugere o título *Zero Gravity (Rebirth and Evolution)*?

Fabio Lione: Bom, fizemos a turnê de reunião e, nela, nos despedimos do antigo estilo do Rhapsody. Na verdade, não queríamos criar uma nova banda que tivesse Rhapsody no nome, queríamos fazer coisas novas, mas a turnê foi tão boa... Nós (Turilli e Lione) não trabalhávamos juntos há oito anos e percebemos, durante a turnê, que estávamos muito mais amigos, com muito mais química e sinergia no palco. Além disso, produtores e empresários ficavam pedindo para continuarmos. No início não queríamos, mas depois pensamos na possibilidade de continuarmos juntos fazendo algo diferente, ao invés do mesmo estilo de música. Inicialmente, era para Zero Gravity ser o nome desta nova banda, mas tivemos problemas porque a gravadora, empresários e produtores disseram que seria difícil trabalhar desta forma; afinal, seria como se começássemos do zero. Eles também disseram uma verdade: fizemos muitas coisas em vinte anos sob a marca Rhapsody; então, por que deixar esse nome? Por que não usar todo o trabalho realizado? Eles estavam certos e nos convenceram a continuar com Rhapsody. É por isso que o disco se chama *Zero Gravity*. Dito isso, sim, este é um renascimento e uma evolução da música, pois não estamos compondo e fazendo o mesmo estilo de música. Além disso, as letras são diferentes. Elas não são mais sobre fantasia, pois não fazia mais sentido continuar escrevendo sobre essas coisas depois de uma saga que durou mais de quinze anos. Esta foi uma das razões para eu deixar o Rhapsody of Fire, em 2016. Eu escrevi todas as letras de *Dark Wings of Steel* (2013) e *Into the Legend* (2016) e os caras gostaram, disseram que eram bonitas, poéticas, mas perguntaram por que eu não havia escrito uma nova saga? Eu fiquei estupefato. Depois de quinze anos os caras queriam criar uma nova saga medieval? Foi por isso que Staropoli (Alex, teclados) seguiu em frente com quatro novos integrantes. Se ele está feliz com isso, nós também estamos. Nós o convidamos seis vezes para a turnê de reunião e ele recusou todas as vezes. Eu ainda não o entendi, mas, honestamente, eu nunca o entendi. Enfim, estamos muito felizes de poder fazer algo novo, diferente e muito legal. Os fãs estão ouvindo e curtindo as novas músicas!

Dito isso, você está completamente satisfeito com *Zero Gravity (Rebirth and Evolution)*? Ele representa a sua visão?

Fabio: Estamos muito felizes com o novo e diferente estilo da banda. A música traz guitarras muito mais pesadas, somadas a elementos da música celta, instrumentos do Tibete, Pérsia e Índia, partes progressivas e passagens influenciadas pelo Queen, além de referências que remetem ao velho Rhapsody. Em minha opinião, o disco soa moderno, variado e rico. Além disso, a produção é ótima graças à nossa gravadora e aos fãs, que se engajaram numa campanha de financiamento coletivo que promovemos.

***Zero Gravity* também traz a influência cinematográfica que Turilli colocou em *Ascending to Infinity* (2012) e *Prometheus, Symphonia Ignis Divinus* (2015), discos lançados sob o Luca Turilli's Rhapsody...**

Fabio: É claro que há elementos em comum: a parte cinematográfica, os corais, a complexidade da música... Porém, a grande diferença está na variedade de elementos que trouxemos desta vez. Além disso, os álbuns lançados pelo Luca Turilli's Rhapsody são ótimos, mas, neles, a abordagem vocal é voltada para o estilo clássico do power metal, enquanto em *Zero Gravity* trago diferentes tipos de voz. Por exemplo, há abordagens mais agressivas, passagens de ópera, de música italiana delicada e de partes que remetem ao Queen. O trabalho vocal, em minha opinião, está muito mais variado e, possivelmente, menos enfadonho. Afinal, quando você escuta sempre o mesmo estilo, a mesma tonalidade e velocidade a

coisa fica chata. Pelo menos para mim é assim, mas isso é uma questão de gosto. Outra diferença está nos solos de guitarra, com mais sentimentos e não tão rápidos, além dos teclados, que são usados de forma diferente. A bateria também está mais complicada e menos speed metal. Claro que ainda dá para perceber o toque de Turilli, a pegada cinematográfica e tal, mas há muitos elementos nas músicas e isso é bom. Significa que somos capazes de fazer algo novo.

Quando fala de Queen, você especificamente se refere à influência de *Bohemian Rhapsody* nas faixas *Decoding the Multiverse* e *I am*, certo?

Fabio: Isso veio da ideia que tínhamos de criar um projeto estilo Queen, onde faríamos uma banda voltada para o rock sinfônico, mas, ao invés de ir por esse caminho, acabamos criando o Turilli/Lione Rhapsody. Como amamos Queen, decidimos incluir algumas partes nessa pegada nas duas músicas citadas. Além delas, temos mais duas composições nessa linha preparadas para o próximo disco. Inclusive, uma delas passa dos quinze minutos. O resultado está muito legal e acho que os fãs de Rhapsody não esperavam por isso.

Sobre as letras, de fato elas não trazem fantasias épicas ou qualquer coisa semelhante a isso. Desta vez, uma variedade de temas ligados à ciência e a metafísica são explorados. Qual a sua afinidade com esses temas?

Fabio: Turilli liderou esta parte, mas eu também as conferi com ele, especialmente nas canções em italiano, onde mudamos algumas partes. Nós gostamos de falar de coisas científicas, de campos energéticos, de outro nível de consciência e da busca espiritual. Claro que não são temas fáceis, mas o fã tem a opção de simplesmente ouvir e curtir as músicas, ou pode se aprofundar no significado das letras e, a partir disso, descobrir algo a mais no que tange a este álbum. São temas completamente distantes das fantasias medievais do passado.

Acredito que Turilli optou por seguir nesses temas porque eles têm uma ligação pessoal com a história dele.

Fabio: Exatamente. Turilli teve um sério problema de saúde quando era jovem e, de alguma forma, a coisa simplesmente desapareceu. Não há uma explicação para o que aconteceu. Turilli sempre tentou ler muita coisa e, além disso, o seu padrasto era um cara incrível. Conversamos algumas vezes e acho que ele já havia lido uns 3 mil livros ou algo assim. É claro que a influência deste homem na personalidade de Turilli foi grande. Turilli ama ler e descobrir as coisas, assim como eu, que também sou interessado nesses

ZERO GRAVITY - REBIRTH AND EVOLUTION
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI - NAC.

assuntos, mesmo não me aprofundando tanto. Acho ótimo termos isso em comum, mas o principal é que queremos passar para as pessoas uma mensagem positiva de algo ligado ao lado espiritual e não aos aspectos materiais. Os segredos da nossa vida. Por exemplo, em *Arcanum (Da Vinci's Enigma)* nós falamos de Leonardo Da Vinci, um dos maiores gênios da Itália. Há mais de 500 anos ele estava descobrindo coisas que ninguém ainda entende como era possível um homem daquela época, vivendo num pequeno vilarejo, pensar em coisas tão complexas. Já *Amata Immortale* é sobre Giácomo Leopardi, um famoso poeta italiano. São temas que Turilli e eu apreciamos muito e gosto do fato de Turilli estar tentando falar disso com os fãs.

Já que você citou *Amata Immortale* e *Arcanum (Da Vinci's Enigma)*, que são cantadas em italiano, como a língua portuguesa ou a italiana funcionam enquanto idioma no metal, quando comparadas ao inglês?

Fabio: Este é um bom ponto. O inglês é uma língua mais rítmica, que combina muito mais com o rock. Já o italiano ou português são línguas mais doces, melodiosas. Acho que são as melhores para baladas ou canções que você queira dar sentimento. Claro que se você é um bom cantor e tem uma boa voz, poderá cantar uma boa balada em inglês, mas acho que a língua é mais fria. As letras terminam em consoantes, enquanto na nossa língua elas terminam com vogais. Comparado ao italiano, eu diria que a sonoridade do português é um pouquinho mais nasal. Isso deixa a língua um pouquinho mais doce, entende? Em se tratando de línguas latinas, acho que o espanhol não é tão delicado e o francês é algo completamente diferente – acho que ele tem uma sonoridade muito anasalada. Já o inglês é muito bom para o metal... Não é fácil encontrar as palavras certas em português ou italiano quando se está compondo uma música mais power metal ou mais progressivas. É possível e nós fizemos isso no Rhapsody, mas é mais difícil.

As duas canções funcionaram muito bem no seu repertório, especialmente a última, que é bastante intensa.

Fabio: Agradeço pelo que você disse. Turilli e eu amamos o nosso país e sempre quisemos ter músicas em nossa língua. Este era um ponto em que Staropoli era mais conservador. Só lançamos *Lamento Eroico* (*Power of the Dragonflame*, 2002) porque eu queria uma música assim e forcei a situação. Na época, Turilli achou que seria uma boa ideia e quando ouviu o resultado, ficou impressionado. Já Staropoli não se empolgou muito com metal em italiano. Porém, quando ele percebeu que a gravadora curtiu muito, cada disco passou a trazer pelo menos uma música em italiano. *Arcanum (Da Vinci's Enigma)*, em minha opinião, é uma das melhores músicas que já compusemos. Ela é única. Acho que seria possível fazê-la em português, porque os idiomas são similares e você, com certeza, teria um grande resultado. Não sei por que o Angra não faz tantas... Talvez eles tenham, o quê, apenas duas em português? Ainda acho que eles poderiam experimentar um pouco mais, mas geralmente é difícil para bandas de heavy metal empregarem o seu idioma. Veja o Scorpions, uma banda alemã muito famosa e não me lembro de ouvir uma música em alemão deles.

O argumento é válido, mas lembre-se que a Alemanha exporta o Rammstein.

Fabio: Esta banda é fantástica. Não é o meu estilo, mas curto. Cantar em alemão e conseguir ter um grande sucesso nos EUA e Rússia é incrível. Isso mostra que, às vezes, as bandas, as pessoas, simplesmente se limitam. Eles repetem que o rock tem que ser em inglês, ser rápido, em tons altos... Se você sempre tenta fazer isso, nunca fará algo novo. Há anos Turilli e eu tentamos fazer algo diferente. Claro que você percebe que gostamos de Dream Theater, Queensrÿche e Iron Maiden. Eu adoro Whitesnake, A-ha, Queen... Mas tentamos fazer a nossa música de forma pessoal. Acho que isso é algo importante. A maioria das bandas de hoje tem músicos técnicos que apenas compõe algo similar ao Helloween ou Symphony X, mas não colocam personalidade. Agora veja o Myrath, que vem da Tunísia e é a única banda que curti nos últimos anos. Você percebe que eles gostam de Dream Theater, mas a sua música também traz arranjos influenciados pela música árabe. Isso é algo pessoal.

O Angra fez exatamente isso em *Holy Land* (1996), não foi?

Luca Turilli, Dominique Leurquin, Alex Holzwarth, Fabio Lione e Patrice Guers: transcendendo o universo metal

Fabio: Sim, exato! Eu gosto de *Holy Land*, mas serei honesto: não sei por que eu não tenho as cópias físicas de *Angels Cry* (1993) e *Holy Land* (risos). Claro que conheço as músicas e as tenho no meu computador. Mas, enfim, *Holy Land* é algo único, é um álbum muito bem feito com uma voz e uma sonoridade únicas. Aquelas são composições que fazem você perceber que a banda é brasileira. Dá para perceber que eles estavam ouvindo Helloween e Queensrÿche, mas eles escreveram música do seu jeito e adicionaram elementos brasileiros. Por isso, o resultado foi tão bom.

Já que estamos falando de Angra, qual foi a sua reação quando soube do falecimento de Andre Matos?

Fabio: (suspiro) Foi um pesadelo... Eu estava em São Paulo e soube do falecimento cedo pela manhã. Matos foi o primeiro cara do Angra que eu conheci enquanto ele promovia *Holy Land* sozinho na região da Toscana. Na época, eu cantava no Labÿrinth e lembro-me de ter ido até uma loja de discos para encontrá-lo. Foi assim que nos conhecemos. Matos falava um bom italiano, era um cara legal e nunca tivemos problemas. A maioria das pessoas não sabe, mas quando Matos saiu do Angra, eu fui chamado para substituí-lo antes mesmo de Edu Falaschi. Porém, na época, eu era jovem, tinha uma namorada, cantava no Rhapsody e no Vision Divine e vivia na Itália. Quando fui convidado novamente, em 2012, eu não fiquei nem um pouco surpreso e tenho certeza de que Matos, de alguma, forma ficou feliz, pois éramos amigos. Matos tinha um estilo único! Ele era incrível, um grande compositor e cantor. Eu ainda amo *Fireworks* (1998); tenho o disco desde o seu lançamento e cantei-o tantas vezes que canto as músicas como se fossem minhas. O que fazemos no Angra hoje é um pouco diferente, mais moderno, menos speed metal e mais progressivo. Em minha opinião, *Ømni* (2018) é um disco muito bom. Você pode facilmente compará-lo à *Holy Land* e *Temple of Shadows* (2004). Acho que estes três discos representam muito bem o Angra.

ESTE É UM RENASCIMENTO E UMA EVOLUÇÃO DA MÚSICA, POIS NÃO ESTAMOS COMPONDO E FAZENDO O MESMO ESTILO DE MÚSICA

Voltando para o Turilli/Lione Rhapsody, como tem sido a receptividade ao vivo?

Fabio: A reação tem sido muito boa, talvez melhor do que eu esperava! A música *Arcanum (Da Vinci's Enigma)* teve a letra cantada pelos fãs italianos num show que fizemos dois dias após o lançamento do álbum. Eles também cantaram o refrão de *Phoenix Rising* que, de certa forma, é uma espécie de ponte com o nosso passado. Além dessas, também tocamos *D.N.A. (Demon and Angel)* e *Zero Gravity* e a reação foi boa. Temos shows marcados na Rússia, Japão, Suécia, Coreia do Sul e, pela primeira vez, na Austrália. Acho que iniciaremos uma turnê europeia em janeiro do próximo ano e em março devemos ir para a América do Sul. Queremos fazer pelo menos três ou quatro shows no Brasil.

Para encerrarmos, você gostaria de deixar um recado para seus os fãs?

Fabio:(N.R.: Lione fala em português) Claro que sim! Estamos muito felizes com esse novo trabalho. Amo o Brasil, conheço o país e falo um pouco de português. Acho que os fãs do Rhapsody ficarão muito felizes de ver esta banda nova fazendo um show legal. Um forte abraço para os fãs.

Xandão Brito, Alex Coelho e Felipe Freitas: Andralls sempre superando as dificuldades com garra

SANGRANDO THRASH HÁ MAIS DE 20 ANOS

APÓS VÁRIOS PERCALÇOS, TRIO PAULISTANO REGRESSA COM DISCO MAIS VISCERAL DE SUA CARREIRA

POR THIAGO PRATA

Uma série de tristes episódios emergiu no caminho do Andralls durante o hiato de sete anos que separam *Breakneck* (2012) e *Bleeding for Thrash*, sexto e mais novo disco de estúdio do grupo. Entre os percalços estão a saída do baixista Eddie C., as mortes da mãe do baterista Xandão Brito e do amigo Fabiano Penna (Rebaelliun, The Ordher) e a luta do vocalista e guitarrista Alex Coelho contra um câncer. Tais momentos uniram ainda mais a dupla Xandão e Coelho, que encontraram em Felipe Freitas a persona ideal para o cargo deixado por Eddie. Nesse cenário, veio à luz *Bleeding for Thrash*, uma declaração de amor ao thrash metal e, acima de tudo, um álbum guiado pela superação e arquitetado pela raça. Em entrevista à ROADIE CREW, Alex e Xandão falam a respeito das provações que precisaram passar até a concepção do álbum mais agressivo e visceral dos mais de 20 anos do grupo.

Antes de falarmos do atual momento, queria abordar os 20 anos da banda, completados em 2018. Como foi a turnê comemorativa, contando com uma nova formação, em que o baixista Felipe Freitas (ex-NervoChaos e Maledettos) foi integrado ao Andralls no lugar de Eddie C.?

Xandão Brito: Eddie saiu no fim de 2017, e a gente recrutou o Felipe, que é um camarada das antigas e toca demais. Ensaiamos as músicas e começamos a turnê com datas entre fevereiro e abril de 2018 no Brasil. Depois, passamos por Portugal, Espanha, França, Alemanha e Bélgica, incluindo alguns festivais. Foi uma turnê que nos deixou felizes e preparados para concluir *Bleeding for Thrash*.

Alex Coelho: Comemoramos esses 20 anos por tudo que passamos na estrada, os discos, as formações da banda... E o Felipe deu um gás novo para a banda seguir por, no mínimo, dez anos.

Em 2014, saiu o DVD *15 Years Breakknecking - Live in Belém*, em comemoração aos 15 anos do Andralls. Dessa turnê que celebra duas décadas virá outro material em DVD?

Alex: Não. Acho que vai demorar um pouco ainda para lançarmos um novo DVD. Pelo menos mais uns dois CDs para lançar um produto assim novamente.

Ainda sobre a história do grupo, quais as conquistas, os episódios de superação e até as quedas que vocês destacariam nessa trajetória que engloba cinco álbuns de

estúdio, antes do lançamento de *Bleeding for Thrash*?

Xandão: Poder tocar ao vivo pelo Brasil, pela América do Sul, pela Europa... Espalhar nossa música de modo geral. Claro que a gente ficou feliz por termos tocado ao lado de ídolos nossos, como Judas Priest, Exodus e tantos outros, mas acho que a maior conquista foi tocar a música que a gente gosta, entre amigos, e levar isso por 20 anos. Com relação às quedas, nem tudo são flores. Já tivemos problemas de formação; dá uma abalada quando algum integrante sai. Particularmente, quando minha mãe faleceu uns anos atrás, eu dei uma pirada, e isso afetou a banda. Inclusive, demos uma parada de praticamente um ano. Quando decidimos voltar, o Alex estava dentro. Até chamamos o Cleber (Orsioli, guitarrista e vocalista) a continuar, mas ele já estava com o projeto dele no Blackning.

Falando em superação, *Bleeding for Thrash* foi concebido após muita luta, incluindo a recuperação de Alex, que teve um câncer na tireoide antes mesmo das gravações. E isso, inclusive, originou a letra de *Imminent Cancer*. Como foi aquele período e o quanto ele fortaleceu vocês?

Xandão: Esse álbum foi feito numa raça do caralho mesmo. Começamos a escrever o disco na minha casa, onde começamos a tocar juntos. Certo dia, o Alex fez uns exames de rotina e descobriu que estava com um tumor na tireoide. Eu fiquei mais abalado que ele, na verdade. O Alex segurou mais a bronca. Só que ele decidiu continuar com a gente e a compor enquanto fazia tratamento. Depois da operação, o Alex ficou um tempo sem cantar. Com o apoio de uma fonoaudióloga, voltou cantando demais. Demorou cerca de dois anos para finalizarmos tudo. Muita coisa do disco, nas entrelinhas, fala de superação da banda.

Alex: Descobri o câncer num exame periódico. Essa foi minha sorte, pois estava tudo no início. E venci totalmente o câncer. Depois tive que me superar, aprender a cantar sem a tireoide; as cordas ficam soltas.

Aliás, sua performance impressiona no álbum, Alex.

Alex: Por incrível que parece estou cantando melhor. Antigamente eu não tinha técnica alguma. Agora faço aquecimento, me dedico mais, estou mais profissional.

O novo trabalho foi composto nos moldes antigos, a partir de jams de guitarra e bateria. E como funcionou o processo de gravação?

Xandão: Do mesmo jeito que estamos acostumados a fazer. Já conhecemos bem o Papiris Studio, e o Caio (Monfort) estava fazendo uns bons trabalhos quando resolvemos gravar lá. Já a composição seguiu nosso padrão antigo, fazendo o som na minha casa, trocando ideia e tomando uma cerveja. Desse modo de compor surge um som porrada.

O disco traz aquela veia típica do Andralls, de sempre soar letal e agressivo, e isso se ilustra logo de cara, com a faixa *We Are the Only Ones*, com direito ao trecho "We are fasthrash", fazendo referência ao gênero da banda. O que esse trabalho tem de diferencial dentro da fórmula criada pelo grupo?

Xandão: Acho que o diferencial desse disco é que a gente conseguiu colocar nele referências de todos os nossos outros discos, tanto musical quanto liricamente. Juntamos tudo o que gostamos de tocar em 30 minutos de música.

Alex: Foi gravado sem pressão, sem data de gravadora. Ele começou a soar

BLEEDING FOR THRASH
INDEPENDENTE · NAC.

naturalmente, como nos primeiros discos do Andralls. A *We Are the Only Ones* foi uma das primeiras que escrevemos, e o Xandão teve a ideia do refrão, que ficou muito forte.

A segunda faixa é *Andralls on Fire part. III*, um petardo que dá prosseguimento à saga iniciada em *Massacre, Corruption, Destruction...* (2000). Podemos dizer que a continuação dessa franquia é o principal elo que une a banda a seu passado? Podemos esperar novos capítulos?

Xandão: *Andralls on Fire* é uma música que se destacou no nosso primeiro álbum. E no segundo disco (*Force Against Mind*, de 2003), fizemos a *Andralls on Fire part. II*. Para o *Bleeding*, o Alex veio com a ideia de fazermos a parte III, começando a música com o refrão. Acho que é a mais porrada de todas. O interessante é que quem fez a letra nessa música foi o Denis Di Lallo, que continua nosso amigo. A letra é composta de nomes de várias músicas do Andralls do passado. Caiu como uma luva. Acho que vai ter mais partes dessa saga que carrega nosso nome e nossa marca.

O álbum se encerra com um lance meio country na faixa *27.02.18*, música dedicada ao saudoso guitarrista Fabiano Penna (Rebaelliun, The Ordher, Andralls). A data, inclusive, faz referência ao dia de sua morte. Como se deu essa homenagem?

Alex: Quando escrevi a música, o Fabiano ainda estava vivo, era um amigo presente na nossa vida. E no dia que a escrevi pensei em mandá-la para ele, mas acabei não enviando. Na hora que aconteceu a tragédia, falei que íamos usar essa música como homenagem ao Penna. Ela termina de forma diferente um disco nosso. Uma homenagem a um dos nossos melhores amigos.

Xandão: O Fabiano sempre foi um parceiro nosso, produziu vários álbuns do Andralls e fez turnês com a gente. A morte dele foi um baque bem grande. Essa música é a cara do Penna, que sempre curtiu uns lances country. Tem outra faixa, a *Legion*, que homenageia ele e o Rebaelliun.

Outro homenageado é a banda Subtera, com a cover de *Acid Rain*. Como foi a escolha dela como primeira cover da história do Andralls?

Xandão: O Subtera influenciou bastante o Andralls na forma de enxergar a estrada e como trabalhar a música diariamente. A gente nunca tinha gravado um cover anteriormente, e não sei por que (risos). Calhou bem ser uma música do Subtera. Agradou a gente e a eles também.

Alex: Os caras do Subtera sempre nos incentivaram a ensaiar mais e a tocar mais. Pegamos essa filosofia de vida deles. Foi a partir daí que o Andralls deu uma evoluída gigantesca. Infelizmente eles não estão mais na estrada, mas foram muito importantes para a cena.

O que vocês ainda não alcançaram e que está na lista de prioridades daqui para frente?

Xandão: Uma das prioridades é tocar mais na América do Norte e tentar fazer algo na Ásia. Queremos difundir nossa música nesse mundão.

Alex: Esperamos entrar no ciclo de tours de novo, fazer shows e festivais. E lançar, mais para frente, um novo disco, quem sabe daqui uns dois anos.

Como está o andamento de outros projetos de vocês?

Xandão: Toco numa banda alemã, o Nuclear Warfare. Estamos no Sul da Alemanha escrevendo um disco novo. Meu negócio é thrash metal mesmo. Tenho minha agência, a On Fire, na Europa, em que levo bandas do Brasil para tocar aqui (na Europa). Já o Felipe tocava no Maledettos, banda nova, de caras 'véios', e que logo lançará material.

Alex: Estou com o Lama Negra desde 2012, tocando thrash em português. Continuamos a lançar material e, nas brechas do Andralls, fazemos shows.

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO
ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIROROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW

DÁ PRA DESLIGAR ISSO AÍ?

Mick Jagger reclamou na última turnê no Brasil. Rob Halford foi mais longe e resolveu a questão com uma bica. Quando esta coluna estava sendo escrita, anunciou-se que o King Crimson simplesmente proibiu isso no show que fará por aqui em outubro. Sim, estou falando daquele mar de braços erguidos com celulares na ponta que infestam qualquer show de rock a que se vá.

Isso é um fenômeno recente, de quando os telefones celulares passaram a servir para tudo. Antigamente, era terminantemente proibido entrar em qualquer tipo de show com máquinas fotográficas ou filmadoras, o que fazia alguns deixarem a inteligência de lado na tentativa de burlar essa determinação – cheguei a ver gente colocando câmera dentro de pacote de salgadinho e lacrando a embalagem com alicate quente, esquecendo o que uma fritura engordurada poderia fazer num equipamento sensível como uma máquina fotográfica... Porém, a tecnologia tornou inviável controlar isso e as reações chegam até o extremo da atitude do sempre tranquilo Halford, claramente no limite da irritação.

Dá pra entender os dois lados. O fã muitas vezes está lá vendo seu ídolo pela primeira e única vez (dependendo de quem for) e nada mais justo que levar uma lembrança para casa. Até o artista certamente deve se sentir feliz por saber que aquelas pessoas querem eternizar o momento e relembrar sempre que estiveram ali, diante de quem admiram. Mas nada justifica o exagero.

E isso me faz lembrar um episódio ocorrido justamente na última tour dos Stones no Brasil – aquela que levou Jagger a reclamar. Quem me conhece sabe da minha adoração pela banda, em especial por Keith Richards. No último show, em São Paulo, acabei conseguindo um lugar na frente, mas em direção à lateral do palco. Dava para ver bem, então lá fiquei. O lugar era diante de uma das rampas que Jagger eventualmente usava para chegar mais perto da galera das cadeiras e da arquibancada. Já bem no final do show, Keith veio exatamente diante de onde eu estava para fazer o solo final de *Sympathy for the Devil*. Estava com o celular no bolso, era só sacar e registrar. Mas pensei melhor. Deixei o bicho no bolso e fiz aquilo que a gente devia fazer sempre que estamos numa situação como aquela: apenas curti o momento. O resultado é que tenho cada momento daquele solo registrado na memória. Lembro da digitação de Keith na guitarra, da reação dele quando foi ovacionado pela galera que estava ali na sua frente e de todos os outros detalhes. Foi muito melhor do que se tivesse filmado. Ao menos nesse dia, a tecnologia perdeu.

BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL
LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR

O QUE GEEZER BUTLER ME ENSINOU SOBRE A VIDA

Tudo começou com a hashtag gratidão. A coisa foi escalando até que adquiriu uma restritiva fluência monolíngue em mensagens positivas. Como eu conhecia a figura, só havia duas explicações cabíveis: ou ela estava em constante viagem lisérgica ou se tornara uma múltipla esclerosada que vive em casa de saúde mas pensa que está morando no rancho do Michael Jackson.

O que me fez chegar a tal conclusão foi ter começado a me sentir influenciado. Não no sentido de reproduzir os textos de positividade. Mas em considerar que faziam sentido, supostamente para atrair aquilo de volta. Acho.

Percebi que tinha sido influenciado ao ver o nome do Impaled Nazarene na minha playlist e pensar: "Com esse nome os caras devem se foder muito na vida". Pois é. Antes que pudesse deter, eu completei esse raciocínio. Só que existe um caminho intermediário entre os #gratidão e os corpse paint noruegueses que queimam igrejas e matam melhores amigos com 52 facadas.

Negar a existência de problemas não vai fazê-los sumir. Assim como queimar o templo religioso de outras pessoas não vai fazer com que Jesus desapareça da história e da vida de quem acredita nele.

Principalmente porque quanto mais você anuncia sua generosidade ao mundo, tanto mais está alimentando apenas o próprio ego. Se existe uma coisa que sei é que quanto mais você tenta parecer algo, tanto menos você possui tal atributo. Quanto mais descolado você se esforça para parecer, menos você é. E quanto mais você tenta promover a destruição de quem não é alinhado à sua ideologia, só explicita que esta não serve à humanidade, já que falha na sua primeira linha de integridade, que é a de respeitar todos os outros seres.

Ao raciocinar sobre esse exibicionismo de "olha-só-como-sou-do-bem" fiz as pazes com uma certa acusação que me acompanha desde pequeno: "Você é tão manso. Como escuta essa música do demônio?".

Escuto porque sei que esperto é o Geezer Butler, que viu uma fila enorme de espectadores para um filme de terror e pensou: "Cara, isso é popular. Vou escrever sobre isso". Daí nasceu a temática do Black Sabbath e todo o heavy metal em sua traseira. Cheguei a esta conclusão quando estava escutando *N.I.B.*, e na parte em que o Ozzy canta: "My name is Lucifer, please take my hand" me questionei instantaneamente se a frase mais aterrorizante em uma música era essa ou "Some have called me Satan's son, a name I cannot deny", de *Born of Fire*, do Slayer.

Sabendo que isso não mudaria em nada minha vida, mas curtindo aqueles minutos de canções inofensivas.

A LOOK AT METAL

POR CLAUDIO VICENTIN
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR
DA REVISTA ROADIE CREW

BANDAS MAQUIADAS E MASCARADAS

Os primeiros a usarem maquiagem semelhante à pintura de cadáveres incluíam Screamin' Jay Hawkins e Arthur Brown, nos anos 60. No Brasil, tivemos o Secos & Molhados e outros que se aventuraram no glam rock. Mas, claro, é impossível não citar Alice Cooper e Kiss que, nos anos 70, chegaram com o "shock rock". Aliás, Kiss foi a primeira banda que vi com maquiagem e o show em São Paulo, em 1983, promovendo *Creatures of the Night*, acabou sendo marcante.

Outro momento semelhante foi com King Diamond e suas maquiagens chamativas que mexiam com os fãs, tanto no Mercyful Fate como em sua banda solo. Por sinal, desde os tempos de sua primeira banda, Black Rose, ele usava a maquiagem. Dee Snider, do Twisted Sister, também sempre foi muito criativo e usava uma maquiagem acentuada, como vários do chamado glam metal. E, claro, é legal citar Rob Zombie, que, ao vivo, tem um dos shows mais interessantes do metal, além de ele também ser um diretor de filmes de terror bem estabelecido; e o The Misfits, que é quase sinônimo de Halloween desde o final dos anos 70.

Mas não para aí. Afinal, temos todas as bandas de black metal, com seus 'corpse paints' criativos e assustadores. O legado de Per "Dead" Olin (Mayhem) aparece como um deus sobre o gênero. Ele foi o primeiro a utilizar, deliberadamente, tinta facial para simular um aspecto de cadáver realístico em vez de um padrão ornamental ou cosmético.

Das bandas com máscaras temos o Slipknot à frente, fazendo sucesso há um bom tempo. Inclusive, está lançando o novo álbum e as novas máscaras. A fachada de cada membro foi recriada e, como de costume, mantém o tema estabelecido com alguns elementos novos, enquanto outros são quase irreconhecíveis, o que vem estimulando debates on-line. Já o Ghost é uma espécie de anticlero, transmitindo a mensagem do satanismo através de músicas suaves e pop, que se assemelham às da igreja. São quatro mascarados, conhecidos como The Nameless Ghouls, e um demoníaco antipapa, Papa Emeritus. Cada álbum traz uma nova versão do líder.

Essas são as mais reconhecidas hoje em dia, mas não nos esqueçamos de Gwar, Lordi, Lizzy Borden, Ghoul, Berzerker, Asesino, Buckethead, Batushka, Crimson Glory, entre muitos outros. Sempre achei legal a ideia de incrementar o visual e, consequentemente, ter a possibilidade de um show mais atrativo. Afinal, buscamos uma experiência visual e não apenas escutar o CD. Música é arte! Não por acaso, grupos que optam por ter esse algo a mais têm, muitas vezes, um dos melhores shows.

CAMPO DE BATALHA

POR RICARDO BATALHA
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE
DA REVISTA ROADIE CREW

RAIN REPORTER

Numa mesma viagem, entre maio e junho de 2000, a equipe da ROADIE CREW fez a cobertura dos festivais "Dynamo Open Air" (HOL) e "Gods Of Metal" (ITA), que ocorreram com uma semana de diferença. Na Holanda, ficamos em Eindhoven, na casa do empresário Eric de Haas, que já estava fixado e adaptado ao Brasil havia muito tempo. Quem também estava conosco na viagem era Cesar Dechen e sua esposa, Lizandra Pronin, que trabalhavam no site Território da Música e comandavam o Rock On Line. Havia conhecido Dechen quando ele era baixista do Spitfire, que filmei show no extinto Teatro Mambembe. Depois, ele integrou o Firebox, que revelou o baixista Luis Mariutti e contou, entre outros, com Paulão Thomaz e Júlio Príncipe (bateria), Marcelo Araújo (guitarra) e o ex-Jaguar, Michel Perié (vocal e guitarra).

Em um dos intervalos dos shows da 15º edição do "Dynamo", realizada a 3 de junho no Goffertpark, em Nijmegen, avistei o holandês Arjen Anthony Lucassen na área de backstage e fui conversar com ele. Antes de falar sobre o Ayreon, que estava prestes a promover *Universal Migrator*, lembrei do Bodine e do Vengeance. Ele riu e falou: "Você é 'old school'." O Ayreon não estava no cast, mas contou com o pôster publicado na mesma edição com as coberturas dos eventos (#22, de julho de 2000).

Depois, vi Marcel "Schmier" Schirmer, vocalista e baixista do Destruction, que curto desde os tempos do EP *Sentence of Death* (1984) e atualmente promove *Born to Perish*. Ele tinha retomado as atividades da banda após um longo período afastado e estava lançando *All Hell Breaks Loose*. Lembro que ninguém estava sequer perto dele. Parecia um fã comum que estava lá para ver os shows. Seja como for, como tinha costume de levar algumas pautas preparadas e tentar a sorte se avistasse algum músico das bandas que estavam no cast, fui falar com ele. Agendei uma entrevista ali mesmo, que seria após o show do Mayhem. Na hora marcada, me encontrei com ele e começamos o papo. Instantes depois, desabou uma chuva torrencial.

Não paramos a entrevista, que foi publicada também na ed. #22, mas tivemos que correr para procurar abrigo, embaixo de uma tenda que vendia cerveja. Inusitado, mas deu certo. A gravação ficou ruim, porque o barulho da chuva quase cobria a voz de Schmier. Porém, desde então, sempre que escrevo, converso ou me encontro com ele, falo: "E aí, tudo bem, aqui é o 'rain reporter'..." Ele sempre ri e fala: "Aquilo foi foda, man!".

FOTO: RICARDO FERREIRA

FOTO: CAIKE SCHEFFER

FERNANDO PIU

(VIRUS)

POR RICARDO BATALHA

Primeiro disco que comprou:
"Com minha grana, *Made in Europe* (Deep Purple)."

Melhor disco de Heavy Metal:
"*Killers* (Iron Maiden), com menção honrosa para *No Sleep 'til Hammersmith* (Motörhead), que não considero heavy metal."

Último disco que comprou:
"Ozzy Osbourne - *Tribute to Randy Rhoads*."

Disco que mudou sua vida:
"Deep Purple - *Machine Head*."

Disco que mais ouviu na vida:
"Rainbow - *On Stage*."

Melhor capa de disco:
"Rainbow - *Rising*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Algum de versões instrumentais de MPB."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Jimi Hendrix - *Woodstock*."

Música que gostaria de ter composto:
"*Gates of Babylon* - Rainbow."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Black Sabbath - *Sabotage*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Rush - *Exit...Stage Left*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Living Colour - *Time's Up*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Led Zeppelin - *How the West was Won*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Judas Priest, Iron Maiden, Motörhead e Black Sabbath."

Música que mais gosta de tocar:
"Um bom blues."

Música que melhor define sua carreira:
"*Highway Star* (Deep Purple)."

Três hinos do rock/metal para você:
"*Back in Black* (AC/DC), *Aces High* (Iron Maiden) e *Heaven and Hell* (Black Sabbath)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Whole Lotta Yoko*, aquela participação da Yoko Ono e do violinista Ivry Gitlis em *The Rolling Stones Rock and Roll Circus*."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo? "Iron Maiden."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia? "
De quem está na ativa, com o David Coverdale."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"*Blind Eye* - Uriah Heep."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Nenhum."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Adoraria ver o Ozzy fazendo um tributo ao Kenny G."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Violoncelo."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Jimi Hendrix."

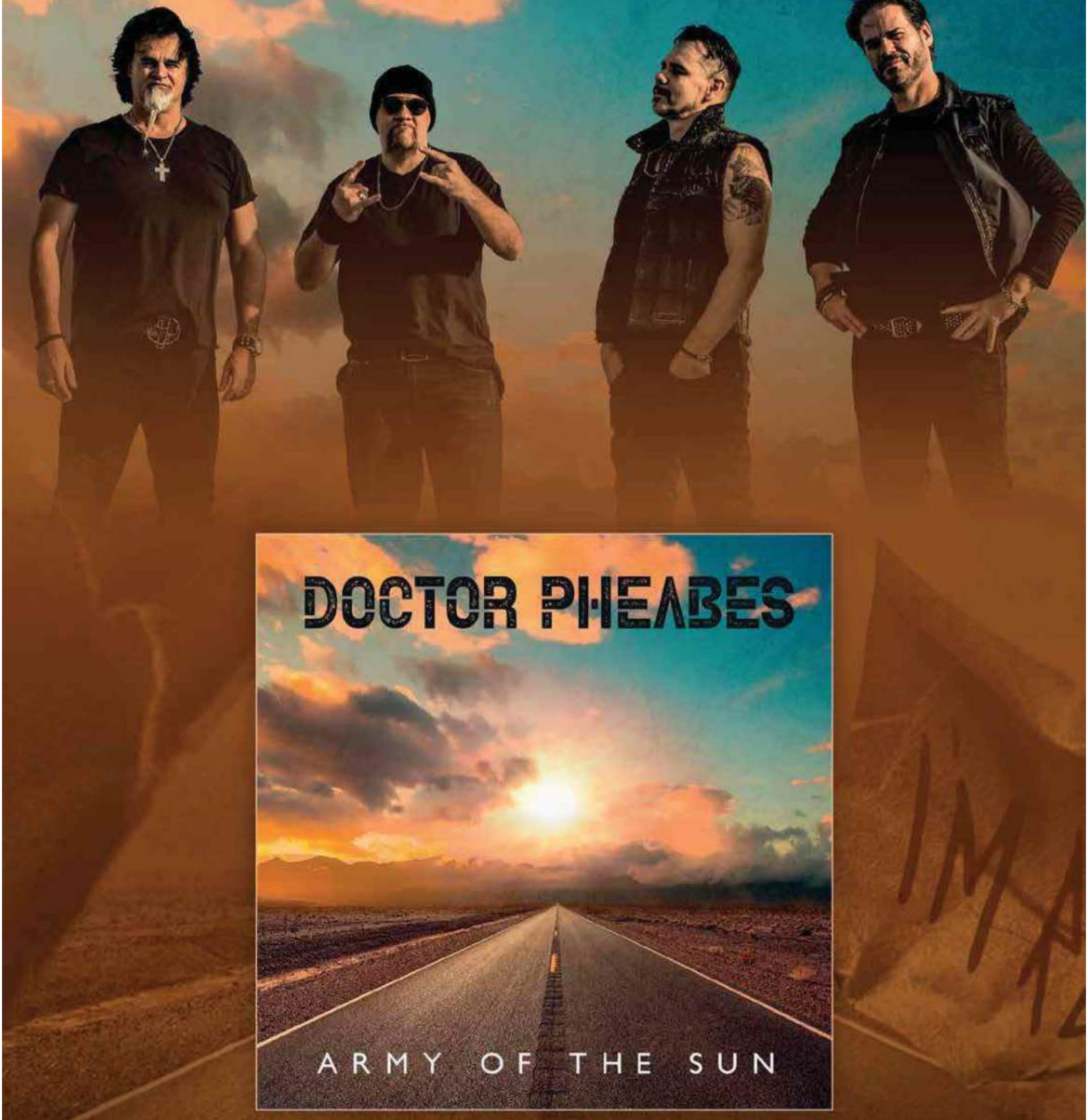
Além de Rock e Metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Blues e jazz."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Músico."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Um cara queria fazer aula com 'o Piu', e estava falando comigo sem saber que eu era eu."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Acerto."

Site:
@viruscontagiometal (Facebook e Instagram)



NOVO ÁLBUM JA DISPONÍVEL PARA STREAMING

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · GET IT ON Google Play · napster

CONTATO PARA SHOWS:
SHOWS@DOCTORPHEABES.COM

/DOCTORPHEABESOFFICIAL

@DOCTOR_PHEABES

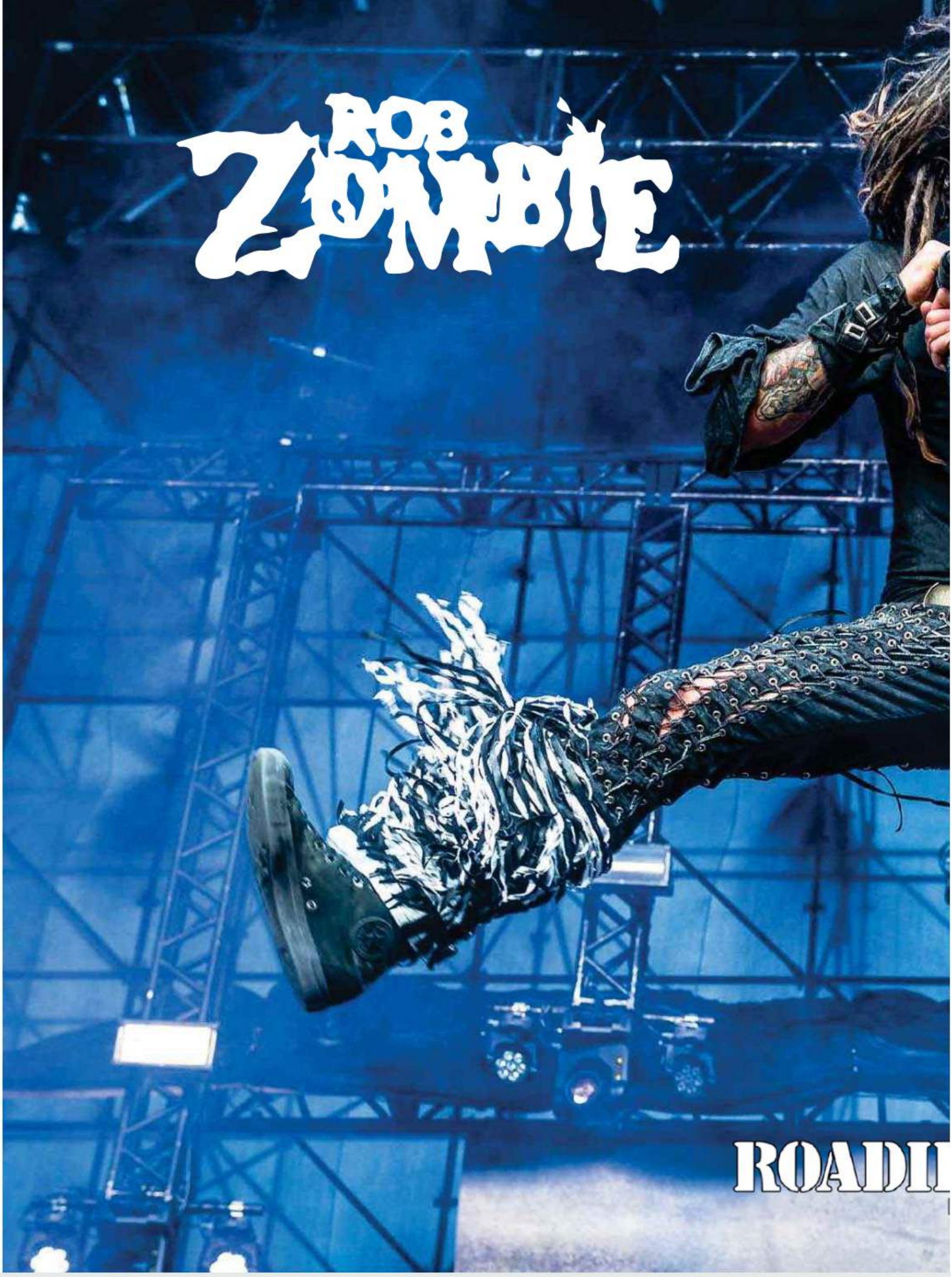
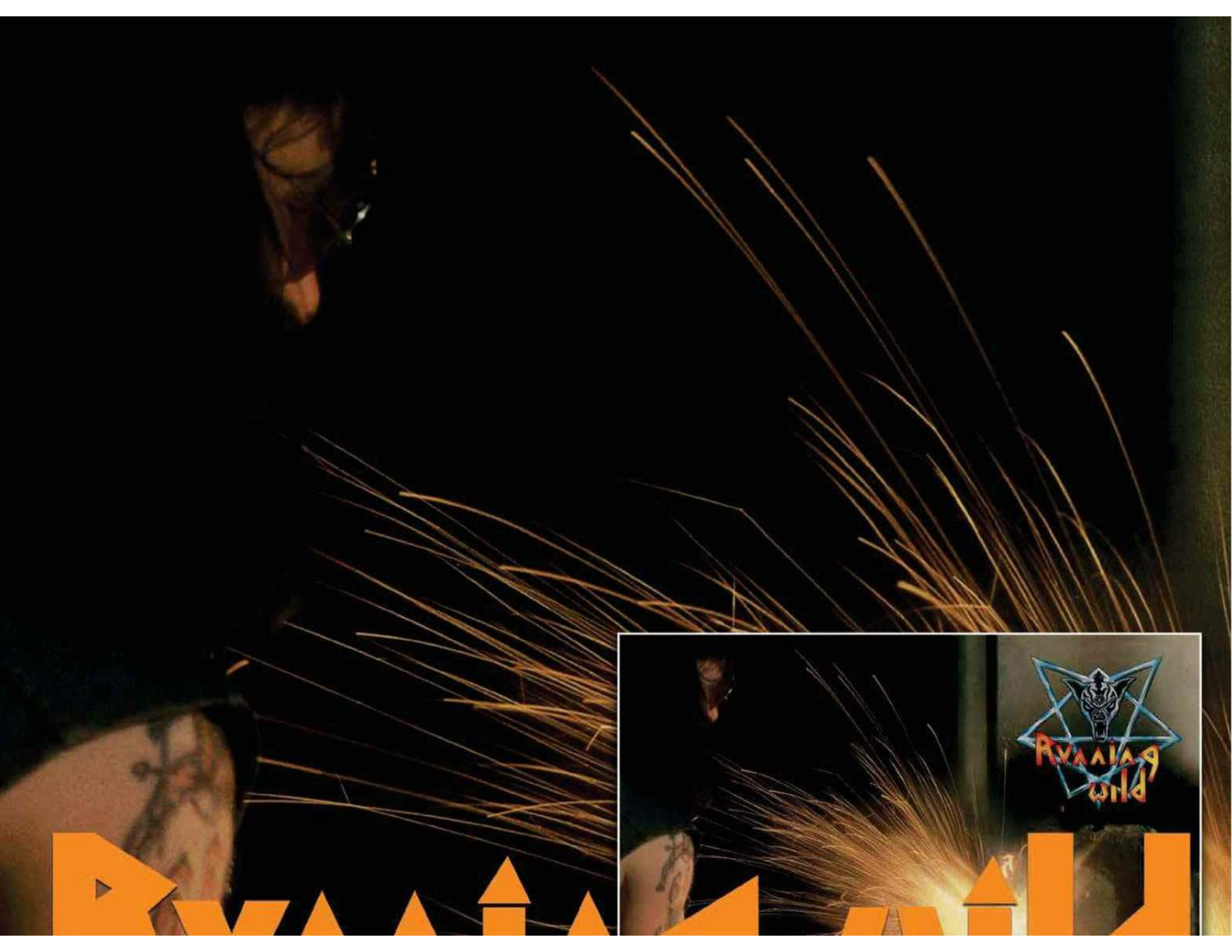
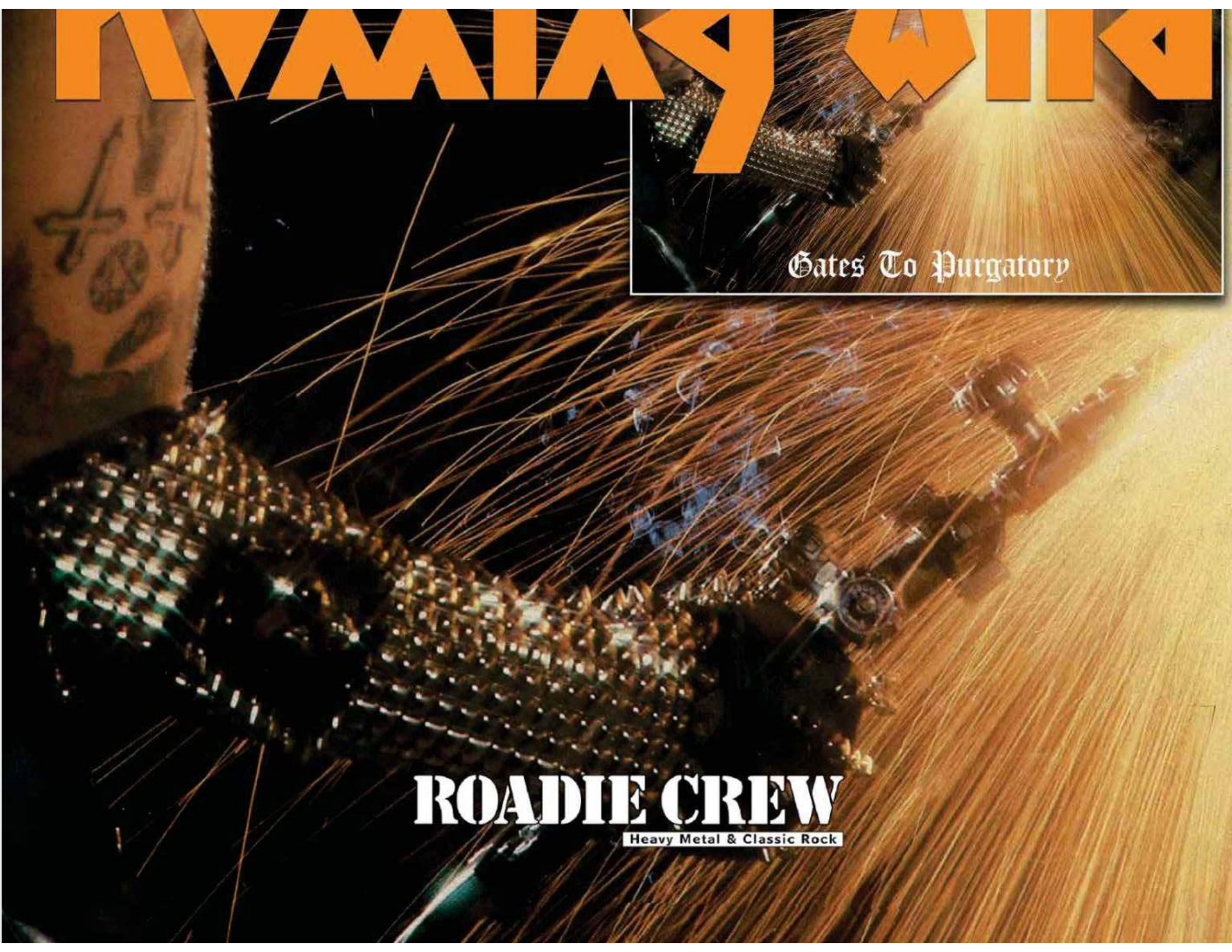

ROB
ZOMBIE
ROADI

FOTO: FERNANDO PIRES / ROADIE CREW


RUNNING WILD


Gates To Purgatory
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

REDEMPTION TOUR 2019

NOTURNALL

+

MIKE PORTNOY

01-11 - BELO HORIZONTE/MG
Local: MISTER ROCK - sexta - 21h

02-11 - BRASÍLIA/DF
Local: CC ULYSSES GUIMARÃES - sábado - 21h

03-11 - GOIÂNIA/GO
Local: BOLSHOI PUB - domingo - 18h

07-11 - SÃO PAULO/SP
Local: TROPICAL BUTANTÃ - quinta - 20h

08-11 - NOVA FRIBURGO/RJ
Local: À CONFIRMAR - sexta - 21h

09-11 - LIMEIRA/SP
Local: BAR DA MONTANHA - sábado - 21h

10-11 - PORTO ALEGRE/RS
Local: OPINIÃO - domingo - 18h

SPECIAL GUEST

EDU FALASCHI

15-11 - RECIFE/PE
Local: À CONFIRMAR - sexta - 21h

17-11 - CRICIÚMA/SC
Local: COLHER DE CHÁ - domingo - 18h

+ BANDAS CONVIDADAS

ATTRACTHA · BRUTHUS · DARKSHIP · DUNE HILL · DISLAZE · DUE DESIRE · HAUNTED Z · IGNITED · KAMERATTA · MADJOKER · PAIN CAGE · PERFECT ELEMENT · SEVENTH SIGN HEAVEN · SUN DIAMOND · UNTHOLD · VERSOVER · VIENNA · Violet · VOCIFER